COMMEMORANDO
TRICENTENARIO DA VINDA
DOS PRIMEIROS PORTUGUEZES
AO CEARÁ
1603-1903

Ex-libris Ex-libris Ex-libris
Ex-libris Ex-libris Ex-libris
NE QUID NIMIS
(Terêncio, A moça de Andros)
Lúcio Gonçalo de Alcântara
Lúcio Gonçalo de Alcântara

hist.

COMMEMORANDO

o

Tricentenario da vinda dos primeiros portuguezes ao Ceará

1603-1903

CEARÁ
Typ. MINERVA, de Assis Bezerra
1903.

Ao distincto amº Snr Dr
Soriano uma lembrança
do Barão de Studart

COMMEMORANDO

o

Tricentenario da vinda dos primeiros portuguezes ao Ceará

1603-1903

CEARÁ
Typ. MINERVA, de Assis Bezerra
1903.

ACE
981.31
S933c
ex. 1

REG:00869

S t

Ao Ex.mo Snr.

Dr. Pedro Augusto Borges

Digno Presidente do Estado do Ceará

OFFERECE, DEDICA E CONSAGRA

A Commissão Central.

O Tricentenario do Ceará

A Evolução Cearense

O TRICENTENARIO DO CEARÁ

A EVOLUÇÃO CEARENSE

HERODOTO (Historias I—Clio—168) conta-nos—que Hieron, de Siracusa, fundara a cidade de Ætena e ficara gosando das homenagens dos fundadores, do culto dos instituidores da sociedade.

Casos identicos refere Plutarcho sobre outros eponymos. Era a chamada festa do fundador, da alma tutellar de cidade—que era o homem sagrado—á quem as gerações prestavam culto fervente de amor—lembrando-o—em seus lares—com pomposas cerimonias.

1) Era nas civilisações primitivas—que já sabiam render vassallagem aos homens—que por seu tamanho desmedido de coração, de espirito, de caracter—punham-se a frente dos acontecimentos—encaminhando-os á geito—segundo era a crença de então. Eram acatados, como seres divinisados.

Nas sociedades modernas—domina por intuitos outros—a mesma respeitosa veneração aos grandes ho-

mens que actuam de modo energico na epocha e no meio.

Celebram-se as grandes datas—que fronteiram factos notaveis na vida dos povos

Desde 1874—com a sumptuosa recordação do 5.º centenario de Petrarcha na Italia—solemnisam-se na Europa os centenarios dos grandes typos—que representam o progresso, os grandes principios, o poder espiritual da sciencia—influindo sobre o nivel moral da sociedade.

Em o anno derradeiro do derradeiro seculo festejou o Brasil o 4.º centenario do seu descobrimento—perpetuando no bronze a memoria do almirante portuguez—Pedro Alvares Cabral—o feliz descobridor da terra da *Vera Cruz*.

2) Celebra este anno o Ceará a festa tricentenaria do seu achamento—para dizer bem seguro—que lhe compete lugar ao sol—por intervenção immediata—como factor pequenino, mas atilado e laborioso—nos lavores da civilisação brasileira, em suas mais finas tecedoras.

O alcance philosophico da festa—é fazer sobresahir uma força apparentemente minima pela exiguidade do *habitat*, apertada de mais physicamente, mas da maior valia por seus attributos intimos e pelas cercaduras—que a envolvem.

E terá o Ceará a clara intuição do prestimo d'esta commemoração? Alcançará—com precisão—toda a justeza, toda a justiça, todas as consequencias a advirem? E' tempo de um balanço, de um estudo do estado dos espiritos na epocha do descobrimento e do actual, de reparar a travessia feita—para tirar o saldo da civilisação.

Deste confronto deve manar grata licção a fartar de ineffavel desvanecimento a este pequeno tracto do solo brasileiro.

Venham os competentes proceder as necessarias averiguações—apurando o phenomeno—na mira assigna-

lada. Venham fazer o estudo da vida mental, affectiva, economica e physica do cearense, o estudo das leis de sua evolução.

3) Madrugou a terra de Pompeu e José de Alencar nos primeiros alvores da manhã do XVII seculo—que deixou na sequencia das éras o debuxo de grandes façanhas a crescerem na esculptura da historia.

Foi—ha 300 annos—que em alaridos cariciosos penetrou na fachada da basilica da deusa austera da trombeta e do livro esta terra tão trabalhada de pugnas renhidissimas.

Fazer hoje ligeiro passeio retrospectivo—até o balouço do modesto berço e voltar—acompanhando o nosso avançamento na esteira da evolução humana—que é fatal e nos arrasta para adiante—é facto justificado e aguilhoante do amor filial.

Lembrar a faustosa data intensifica a nossa actividade para o mourejar de noite e dia.

Tem sido de preço o desenvolvimento do Ceará—que synonymisa um ensinamento de energia, de ousadia, de intelligencia, de resistencia a mais exhaustiva faina.

4) A feição da sociedade do tempo da descoberta distancia—se da nossa por immenso vallo.

Do viver quasi animalisado dos pobres tapuyos de 3 seculos atraz, então os donos da gleba, ao nosso conforto de hoje - vae longa caminhada na conquista da melhor situação.

O avançamento tem sido lento. A evolução vae devagar, fatalmente, mas sempre para adiante.

Dentro do magno facto da sociologia—que leva os povos de um estado inferior para um superior—e que ella denomina—dynamico—tambem nos aquinhôam os fados para melhor. De hora em hora o adiantamento vem.

A que devido? Quaes as causas impulsionadoras? Qual a força motriz? As suas naturaes? Ou provêem de combinações politicas—arbitrarias, convencionaes?

Estará o caso preso as fatalidades mesologicas? Ou ás contingencias da sorte? A circumstancias extrinsecas?

Qual a theoria explicadora?

Do alluvião de factos deve decorrer a lei primaria de seu desenvolvimento ascencional. Qual? Onde desvendal-a?

Herder, o sagacissimo philosopho allemão no seculo atrasado já tirava a philosophia da historia da descripção physica da terra.

Montesquieu—o sabio publicista do «*Espirito das Leis*» engolfado na mesma visão—foi um dos precursores na demonstração da influencia dos climas.

Mais tarde Michelet, o genial historiador francez—assentava as linhas principaes de sua «*Historia da França*»—na importancia summa da mesologia.

Do relevo e posição do solo cearense deriva-se a sua *endemia*. E esta--penso—é o casulo precioso do genio cearense—estimulando-o, faceiando-o para a iniciativa, para as aventuras, para um trabalhar sem treguas.

Aqui bem parece accordar-se o facto á theoria.

A crueza do meio cosmico creou o instincto—que faz do cearense—o luctador intemerato.

Assim como a fortaleza da tempera do hollandez abrolha no mundo fragoso—que o agasalha, assim a secca endurece e esperta o animo cearense—aprumando o rijo e bem desempenado para todos os lances do destino.

Como no portuguez domina a aventura maritima—olhando—na visinhança do mar—em vez de uma tapagem chineza--um incitador de suas energias--assim tambem a fatalidade de nosso meio physico—satura o genio cearense de actividade e energias, de pertinacia e aventuras, de vida e iniciativa.

Peço permissão para passar para aqui o que no vol. 6.º da «Revista da Academia Cearense» tratando de um livro sobre o Ceará--disse eu—«do meu modo

do ver a calamidade cearense—que—como o Janus mythologico ou qualquer phenomeno tem duas faces—uma—a bem visivel, a primeira reparada e sentida—que é horrenda, a outra velada, menos sensivel, mas muito suggestiva, tão real—como aquella.

As seccas formam a espinha dorsal do Ceará. Não é isto um paradoxo. O estoico Sêneca—o insigne philosopho latido escreveu o panegyrico da adversidade, que é, posso assegurar, o rijo molde do caracter, da coragem, das supremas energias.

O homem—que levanta o braço alcança o galho da arvore e colhe o fructo maduro, abaixa a mão e tira a agua na cisterna a seus pés—não precisa trabalhar—vive dono da cornucopia da abundancia—é um indolente, um preguiçoso, um descuidado, um apathico.

O cearense está entre a fortuna deste homem e o supplicio do Tantalo do mytho grego. Em solo inclemente—de vez em vez varrido de sopros quentes—sob um ceu incendiado—que o cobre—nada consegue sem esforços inauditos—é trabalhador, energico, pertinaz. Tem no phenomeno a escola de sua actividade. O meio é crú, a lucta é violenta, mas o seu desfecho deixa-o de pé e mais forte. Não o escarneçam os seus irmãos—felizes em meios amigos, mansos, bemfazejos. E' ingrato o seu, de quando em quando—assedia-o dos maiores tormentes—obrigando-o a resistencias descommunaes. Mas o destino que o desabriga na briga com as agruras do meio physico—o favorece no lance final. E' o seu lenitivo.

O fado cearense não é a fatalidade dos romanos—sempre malvada—é a figura desenhada por Homero com duas urnas—a das amarguras e a da felicidade. Enreda-o a desgraça despiedosa, enche-o de afflicções, sacode-lhe pesadas nuvens pretas, tenta afogal-o em torturas seu nome, depois.... sopra o vento da bonança, vão-se os vapores escuros, faz-se limpido o firmamento e o destino derrama a cornucopia dos dias felizes.

E' a secca—repito—a disciplina do trabalho e do caracter, o apanagio do Ceará—á quem se pode applicar o conceito francez—«*a quelque chose malheur est bon.*» Em seus revezes periodicos—apura todas as suas energias—para triumphar na lucta da vida.

Na atmosphera da calamidade accordam no cearense—qualidades que dormiriam o somno do Epimenides no ambiente do bem estar permanente, remançoso.

E' de lembrar o «*ce qu'on voit et ce qu'on ne voit pas*» de Fred. Bastiat á proposito do franco economisado na invenção da machina. Immediatamente—a secca—qual Pandora entornando o cofre dos flagellos—infortuna a terra—com as suas abominações—«*ce qu'on voit*».

Por detraz está a outra face do quadro. Na extrema raia dos destroços emerge profunda, vivaz, austera a lição da vida. No fundo do vaso mysterioso brilha o bloco de ouro do beneficio, da compensação—«*ce qu'on ne voit pas*».

E' o que nos ensina a velha experiencia das edades pela penna do superno mestre H. Spencer—«ha uma alma bôa nas cousas más, como ha uma alma de verdade nas cousas falsas.»

A actividade do cearense se estimula no endurecimento do meio physico que lhe augmenta o gráo de tensão. Apoz a força de retracção—vem a força de expansão—que multiplica todas as faculdades. E' o segredo maravilhoso da grande lei das compensações.

O cearense não se zanga com o destino. Bemdiz a sua sorte e moureja sem cessar e é feliz na sua vida afanada. A secca nos dizima, nos reduz a crises formidaveis—para fazer-nos grandes, os descobridores da grandeza da Amasonia, os primeiros e mais procurados colonos do norte e do sul do pais.»

Não poderá d'este trecho escapar-se como de um subsolo—o broto a fazer-se a nossa formula historica?

Não estarão alli dentro os filetes da enfibratura do cearense?

O cearense é o que é—principalmente pelo *condi-*

cionalismo topographico—que o amolda—um forte de todas as refregas no turbilhão da vida.

Os penhascos deste oceano não o amedrontam—porque elle vê alem, mais adiante, mais longe a imagem captivante e feiticeira da fortuna—sereia deslumbrante—a presagiar-lhe—muita vez—dias bonançosos. E sem embotar-se-lhe o animo—atira-se aos escolhos, salta por sobre os parceis e vae o itinerario traçado na hora do plano—que tenta realisar.

Será o eterno pariá da legenda hindoua, mas tambem o eterno Anteu mythico—o incançavel a cobrar novos alentos na lucta—que é a *vis movens* a sacudil-o para a frente.

Para comprovar o meu dizer—lembro um caso ouvido de alguns lustros. Palestravam annos atraz no convez de um transatlantico que vinha da Europa um illustre commerciante da Fortaleza e um consummado estadista brasileiro do sul—que terminava um demorado passeio de circumnavegação e contava peripecias interessantes de sua excursão por terras e povos d'alem. «Chamou-me a attenção—dizia elle ao cearense que o ouvia enlevado da facundia da narração—um caso de repetição continua e muito lisongeiro para a sua terra—por todas as paragens do mundo civilisado—que acabo de percorrer—dei com patricios seus na labuta da vida.»

E' de certo—uma face do espirito cearense—digna de reparo.

E' de facto o cearense a verdadeira figura d'aquelle sympathico Cartaphilo da legenda na indagação da verdade—por todos os cantos do globo.

Recordemos.

Todo o nosso melhoramento material, intellectual e moral presente e futuro—enraiza de dentro da fenda do nosso passado d'onde desabotôa em flores loução.

A nossa cultura vem de 300 annos—sempre se fazendo mais intensa—sempre se fazendo mais extensa—

sempre dilatando a esphera de suas diligencias, de seus esforços.

A conquista desligou-o do desconhecido e sahindo desse adyto escuro rumou o Ceará para a civilisação—atravessando atrevidamente barreiras de todas as alturas, descendo valles profundos, subindo montanhas alterosas—por entre arestas agudissimas, mas accelerando o passo na proporção do afastamento do ponto de partida.

Vem de 300 annos a tradição cearense merecedora de ser hoje fitada de perto.

Notavel escriptor contemporaneo biographando a um outro não menos insigne e dando balanço aos trabalhos literarios da epocha conclue—por estas palavras desoladoras: «esta geração tem o aspecto de ter falhado.»

Não adjectiva tão feio vocabulo ao caso cearense. Não. Não é a palavra a marcar o nosso percurso. Não. Não é. De vagar, ora estratagemando na sua lida—como Penelope na sua teia inacabavel—ora avançando de vez em vez um passo—o Ceará no seu decorrer historico se tem muita vez posto em foco. Bem haja!

E desde os seus inicios,—devo redizer para accentuar—vem contribuindo com parcellas de valiosa medida para a bonita somma da evolução brasileira.

Agora mesmo—lá nos extremos noroestes do pais—fascina—como um encanto dos contos orientaes uma região opulentissima—deixando entrever thesouros inexhauriveis e a enfeitiçar ao mundo inteiro, que a espreita com olhos cobiçosos—tão compridos.... E' o Acre. E' uma descoberta do cearense aventureiro—em pelejas porfiadas, muito *aêres*.

Carecerá dizer?

O genio cearense? A sua tenacidade? Para o Acre internaram-se como na barca do barqueiro Charonte uns 100 cearenses em demanda não do esquecimento, mas do *el-dorado*, da nova Manoa, a seductora capital do pais das riquezas mysteriosas.

Lá o impaludismo arrebatou 95. Voltaram os 5 sobreviventes.

Para o descanço? Para o desalento? Por medo? Fugindo ao perigo? Não. Não. O medo não se entranha na fibra cearense, porque ogu é palavra da giria cearense. Diga-o a guerra do Paraguai —onde o voluntario cearense fez prodigios de valor, indo direito ao perigo, cobrindo-se de gloria.

Voltaram a buscar novos recursos, novos alentos, novos companheiros a continuarem a lucta arriscadamente tentada.

O cearense é a figura da resistencia. Lucta, cambalêa um instante nos encontros, endireita-se, investe e vence ou morre, logo substituido por outros que estiram a linha de combate.

6) Devo apontar alguns vultos bem altos nos differentes estadios da estrada. Nos começos da jornada sobresahem os capitães-móres Pedro Coelho, Martins Soares Moreno, os jesuitas Francisco Pinto, Luiz Figueira—arredando do leito do caminho cardos que o entupiam—aclarando-o, plantando a semente fecunda da bôa nova. E vão marginando-lhe as curvas nomes caros ao nosso carinho—estrangeiros—portadores da civilisação, os Vieira e outros, e no seculo ultimo—autocthones a se passarem para a historia nacional—Filgueiras, Tristão, Pinto Madeira, Antonio Manoel, Bolão, Carapinima, Mororó, Ibiapina, Padre Alencar, Pompeu, Sampaio, Tiburcio, Clarindo, José de Alencar e tantos—como melhor dirão os mestres da escripta e da historia nas folhas a seguirem.

A liberdade—de ha muito foragida—deixando apenas o nome na tradição e na letra morta da carta constitucional—teve morada predilecta n'esta terra—onde fez a revolução de 17, a republica do Equador, a independencia do Icó, o pronunciamento republicano de Quixeramobim, o 1.º de janeiro do Acarape—o primeiro municipio livre do pais, o 25 de março da primeira provincia sem escravos.

7) Em despedida.

Quero apenas mostrar a minha alegria com os solemnisadores da primeira data cearense.

Venho trazer o meu pequeno preito aos homens e as cousas—que nos dão realce no meio brasileiro—em cuja marcha ascensional—o cearense pequenino, pobre, esquecido, despresado, ao Deus dará, cá dos longinquos planos do norte muito em pé, sempre no seu posto—aponta o caminho do futuro—cujo segredo tambem apanhou. Não é, portanto, esta região um taco de terra perdido, sem significado, no mappa brasileiro.

Quem entremea bellas datas de luz e liberdade, paginas douradas na historia—quem alicerçou a aurea lei de 88—que rasourou a todos os brasileiros—quem descobriu o Acre—ora tão desputado, as opulencias amasonicas—um mundo tão invejado—quem.... bem merece da patria.

Muito justa a apotheose do natalicio cearense.

Fortaleza—julho—03.

PEDRO DE QUEIROZ.

Pero Coelho de Sousa no Ceará

PERO COELHO DE SOUSA NO CEARA'

O BRAZIL passára desde 1581 ao dominio da Hespanha. Diogo Botelho fôra o primeiro governador geral do Brazil nomeado pelo novo rei Felippe III de Hespanha e II de Portugal, que succedêra no throno a seu pae Felippe II, fallecido em 1598.

Anteriormente a 1585, no governo de Luis de Brito e Almeida, um rico proprietario de Pernambuco, Fructuoso Barbosa, levado pelo incentivo de ser capitão-mór e de usufruir durante dez annos todas as rendas da nova capitania da Parahyba, duas vezes tentou conquista-la e duas vezes foi infeliz.

Nessa tentativa muito o auxiliou seu cunhado Pero Coelho de Sousa, natural das Açores, homem nobre, morador na mesma capitania, conquistada definitivamente desde aquelle anno.

Tencionando este recuperar em parte a perda que naquella empresa soffrêra, e entendendo que podia fazer á sua custa a conquista de outros rios e terras adeante, espe-

cialmente da Ibiapaba, que era a mais habitada dos gentios, terras cujas descripções se faziam de modo maravilhoso pela sua uberdade e riquezas naturaes, pediu a necessaria licença ao governador geral Diogo Botelho, que lha concedeu em Maio de 1603.

Muitas pessôas se offereceram para acompanhar a expedição, e logo munido da patente de capitão-mór das conquistas que fizesse, e da promessa de serem-lhe remettidos os soccorros de que viesse a precisar, mandou Pero Coelho que tres barcos com mantimentos, polvora e munições o fossem esperar no rio Jaguaribe, e elle partiu por terra da Parahyba em Julho daquelle anno com 65 soldados, dos quaes os principaes eram Manoel de Miranda, Simão Nunes, Martim Soares Moreno, João Cide, João Vaz Tataperica e dois linguas, Pedro Cangatan e o francês Tuim mirim.

Marcharam mais 200 Indios frecheiros, os tabajaras sob as ordens dos principaes Mandiopûbba, Batatam e Caragatin, e os petiguares obedeciam a Garâquinguira.

O Barão de Porto Seguro escreve á pag. XIV do *Post Facio*, annexo a *Historia das lutas com os Hollandezes no Brazil*, que «Coelho partiu da Parahyba em Julho de 1603, e parte da expedição foi por terra ás ordens dos capitães Martim Soares Moreno, Simão Nunes e Manoel de Miranda».

Não é exacto; pois que Martim Soares na sua Autobiographia, (*) escripta em 1618, diz: «sendo de pouca idade passei ao Brazil por soldado em companhia do Governador Diogo Botelho, logo que cheguei fui com o capitão Pero Coelho de Sousa a descobrir e conquistar a provincia de Yaguaribe, Seara e Mel Redondo servindo de soldado, onde tivemos guerra com os indios que eram infinitos e tinham muitos francezes em sua companhia». Donde se conclue que nessa entrada não pas-

(*) Preciosissimo documento, que o Barão de Studart teve a bondade de mostrar-me, do qual extrahi alguns trechos.

sou Martim Soares de simples soldado, como elle mesmo o confessa.

Berredo escreve que Coelho pôz-se em marcha em Junho.

Caminhando por suas jornadas, diz Frei Vicente do Salvador, na sua *Historia do Brazil*, livro segundo, capitulo XXXVIII, chegarão ao rio Jaguaribe, onde acharão os barcos dos mantimentos, daly mandou o capitão Pero Coelho um soldado com 70 indios a descobrir campo, os quaes tomaram um que andava a comedia, do qual se soube que os seus estavão em arma, e em nenhum modo querião pazes com os brancos; com tudo o contentou o capitão com foices, machados e facas com que o mandou que os fosse apaziguar, como foi, e ao dia seguinte tornou em busca de um nosso Lingua com quem se entendessem, o qual lhe soube dizer taes coisas, e era gentio tão facil e desapropriado, que deichando suas casas e Lavouras se vierão com mulheres e filhos dizendo que não querião sinão pazes com os brancos christãos e acompanhalos por onde quer que fossem; o mesmo fizerão depois os de outra Aldea a imitação de estoutros, e forão todos marchando até o Ceará.

Vê-se destas palavras o que succedêra a Pero Coelho, que tendo saido da Parahyba, tocou no Jaguaribe, onde se demorou alguns dias, e dahi seguiu para o Ceará, como narram o mesmo escriptor e Diogo de Campos Moreno, capitão e sargento-mór do Estado do Brazil, á pagina 160 da sua *Jornada do Maranhão*, que o acompanhou por ordem do governador Botelho, em cujo trajecto encontraram sempre segura acolhida dos indigenas.

Porto Seguro, no referido *Post Facio*, contestando ao senador Candido Mendes, que pretende terem-se estabelecido Coelho e os seus no ponto do Mucuripe, diz que elles da Parahyba marcharam sempre pela praia até o Camocim, quando não ha mais duvida de que a expedição estacionára naquelles dois logares pela necessidade de captar a amizade dos naturaes, ao certo petiguares,

que batidos na Parahyba e Rio Grande, ultimas terras habitadas, vinham-se internando para o norte, e por alli se haviam refugiado de preferencia.

Equivocou-se o senador Candido Mendes: Pero Coelho nunca se deteve no porto do Mocuripe, que se bem o denominasse Gabriel Soares, dezaseis annos antes, enseada do Macorive, no mappa (*) attribuido áquelle capitão-mór vem desenhado Ponta de S. Bartholomeu, o que prova que por alli passou ligeiramente, e ignorando o nome que já lhe haviam dado os indios, deu-lhe outro.

Não menos sem razão é a opinião do coronel João Brigido em suppôr, nas *Ephemérides*, tratando do anno de 1603, que Pero Coelho, na sua passagem, fizera em Jaguaribe o presidio conhecido por S. Lourenço, o que indicava ter alli chegado no dia 10 de Agosto; pois que sendo o seu destino a conquista das terras do Maranhão, não tinha elle necessidade de fortificar-se naquellas paragens, onde nem ao menos havia encontrado opposição dos Indios, que, pelo contrario, promptamente se offereceram para acompanha-lo por toda a parte.

Logo que chegaram a barra do rio, anteriormente, Pirangy, como se nota do alludido mappa, para onde se passaram os petiguares que habitavam a Aldeia **Sizra**, entre a ponta de S. Bartholomeu (Mocuripe) e aquelle rio, a que deram o mesmo nome da Aldeia, quasi logo corrompido para **Siara**, demoraram ahi emquanto descansavam as mulheres e creanças, e se reuniam outros Indios que da melhor vontade alistavam-se para a expedição, proseguiram a marcha até o oiteiro, que depois chamaram dos côcos, hoje Siupé, onde segundo a tradição foi o primeiro logar em que se plantaram coqueiros, de cuja terra tirou sesmaria, em 15 de Outubro de 1682, Felippe Coelho de Moraes, soldado que veiu para

(*) Outro documento de grande valor para a historia do Ceará que possue o Barão de Studart, o qual teve a delicadeza de mos-[trar-m'o.

esta capitania, por occasião da retirada dos Hollandêses em 1654, onde ficou assistindo por pratico da lingua do Gentio, como consta do requerimento em que pediu a a do sitio Caracú (entre Mondubim e Maranguape) em 15 de Julho de 1682.

No mappa de Pero Coelho vem em seguida ao rio Pirangy o rio Siupé, e proximo o logar Barreiras, o que quer dizer que entre a meia duzia de nomes das terras desenhadas no mesmo mappa, já era conhecido este.

Dalli caminhando sempre pela costa foram ter á enseada grande do Anabar, depois Parameri ou Parameirim, depois Parasinho e hoje Paracuru, á foz do rio Curu, antigo Tarari do mappa, depois da de Mocuripe a maior, que offerece excellente porto por ser muito limpa e abrigada dos ventos de S. E. frequentes naquellas paragens.

Foi nesta enseada que 11 annos depois esteve Diogo de Campos Moreno (*Jornada do Maranhão*, paginas 182 e 183), da qual disse: tem para se povoar muitas mais commodidades que todos os outros logares até alli vistos.

Por essa occasião, o mesmo sargento-mór foi pelo rio Curu acima em um batel armado mais de cinco leguas por reconhecer aquellas terras e aguas, nas quaes não achou coisa de consideração, mas achou infinita caça e pescaria de que tudo aquillo abunda maravilhosamente, e assim neste logar somente se pode dizer que aquella gente não teve fome.

Mais adeante diz ainda: O Parameri pelo seu porto, terras e aguas para beber é o melhor de toda a costa.

Depois da demora sufficiente, seguiu a expedição até a matta do páo ao côres, que chamão Iburá quatiara, actualmente Jericacoára, nome aquelle que se deu ao logar pela abundancia do pau brazil, primeiramente denominado Arabután por João de Lery, Oburatan por Thevet, Yburá Poiatan pelo Padre Ivo d'Evreux, presentemente Muyrá pitanga (pau vermelho), e em Pernambuco Ibirapitanga ou pau rosado.

A sciencia o classificou *Caesalpinia echinata*, Lam.

Sendo a matta, naquella região, composta em grande parte dessa caesalpiniacea, attraía frequentes visitas dos carregadores estranjeiros, e por isso Diogo de Campos, que por alli estacionára de 30 de julho á 12 de Outubro de 1614, com a força ao mando de Jeronymo de Albuquerque, diz á pagina 184 do seu livro, que aquelle ponto era muito demandado dos corsarios. O sargento-mór chama o pau brazil pao Cutiará, pagina 185.

Alli estivera tambem, 9 annos depois da passagem de Pero Coelho, de 12 a 24 de Julho de 1612, a frota ás ordens do sr. de Rasilly, que se destinava ao Maranhão, de cujo logar, posição, belleza e recursos naturaes deu bellissima descripção o Padre Claudio de Abbeville, á pagina 63 da *Historia da Missão dos Padres Capuchinhos*.

De Jericoácoára saiu a expedição, e depois de 8 dias de marcha, ao amanhecer do dia 19 de Janeiro de 1604 chegou ao Camocy, sendo logo presentida dos inimigos.

Pero Coelho dispôz immediatamente a força em duas divisões amparando no centro a bagagem, outra sob ás ordens de Manoel de Miranda, para as explorações que fossem necessarias, dezaseis soldados de reserva na retaguarda, e com nove soldados escolhidos tomou a dianteira, e nesta ordem proseguiam todos, quando á distancia de meia legua da serra da Ibiapaba, foram recebidos com muitas flexas dos indios e tiros de mosquete de sete francêzes, que lhe fizeram algumas baixas, e depois de duas horas de resistencia se levantou alli mesmo um arraial, protegido pelas pedras, em falta de madeira, visto como o logar era secco e descampado.

Pela noite voltou o inimigo, e com grande algazarra atirava do alto da serra flexas e pedras de funda, que feriam os da tropa, e só cessou o assalto ás 3 horas da madrugada, quando caía uma grande chuva,

que foi ao mesmo tempo de allivio para todos, principalmente para as creanças, que já começavam a morrer de sêde.

Ao clarear do dia descobriu-se proximo uma gruta, de donde saía um arroio, que os indios alliados tomaram por milagre, e logo mandou o capitão-mór matar um cavallo, que ainda restava para destribui-lo em rações aos soldados, não chegando para os demais, porque constava de cinco mil almas o pessoal da expedição.

As 10 horas ouviu-se na serra tocar uma trombeta, a que respondeu Tuim mirim, e tendo este obtido de Pero Coelho permissão para entender-se com os francêses, num alto proximo encontrou tres, que lhe disseram o chefe Jurupary-guassu ou assu, Diabo grande, aceitava a paz com a condição de serem-lhe entregues Manoel de Miranda e Pedro Cangatan, exigencia de uns mulatos da Bahia, que com elle se achavam, e explicando-lhes o pilôto a impossibilidade de poder ceder o capitão-mór, retiraram-se immediatamente, e pelas 2 horas desceram os da serra travando-se renhido combate, que durou até a noite, no qual perderam muitos dos seus.

A força expedicionaria teve 17 soldados mortos e alguns feridos.

Ao outro dia, deu ordem Pero Coelho para avançar serra acima, levando elle por um lado o grosso da força, e Manoel de Miranda por outro com 25 homens, e ás 12 horas foram sair junto a uma estacada, guarnecida pelo lado anterior de parapeito de pedra, de donde faziam fogo de mosquetaria uns dezaseis francêses sobre os sitiantes; mas estes batendo-os por todos os lados os desalojaram, ficando em seu poder a estacada, em cujas casas encontrou-se muita carne e legumes, que foi motivo de alegria para todos, pois que já se havia acabado a provisão de castanhas que lhes vinha servindo de sustento.

Nessa refrega morreram 2 soldados.

Após vinte dias de descanso, passou o capitão-mór a tomar o reducto do Diabo-grande, que ficava a um

quarto de distancia, e se bem que tivesse encontrado alguma resistencia, delle assenhoriou-se pondo em fuga precipitada os seus defensores, que foram refugiar-se, na estacada de Mel Redondo, o principal mais poderoso daquella serrania.

Resolveu o chefe da expedição acommetter a taba ou Aldeia de Mel Redondo, a mais forte, e que era construida de duas ordens de paus grossos, e tinha tres guaritas, pontos de defeza dos francezes e para isso mandou fazer uns pavezes, especie de escudos grandes que um exigia vinte homens para ser transportado, e assim abrigados atraz delles os soldados, foram-se aproximando até a cerca, onde cerrou-se a peleja que durou dois dias, no fim dos quaes fugiram os situados, cahindo prisioneiros 10 francezes.

Ficaram fora do combate 3 soldados mortos, 14 feridos e muitos indios.

A força perseguiu os fugitivos durante quatro dias chegando até o rio Arahê, naturalmente o riacho que circumda o logar onde está de presente a villa de S. Benedicto e ahi erigiu-se novo arraial.

O local de S. Benedicto foi povoado antes que Ibiapina, teve começo por iniciativa do indio Jacob pelo fim do seculo XVIII, quasi em seguida á expulsão dos jesuitas.

Regressando a força, trouxe muitos Indios e um Principal chamado Ubaúna, tão estimado naquellas paragens, que apenas constou a sua prisão, os outros pediram pazes com a condição, de ser-lhes restituido Ubauna, o que de bôa mente cedeu o capitão-mór, fazendo ainda presente de foices e machados aos embaixadores.

Tres dias depois se apresentaram Mel Redondo e o Diabo-grande, e para penetrar no arraial depozeram antes as armas, assegurando daquella data em deante a mais perfeita amizade ao capitão-mór, pelo que se lavrou um auto de todo o occorrido.

Não tendo mais a quem impôr a paz na serra da Ibiapaba, e dispostas as coisas, partiu a expedição, engrossada agora com a gente dos novos alliados, e chegou ao Punaré (rio Parnahyba), donde pretendendo Pero Coelho seguir até o Maranhão, 40 leguas ao norte, oppuzeram-se os soldados que já iam soffrendo grande necessidade de alimentação e roupas, e levados pelo desespero tentaram alguns contra a sua vida.

Nestas circumstancias, depois de seis mêses de guerra, como diz Martim Soares, na sua Auto biographia, sem se poderem mais sustentar, voltaram todos ao Seara.

Ahi deu o capitão-mór ao territorio o nome de *Nova Luzitania*, e ao logar o de *Nova Lisbôa*: e deixando Simão Nunes por capitão com 45 soldados, partiu para a Parahyba, de donde tenciona va trazer sua familia e auxilio sufficiente para continuar a exploração dessas terras.

Logo que chegou, deu conta ao governador geral Diogo Botelho dos successos da expedição, e enviou-lhe os 10 francêses e alguns Indios, obtendo delle a promessa do soccorro preciso para manutenção da nova colonia.

Sufficientemente animado, embarcou-se com a mulher e filhos numa caravella no porto da Parahyba, e veiu ancorar no Seara, barra do rio do mesmo nome, onde havia deixado Simão Nunes. O seu regresso áquelle sitio devia ter sido em começo do anno de 1606, pois que havendo chegado a Ibiapaba em Janeiro de 1604, onde batalhou seis mêses, e mais anno e meio que gastou de ida e volta a Parahyba, só por esse tempo podia alli achar-se.

Na sua ausencia Simão Nunes havia construido um forte de taipa, que, como se vê no mappa já mencionado, foi denominado San Thiago.

Desenvolvia-se o povoado, melhoravam-se as condições de vida, quando o capitão-mór abriu lucta com os

Indios, aquelles mesmos que de bôa vontade haviam cedido ao seu convite, perseguia-os e vendia-os tão cruelmente, que deu o seu procedimento ensejo a que Diogo de Campos Moreno, seu contemporaneo, dissesse á pagina 160 da *Jornada do Maranhão* que o «governador tratava de que lhe mandasse parte dos Indios, como por cartas e ordens suas hoje parece, discorrendo que como de captivos era gente devida ás primicias de seu governo, entendendo disto os homens, que a jornada se havia feito somente para captivar e vender Indios, deram-se tão bôa manha que em breves dias venderam até aquelles, que fielmente os haviam ajudado e acompanhado na guerra.»

Convem notar que a *Jornada do Maranhão* foi escripta em 1615.

O Barão de Porto Seguro tem procurado salvar a memoria de Pero Coelho daquella accusação, mas acho sem fundamento a defesa, porque os seus contemporaneos o condemnam por ella sem remissão. Haja vista o que disse Campos Moreno, e o que Frei Vicente do Salvador, na sua *Historia do Brasil*, que foi publicada em 1627, no final do capitulo XXXVIII, do livro quarto, diz nestas palavras: «ajuda e soccorro que o governador lhe prometteu mandar, e não mandou por depois ser informado que se captivavão os indios injustamente e os trazião a vender e que seria melhor reduzillos por via de pregação e doutrina dos Padres da Companhia como depois tratou com o seu Provincial na Bahia.

O Padre Antonio Vieira, na sua *Relação da Missão da Serra de Ibiapaba*, escripta depois de 1655 a 1660, anno em que esteve na mesma serra, começa dizendo: «Pelos annos de 1695 sendo já pacificadas as guerras que em Pernambuco forão mui porfiadas pelas violencias de certo capitão Portuguez etc, e como se occupa dos negocios desta capitania, dá facilmente a entender que se trata daquelle capitão-mór.

Não menos aspero a seu respeito é o Padre José de Moraes, no capitulo III da sua *Historia da Companhia de Jesus na provincia do Maranhão e Pará*, escripta em 1759.

Como prova incontestavel da verdade escreve Martim Soares na sua Auto-biographia: «Ahi (Seara) houve muitos desasocegos nos Indios por algumas sem razões que se lhes fizerão, assim foi forçoso a despovoar-se aquelle sitio, donde já era feita uma cidade em muito bom sitio onde eu tenho agora uma fortaleza, de maneira que em huma e outra parte se gastarão 3 annos, onde sempre assisti com muitos trabalhos sustentando-me com cobras e lagartos.

Martim Soares occupou, no seu governo, o mesmo sitio, que fôra occupado por Pero Coelho.

Depois do que ahi fica copiado da Auto-biographia, escripta em 1618, e do que dizem outros escriptores de nota, parece que não pode o capitão-mór eximir-se da falta de que é accusado.

O despovoamento do sitio, onde já era feita uma cidade, foi devido á irregularidade, si assim me posso exprimir, do seu procedimento.

Assim, tendo-se ausentado os Indios de *Nova Lisbôa* pelo receio de serem colhidos para o captiveiro, e reduzida a povoação á assistencia dos portuguêses, acabrunhados todos das maiores necessidades, instaram os soldados para que o capitão-mór transferisse o estabelecimento para Jaguaribe, onde por ser mais proximo do Rio Grande, facil lhes ficava qualquer soccorro de que por ventura viessem a precisar.

Accedeu Pero Coelho, e logo se passaram á margem esquerda daquelle rio, dando-se começo a um arraial proximo da barra, no logar onde está actualmente o pharol, e para livrar-se dos Indios que então o molestavam, construiu o capitão-mór o forte, a que denominou de S. Lourenço, naturalmente por ter sido prin-

cipiado em 10 de agosto de 1606, cuja planta vem representada na Carta Chorographica da primeira metade do seculo XVII. pertencente a uma collecção manuscripta junto ao Atlas n.º 114 do Gabinete Geographico da Bibliotheca Nacional de Lisbôa, de que possue copia o Barão de Studart.

Não ha duvida que foi alli que se erigiu o forte alludido, visto como, conforme verifiquei em 1889, vêem-se ainda restos de antigas habitações de taipa, e sobre tudo grossos troncos de madeira enterrados em linha numa especie de pequeno oiteiro. Os fortes e paliçadas eram por esse tempo levantados para defesa das povoações, e por isso é claro que a de Pero Coelho devia estar onde estivesse o forte, e pela posição deste na citada Carta Chorographica, se reconhece que foi edificado naquelle local.

Ha quem tenha escripto que o capitão-mór se estabelecêra na Passagem das Pedras, mas esta assersão cai por falta de fundamento, porquanto não se pode admittir que permanecendo o forte na barra do rio, residisse elle á 6 leguas, rio acima, tanto mais quanto pelo modo porque procedêra com os Indios, que não perdiam occasião de fazer-lhe todo o mal, não podia viver descuidado de inimigos tão temiveis e em tão grande distancia.

Convem firmar bem que, na sua marcha para a Ibiapaba, tendo encontrado toda a coadjuvação dos mesmos Indios, não teve elle necessidade de fazer construcções desta ordem nem aqui nem no Ceará, como de facto não fez.

O Sr. Joakim Catunda, nos seus *Estudos de Historia do Ceará*, á pagina 60, faz crer que o capitão-mór manteve o nome de *Nova Lisbôa* nesse logar do Jaguaribe, e o Senador Candido Mendes, na nota 3, á pagina 169 da *Jornada do Maranhão*, escreve que *Nova Lisbôa* suppõe-se ser a cidade do Aracati, outr'ora denominada Cruz das Almas.

Não é possivel; está hoje bem demonstrado com documentos que este nome foi dado ao sitio Arraial,

povoado pelo capitão-mór Manoel de Abreu Soares, quando situou a sua sesmaria no Jaguaribe, obtida em 23 de Janeiro de 1681, sitio que sua viuva D. Maria de Siqueira e seu filho Paschoal de Lima venderam por escriptura de 6 de Dezembro de 1701 ao commissario geral Theodosio de Gracisman, já conhecido por Aracati.

As primeiras povoações do sul desta capitania só tiveram começo depois da concessão de sesmarias em 1680. Quando o capitão-mór Manoel de Abru Soarese pediu a sua, disse no requerimento que dirigiu ao Governador Geral da Bahia, que «o rio que chamam Jaguaribe nunca fôra povoado de brancos, e por isso pedia as terras por devolutas começando a medição da barra do rio para o sertão.»

O nome de *Nova Lisbôa* foi dado ao logar do Ceará-barra do rio do mesmo nome, onde estivera primeiramente Pero Coelho, ainda hoje conhecido por Villa-velha, e a prova disso está no Mappa attribuido áquelle explorador, que o representa sem coisa que duvida faça á margem direita do antigo rio Pirangy.

O Mappa contem estes dizeres: Descripção do verdadeiro descobrimento e nova conquista do Rio Jaguaribe, serras de Ariama, muibuapava e punaré e cófins do maranhão que fez o capitão-môr pero Coelho de Sousa de ordem de Diogo botelho Governadôr geral do estado do Brazil des do Anno de 1603 até o de 1608 com todos os seus portos, Barras, serras e Rios cõ suas nascensas.

A vista delle desapparecem muitas duvidas a respeito da topographia desta capitania napuella epoca.

Baldos de todo o recurso, e em extremo desalentados os povoadores da nova situação do Jaguaribe, pediu Simão Nunes permissão de passar a outra banda do rio com os soldados sob o motivo de irem buscar fructas, e logo que alli se viram, puzeram-se a caminho para o Rio Grande, abandonando o capitão-mór, que apenas ficára com 13 soldados invalidos e um

Indio de nome Gonçalo, o unico que se recusára a acompanhar os demais de sua tribu, que por essa occasião fugiram tambem.

Sem bote nem jangada, nem recursos com que construisse qualquer embarcação, achou-se Pero Coelho em difficeis condições de fazer a passagem do rio e buscar a capitania proxima.

Os embaraços que encontrou para emprehender logo a viagem vêm confirmar a minha opinião de que nesse tempo o rio Jaguaribe corria com porção de agua das nascenças ao oceano, conforme se lê á pagina 250 da *Revista do Instituto* de 1901, attendendo-se que não é possivel que um destemido explorador, como era o capitão-mór, deixasse de o conhecer até certa distancia; e si por ventura este rio já cortasse, como vulgarmente se diz entre nós, quando secca formando poços aqui e alli, elle o teria atravessado no primeiro logar enxuto, e pela outra margem desceria até a praia.

Convem notar que tudo isso se passava na quadra do verão, e do Mappa vê-se que o rio está desenhado indicando longa extensão.

Não podendo mais demorar-se nessa desgraçada situação, com raizos de mangue improvisou o capitão-mór uma jangada, que comportava pouco peso, e só depois de muito trabalho e por diversas vezes poude elle transportar para o outro lado do rio a familia e os que se achavam em sua companhia.

Sem perda de tempo partiu a caravana, marchando na frente os filhos em numero de cinco, logo após os soldados, e traz destes elle e D. Thomazia, sua mulher.

A estação era a mais terrivel em consequencia da secca, que se declarára com todos os seus horrores. O sol de fogo incendiava os campos, despia da folhagem as arvores, exhauria as fontes e esbraziava a terra. Por toda a parte a tristeza e a desolação de uma natureza incandescente.

Logo que o dia alteou, tornaram-se tão quentes as

areias que queimavam os pés das creanças e faziam-nas chorar de insoffrimento. A mãe consolava-as tristemente com lagrymas na voz occultando a dôr que lhe traspassava o coração.

No segundo dia, o capitão-mór carregava ás costas dois filhos menores, que já não podiam andar e pediam aos gritos agua para matar a sêde, que mais se exacerbava á acção do excessiva calor.

Só no fim do terceiro dia, pela noite foi que se encontrou uma cacimba, junto da qual se arrancharam durante dois dias, e munidos dagua em duas cabaças, que arranjára o Indio Gonçalo, continuaram a viagem evitando cautelosamente os Tapuyas que percorriam os arredores e lhes observavam os movimentos. (Eram os terriveis Payacús, gue assistiam entre o Piranhas, Apody e baixo Jaguaribe.)

A fome e a sêde mais que tudo abatiam as forças e a coragem até dos mais fortes, e no meio das maiores afflicções e temores colheu a morte a primeira victima. Finára-se o soldado, que exercia o officio de carpinteiro.

Era impossivel um passo mais adeante, e todos se teriam deixado ficar para ter a sorte do infeliz companheiro, si não fôra a disposição do capitão-mór, que os animára promettendo dentro em pouco agua e alimento.

Accederam, mas não longe dalli falleceu outro soldado. Ahi D. Thomazia, desfeita em pranto e tendo em torno de si todos os filhos, supplicava ao marido procurasse salvar sua vida, e os deixasse morrer alli mesmo onde acabára aquelle bom companheiro, pois que já não podiam caminhar de fome e de sêde.

Choravam os soldados em presença de tão tocante espectaculo, e Pero Coelho apresentando animo que já não tinha, e dissimulando a grande dor de que se achava possuido, garantia com vehemencia muito perto ficava uma cacimba, na qual poderiam saciar-se á vontade.

Ergueu-se o bando de cadaveres ambulantes, e, impellido por vaga esperança continuou a andar por aquelles areaes até junto da cacimba, que mais lhe aguçou a in-

tensidade da sêde. Subito, se lhe desperta certa animação correm todos á agua, mas não a podem tragar; era esta tão amarga, que a repellem labios sequiosos.

Continuando o tormentoso itinerario, já então por dentro dos mangues, que atravessaram cerca de meia legua, mettidos na lama até aos peitos, na passagem apanhavam e comiam aratús, ainda vivos, com tal gana, como se fôra delicioso manjar, e depois de muito trabalho chegam a outra cacimba, denominada Bôa-maré, de agua excellente, onde se detêem por alguns dias.

Passaram depois ás Salinas, e dalli viram velejando o barco que transportava os Padres Francisco Pinto e Luis Figueira, e por mais que gritassem e fizessem signaes para ser apercebidos da gente de bordo, sumiu-se o barco na extrema do horisonte. (Esta passagem devia ter-se dado no fim do mês de Janeiro de 1607, pois que affirma o Barão de Porto Seguro, na sua *Historia do Brasil*, tomo 1.º, pagina 315, que os Padres embarcaram em Pernambuco a 20 daquelle mês e anno; si bem que o P.e Fernão Guerreiro, na *Relação annual dos Padres da Companhia de Jesus*, que trata das *Coisas do Braxil*, de 1602 a 1608, contemporaneo dos mesmos Padres, escreva que partiram a 5 de Janeiro do referido anno.)

Eram terribilissimas as condições dos caminhantes; alguns já não andavam, arrastavam-se ao peso do enfraquecimento, e depois de alguns dias de viagem, finou-se o filho mais velho do capitão-mór, que contava 18 annos.

Muito difficilmente pode uma penna amestrada descrever, com vivas côres, a magua dos paes em transe tão angustioso; por isso me despenso dessa tarefa.

Esteve, no entanto, a findar aqui este drama de lagrymas e de dores com o anniquilamento de todos, uma vez que o proprio capitão-mór, perdendo a virilidade de espirito ante tamanha desgraça, resignára-se a ter sepultura ao lado do filho com os entes que lhe eram caros; D. Thomazia, porém, revestindo-se de coragem e força superiores á delicadeza de seu sexo, exigiu do marido mais um pouco de sacrificio, incitava os filhos a prose-

guir, encorajava aos outros, e apresentava um valor sobrehumano.

Iam todos animados de um resto de estimulo despertado pelas palavras daquella heroina, e logo adeante refrigeraram-se com a agua que o capitão-mór, ajudado por dois soldados mais dispostos, tinha ido buscar a 6 leguas de distancia.

Foi de pouca duração o allivio, porque continuaram os mesmos tormentos, e o sol não abrandava as suas chammas, nem as areias o seu calor.

Tinham aquelles infelizes já perdido toda a esperança de salvação e repoiso na terra da patria pela impossibilidade de chegar ao termo de tão dolorosa jornada, que se tornava de dia a dia mais difficil de vencer; lastimavam-se uns, outros mais, resignados, entregavam-se á protecção do ceu.

No momento supremo do longo padecer, viu alguem lá ao longe, na meia sombra da distancia, alguma coisa que se movia. Fixaram anciosamente os olhos turbados pela muita luz do sol, e depois de algum tempo, alcançaram distinguir vultos de homens, que vinham pela praia em direcção a elles. A certeza do encontro de seres humanos despertou-lhes novas forças de vida, expandiram-se todos os corações, e em muitos rebentaram lagrymas de alegria.

Não durou muito a anciedade; horas depois chegava o vigario do Rio Grande, que, tendo sido informado pelos soldados de Simão Nunes do que se passava relativamente ao abandono do capitão-mór, correra ao seu encontro, acompanhado de muitos Indios, que traziam agua, mantimentos e redes para transporta-lo e aos companheiros.

O vigario P.e Manoel Correia Soares, segundo os *Apontamentos noticiosos* de Manoel Gonçalves Branco, escriptos em 28 de Dezembro de 1795, desfazia-se em pranto dando a beijar o crucifixo a homens, que mais pareciam caveiras sobre ossos, como vivamente descreve Frei Vicente do Salvador, e depois de ouvir a tristissima

narração dos seus soffrimentos durante a horrorosa travessia daquelles desertos, condu-los a Natal, donde, depois de fortalecidos, passaram á Parahyba.

Dalli embarcou Pero Coelho para a Hespanha afim de requerer a paga dos seus serviços, e nada tendo obtido, foi residir em Lisbôa, e nesta cidade acabou seus dias pobre e ralado de desgostos.

(Eis quanto se sabe da vida e explorações de Pero Coelho de Sousa, primeiro capitão-mór do Ceará, em vista de documentos e do que escreveram historiadores contemporaneos.)

ANTONIO BEZERRA.

Barro Vermelho —Julho—1903.

Ha 300 Annos

PEDRO COELHO DE SOUSA

IIA 300 ANNOS

Pedro Coelho de Sousa

UM VERDADEIRO martyrologio... eis o que se chama—historia antiga e moderna do Ceará Lê quem pretende aprender, como se soffre, ou quer retemperar o espirito para continuar a jornada com toda a coragem exigida pelas empresas meritorias, arduas, portanto, e de perigo.

A cada pagina desse livro de amarguras, é facil deparar um motivo de tristesa; em todas as edades não se gosam, sinão mui raros instantes de alegria; pouca esperança está a sorrir aos peregrinos da vida, toda luz é baça e cambiante, os caminhos têm cardos, o horisonte sempre negreja.

Algumas glorias lampejam, mas sem o proveito do exemplo; o estimulo mal se percebe atravéz as cerrações da discordia.

Soffre-se, no Ceará, desde o primeiro momento, em que a vida bruxoleou, tendo-se sempre por diante a miragem, que, afigurando-se lympha dulcissima para nos matar a sêde de verdades e de justiça, não passa d'uma decepção nova para os incautos; nada para sanificar, conduzindo áquella felicidade, cuja séde está no saber tão sómente, e na vontade firme.

No limiar da historia do Ceará, está Pedro Coelho de Sousa. Extenuado e faminto, triste e desilludido, agonisa nos braços de uma heroina do amor, para quem tinha sonhado riquesas e senhorios, mal sabendo que lhe procurava sómente o respeito, que deve a posteridade a toda virtude infeliz.

Pedro Coelho é o primeiro nome do Ceará, justamente o primeiro martyr da sua causa.

Corria nas suas veias esse sangue novo, que conquistadores providenciaes, partindo do oriente, ha seculos, tinham vindo injectar nos escravos de Roma patricia, e de Roma papal, nessas castas, dizemos, que outr'ora estagnadas, agora como redivivas queriam respirar e achando estreita a terra do berço, procuravam climas nunca vistos e mal sonhados, onde corresse á vontade o corcel das ambições humanas, e a vida se avigorasse de outros atomos, em ambito sufficiente para toda expansão moral.

Portugal tinha remoçado pela fusão das raças. Quando o ultimo arabe tinha sido assimillado pela massa nacional, o prurido era grande de conquistas e navegações. Um mysterio insondavel no destino dos povos... Elles acompanham a rotação dos corpos celestes, movendo-se eternamente do oriente para o occidente!

Quando tudo estava disposto nalma lusitana por secretos trabalhos da naturesa, que refunde o homem, quando chegára o momento de explodir; um propheta inspirado do futuro immenso do povo, que estivéra tantos seculos no seo cadinho, de bem alto lhe bradou o *toli et ambula*.

E poucos annos bastaram, para que os mares alvejassem com as vellas portuguezes!

D. Henrique foi um sonhador divino, o vidente, em cujo espirito se viéram debuxar os vastos mundos, que ninguem tinha visto até então, e Camões medio, mais tarde, nos seos vôos d'aguia.

D'esses temerosos investigadores atravéz os mares, a que outr'ora não se attribuiam limites, foi Pedro Coelho, tomando o governo de uma galéra do rei, para affrontar as cruêsas do mar, enfrentando as tempestades, que vêm a ser o cubo de todos os terrores, que reunidamente assaltam a coragem humana; verdadeiro inferno pairando sobre nossas cabeças, e ameaçando, ruidoso um exterminio universal!

Neste genero, muitos povos se fizeram admirar, mas depois dos portugueses. Antes do marinheiro impellido de Sagres, dósado do arrojo, era uma duvida até a propria rotundidade da terra, e o apinhamento crescente dos povos do velho mundo ameaçava a morte por asphixia social, com as convulsões da anarchia, quer dizer —toda obliteração da lei moral.

Coelho se associára a seo cunhado Fructuoso Barbosa nas tentativas infelises de colonisar a Parahiba, da qual o principe lhe fizéra doação. Todo o poder naval, que este armador condusio até alli, cedeo á astucia e bravura dos selvagens, que lhe fiséram perder parte da sua esquadra, um filho e muitos companheiros. Já antes tinha sido obrigado a arribar de Pernambuco com algumas vellas, que o arrastaram até a India, onde um primeiro infortunio o aguardava.

Alli perdera Fructuoso Barbosa a sua primeira mulher, sem perder a esperança de gosar da presa, que a munificencia régia lhe proporcionára. D'alli voltou a Portugal, veio ter novamente ao Brasil e investio a Parahiba, mas sempre lhe falhando a victoria, acabou por uma exautoração, vendo o seo feudo passar para a corôa, á qual veio render-se afinal a brava gentilidade, tão ciosa da sua liberdade.

Pedro Coelho procurou uma compensação tratando de adjudicar-se as terras ao norte de *Potiguaria*, possuidas pelos *tapuyas*, que já se estavam arrebanhando, em torno de alguns exploradores procedentes de Dieppe e de outros portos de França, os quaes dominavam as eminencias de Ibiapaba.

Foi este tentamen, em animo portuguez, o inicio do Ceará, cujo valor tem sido, por tanto tempo, uma duvida para os observadores superficiaes, e para o actualismo reinante.

Mal presentida foi a grandesa do Ceará, porque a obra seria de gigantes, e a terra estava senhoreada por pygmeos.

A impressão foi má, para quem não podia descortinar segredos, que ainda agora a sciencia mal penétra, ou não podia metter mãos ao trabalho, que a naturesa alinhára e dispozéra, mas ainda agora não encontra obreiros de sufficiencia.

Não agradou o aspecto da terra cobiçada. O litoral era de areia alvissima a se mover avançando contra o oceano, improductiva e abrasada, ligando-se, na zona immediata, a uma região desbastada e carcomida pelos alluviões, onde não havia, sinão uma flora mui pobre das grandes especies vegetaes, e uma faúna por ventura mais pobre. O autocthone era homunculo, vivendo á tôa, sem tecto e em nudez completa; os rios simples ravinas, rapida a estação ibernal, seis mezes rijas, e tensas as correntes aérias, créstando toda vegetação!

As grandes cordilheiras, as mattas virentes, as temperaturas doces, as aguas perennes, tudo isto se encontrava pela terra a dentro á distancia, que os investigadores não podiam alcançar, nem alguem concebia jamais.

Não havia, nesses páramos immensos, nenhum gado, nem ladrava o cão amigo; toda ave singrava pelo azul dos céos, ou não entrava para a convivencia dos incolas, servindo-lhes de pasto.

Era esta a dura realidade dos sonhos, que a imaginação dourava para Pedro Coelho. O que o Ceará continha de util e de futuroso, era para olhos mais cultos. Para elle tudo tinha aspecto carregado.

Não se sabe o dia preciso, em que começou a sua aventura, e elle não tinha idéa de cousa alguma, sinão da Ibiapaba, um Eden, que os francezes tinham senhoreado e Bauchamp chamou—*El-Dorado*.

Desde 1580, mais ou menos, estes aventureiros do typo bretão e normando, visitavam a costa do Ceará, traficando com os selvagens, e alli, sobre a grimpa da magestosa cordilheira, tinha a sua séde a conquista, que fiseram.

Entre dois extremos—Parahiba e Ibiapaba, havia centenas de legoas a percorrer, *pede calcante*, levando á cabeça as provisões!

A partida, sabe-se firmemente, foi em julho de 1603, e com certesa a 10 de agosto a expedição tocára á margem do Jaguaribe, cuja barra injectada pelo mar, nos seos fluxos, ella devia transpôr. Ahi se fundou o fortim, melhor diremos, o abrigo de *S. Lourenço*, para resistir ás investidas dos *tapuyas*, que corriam em defesa da terra sagrada do seo berço.

Nessa barra, tinham chegado alguns barcos, com provisões, que o governador Diogo Botelho tinha enviado a Pedro Coelho, quando lhe permittira fazer a entrada, dando-lhe a costumada carta-patente, com a autoridade de capitão-mór das terras, que conquistasse.

Toda a companhia constava de 60 homens brancos, dirigidos por cabos de guerra portugueses, entre os quaes luzia o nome de Martim Soares Moreno, commandante da fortalesa dos Reis-magos, que se fez tão celebre nas lutas futuras, e veio a ser o definitivo fundador do Ceará. A mais força constava de 200 *potyguares*, indios potentes e disciplinados que obdeciam a chefes de suas malócas; e trasiam nomes barbaros e mal sonantes do vocabulario *tupy*.

Padecendo a fome, a sêde e mil torturas de viagem, por sobre os morros, internando-se somente, quanto era preciso, ás veses, para vadear os rios, que salgavam; a companhia attingio á região de Mucuripe, virgem de pés luzitanos. A frota de pequenos barcos, navegando á vista, seguio a confusa romaria até a enseada d'este nome, segundo a informação dos raros chronistas de roupêta, padres de diversas ordens, que recolhiam dados para a historia daquelles dias, incompleta, e viciada de phantasias e mysticismo quasi-barbaro.

De Mucuripe, se arrastando vagarosamente, a expedição foi chegar a Camocim (Póte) em 18 de Janeiro de 1604. Seis meses levou esta marcha até effectuar-se, em serios combates, o exterminio dos francezes de Ibiababa, e dos bravos chefes *tabajáras*, que lhes prestavam assistencia denodada.

Os soldados esfaimados mataram e comeram o cavallo unico, que havia na expedição, antes de darem combate aos francezes, soffreram sêde cruciante, e viram rarear as suas fileiras pelo arcabús daquelles e pela setta dos seos amigos.

Após a conquista de Ibiapaba, Coelho teve em vista emprehender nova campanha; entrou-lhe no espirito a velleidade de expulsar do Maranham os francezes, que alli se tinham aninhado, fasendo dessa ilha uma séde da sua provincia na America do sul.

A miseria, porem, lhe não permittio passar alôm do Parnahyba (Punaré), e foi obrigado a voltar, vindo estacionar na barra do rio Ceará (Itarema dos tapuyas), onde fundou a colonia *Nova Luzitania* com a sua capital *Nova Lisbôa*, e o fortim S. Thiago, cujo nome está indicando, que elle já se achava nesse sitio insalubre no dia 25 de Julho de 1604.

Pedro Coelho completou a jornada de cerca de 500 leguas por terrenos invios e desertos, partindo de Itajuma para Pernambuco, afim de pedir soccorros ao go-

vernador Diogo Botelho, e condusir da Parahiba a sua mulher e filhos.

Na pequena fortificação ficou Simão Nunes Correia com 45 homens, esperando-o, nesse isolamento, desoito meses, até que elle voltou numa caravella, trasendo os infelises, que associava ao seo desterro. No entanto, os recursos promettidos não chegavam!

Diogo Botelho os tinha confiado a João Soromenho, e este traidor os levára até Jaguaribe, onde desembarcou, embrenhando-se, para captivar indios, por sua conta, e para seo negocio.

Assim abandonados, os colonos, famintos e nús, indusiram Pedro Coelho a deixar Itarema ou barra do Ceará (ora Mathias Pacheco), e transferir-se para mais perto das terras povoadas (Rio-grande-do-norte). Elle o fez, indo estacionar no fortim de S. Lourenço, á esquerda do Jaguaribe, e junto á sua fóz, com uma viagem de não menos de 10 leguas, sobre areias movediças e num estio, que mais parece ter sido uma sêcca, das que costumam assolar esta região.

As condições dos infelises não deixaram de ser mui tristes. Simão Nunes, transpondo o rio com a sua gente, abandonou o capitão-mór á sua sorte com a desgraçada familia e se abrigou no Rio-grande, em quanto este, com 18 homens estropeados, hesitava sobre o partido, que devia tomar.

Sem jangada ou canôas para transpor o rio, Pedro Coelho emprehendeo viagem nova, indo vadeal-o algumas leguas acima da sua fóz, onde foi possivel, e seguiu em direcção á Natal.

E' uma lenda tristissima a desse exodo, conservado por Frei Vicente do Salvador, para cumpungir, pelos seculos afóra, quantos estudam o nosso progresso, nas fontes, de onde mana em borbotões de sangue, em flocos de lagrimas!

Os trabalhos começarām, do primeiro momento, para a companhia que retirava todos á pé, adultos e crean-

ças. Estas choravam, chagando os pés sobre a areia ardente; os mais validos succumbiam ao cançaço, á sêde e á fome. Logo, no dia seguinte, Coelho teve que conduzir nos braços a dois filhinhos, e só no terceiro é que deparou uma cacimba, junto a qual pousou, provendo-se d'agua para continuar a jornada.

Descançando dois dias, proseguiu, assustado a cada signal de haver anthropophagos á distancia, que o percebessem. Toda fumaça que se avistava na *catinga* era motivo para grandes mêdos.

No entanto, voltavam a fome e a sêde, dois generos de morte os mais crueis, para disimarem os itinerantes. O primeiro que succumbio foi um carpinteiro, e os que não podiam mais caminhar, aconselhavam Coelho a deixal-os na via dolorosa. O grande lutador, porem, lhes mettia coragem e incitava a proseguirem.

Seguio-se a morte de um outro homem da comitiva, e todos se reputavam perdidos. D. Thomasia, mulher de Coelho, que não se deixou affrontar pela perspectiva de nenhum perigo, nem se rendeo á nenhuma dôr, exigio d'elle que se salvasse, deixando-a e a seos filhos em meio do caminho.

O animo esforçado de Coelho não comportava tamanha ignominia da fortuna. Elle foi por deante na penosa viagem, animando a todos, até que encontrou duas novas cacimbas no lugar *Amargosa*.

Eram, porem, as suas aguas de tal sorte más, que ninguem poude sorvel-as. Felizmente, estava proximo um mangue, que deviam atravessar com a lama até á cintura, e ahi foram colhidos muitos carangueijos, que, comidos crús, mitigaram a fome e a sêde ao bando de mumias que, graças a isto, conseguio transpôr o estuario de Mossoró.

Neste ponto, Coelho fez signal de soccorro a um barco, que, passava; mas não foi percebido ou não foi attendido, e para logo lhe morria o filho mais velho! Quasi succumbindo, tinha o espirito alentado só por D.

Thomasia, a heroina do drama, e foi d'est'arte que vio Natal já em começo 1606.

Vio, e morreo!

Coelho e Thomasia, no limiar do seculo XVII, são martyres primeiros da civilisação desta terra, que ia ver a luz, e esperava na densa escuridão, que, agora subsiste só para os seculos, que nos precederam.

O Ceará ficou notorio, teve quebrados os sellos após o infortunio desse ousado sertanista; as suas dôres, porem, e as suas maguas quasi nenhum tributo têm recebido do reconhecimento e do amôr da posteridade.

João BRIGIDO.

Francisco Pinto e Luiz Figueira

O mais antigo documento existente sobre a historia do Ceará

FRANCISCO PINTO E LUIZ FIGUEIRA.

O mais antigo documento existente sobre a historia do Ceará.

OS PRIMEIROS Portuguezes, que intentaram conquistar e povoar as terras do Maranhão e visinhanças, foram todos mais ou menos victimas das suas emprezas. E não é pequena a lista desses que arrastados pela miragem do ouro ou seduzidos pela avidez de fazer fortuna se aventuraram á realisação de arrojados commettimentos, em que uns perderam os cabedaes e outros cabedaes e a vida.

Na partilha por D. João 3.º das terras do Brasil coube o Maranhão a João de Barros, o celebre historiador, o qual para levar a cabo o desejado fim houve de se associar a Ayres da Cunha e Fernando Alvares d'Andrada.

Ayres da Cunha, aprestada poderosa armada, partiu do Reino em 1535 levando em sua companhia dous filhos do donatario. Essa armada foi-se perder totalmente nos Baixos do Boqueirão, perto da Ilha do Medo,

Luiz de Mello da Silva teve em 1539 mercê da Capitania por desistencia que della fizera o primitivo possuidor, e para lá se encaminhou em uma frota para a qual o Rei prestou auxilio não pequeno. Iguaes fados aguardavam-o e novo naufragio sepultou junto ás costas do Maranhão essa segunda tentativa.

Mas essa empreza *espantosa e descreditada*, essa conquista *da qual se dizião tantas grandezas que parecia fabuloso o sitio, as terras, as gentes e tudo o mais que d'alli se promettia*, no dizer de Campos Moreno, o auctor da *Jornada do Maranhão*, era propria para continuar a provocar as energias e a incitar os animos a novos e arrojados tentamens.

Corria o mez de Maio de 1603.

No intuito de recuperar ao menos em parte a perda de cabedaes que com seu cunhado Fructuoso Barbosa soffrera na Parahyba (Fr. Vicente do Salv. Cap. 38, L.° 4.°) e seduzido pelas noticias que corriam sobre a uberdade e riquezas de regiões ainda não exploradas, resolveu Pero Coelho de Sousa, homem nobre Açoriano, ex-commandante de uma galé do rei, morador na Parahyba, onde pelos annos de 1590 fôra membro do Senado da Camara, aventurar-se á conquista da Serra de Ibiapaba, para o que pediu e obteve licença do governador geral que então era Diogo Botelho.

Alcançada a licença e obtida a Provisão de capitão-mór da empreza *para melhor assegurar na authoridade do caracter a obediencia dos subditos, caminho sempre o mais trilhado para a felicidade dos grandes projectos* (Berredo, L.° 2.°, 97), mandou em Julho tres barcos ou caravellões com mantimentos e munições para o rio Jaguaribe, partindo elle por terra com 65 soldados, entre os quaes Manoel de Miranda, Martim Soares Moreno, Simão Nunes, João Cide, João Vaz Tataperica e Pedro Cangantan, este lingua perito.

Acompanharam-no tambem 200 indios frecheiros, cujos chefes ou principaes eram Mandiocapuba ou Man-

diopuba, Batatam, Caragatim (tobajaras) e Caraquinguira (potiguar).

Da gente do mar, que ia a bordo dos caravellões, fazia parte Otuimiri ou Tuimmirim, de nacionalidade franceza, muito conhecedor da costa e familiarisado com a lingua dos indigenas. Seguiam pouco ou nada amarados para observação dos movimentos dos companheiros de terra.

A Otuimiri chama Diogo de Campos Moreno de grande piloto da costa, *sem o qual Pero Coelho não fizera nada.*

Dizem Berredo e Diogo de Campos que ha tempos já havia Pero Coelho intentado por mar a entrada do Maranhão, accrescentando o ultimo que nessa empreza consumira grosso cabedal mas sem resultado.

Um e outro, e nem podia deixar de ser assim porque Berredo conheceu e manuseou largamente a *Jornada do Maranhão*, elevam o numero dos companheiros de Pero Coelho a mais de 800, *tão cheyos todos de alegres esperanças que nenhum duvidava da felicidade do successo,* e com exaggero ainda maior Claudio d'Abbeville *(Historia da Missão dos Padres Capuchinhos)* a oito ou dez mil.

São sempre as mesmas duvidas sobre o numero dos que se embarcaram em arriscadas emprezas de navegação ou colonisação a contar da de Christovam Colombo a quem Diogo Colombo dá 68 companheiros, Fernando Colombo 90, Gonçalo Fernandez 120, Pedro Martyr mais de 200.

Ayres de Cazal (Corografia Brazilica vol. 2.º p. 219) inventa a existencia de uns presidios na costa do Ceará *dos quaes tirou Pero Coelho alguma gente para executar o projecto que felizmente conseguiu deixando o Indio sujeito á Coroa de Portugal.*

O projecto a que se refere contem-se nas seguintes linhas nas quaes, é forçoso dizer, não ha o que aproveitar em beneficio da verdade: «Não se conta que o terreno do Ceará tivesse outros Donatorios mais que os infelizes Joam de Barros e Luiz do Mello, nem tambem consta da precisa epoca da fundação dos prezidios por

onde começou a colonização que já havia na costa em seiscentos e tres quando o capitão Pedro Coelho de Souza, enviado pelo governador do Estado com oitenta Portuguezes e oitocentos indios em varias caravellas para hir destruir a alliança que o Francez Mr. Bombille havia feito com o celebre Mel Redondo, principal capitão da serra Hybiappaba, donde resultava tamanho damno aos Prezidios.»

Taes presidios Portuguezes na costa, anteriores á vinda de Pero Coelho e aos quaes prejudicava a alliança dos Francezes com o principal Mel Redondo, são fructo apenas da imaginação do auctor.

O que ha de verdadeiro é que ao chegar ao districto do Ceará, o capitão-mór muniu-se de auxiliares, mas esses foram indios domesticados alli moradores.

Até no que diz respeito aos nomes dos que a munificencia regia galardoara com as terras do Ceará não andou acertado o escriptor da *Corographia*.

O actual Ceará está comprehendido nas concessões *João de Barros* e *Aires da Cunha* (150 leguas desde a Bahia da Traição ao Jaguaribe); *Antonio Cardoso de Barros* (40 leguas desde o Jaguaribe ao Mundahú) e *Fernando Alcares de Andrade* (75 leguas desde o Camocim ou Rio da Cruz á Ponta dos Mangues Verdes ou Cabo de todos os Santos, no Maranhão). Todas essas doações occorreram no anno de 1535.

Não sei porque se escreve que tinha o nome de Jaguaribe o territorio actualmente conhecido por Ceará, pois um e outro trecho de terra vejo bem discriminados nos documentos e nos auctores e bem discriminadas as duas denominações desde Pero Coelho.

Lucio de Azevedo á pag. 228 dos *Estudos de historia Paraense* dá a Diogo de Campos a chefia dessa expedição. Que é a ella que se refere e prova-o dizendo que os exploradores não poderam passar alem da serra da Ibiapaba e em sua companhia tinha embarcado na qualidade de pratico um grande piloto de costa, francez, chamado Otuimiri.

O sargento-mor do Estado Campos Moreno occupava alta collocação na capitania de Pernambuco, era o homem de confiança dos governadores já para o estudo dos graves problemas militares, já para commissões aos varios pontos della e ao Reino, não se devendo esquecer que mesmo no anno de 1604 foi despachado para a Hespanha a dar conta dos assaltos de navios hollandezes a alguns portos da colonia e a lembrar e propor meios conducentes a se fazer a conquista do Maranhão. Não foi por certo o chefe da expedição vinda ao Ceará em 1603, uma expedição toda de caracter particular, *sem ordem nem braço de Rey*, quando muito ao tempo della fora visitar as fortalezas que havia até o Rio Grande por *obrigação do cargo*, como elle proprio o diz logo no inicio da *Jornada do Maranhão*.

Uma prova disso tem-ol-a completa: dão-na os trechos seguintes da *Jornada do Maranhão*, á pag. 5:

«Tinha o dito Diogo de Campos hum parente seu, o qual de mui pequeno havia mandado com Pero Coelho de Souza, para que servindo naquella entrada aprendesse a lingoa dos Indios, e seus costumes, dando se com elles, e fazendo-se seu mui familiar, e parente, ou *compadre* como elles dizem. Succedeu isto tanto á medida do desejo, que havendo-se Pero Coelho de Souza retirado em descredito dos Indios, e os Padres da Companhia com pouca dita, só o moço chamado Martim Soares Moreno sustentou o credito, e amizade destas gentes do Jaguaribe.»

Tivesse sido Diogo de Campos o chefe da expedição de 1603 e não diria que *mandara* a ella o seu parente Martim Soares com Pero Coelho de Souza, antes diria que o levara comsigo.

Caminhando por jornadas chegaram Pero Coelho e seus companheiros ao rio Jaguaribe, onde encontraram os barcos de mantimentos e dahi seguiram para o Camossim, tendo tocado no Ceará, Oiteiro dos Cocos, Enseada grande do Ambar e Matta do pau de cores, a que davam o nome de Iburaquatiara.

A 19 de Janeiro de 1604 Pero Coelho proseguiu sua marcha para a serra de Ibiapaba, sustentando lucta com os indios, tendo por principaes Juripariguassu (Diabo Grande) e Irapuan (Mel Redondo), auxiliados por Francezes e mulatos e creoulos da Bahia.

Calcula-se que os Francezes se haviam estabelecido em Ibiapaba em 1594. Outros dizem em 1590. Seu chefe chamava-se Manbille ou Bombille.

Destroçados os indios, tomadas suas tres cercas, prisioneiros dez Francezes dos dezeseis que os auxiliavam, Pero Coelho situou seu arraial junto ao rio Arabé, donde enviou soldados a captivar indios, muitos dos quaes foram aprisionados e entre elles o principal Ubaúna.

Pelo horror ás armas portuguezas e captura de muitos chefes e parentes Mel Redondo e Diabo Grande celebraram pazes com o capitão-mór, do que se lavrou um auto, seguindo todos juntos para o Punaré (Parnahyba).

O Diabo Grande mais tarde foi em occasiões um bom auxiliar dos Portuguezes. Foi o braço direito dos Padres Pinto e Luiz Figueira, que com elle moraram mais de 4 mezes, e quem forneceu a Jeronymo de Albuquerque copia de indios frecheiros para a conquista do Maranhão. Um seu filho foi mesmo a Pernambuco a visitar o governador Gaspar de Souza que o acoroçoou a estabelecer entre os indigenas amisades que foram de proveito.

Berredo, comtudo, faz do Diabo Grande a peior das descripções a proposito mesmo da expedição de Jeronymo de Albuquerque: o menos que diz delle é chamar-lhe fera racional.

Querendo Pero Coelho seguir para o Maranhão, rebentou uma revolta entre os soldados, que pretenderam assassinal-o, pelo que foi forçoso retirar-se ao Ceará, onde ficou Simão Nunes com 15 soldados. Partiu então para Parahyba a buscar a familia.

Nova Luzitania foi chamada a terra de que se apossara e *Nova Lisboa* a povoação, que fundou, e que demorava á margem direita do rio Ceará. O nome *Ceará* procede de outro *Ceará* (merim) no Rio Grande do Norte,

de onde tinham vindo os Potiguares, companheiros de Pero Coelho.

Auctores ha, Ayres de Cazal e Southey, por exemplo, que suppõem sem razão que a Nova Lisboa foi no rio Jaguaribe. Candido Mendes a colloca ora no Ceará ora no Jaguaribe.

Em chegando, Pero Coelho deu conta a Diogo Botelho dos successos da expedição, pediu-lhe ajuda e soccorros para proseguir nella e mandou-lhe de presente muitos gentios e os prisioneiros Francezes.

O governador prometteu auxilial-o.

Em 1605 Pero Coelho voltou em uma caravella com a mulher, D. Thomasia, e os filhos, e veio desembarcar no Ceará, onde havia deixado o capitão Simão Nunes, com os soldados, que ahi estiveram anno e meio em um fortim de taipa a aguardar o soccorro promettido pelo governador. Esse forte teve o nome de S. Thiago.

Não chegando tal soccorro, retiraram-se para o rio Jaguaribe capitão-mór, familia e mais comitiva. A' margem do Jaguaribe ficou construido o forte de S. Lourenço.

Desanimados de todo, Simão Nunes e seus soldados fugiram para o Rio Grande, abandonando o capitão-mór; este tentou então tornar para sua casa da Parahyba com 18 soldados, que lhe ficaram ficis, e um indio de nome Gonçalo.

A travessia da infeliz caravana, de que faziam parte os cinco filhos do capitão-mór, dos quaes o mais velho tinha 18 annos, todos a morrerem de fome e de sêde, sob um céo ardentissimo, é um verdadeiro poema de dores.

Depois de perderem varios companheiros, entre os quaes o filho mais velho do capitão-mór (dous filhos, diz Berredo) chegaram os expedicionarios esqueleticos, loucos de fome, sendo acolhidos pelo vigario do Rio Grande.

E tinham partido tão cheios de alegres esperanças que nenhum duvidava da felicidade do successo!

Do Rio Grande seguiu Pero Coelho para a Parahyba e de lá para Madrid e Lisboa, onde morreu depois de passar longos annos a requerer, inutilmente, a paga de

seus serviços. Varnhagen fal-o succumbir no Rio Grande logo após a expedição.

Diogo de Campos assemelhou-o a Manuel de Souza de Sepulveda, que pereceu desgraçadamente entre os Cafres e cujas dores e soffrimentos cantou o Epico Lusitano em 3 bellas Estancias de seu livro immortal. Perfeita a comparação de Diogo de Campos. Sepulveda e D. Leonor de Sá, Pero Coelho e D. Thomasia. Uns e outros *viram morrer com fome os filhos caros, em tanto amor gerados e nascidos; os crystallinos membros e preclaros, á calma, ao frio, ao ar viram despidos; depois de ter pizada longamente co' os delicados pés a areia ardente.*

Esses horrores que saltearam a desgraçada caravana e o fim desastroso da expedição descreve-os assim Ayres de Cazal: «Na retirada entrou Pero Coelho pelo rio Jaguaribe, unicamente com o intuito de observar e notando grande numero de vantagens, determinou dar alli principio a uma cidade com o seu estabelecimento. E tendo mandado vir da Parahyba a sua familia, continuava na fundação da colonia com o nome de Nova Lisboa; mas pouco tempo depois foi obrigado pelos indigenas a desistir da empreza e retirar-se á sua vivenda da Parahyba.»

Ou esses trechos futeis e erroneos da *Corografia Brazilica* ou os da *Historia* de frei Vicente do Salvador recommendaveis pelo colorido, cheios de sentimento, pujantes de verdade.

Tal foi o resultado miseravel da primeira expedição Portugueza vinda ao Ceará.

Que a sêde do ouro, que se suppunha existir no Maranhão e tanto afogueava a imaginação dos Portuguezes, foi o movel que impelliu Luiz de Mello e João de Barros vê-se bem da maneira como foram organisadas suas expedições. Guiavam-os os mesmos intuitos dos bandeirantes do sul.

Tratava-se mais de explorar as ricas minas que por lá deviam existir do que de conquistar terras e subjugar indigenas, mas a corrente conductora dos que vieram primeiro ao Ceará obedeceu a impulso muito differente, pois

que neste caso teve por fito principal o commercio illicito da carne humana, o captiveiro do infeliz indigena. Dahi a revolta do indio. Dahi o fracasso da expedição.

Varnhagen tenta apadrinhar deante da posteridade a memoria de Pero Coelho. Para isso foi-lhe necessario entregar á execração publica um outro, João Soromenho, como o escravisador e algoz, como o grande responsavel pelos actos de atrocidade e barbaria praticados então não só com os indios inimigos como com os alliados.

Para o illustre Visconde esse João Soromenho,enviado de Pernambuco com mantimentos pelo governador para Pero Coelho, não foi ter ao seu destino antes occupou-se em captivar os pobres indios, e em ir vendel-os alhures.

Pode ter sido tudo assim, pode Varnhagen ter encontrado, e longe de mim suspeital-o de forjador de documentos, a Provisão Regia de 19 de Setembro de 1606 ordenando a prisão e processo de João Soromenho; o que me espanta é o silencio que a respeito de um tal individuo guardam os escriptores, mesmo os contemporaneos.

O Documento mais antigo que existe sobre a historia do Ceará é o que vae adiante publicado e que faz o motivo desta minha modesta contribuição ao Livro do Centenario: A descripção feita pelo Padre Luiz Figueira de sua viagem ao Ceará.

Devo-a, devem-na os Cearenses ao jesuita van Meurs, do Limburgo Hollandez, que do modo o mais captivante m'a enviou por ordem do seu Superior em Roma.

Nesse documento ver-se-á num dialogo entre o Padre Figueira e o Indio Cobra Azul uma referencia ao modo com que Pero Coelho tratava aos naturaos da Ibiapaba.

Nada menos justo que o nome do capitão-mór substituir nas queixas do pobre selvicola o de outrem cujo procedimento fora mais incorrecto e deshumano que o delle.

E' necessario outro testemunho valioso? Dá-o Diogo de Campos:

E esses juizos, que podião ser temerarios, todavia se fomentavão com novas, que cada dia se escrevião destas desordens que chegarão a estado a Pero Coelho de Sousa que desamparado dos seus e quasi mais vendido do que o forão os que elle venden se veio deixando tudo miseravelmente a pé.

Ainda um outro, e mais outro testemunhos?

Frei Vicente do Salvador ao escrever o Capitulo de sua obra que tem o titulo *Da entrada que fez Pero Coelho de Souza da Parahyba com licença do Governador á serra da Boappaba* cita a preferencia que o cunhado de Fructuoso Barbosa dera para suas investidas e explorações á Serra de Boapaba e encarece a circumstancia de *ser ella a mais povoada de Gentio.*

Porque? O auctor da *Historia do Brasil*, o amigo de Manoel Severim, o douto e sisudo chantre como lhe chama Sousa Viterbo na sua magnifica introducção aos Lusiadas, edic. de 1900, não deixaria cahir da penna aquellas palavras sem que algum motivo lhas dictasse ou suggerisse.

Ser a mais povoada de gentio significa que iria a expedição de Pero Coelho enfrentar com maiores difficuldades, mas significa tambem a promessa dos grandes lucros, que adviriam das caçadas humanas; a perspectiva de encontrar obices e difficuldades seria antes um empecilho para que recahisse na Ibiapaba a preferencia, mas a certeza da abundancia do gado humano para as golilhas e os mercados dos barbaros traficantes a explicará egualmente bem.

Eu comprehendo Frei Vicente. Pero Coelho e seu cunhado Fructuoso Barbosa tinham tido graves perdas na Parahyba, a Coroa havia chamado a si a Capitania, era preciso resarcir tudo isso, a serra de Ibiapaba abundava em indios, a captura dos indios era negocio lucrativo, convinha, pois, que fosse aquella serra o territorio ainda virgem do pé portuguez pedido por Pero Coelho ao governador Diogo Botelho.

Uma outra consideração. Frei Vicente do Salvador depois de narrar, e até com minudencias, a primeira expedição á Ibiapaba faz voltar Pero Coelho a Parahyba para buscar a Familia e requisitar mais forças e soccorros afim de proseguir na conquista; *O governador*, diz elle, *lhe prometteu mandar ajuda* e não a mandou por depois ser informado que se captivavão por esta via os Indios injustamente e os trazião e vender e que seria melhor reduzil-os por via de pregação e doutrina dos Padres da Companhia, como depois tratou com o seu Provincial na Bahia. Isso no Cap. 38 livro 4°. No Cap. 43.°, cujo titulo é *Da segunda jornada que fez Pero Coelho de Souza á Serra de Ibiapabba e ruim successo que teve*, pinta os horrores da travessia de Pero Coelho e comitiva até a altura das salinas e diz: *e estando nellas* (salinas) *virão passar os barcos em que hão os Padres da Companhia, que era o soccorro que o Governador lhes mandara, mas não lhe puderão fallar.*

Nada mais claro. Diogo Botelho prometteu mandar auxilios a Pero Coelho; effectivamente esses auxilios foram levados, não em petrechos bellicos nem soldados, que isso seria maior combustivel para o incendio em que se abrasava o Ceará, mas na pessoa dos Padres Jesuitas cujo ministerio era todo de paz e conciliação, e delles tão somente por ser informado o dito Diogo Botelho que se captivavão os indios e os trazião a vender.

Não houve, pois, duas occasiões de soccorros, isto é, duas remessas de soccorros, ou por outra, o promettido soccorro conteve-se no barco em que sahiram de Pernambuco os Padres da Companhia, cujas armas eram o breviario e a palavra. Sobre João Soromenho nenhuma referencia, nenhuma allusão, por leve que seja, se encontra em Frei Vicente.

A frei Vicente segue-se Berredo. Este (§ 104 liv. 2.°) depois de narrar os soffrimentos e trabalhos do infeliz capitão-mór escreve que foram *merecido castigo do seu procedimento no cativeiro a que condemnou tanto gen-*

tilismo sem respeito algum nem ainda ao direito das gentes nos privilegios da hospitalidade.

Mais adiante o mesmo auctor, se referindo á influencia desastrosa que nos negocios do Ceará teve a retirada de Diogo de Menezes para a Bahia, e ao effeito produsido no animo dos ignorantes Tapuyas pelas sinistras praticas de um perverso catholico, accrescenta que esse intrigante não cessava de pregar-lhes que Martim Soares tratava de os *faxer a todos escravos como discipulo de Pedro Coelho nas tyrannias de Jaguaribe.*

Mais adiante ainda, tratando dos expedientes de que lançavão mão os Francezes para extender o ambito de sua propaganda e influencia entre os Indios diz que lhes davão a beber no venenoso copo de sua sujeição o aborrecimento da portugueza, de *que conservavão vivas memorias pelo procedimento do capitão-mór Pero Coelho na serra de Ibiapaba e Jaguaribe.*

E o Padre José de Moraes? Esse tambem troveja em indignações contra a ambição criminosa e fatal do astucioso Pero Coelho.

Como a linguagem dos antigos chronistas differe da de Varnhagen, cujo enthusiasmo vai ao ponto de concitar os leitores *a honrarem a memoria do infeliz capitão-mór, que tanto trabalhou, sendo innocente victima de seus proprios esforços e da maldade alheia?!*

Não tem razão Varnhagen; o indio cearense foi um miseravel espoliado desde o inicio, desde a descuberta da capitaria. Admittindo-se o feito criminoso de Soromenho, devemos ajuntar-lhe na indigna empreitada o capitão-mór Pero Coelho, e um terceiro, o proprio Diogo Botelho, *que reclamava*, diz a «Jornada do Maranhão», *parte das presas, como por cartas e ordens suas hoje parece, discorrendo que como de cativos era gente devida ás primicias de seu governo.*

Alvará Regio de 28 de Setembro de 1612 mandou que se procedesse ao exame das datas de sesmaria concedidas no Rio Grande retirando-se a propriedade aos que não tinham cumprido com as formalidades da lei,

dando-se essas a outras pessoas e redusindo-se á metade, por excessivas, as datas dos Padres da Companhia e de Jeronymo de Albuquerque. Foram encarregados desse serviço o capitão-mór Alexandre de Moura e o Dezembargador Affonso Garcia Tinoco, nomeado presidente de uma Alçada, que havia de ir a aquella capitania.

Outro Alvará, esse de 29 de Agosto de 1613, ordenou que na capitania da Parahyba se procedesse tambem e pelo mesmo modo á repartição de suas terras.

Tardando demasiado a vir o Dezembargador, resolveu o governador Gaspar de Sousa que o substituisse na repartição das terras o ouvidor geral Manoel Pinto da Rocha, mandado á tirar residencia ao ex-capitão-mór Lourenço Peixoto Cirne. Ganhava com isso o erario pois um só individuo faria as duas diligencias, e muito escassos eram então os recursos.

Lançaram-se os necessarios pregões, tanto em Pernambuco como na Parahyba, para que concorressem os candidatos ás terras devolutas, e no Rio Grande para que os que já possuissem terras ratificassem e demonstrassem a validade legal de suas posses.

Ninguem, porem, concorreu a defender as terras que tinha nem a requerer novas. Os proprios jesuitas não se apresentaram e Alexandre de Moura declarou caduca a concessão delles. Todas essas occurrencias vem relatadas em uma sua carta dirigida de Pernambuco a El-Rei a 27 de Junho de 1614.

Na carta Alexandre de Moura noticía tambem que uma das urcas que iam para Moçambique, capitão Francisco de Sousa Pereira, dera a costa acima da Bahia da Traição a 31 de Maio, que a nau da India entrada em Angola a 2 de Maio a cujo bordo vinha o Viso-Rei Rui Lourenço de Tavora peleijara no Cabo da Boa Esperança com duas de Hollanda, e que a nau em que ia D. Luiz da Gama deixara Angola a 28.

Das diligencias que se fizeram lavrou-se um Auto que foi iniciado em data de 21 de Fevereiro. Nesse auto vem descriminadas 185 datas de sesmarias obtidas no Rio

Grande, sendo a 1.ª de 2500 braças de terra ao longo do rio Potigy concedida a João Domingos Colaço e da qual foi depois por compra proprietario o vigario da capitania Gaspar Gonçalves Rocha, e a ultima dada por Gaspar de Souza ao escrivão da fazenda Pero Vaz Pinto.

Depois de relacionadas as datas appareceu uma carta de terra concedida por Manoel Mascarenhas a Francisco Domingues Santiago, natural de Vianna, que fora o piloto-mór da armada em que viera aquelle capitão-mór conquistar o Rio Grande.

Ora, nessa lista de concessões de datas de sesmarias ha duas, sob n.os 17 e 47, que dizem assim:

Ha data dezasete foi dada a João Seremenho por o capitão João Rodrigues Colaço em vinte e tres de Abril de seissentos e hu, he de mil e quinhentas braças ao longuo do mar, quinhentas para ho norte do ryo Perangy para ho norte quinhentas, e do dito ryo pera o sul mil, e para o sertão mil e quinhentas na qual praia ha dous portos de pescarias hu em q' sempre se pescou que he o da banda do sul e ho da banda do norte avera dez annos que o deixou João Seremenho.

Ha data corenta e sete deu João Rodrigues Colaço ha João Seremenho em trinta e hu de Março de seiscentos e tres, são huas quinhentas braças de costa, comessão de outra data do dito João Seremenho para ho sul, e pera o sertão como a outra data no qual porto pescava e comtinoava o dito João Seremenho da outra sua data donde tinha a caza. Não serve de mais q' para a pescaria —

Será por ventura esse João Seremenho o Soromenho de Varnhagen?

Existe um Mappa attribuido a Pero Coelho, o qual vem appenso, como outros, ao livro *Razão do Estado do Brasil* de Diogo de Campos Moreno. O Mappa traz o seguinte titulo: Descripção do verdadeiro descobrimento e nova conquista do Rio de Jaguaribe, Serras de Ariama, muibuapaba e ponaré e cõfins do maranhão q' fez o capitão-mór pero coelho de Souza de Ordem de dioguo

botelho Governador e capitão geral do estado do Brasil des do Anno de 1603 té o de 1608 com todos seus portos, Barras, Serras e Rios cõ suas nacensas.

O Mappa dizendo-se de 1603-1608, basta essa indicação para me fazer pensar que não é da lavra daquelle a quem tem sido attribuido, visto como o que a historia ha apurado sobre a ultima phase da expedição á Ibiapaba e os ultimos annos do infeliz capitão-mór, seu chefe, não é para permittir-lhe a tranquillidade de espirito necessaria á confecção de trabalhos desse genero.

Em 2.º logar, o anno de 1607 já registra a vinda dos jesuitas Pinto e Figueira por ordem de Fernão Cardim ao Ceará; porque, então, aquella data 1608?

Em 3.º logar Pero Coelho, cujo fado miserando o auctor da Jornada do Maranhão comparou ao de Sepulveda na Cafraria, era homem de guerra e tão somente, não lhe ornavam o espirito dotes scientificos, conhecimentos de geographia e cartographia.

Em 4.º logar é reparavel que o Mappa encerre indicações tocantes a territorios pelos quaes não consta que andara a expedição de Pero Coelho.

Penso que o engano de se lhe attribuir a feitura do Mappa estriba-se nas palavras *que fez o capitão-mór.*

No meu entender quem escreveu o titulo do Mappa pretendeu referir-se com aquelles termos não á *Descripção*, mas ao *Descobrimento e nova conquista.*

Que o Mappa é de data anterior á vinda de Martim Soares ao Ceará (1611) isso creio tambem, e quando outras razões não tivesse, bastava o facto de conservar o nome de Sãotiaguo ao fortim Portuguez, á margem do rio Ceará.

Em verdade si o Mappa fosse daquella data (1611) ou posterior, devia nelle figurar o dito forte não mais com o nome de S. Thiago, seu appellido original, mas com o de N. S. do Amparo ou o de S. Sebastião, os padroeiros das construcções do grande amigo do principal Jacauna. Agora mesmo me chegou ás mãos a traducção por Alfredo de Carvalho do mui precioso Diario da Ex-

pedição de Mathias Beck ao Ceará e lá vem citado por vezes o forte de S. Sebastião.

Porque não dar-se a auctoria a outrem, p. ex. ao proprio Diogo de Campos, o auctor da *Razão d'o Estado do Brasil?* Sargento-mór da Capitania de Pernambuco era elle, em expedições diversas tinha entrado, mais ou menos profundo conhecimento possuia das terras do Ceará já por si, já por informações de Pero Coelho e do proprio sobrinho Martim Soares; facil lhe fora confeccionar um mappa para appendice ao seu livro. Eis, penso, uma opinião mais para acceitar do que a que pretende que se occupasse em deixar no papel reproduzidos os traços de sua penosa jornada quem della, se pudesse, arrancaria a lembrança da mente acabrunhada, quem pelos arciaes ardentes e pelas vargens dilatadas do Ceará deixou aos pedaços o coração alanceado.

*
* *

«Acabado este successo (o de Pero Coelho) pareceu ao Collegio dos Padres da Companhia de Jesus, que esta empreza era sua delles, e de sua opinião, e doctrina, como em fim pessoas dedicadas a descer, e amparar os indios. Pelo que havendo-se bem aconselhado na materia pedirão licença para dois Padres, e quarenta Indios irem até a grande serra da Buapava, e della ao Maranhão, ou ao menos ás partes a elle mais visinhas Porque entendião, que os mesmos Indios havião de abalar-se para os receber, e levallos a tomar posse de todos aquelles mundos: porém Deus foi servido de outra cousa.» Assim se exprime Diogo de Campos na sua *Jornada do Maranhão.*

Dentre os muitos candidatos a essa empreza arriscadissima a experiencia dos superiores foi escolher aos Padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, tão animados sempre das generosas influencias dos seus grandes espiritos, na phrase do insuspeito Berredo.

Nasceu o Padre Francisco Pinto em Angra, Ilha Terceira, no anno de 1552, de paes nobres com os quaes

se embarcou menino para o Brasil, e creou-se em Pernambuco até a edade de 17 annos quando transportando-se á Bahia entrou para a Companhia de Jesus a 31 de Outubro de 1568.

Passados os annos do noviciado e estudos, logo que teve a edade precisa recebeu a ordenação e porque gosto excessivo e vocação decidida o convidavam á vida asperrima das Missões, não seguiu o curso ordinario das cadeiras nem foi professo do 4.º voto, antes contentou-se com ser coadjuctor espiritual, e fez a formatura no anno de 1588.

O zelo em que se abrasava pela conversão das almas levou-o primeiro ás aldeias de indios mansos, mas em breve sendo pequeno esse theatro á sua sêde de proselytismo e de amor christão entrou a perlustrar os sertões invios e agrestes, cheios de perigos, ricos de fera.

Cinco vezes a Provincia do Brasil contemplou o apostolo abnegado a fundar aldeias e a convidar nações de indios ao gremio da civilisação. O que foi sua existencia em taes logares, a braços com a morte em todos os instantes e a mal desenvincilhar-se de ciladas e riscos de toda sorte pode-se bem aquilatar; a todos os obices, porem, levavam de vencida sua prudencia e sua mansidão; todas as difficuldades se apoucavam ou se nullificavam diante da sciencia com que sabia conquistar os corações dos indios, cuja lingua aprendera em grau de eximia perfeição e cujas usanças profundamente conhecia.

O que foi o Padre Francisco Pinto em suas relações com os habitantes da floresta dil-o bem a reputação que deixou entre os seus irmãos de habito. Seus actos, modos e expedientes constituiram um como compendio de ensinamentos para os missionarios de seu tempo e os missionarios futuros.

Tenho sob os olhos um velho manuscripto por um membro da Ordem de Jesus, que pretende dar instrucções aos Missionarios do Maranhão sobre o modo que devem observar nas entradas ao sertão. O typo escolhido como exemplar é o veneravel Francisco Pinto. Fora elle o 1.º

a apontar o caminho para a missão do Maranhão, seria elle em tudo e por tudo o modelo para seguir e imitar.

Leamos a chronica do velho jesuita:

Para instrução dos Missr.os do Mar.ão darei hua breve not.a do modo e forma q' se deve observar nestas entradas ao sertão, e q' commum.te obrava o V. P. Fran.co Pinto, q' deve ser o exemplar dos nossos Missr.os pois foi o 1.º que nos mostrou o cam.o p.a a Missão do Mar.ão

Procurava este zelloso Missr.º informarse dos indios da sua Ald.a das Naçoens q' havia por aquelles sertoens, averiguava o seu genio docil ou bravo, o seu modo de vida mais ou menos politico se vivião em comunid.e ou dispersos como feras se tinhão povoação estavel ou erão de corso e vagabundos etc. Informado de tudo ou se preparava logo e punha a cam.o ou (e era o q' julgava mais acertado) praticava e instruia bem alguns Indios mais capazes e parentes ou visinhos daquella Nação para o q' he m.to conv.e procurar sempre conservar nas Ald.as Indios visinhos. A estes dava o P. alguns regalos p.a os Indios como são velorios, facas, machados, fouces e algus vestidos de côr bonita por novi.de e distinção para os Principaes, q' athe nestes Bárbaros nos quaes se não conhece o vicio da cobiça são as dadivas a maior man p.a os attrahir e ainda q' sejão estas cousas de pouco valor, como são m.tos os Indios são grandes os gastos q' nisto se fasem, mas a nenhuns se deve perdoar pellas preciosas joias q' com elles se comprão em tantas almas p.a Deus. Assim preparados remetia o P.e Pinto pr.º estes Embaix.es recomendandolhes não lhes digão logo q' o P.e fas tenção ir visitalos porq' não succeda com o medo fugirem daquelle seu lugar; que não levem armas ou as levem baixas e fação as maes serem.as q' conheção por ellas os Gentios q' vão de pas. Toda a suma da 1.a Instrução ha de ser—q' o P.e fulano, q' he o Missr.º delles Embaxadores, he m.to amigo daquella Nassão, e q' em sinal da

sua amizade lhe manda estes, e aquelles mimos—e nada mais. Daqui se seguem mil preguntas, q' começam logo a fazer os Indios aos Embaxadores: a saber como e donde veyo o P.e a viver com elles, que modo de vida tem, como os trata e q' fim pertende etc. Aqui os Embaxadores, se o fazem bem, são os milhores Missr.os, porq' os persuadem com a ocazião destas repostas a m.tas conveniencias q' tem os Indios q' vivem na Comp.a dos P.es Tem estas Embaxadas hu de tres effeitos: o primr.o, e he rariss.mo se são parentes ou vezinhos os Embaxadores he funesto, respondendo-lhe com as Armas e pertendendo dar a morte aos q' lhe levão a vida. O seg.do mais ordinario he responder como os Athenienses a S. Paulo audiemus te de hoc iterum: e o terceyro muitas vezes uzado he virem logo com os Embaxadores dois ou tres Indios mais capases visitar o P.e e mostrarem todos hua grd.e ancia de o ver nas suas terras. Se os Embaxadores chegão a conhecer q' este desejo he verdadr.o e de coração lhes dificultão a vinda com as muitas ocupaçoens do P.e mas ao mesmo tempo lhe offerecem todos os bons officios para persuadirem ao P.e a vinda as suas terras. Tudo isto e ainda com mayor mindeza consignava o P.e Pinto aos seus embaxadores, e se lograva a fortuna de lhe trazerem alguns Indios da Nassão, q' pertendia conquistar para Christo não é facil dizer os carinhos e afagos com q' os tratava, os mimos q' lhes dava, e o amor com q' se entranhava nos seus coraçoens. Feito isto os remetia as suas terras p.a q' discessem aos seus Parentes o tempo em q' o P.e lá poderia ir vezitalos contandoo pellas luas e he o modo por onde os Indios regulão os tempos.

Preparavase logo o P.e e o principal preparo deve ser velorio, facas, tesouras, agulhas e mais dons deste genero p.a convidar os Indios. Com isto e —com o Altar portatil e hua rede esta feito todo o preparo p.a a jornada, porq' o mantim.to q' de ordinario consiste em farinha de páo bastará q' seja só p.a o pr.o e seg.to dia pois por mais q' leve o Missr.o nunca lhe pode chegar p.a toda a jornada porq' os Indios q' a carregão em bre-

ves dias a acabão asim pela sua n.ª veracid.ª como por se aliviarem da carga. E tambem prqu' os mattos e bosques do Brasil crião multidão de caça e os rios infinidad.ª de peches, q' com varias raizes de arvores, q' suprem o pam bastão p.ª o sustento da natureza humana ainda q' ao principio he n.ª o estranharce. Alguas horas antes da noute fazia alto o P.e com os Indios q' o acompanhavão; huns tornavão a caza ou tejupar em q' havião de dormir, q' são huns páos armados com palmas por sima e tudo offerecem com m.ta facelid.ª aquelles bosques; outros hião a pescar ou caçar conforme a ocazião q' lhe ofe-recia a paragem, he rara a ves que voltam sem o necessr.º p.ª o sustento assim porq' os mattos q.to menos talados da gente mais caça e peche tem como porq' os Indios são mui destros e excedem os Europeos neste exercicio. Asim pasava o P.e as noutes cercado de fogueyras por causa das feras e tigres do matto e as mais della passava em vigia por causa da multidão de mosquitos q' de ordinario ha em todas aquellas paragens. Mas esta molestia se lhe metigava toda com o gosto e consolação de seu espirito, que sentia na oração em q' passava estas noutes pedindo a D.s o bom exito do fim q' o levava com tantas incomod.es Hu dia antes de chegar a Aldea despedia alguns Indios a avizar aquella Nassão de sua chegada para os não apanhar de repente e lhes mandava dizer o dezejo q' tinha de os achar a todos juntos, e q' no dia seguinte teria o gosto de se avistar com elles

Chegado o P.e a Ald.ª hia logo demandar hua casa aberta, q' de ordinario costumão ter os indios no terreiro da Ald.ª p.ª os forasteiros mais proxima a caza do Principal Armavão lhe logo os Indios a sua rede na d.ª casa em q' o P.e se sentava. A poucos passos vinha o Principal e ao entrar da casa saudava o P.e com estas unicas palavras; q' são as suas ordinarias saudações *erejur oûn* q' querem dizer *já vieste?* e responde o P.e com estas com o mesmo laconismo *ajuroan, já vim*, e asentase o Principal a este seguem os mais Indios principaes, e

depois destes toda a Ald.ª fasendo todos a mesma pregunta, e respondendolhe o P.e com a mesma reposta sem mais palavra algua de p.te a p.te Seguemse logo as Mulheres e a primeyra é a mulher do Principal q' todas sem dizer palavra vem ter com o P.e e cada hua lhe tras e poem junto delle sua cuya ou tijela do manjar de q' uzão. Outras trazem suas bebidas, q' os Indios fazem de varias raizes e da meſma farinha de páo. Posto tudo na casa, q' fica quase cheia delle o P.e o prato da mulher do Principal e come, ainda q' lhe custe algu bocado, e o mesmo deve fazer dos mais pratos e bebidas ou mostrar q' o faz ainda que lhe custe por evitar o recentim.to da mulher q' o trouxe, e de seu marido.

Acabada esta seremonia pasada toda em silencio retirão os Indios da sua cometiva os pratos, e o P.e se senta na sua rede, então se levanta o Principal e fala ao P.e dandolhe as boas vindas com mayor extenção. Por ordinario lhe dis—q' havia dias antes visto hu pasaro de grd.e novid.e, ou q' tinha sonhado q' vinha hua grd.e chuva q' fertelizava as suas siaras etc e q' agora conhecia q' aquilo erão avizos da vinda do P.e as suas terras etc. Continua depois a sua fala, q' de ordinario aprendem p.a receber os forasteyros, e consta comum.te ou das guerras e lastimas, q' tem sucid.o a a sua Nassão em tom lamentavel e triste, ou das victorias, que tem alcansado e mortes q' tem feito a seus inimigos com tom Barbaro e furioso. Concluida a fala q' de ordinario acaba com aplauso dos circumstantes *Supirupi supirupi* q' quer dizer he verd.e he verd.e A esta fala respondia o P.e Pinto por sy se sabia a lingoa ou por interprete q' levava com outra fala semelhante com a qual os persuadia do grande amor q' lhes tinha e que este o obrigara a emprender aquella viagem com tanto trabalho, e aqui lhes hia contando tudo o q' na viagem lhe sucedera, e concluia a sua reposta q' o fim de todos estes trabalhos não era outro q' buscar a sua amisade e o seu bem, e defendelos de sous inimigos mostrandolhe grd.e sentim.to dos males q' lhe tinhão contado

etc. Acabada a fala logo o P.e começava a repartir os mimos q' lhe levava principiando pello Principal e sua mulher ou mulheres, e depois pellos mais sendo mais avantajados os mimos comforme a graduação das pessoas, mas de sorte q' não ficava nenhu sem algua prenda do P.e E nada lhe falava por hora em materia de irem com elles, nem da sua salvação ainda q' era o fim q' lá o levava. Tudo isto deichava ao principio p.a q' os Indios seus comp.os lhes afeiçoacem primeyro as vontades; porq' acabada esta função serretiravão todos, e o Padre se ficava rezando e encomendando a Deus. Logo os Indios da Ald.a procuravão informarse dos q' acompanhavão ao Padre do seu modo de vida, do modo com q' os tratava, q' fazião na Ald.a etc., e ao que tinhão ocazião os Indios de lhes dizer todos os bens, q' tinhão na comp.a do Padre, p.a o q' este os tinha bem instruido. Tudo cauzava grande novidade naquelles gentios; o que lhe fazia mayor admiração era o dizerem lhe a jorrada grande, q' o Padre tinha, feito das suas terras deychando seus Pays e Parentes só por vir viver entre elles: a esta admiração se seguia outra mayor de q' o Padre não tinha mulheres comsigo nem queria uzar dellas e esta era a primeyra cousa q' o Padre dezia aos Indios que lhes dicessem por terem o custume barbaro de offerecerem mulher ao hospede q' os vizita, em ordem a não lhe fazerem tal offerecim.to

Acabava o Padre Pinto a sua reza, e com hus seus Indios se hia pella Ald.a visitar a todos; procurava saber dos enfermos q' havia e logo os vizitava e se os achava moribundos repetia as vizitas, e de ordinario lograva o baptizalos, e nenhua entrada fes ao sertão q' não tivece a justa consolação de muitos Baptismos de innocentes, e adultos moribundos. Como hia de casa em casa concorrião logo todos os mininos a acompanhar o Padre, q' os atrahia a sy com velorios e anzoes a q' todos correspondião com grande gosto estimando a dadiva e o Padre que lha dava. P.a mais os trazer a sy os abraçava e lhe fazia mil meiguices atho se fazer como S. Paulo menino com elles. Tomava nos seus braços os pequeninos...

E vae assim proseguindo o manuscripto sobre as traças e santas praticas a que se soccorria o piedoso catechista.

Como conhecia esse missionario os segredos do coração humano, adaptava sua intelligencia culta ás noções rudimentares da vida selvagem, e depunha aos boccados e com meticuloso interesse na mente apoucada do selvicola a semente da moral christã e dos ensinamentos sadios!

E, todavia, homens ha que em nome da sciencia procuram pôr entraves, amesquinhar e dar como nulla a acção do missionario entre os factores da civilisação dos povos barbaros e selvagens, acção muita vez empecida pelos governos, pela politica e pelos mandões locaes e por isso mesmo manietada, paralysada nos seus meios e deturpada nas suas consequencias.

Pobre anthropologia, pobre historia por tras das quaes se alaparda o odio sectario.

Mas esses que, no recesso do gabinete, accumulam argumentos sobre argumentos, illações sobre illações, para demonstrar a inutilidade das missões religiosas, esses que nas praças publicas irritam as paixões populares e, mentindo á verdade dos factos, plantam nos espiritos a desconfiança contra os que trocam patria, familia e confortos pelas fadigas, as luctas e a morte nas regiões mais inhospitas do globo, não se sentirão por certo de animo disposto, e muito menos procurarão de motu proprio e por seguir intuitos philantropicos, a escrever não direi uma pagina mas uma linha sequer desse livro de abnegações e sacrificios escripto pelos Pintos, Figueiras, Vieiras, Nobregas e Anchietas.

E'-lhes commodo fallar das cathedras das academias e das columnas dos jornaes sobre a inanidade dos alheios serviços á civilisação e ao progresso, mas lhes repugna e fal-os estremecer de medo o nome do Aymoré façanhudo e do Tacariju implacavel; é-lhes commodo pregar contra a orientação bemfazeja da Egreja, mas para esses o deserto não tem attractivos, os rios caudalosos e os montes

escarpados dão vertigens e desfallecimentos, nada, em uma palavra, os convida ás fogueiras, ás flechas e aos tacapes que ameaçam a cada passo o frade que chamam de ignorante e inutil.

De taes actos heroicos não se sente capaz a fibra dos declamadores ingratos.

Vinha de longe a sciencia de Francisco Pinto em cousas da catechese. Fora elle, então simples irmão, companheiro do Padre Luiz da Gran na conversão das gentes do Rio Real, em busca das quaes ia a pé e muitas vezes descalço e quando se lhe offerecia uma cavalgadura recusava-a dizendo que ia em peregrinação a Santo Ignacio; fora elle Superior da Aldeia do Espirito Santo ao mesmo tempo que o era da de Santo Antonio, ambas na Bahia, um outro sacerdote de nomeada, o Padre Pedro Leitão; fora elle já por duas vezes missionario dos indios do Jaguaribe prestando relevantes serviços a Deus e á Coroa de Portugal, sendo que numa dellas completou o ajuste de pazes que aos moradores dali haviam proposto em 1597 Manoel Mascarenhas Homem e os Padres Diogo Nunes e Gaspar de S. Peres e os fez jurarem que haviam de permittir a livre assistencia dos Portuguezes e a livre creação dos gados de sua propriedade.

Data desse tempo o nome de *Amanayara* ou *Amânijara*, senhor da chuva, com que entre os indios ficou sendo conhecido. A alcunha, segundo a tradição, teve a seguinte origem:

«Nesta occasião, escreve um dos seus biographos, succedeu haver naquella costa e sertão hua seca extraordinaria, e recorrendo os Indios ao Padre Pinto lhe pedirão que lhe alcançasse de D.ª chuva p.ª as suas sementeiras, que se perdião. Ficou o Padre perplexo com esta petição; a sua humildade, e pouco conceito, que fasia da sua virtude o retrahião desta suplica reconhecendose por indigno deste favor do Ceo. Por outra parte via que este milagre arreigaria mais na fee aquellas terras plantas, e temia q' a falta delle as murchasse. Nesta perplexidade recorreu a D.ª propondolhe a sua confusão

e aquella necessidade pedindolhe quizece confirmar com a agoa de q' necessitavão, erregar com ella aquella tão fecunda e dilatada siára, q' prometia tantos frutos. Couza maravilhosa! acabou o Padre Pinto a sua suplica, e ao mesmo instante se desfizerão as nuvens em agoa. E vendo este milagre os indios ficarão admirados do poder do Padre ao qual não nomiavão, nem nomiarão dahi por diante por outro nome que o de *Amanijara*, que quer dizer *Senhor das chuvas.*»

Facto identico de cahirem chuvas após as orações e supplicas de Francisco Pinto tornou-se tradicional entre os Indios da Bahia, dos quaes era morubixaba Gregorio Dias.

A' sua ida com Luis da Gram ao Morial (Rio Real) se referem os seguintes trechos de um inedito, que devo ás pesquizas de meu distincto e bom amigo o Professor Capistrano de Abreu :

«Viendo como nuestro Sr. punia los ojos en la gente del Morial (Rio Real) parecejo necessario prover de mas obreros y por el padre Luis da Gram tener mucha experiencia en la cõversion destos Indios y ser de todos mui conocido y amado pareceo servicio de Dios ponerle nas manos esta empreza la qual el acepto con gran charidade y deseos de padecer muchos trabajos por amor de Dios, y assim fue por este camiño obra de 40 ó sincoenta legoas levando por companero el hermano Francisco Pinto, lengoa, y con ser ja el padre vejo de mas de sincoenta años sempre fue a pé y muchas veces descalço por los caminos. No suffria otra cosa, y aum q' un hombre honrado, que yva en su compañia le offerecia a su cavalgadura de mui buena voluntad nunqua la quizo aceptar. Escusava dizendo que yva en perigrinaçõn a S. Ignacio. Mas dava le Dios tanto esforço en el camino que parecia en el passar dellos trabajos mancebo de viente annos.

Sabiendo los indios de la aldea de Santo Thomas q' iva el Padre a visitallos sallio mucha gente a el camino a recebillo llevãdo algu refresco conforme a su

pobresa para los q' ivam en su compañia teniã la *calle* por donde havia de passar enrramada y con algunos arcos. e la alegria que tuvo el padre Gaspar Lourencio y su compañero fue muy grande porq' veyan ya con sus ojos lo q' deseavã.»

Nasceu o Padre Luiz Figueira no Campo de Ourique na villa de Almodavar, Arcebispado de Evora em 1574, si bem que Innocencio da Silva o dê como nascido em 1574 conforme uns, ou em 1575 segundo outros. Foi seu conterraneo Fernão Guerreiro, auctor de varias Relações dos feitos da Companhia de Jesus em India, Portugal e suas conquistas, sendo que uma dellas, a que se refere aos primeiros missionarios do Ceará, tive o prazer de trasladar para as paginas da Revista do Instituto (1902) com algumas notas de minha lavra.

Entrou como noviço no Collegio de Evora a 22 de Janeiro de 1592 frustando assim fundadas esperanças que promettiam seu grande talento e o notavel aproveitamento, que sempre o distinguiram entre seus companheiros de aulas, talento e aptidões que reservava, attrahido do Alto, para uma vida de natureza e ordem mui diversas.

Era fornecido de muitas graças do Ceu, dons naturaes, raros talentos e grandes letras, diz João Felippe Bettendorff na sua *Chronica da Missão da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão.*

A *Chronica* de Betendorff está ainda inedita. O Instituto Historico e Geographico Brasileiro possue uma copia de boa lettra feita, parece, sob a direcção de João Francisco Lisboa a julgar por certas emendas de lettra semelhante a delle. Mello Moraes emprehendeu publical-a, mas não realisou tal intento por não considerar intelligivel o texto, segundo se me mandou dizer do Rio de Janeiro e se vê tambem de uma nota na sua *Corographia.*

Della, como das obras de outros historiadores, darei em appendice alguns trechos, mais ou menos extensos, no intuito de ajuntar informes sobre os primeiros paes na fé, que teve o indio cearense.

No anno de 1662 partiu Figueira já sacerdote para o Brasil e aqui exercitou-se nas fadigas do apostolado como discipulo aproveitado do veneravel Francisco Pinto em quem descubrira o mesmo intenso amor pela conversão e reducção dos gentios de que elle proprio se abrasava, como o provou á saciedade nas entradas pelos sertões da Bahia e Pernambuco. Um e outro sentiam em si frenesis de renuncia e só cuidavam dos soffrimentos e necessidades alheias. O discipulo fazia honra ao mestre querido. Fé e Patria, isto é, a conquista do indio para o gremio da Egreja e para a alliança Portugueza eis sua divisa, seu empenho capital e unico. Tinham elles os olhos erguidos bastante para o ceu para que não os tentassem os mesquinhos interesses e as paixões tumultuosas e desordenadas da terra.

Que differença vae dos simples, chãos e abnegados soldados da Cruz para os que apparelhados de machinas aperfeiçoadas de combate, bolsos recheiados de dinheiro, fazem a guerra moderna pelos sertões africanos e pelos steppes do mundo asiatico!

Aquelles, heroes ignorados, obedecem a alevantados ideiaes e morrem ao peso das fadigas e sacrificios, e mal se guarda delles a memoria quando não a amaldiçoam por que os envolve o burel; estes sobem ás posições principescas, ao fastigio do poder, merecem estatuas e tropheus e a musa official e as trombetas da imprensa lhes cantam as façanhas e aventuras e os eternisam na fama e nos louvores publicos.

De tal tempera e com taes preparos eram os dous homens que tomaram aos hombros a missão gloriosa de pregar a civilisação e de dilatar a fé christã entre os selvagens do Ceará e do Maranhão.

A empreza era a mais temeraria. Estava bem fresca a memoria dos actos de Pero Coelho e de seus asseclas a fechar o caminho a qualquer tentativa. O mau effeito das ardis e das atrocidades commettidas perdurava e perduraria ainda longamente. A quebra da palavra dada, os estratagemas e as ciladas, o captiveiro, os grilhões se-

mearíam em sua passagem a desconfiança, e gerariam tremendas represalias, porque, como acertadamente pondera João Lisboa no Jornal de Timon, o procedimento cruel de Pero Coelho não teve só o mau resultado immediato, antes penetrando-se a lembrança delle na memoria dos indios, por longo tempo os trouxe alienados e esquivos e foi grande e duradouro obstaculo ás expedições posteriores.

De tudo sabiam elles, mas foi, é, e será sempre o sublime ideial do sacerdote catholico não recuar diante dos trabalhos si delles resultar a conquista das almas, si com elles fructificarem as doutrinas da Egreja, de que são os ministros e representantes.

Partiram de Pernambuco os Padres Francisco Pinto e Luiz Figueira a 20 da Janeiro de 1607 por ordem do Provincial Fernão Cardim, e não Simão Pinheiro como diz José de Moraes, e com o concurso do governador Diogo Botelho, com razão interessado em empreza de tamanho alcance; conduziu-os um barco, que ia a carregar no Jaguaribe e accompanharam-os cerca de 60 indios, tupinambás, potiguares e tobajares, sob o commando de Belchior da Rosa, que mezes depois morria hectico na Serra da Ibiapaba.

Eram muitos delles do numero dos captivos da expedição de Pero Coelho aos quaes haviam Ordens Regias restituido ás aldeias mandando-os repatriar. *Pera que a ida delles fosse sem sospeita de engano pareceo ben ao padre pr.al q' não levassé cõsigo Portugueses.*

E' inexplicavel que Berredo (§ 105, liv. 2.º) e João Lisboa (p. 73 vol. 2.º) registrem a expedição dos dois jesuitas no anno de 1605; por outro lado, com mais censuravel incuria, José de Moraes a colloca no governo de Gaspar de Souza, que teve inicio em 1613.

A data da partida foi a 20 do Janeiro, como disse; não podia ser a 5 como a outros se afigura, pois que a 1 de Fevereiro estavam no Jaguaribe e de um ponto a outro não levaria a viagem, de barco veleiro e sempre com vento em popa, tão crescido numero de dias.

Basta confrontar com essa algumas viagens daquelles tempos e ver-se-á si ando acertado. O caravellão de Sousa d'Eça, que Gaspar de Sousa mandou a soccorrer o Forte de N. S. do Amparo, deixou Pernambuco a 28 de Maio de 1614 e chegou a Jericoacoara a 9 de Junho; a armada de Diogo de Campos sahiu de Pernambuco a 23 de Agosto de 1614, a 24 fundeava na Bahia da Traição, a 26 estava no Rio Grande, donde sahiu a 5 de Setembro depois de reparado um ligeiro contratempo succedido ao navio capitania e a 7 de Setembro aportava a Mocuripe. E eram navios armados em guerra.

Chegados os Padres ao Jaguaribe, o Taparyba de Bettendorff, o Giagariva de Patrignani, alguns indios que eram dahi naturaes por sua ordem entraram pelos mattos a descubrir os parentes e conhecidos, conseguindo que muitos delles, já menos receiosos de Portuguezes e dos tapuyas que andavam em mortiferas correrias, se puzessem em relações amistosas e viessem engrossar a comitiva, que se partiu do Jaguaribe dia de N. S. das Candeias, 2 de Fevereiro.

Seu modo de andar não era em tipoias ou redes nos hombros dos indios, como aprouve dizer a alguns dos nossos escriptores, Varnhagen e Catunda por exemplo, mas a pé, á maneira de peregrinos, firmados em bordões, breviario sob o braço e cabaz de agua ás costas. Junto seguiam os indios carregando o altar, vinho, cêra e um pouco de farinha.

Depois de andarem todo o mez de Fevereiro, chegaram a 2 de Março ao Pará, sendo recebidos festivamente pelos indios, uns 60, estacionados naquella paragem sob a chefia de Acajui, e entre elles se demoraram cinco dias.

Segundo ver-se-á da descripção de Figueira, foi o Pará a primeira aldeia propriamente dita a que chegaram os missionarios. Não é sem motivo que me detenho nesse reparo. Todos os escriptores, consoante a versão deixada por José de Moraes, dão como sua primeira parada o logar Ceará *que tinha desamparado Martim Soares*, onde

os recebeu e agasalhou Algodão (Amanay), principal da nação Potyguar, o qual captivo dos seus modos e convencido por seus discursos convocou aos demais indios e sob a direcção zelosa dos P.es fundou uma aldeia, seguindo-se a essa outras mais que tiveram nomes de Parangaba, Paupina e Caucaia.

E' muito minuciosa a narrativa que deixou Figueira de sua peregrinação em demanda da Ibiapaba, e pois, incomprehensivel é essa omissão de seu encontro com Amanay, maxime quando não se cansa de nomear os chefes indigenas com os quaes esteve em contacto.

Penso hoje que José de Moraes procurando descrever a viagem emprehendida desde Pernambuco quiz aos muitos louros dos dois apostolicos varões accrescentar ainda o de haverem visitado e missionado no logar Ceará na ida para a Ibiapaba.

E tanto em mim cresce esse modo de pensar quando vejo que Figueira, já orphão de seu veneravel companheiro, silencia sobre o chefe Algodão e se occupa do Lagartixa espalmada ao descrever sua visita á aldea do Ceará, e os veixames e contratempos por que ahi passou e dos quaes quiz eximil-o a Providencia, que o destinava a outros martyrios bem longe daqui e em epocha muito mais remota.

Deixaram o Jaguaribe a 2 de Fevereiro e chegaram a 2 de Março ao Pará *depois de terem caminhado todo mez de Fevereiro*. Mais um argumento, e esse decisivo, contra o P.e José de Moraes, isto é, contra a parada dos Padres no Ceará. E José de Moraes lhes attribue trabalhos e serviços taes na aldeia do Algodão que não um mez mas dois e tres mal lhes bastariam para leval-os a cabo.

E' certo que Algodão communicou com Francisco Pinto e Luiz Figueira, mas nunca no Ceará, sim na Ibiapaba mesmo, para onde se transportou afim de os conhecer e os ouvir sobre as pazes e as garantias de liberdade concedidas aos Indios pela Coroa.

No trajecto para a Ibiapaba passou elle pela casa do chefe Cobra Azul cujo filho o accompanhou, e ambos de volta se retiraram gratos e admirados dos Padres a quem prometteram em nome de suas nações que não mais fariam guerra aos da serra e iriam se congregar para estabelecer-se junto a costa perto do já citado Pará.

O Pará é o Parnamirim ou Parasinho.

A historia é assim mesmo que se faz e que se apura. Longos annos são narrados os factos desta ou daquella forma até que do pó dos archivos se desentranha um documento, que, merecedor de fé e bem interpretado, dá aos individuos e aos seus actos feição differente daquella com que até então haviam sido encarados e julgados.

Pouco depois de deixar a enseada do Pará, os Padres affastaram-se da costa. Com o inverno fazia-se-lhes impossivel atravessar os muitos e grandes rios, que buscavam o oceano. Em compensação o caminho era mais difficil e penoso, por entre mattas e brenhas, indios na frente a abrirem passagem com as mãos e até com o machado, lama e agoa a dar-lhes aos joelhos, e mil vezes mais difficil e penoso ao atravessarem a Serra chamada dos Corvos, onde gastaram 13 dias sem saber quando era dia ou noite, galgando e descendo montes, saltando de pedra em pedra, investidos por cobras, aranhas, carrapatos, mosquitos, moscas, todas as pragas do mundo, alimentando-se de ratos, quando os havia, de maniçoba e mandioca brava, lagartos e lagartixas.

Eil-os, afinal, a subir a Ibiapaba, tão cubiçada de seu zelo apostolico, depois de ter passado os dias da 5.ª e 6.ª feira da Semana Santa a caminhar por mattos e charcos e atravessado em jangada Sabbado de Alleluia o grande rio Aracategi debaixo de chuva torrencial, relampagos e trovões. Não era mais aquella região de ha 3 annos, povoada de setenta aldeias. As guerras de Pero Coelho, a fuga para o Maranhão onde os esperavam os tapuyas combinados com os Francezes e as doenças contagiosas, haviam redusido as florescentes tabas de outr'ora a 2 aldeiotas apenas, uma, e foi á que primeiro chegaram, que contava vinte casaes,

e a outra com uns sessenta, quando muito, sob a chefia do principal Juripariguassu.

A esse chefe ou morubixaba chama o P.e Vieira Taguaibunuçu na *Relação da Missão da Serra da Ibiapaba*. Um e outro nome significam diabo grande.

De Francezes por ahi nem vestigio. Os que havia se tinham retirado ao Maranhão, o que todavia não inhibiu Varnhagen de os ver e de descobrir até que andavam sob a capa de amigos a intrigar e a malquistar os padres.

Reminiscencias, talvez, das leituras feitas em Claudio d'Abbeville, a quem qualifica de escriptor veridico.

Forro-me ao trabalho de dizer dos costumes e usanças dos moradores da Ibiapaba porque o fará melhor o P.e Figueira.

«Postos nos ali (na primeira aldeia), assim se exprime o P.e Luiz Figueira na sua *Relação*, em tanta fome quanta dantes ja traziamos e estavamos como tisicos de magros q' não tinhamos mais q' a pelle sobre os ossos, era nec.e hirmos fazer assento aonde tivessemos com que nos refazer; Mandamos recado a outra aldea pera sabermos se nos querião lá e q' viessem algus a falar cõ nosco, e tãbem nos queriamos emformar dos que tinhão vindo do maranhão q' la estavão principalmente acerqua dos frãcezes que tinhamos p.r novas que estavão lá de assento com duas fortalezas feitas em duas ilhas na boca do rio do maranhão.»

Em resposta mandou-lhes o Diabo Grande uma embaixada a cuja frente vinha um irmão seu, de nome Diabo Ligeiro. Era a embaixada de paz e de convite para que fossem visital-o. Para lá seguiram os P.es acompanhados da gente da primeira aldeia, com quem tinham convivido meio mez, e depois de um trajecto de 11 dias chegaram ao termo da viagem dous dias antes da festa do Espirito Santo.

«E p.r q' p.a irmos da prim.ra aldea a sua (do Diabo Grande) aviamos de descer a serra e tornala a sobir p.r escu-

sarmos hu grãde rodeo, cousa q' não só nos era penosa mas quasi impossivel p.r nossa fraqueza e fome, quãdo chegamos ao pé da ladr.a q' aviamos de subir cousa de cinquo legoas antes de chegarmos pollo trabalho daquelle dia p.r ser o caminho asperrimo e cõprido nos deitamos sobre huas pedras ao longo de hua Agoa sem podermos dar passada p.r diante cõ fraquesa nem podermos chegar ao lugar aonde aviamos de dormir senão quãdo chegão dous mãcebos com hua pouca de farinha de milho em hu coffo que p.a nos forão como o pfeta abacüc quãdo guiado do Anjo levou o comer a daniel emfim comemos daquella farinha e bebemos daquella agoa. e assi podemos chegar aos tujupares aonde ja os nossos estavão e tinhão tambem chegado 15 ou 18 q' o diabo grande tinha mãdado em comp.a de outro irmão seu mais moço com refresco de farinha peixe milho e abobaras e cõ preceito que nos levassem em redes não só ao sobir da ladr.a mas todas aquellas cinquo legoas, o que elles fizerão cõ tanta diligencia e caridade quãta se não pode encarecer (aquellas cinquo legoas andamos em pés alheios em todo este caminho); estando nos finalm.te ja hua so legoa da aldea aposentados chegou a molher do diabo ligeiro que nos fora a buscar cõ alguns indios que nos levarão outro presente do principal de feijões, peixe e hua duzia de aboboras.

Ao dia seg.te nos veio o mesmo principal receber ao meyo do caminho mea legoa da aldea cõ todos os principais e alguas molheres cõ seus presentes, e elles todos cõ suas bozinas, gaitas e cascaveis, que são seus instrumentos musicos com tanta festa e alegria que eu fiquei pasmado, e o padre com ser antigo sertanista me disse que nunca vira entre gentios cousa semelhãte; emfim dali nos trouxerão a correr sempre revesandose todos a trazer as redes em q' vinhamos como si ganhassen perdões; erão tãtos os gritos e festas que parecião doudos.»

Muito de industria transcrevi esses trechos da narração de Luiz Figueira para de uma feita destruir a lenda, que a alguns historiadores aprouve espalhar de

que os Padres vieram de Pernambuco commodamente levados em redes ou tipoias.

Na aldeia do Diabo Grande tiveram noticia vaga sobre os Francezes que assistiam no Maranhão, e pessimas informações dos tapuyas, que viviam em todo o percurso que vae da Ibiapaba ao Maranhão, tapuyas entre os quaes a passagem só se poderia alcançar ou pelas armas ou á força de dadivas e peitas.

Armas não tinham Pinto e Figueira; restava-lhes o recurso de implorar pazes e movel-os á custa de presentes. A isso sahiram emissarios para as duas aldeias mais proximas e para os chefes Cobra Azul, visinho ao mar, e Milho Verde, um e outro inimigos dos brancos e da gente da Ibiapaba.

Entrementes deu-se a visita do Algodão e do filho do Cobra Azul com os bons resultados, que atraz referi.

Já estavam os Padres demorados em demasia na aldeia do Diabo Grande e era preciso partir. Não era aquella região sua pousada definitiva. Mais de 4 mezes se tinham escoado em preparativos e em esforços para commetter pazes com as tribus pelas quaes tinham de atravessar, e não havia esperanças de que se mostras em amigas e condescendentes.

Do animo hostil dos tapuyas era prova não apparecerem nem responderem ás embaixadas. Velhos odios traziam elles com os tobajares da serra e sabiam da boa acolhida que ahi estavam tendo os Padres, o que a estes era de grave prejuizo.

Emfim a 17 de Outubro ei-los a caminho. A 12 legoas da aldeia do Diabo Grande estacaram por condescender com a vontade de muitos indios chegados do Maranhão, dos quaes era morubixaba Mandiaré, e que queriam descansar e desfazer umas roças de milho. D'ahi a 15 ou 20 legoas estavam os dominios dos cararijus ou tocarijus, indios de má fama, aos quaes já por 2 vezes tinham sido mandados recados e presentes mas sem resultado.

Ainda uma tentativa foi experimentada e partiu para elles terceiro recado Os tocarijus receberam os presentes, mataram os emissarios, queimando-os ainda vivos, como é de seu barbaro costume, excepto um rapaz, que pouparam para lhes servir de guia do caminho até as pousadas dos padres.

A demora dos emissarios, a desconfiança de seu assassinio traziam a todos em sobresalto. Logo as suspeitas se transformaram em crudelissima certeza ao ouvirem de um escravo fugitivo que se combinavam por propostas dos Tocarijus todas as tabas dos tapuyas o que em breve tempo accommettiriam os christãos.

A ideia de seguirem para o Maranhão foi então de todo abandonada e trataram de se encaminhar para a costa afim de poupar a tantas victimas destinadas ao sacrificio, e da extrema resolução tomada mandaram avisos ao Provincial e ao Governador.

Era tarde. Mal sahia o indio com as cartas em direcção ao mar e os selvagens a irromperem e a accommetterem de todos os lados. Era pela manhã do dia 11 de Janeiro de 1608.

O P.e Pinto, todo brandura e caridade, sahiu a contel-os e a apaziguar-lhes a sanha. E os indios christãos a implorar-lhes que poupassem o Padre que era um santo. Nada detinha o impeto dos barbaros. Choviam as flechas. Na lucta cahiram prostrados dois dos defensores do P.e e este logo após com o craneo despedaçado por golpes redobrados. Um tomou-o por um braço, outro pelo outro braço e, assim em forma de cruz, terceiro lhe esmigalhou a cabeça. Tal era a furia carniceira que se lhe quebraram as maxillas e os olhos saltaram-lhe das orbitas. Grandes ladrões que eram, despiram-lhe a roupeta e conduziram-na comsigo.

Como coincidencia deixo consignado que tres mezes antes um cometa de larga cauda apparecera sobre a Ibiapaba durando por dias, phenomeno que atemorisou os indios, os quaes na sua ignorancia diziam que o ceu se queimava e ia cahir sobre elles.

O P.e Figueira deveu a vida á circumstancia de se achar um pouco affastado e ao aviso que lhe transmittiu um menino da comitiva gritando: Padre, foge que te querem matar. O que elle executou presto.

Saciada a sede de sangue, retiraram-se os Tocarijus entre alaridos e gritos descompassados depois de haver roubado todos os trastes, o altar portatil, os ornamentos, ferramentas e tudo o mais que ficou ao alcance de sua torpe cobiça. Arrebataram tambem dois meninos e duas mocinhas.

Alguns daquelles objectos, como rede, a casula, a estola, o frontal e os breviarios, elles deixaram no caminho por amedrontados com os dizeres de uma das moças captivas.

Livre dos inimigos e acompanhado de alguns dos seus indios, que todos espavoridos se tinham embrenhado pelas selvas, correu o P.e Figueira ao logar do sacrificio e entre lagrimas limpou o cadaver do seu caro mestre e companheiro todo coberto de sangue e terra, e mettendo-o numa rede, transportou-o para o sopé da serra e sepultou-o dentro do matto no logar Ubajara, collocando de cada lado da sepultura um dos Indios, que haviam succumbido.

Um desses heroicos defensores do P.e chamava-se Antonio Caraibpocu; do nome do outro, infelizmente, não reza a tradição.

Aliás o P.e R. Galanti na sua Hist. do Brasil, que é optima e, pois, muito para se consultar, e o Desembargador Paulino Nogueira no seu interessantissimo estudo sob a epigraphe *O Padre Francisco Pinto ou a Primeira Catecheze de Indios no Ceará*, 1887, dão como mortos 5 indios, dos quaes um se chamava Pedro e era potiguar, outro Antonio, tupinambá, e o terceiro, tobajar, tinha o appellido de Iguassu-mirim. O P.e Luiz Figueira, porem, só se refere a dois e teve sua razão para fazel-o como testemunha, triste testemunha, do crime nefando. Sua versão, por conseguinte, é a que se deve acceitar, sem que duvida faça.

Como o cedro desarraigado pelo tufão, assim cahiu o grande missionario aos golpes daquelles mesmos a quem fora levar o evangelho da boa nova e dar a beber na taça da regeneração physica e moral. Tinha 56 annos de edade e 39 de Companhia, quasi todos empregador na conversão dos pobres Brazis, que foram sua constante preoccupação.

Elesban de Guilhermy (Menologe de la Compagnie de Jesus) o dá como filiado á Companhia aos 15 annos e trucidado aos 55.

Foram as ultimas palavras do athleta de Christo: Veni, Domine, veni, veni. Vinde, Senhor, vinde, vinde. Phrase bemdita. Palavras a quadrar perfeitamente nos labios daquelle para quem a palma do martyrio era um goso, a dita por excellencia.

Realisara-se uma profecia do grande Anchieta a respeito de Francisco Pinto.

Certo dia, no anno de 1582, estava elle na enfermaria do Collegio da Bahia, prostrado por enfermidade reputada mortal, quando o veneravel Anchieta, indo fazer-lhe as despedidas por ter de partir para Pernambuco, annunciou-lhe que grandes e penosos trabalhos ainda lhe restavam nesta vida, tomasse as roupas, erguesse-se do leito, e fosse dar graças a Deus, e o P.e Pinto assim o fez e vio-se sarado de todo.

Esse facto vem citado em todos os chronistas da Ordem. Um delles o narra por esta forma:

«Foi tambem pasmosa a saude que alcançou (o P.e Anchieta) ao Santo Martyr Frãcisco Pinto, e a profecia, com que predisse seus muitos trabalhos. Este padre estava tanto nás ultimas, que tinha o enfermeiro preparado o necessario para ser ungido. Entrando o Padre Provincial ao visitar, lhe deu hum abraço, e disse: *Vossa Reverencia queria ir ao Ceo a mãos lavadas? Pois nam ha de ser assim:* Longa tibi restat via; *tem muito que passar primeiro, nam ha de morrer morte folgada, antes della ha de padecer muitos trabalhos, fazer a Deus muitos serviços, salvar muitas almas: levante-se Vossa Reve-*

rencia, va ao coro dar as gracas ao Santissimo Sacramento, que elle he servido conceder-lhe a saude; e ao enfermeiro disse: *Irmão, dai-lhe seu vestido, e nam torne o Padre mais á enfermaria.»*

E' do Vol. 2.º, Pag. 274 da Imagem da virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra pelo P.e Antonio Franco.

Muitos e pesados trabalhos teve realmente que supportar o heroico Amanayara antes de succumbir aos golpes dos ferozes Tapuyas da Serra!

Cumprira-se o vaticinio e infelizmente para o Brasil!

O P.e Vieira descreve o assalto dos Tocarijus como tendo sido na occasião em que Francisco Pinto estava ao pé do altar para celebrar o santo sacrificio da missa. *E estando*, diz elle, *ao pé do altar, sem lhe poderem valer os poucos indios christãos, que o assistião com frechas e partazanas que usavão de paos mui agudos e pezados lhe derão trez feridas mortaes pelos peitos e pela cabeça, e no mesmo altar, onde estava para offerecer a Deus o sacrificio do corpo e sangue de seu Filho, offereceu e consagrou o de seu proprio corpo e sangue, começando aquella acção sacerdotal e consummando-a o sacrificio.* O facto, porem, succedeu quando o P.e estava entregue ás suas orações. Rezava as horas menores.

O pau de jucá com que o trucidaram levou-o Figueira para o Collegio da Bahia, mas perdeu-se com muitas outras preciosas reliquias por occasião de tomarem os Hollandezes a cidade.

A morte do P.e Pinto vem descripta por Claudio de Abbeville no capitulo de sua obra sob o titulo *Historia de uma certa personagem descendente do ceo.*

Transcrevamos alguns topicos dessa lastimavel confusão dos successos occorridos na expedição de Pero Coelho e na subsequente dos dois Padres jesuitas:

«Poucos dias depois resolveram os Portuguezes e os Indios seos companheiros ajudados pelos Francezes rendidos assaltar a aldeia de um afamado Jeropary que lhes fazia guerra cruel.

Finalmente n'um domingo pela manhã, tres semanas ou um mez depois da paschoa em quanto os Francezes e Portuguezes atacavam pela retaguarda da aldeia, este personagem (quer referir se ao P.e Pinto) empunhando uma espada, accommettia-a de escalada e quando trepava as trincheiras de madeira que cercavam a referida aldeia atirou-lhe o filho do dito Jeropary uma flexa, que trespassou-lhe a garganta e cahindo para traz ficou prezo e pendurado por um pé.

Vendo-o este indio em tal posição não contente com o que lhe tinha feito lançou mão de um Tocüart (especie de uma flexa tendo na extremidade uma certa qualidade do canna muito rija com um pé de comprimento e tres dedos de largura, tão aguçado como um chuço) e com ella pela segunda vez trespassou-lhe o lado por onde sahiram as entranhas e assim o lançou de cima abaixo.

Tuputupucú, muitos Portuguezes e Indios que com elle vieram de Pernambuco foram tambem mortos.

Os restantes, em pequeno numero, vendo que o referido personagem por elles considerado como um Prophetà tinha morrido, depois de havel-o ahi enterrado, retiraram-se para Pernambuco.

Depois d'isto muitos Indios da montanha grande se retiraram para a Ilha de Maranhão, onde recordando-se ainda das falsidades da doutrina e do tragico fim de tal personagem cauzador de tantos males, bem razão tinham para nos fazer as perguntas já referidas.»

Berredo (102, liv. 2.º) qualifica as informações do singelo religioso francez como fabula da barbaridade dos tapuyas ou como fructo da malicia dos Francezes de Montlille.

Não se precisa ser arguto para descubrir os crassos erros do P.e Claudio, tendo-se em vista que Jeropary é o mesmo Diabo Grande, alliado dos Francezes, adversario de Pero Coelho, e dedicado aos jesuitas.

Que Claudio d'Abbeville escrevesse aquillo, explica-se em parte; era um capuchinho e francez; mas o que causa estranheza é que Varnhagen, que tantas chronicas

compulsou, dêsse credito de boa mente á narração mendaz do capuchinho para consignar na sua Historia do Brasil que o P.e Pinto falleceu deixando-o cahir os indios da rede em que o levavam em um tujugal e não lhe acudiram quando frechado no pescoço foi acabado de matar com uma pua de taquara.

E Varnhagen accrescenta que ha engano em attribuir essa morte como succedida no mez de Janeiro de 1608!

Divulgada a noticia da catastrophe, o Diabo Grande fez celebrar exequias com grandes prantos e ajuntando-se com os mais indios na casa da aldeia, que habitaram os Padres e ao pé da cruz erguida no terreiro ahi repetiram suas scenas de dó e sentimento, tingindo-se e tisnando-se e deixando crescer o cabello alguns delles.

Quatro annos depois, pelo muito amor e grande conceito em que o tinham, determinaram os indios do Jaguaribe ir á serra buscar os ossos do seu Amanayara. Mais os decidiu a isso grande secca, que então laborava. Chegados ao logar que lhes indicara Figueira, cavaram a sepultura, exhumaram os ossos e vieram collocal-os com a precisa reverencia na Egreja de sua aldeia.

Tamanha era a estima em que tinham aquelle precioso deposito que nem o Padre Pinto poude transportal-os para Pernambuco nem o chefe Camarão para suas terras do Rio Grande.

Tentou havel-os, mas de balde tambem, em 1614 o P.e Manoel Gomes e por suspeitarem que o Vigario Balthasar Correa os levava comsigo para Pernambuco sahiram-lhe ao encalço e o deixaram proseguir na viagem somente depois de bem verificado que nada levava do que pertencera ao Amanayra. Esse interessante episodio vem relatado por miudo em carta do Manoel Gomes por mim encontrada na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Pois si os indios graças a aquellas reliquias alcançavam de Deus a chuva ou o sol, segundo a necessidade que tinham as suas sementeiras!

Qual o logar para onde os indios do Jaguaribe trouxeram os ossos do Padre Francisco Pinto? O illustre Candido Mendes opina por Cruz das Almas, depois por Paupina (Mecejana), finalmente por Parangaba (Arronches); Araripe por Paupina; Paulino Nogueira por Parangaba.

A opinião de Cruz das Almas não tem por si argumento algum nem o testemunho de um só auctor.

Para a preferencia dada a Paupina estribou-se Araripe no dizer o Padre Manoel Gomes, companheiro de Jeronymo de Albuquerque na expedição de 1614, que desembarcara no porto do Ceará e. ajoelhando, encommendara-se ao bemaventurado Padre Pinto *que estava enterrado a 3 legoas de distancia dalli.* Realmente Manoel Gomes diz isto em uma sua carta de que vem publicada á pag. 78 da Historia de José de Moraes e o repete em outra de 2 de Julho de 1621. Esta ultima, que faz parte da minha collecção, pretendo publical-a em capitulo separado. E' tambem um documento da primitiva historia do Ceará. Considero-a muito mais completa e interessante do que a inserida no livro de José de Moraes.

Pois, da carta de Manoel Gomes, penso, é que se deve inferir com mais fundamento que o logar preferido foi o que teve o nome de Parangaba, porquanto dahi para a barra do Ceará é que fazem as 3 legoas.

Demais, tratando do facto Berredo se reporta á populosa *aldeia do principal Algodão*, e os Algodões dominavam em Parangaba.

Entre os indios se assignalou Camarão pela muita veneração á memoria do Padre Pinto. Elles se conheciam do tempo das missões e da catechese nas aldeias do Rio Grande.

Sabendo esse chefe Potiguar que os do Jaguaribe tinham em seu poder os ossos do Padre, partiu a visital-os acompanhado de muitos dos seus. Chegado ao logar onde estavam os ossos, abraçou-os e beijou-os com grandes mostras de veneração, ordenou o *çapiran* ou *sapirão*, que

é um pranto geral, por espaço de 3 dias, fez construir uma egreja maior e mais decente para onde transportou os ossos que foram condusidos em procissão num caixão coberto de um panno azul, e ordenou que todas as manhãs os indios daquellas aldeias fossem dar ao morto o *Teande-coema* ou bons dias.

Acabadas as cerimonias suggeridas por sentimentos de uma piedosa amisade, voltou com os seus ao Rio Grande depois de muitas demonstrações de agradecimentos aos do Jaguaribe por terem ido buscar á Serra aquelles restos preciosos e os tratarem com tamanho respeito.

E com esse procedimento do grande potiguar mais se afervoraram os indios de Jaguaribe em seu amor aos ossos do Padre, e tanto que diante delles celebravam seus casamentos ou ratificavam os já celebrados sem parocho.

Alguns auctores se enganaram suppondo que o Camarão foi quem transportou os ossos da serra; não ha tal; ja de lá tinham sido trazidos quando elle foi veneral-os e tributar-lhes os respeitos e as homenagens, que já referi.

Sobre a vida e a morte de Francisco Pinto tirou o Vigario do Rio Grande um summario de testemunhas, assim indios como Portuguezes.

Das estreitas e filiaes relações, que com o Padre Pinto e outros missionarios manteve o Camarão, assim diz uma antiga annua jesuitica:

«Não sei si os ossos do Padre Pinto acharião em animos e pessoas mais civilizadas o amor, lembrança e veneração, que achou no Principal Camarão criado nos mattos e sem cultura alguma politica.

Foi tão benemerito da graça da vocação com que D.s o chamou ao gremio da Igreja que ainda catecumeno e só com as poucas instruções que os Padres e especialmente o Padre Pinto lhe tinhão feito indo em Missão as suas terras com animo de logo se voltarem, que na auz.a dos Padres lhes servia de substituto e catequista; porque vendo q' alguns Indios da sua Nassão já christãos

se hião esfriando, e faltando ao que estavão obrigados pella fee que receberão, e parecendolhe que isto prosedia da falta de q.m os afervorace tomou o officio de Pregador, e discorrendo pellas Aldeas dos seus Parentes exortava aos Christãos vivecem como taes, aos que estavão em perigo de morte q' morrecem contritos de seus pecados na falta de confessores, e aos Gentios que não morrecem sem Baptismo p.a irem todos ao Ceo e se livrarem das penas do Inferno onde estavão seus Avós por não terem cido Baptisados. Acabada esta pratica consolava a todos com as esperanças da vinda dos Padres, que os havia de fazer christãos, e que elle tão bem os esperava p.a se Baptisar. Com efeito não podia deychar de alcançar a graça do Baptismo q.m tanto antes cooperava p.a o dos mais. Chegarão os Padres Diogo Nunes e Gaspar de S. Peres de Pernambuco á sua Aldea. Baptizarão todos os Innocentes e Adultos que acharão capases; e porq' o Camarão se queria preparar com mayores festas p.a o seu Baptismo entretanto continuarão os Padres a sua Missão discorrendo pellas outras Aldeas catequizando, Baptizando e pondo a todos no caminho da salvação. Depois disto se tornarão os Padres p.a a Aldea do Camarão. Dispuzerão seu Baptismo no dia Domingo da quinquagesima do anno de 1612; ao Sabbado a tarde comesarão as danças por toda a Aldea; de noute ouve fogo arteficial e continuarão as danças, flautas, tãobores e mais instrum.tos de q' uzão os Indios, que são n.al m.to m..to inclinados a estas festas. Ao Dom.o pella menham veyo o Camarão a Igreja acompanhado de m.ta gente, e recebeu nella o S.to Baptismo com sua mulher e filhos. Acabado o Baptismo voltou a caza com o mesmo acompanhamento a tomar outro vestido p.a selebrar o novo Matrimonio na Ley da Graça com hua das mulheres, que escolheu entre as muitas que tinha antes p.a sua legitima mulher. Acabada a função do Matrimonio sahiu da Igreja p.a casa com a mesma procissão em q' hião alguas bandr.as e toda sorte de instrum.tos e danças, assistindo m.tos Indios e alguns Portuguezes dos quaes

m.[los] tinhão vindo de distancia de vinte legoas so pro fazerem obsequio ao Camarão.»

Triste e acabrunhado tomou o P.[e] Figueira a direcção do mar e não para a serra de novo, como pensa José de Moraes, e foi abrigar-se á protecção de Cobra Azul depois de uma caminhada de 17 dias. Aguardava alli que chegassem os tabajaras da Ibiapaba como lhe haviam promettido. Era o Cobra Azul grande feiticeiro, arrogante e sem vislumbres de sentimentos bons. Mais de uma vez esteve a attentar contra a vida do hospede. Muito outro era o filho delle, optimo rapaz, o qual com varios indios de sua aldeia veiu accompanhando o P.[e] em sua atribulada viagem até o Ceará.

A recepção que lhes fizeram na aldeia junto ao rio Ceará foi bem festiva: caminhos feitos; musicas; uma bonita casinha de pindoba. Ahi o Padre Figueira reuniu a todos que andavam despersos, deu-lhes algumas ferramentas que haviam escapado aos tapuyas, traçou-lhes as casas, levantou uma formosa cruz de cedro, e como o levantamento da cruz cahiu em dia de S. Lourenço deu á aldeia assim formada o nome desse santo.

Da aldeia do Ceará ou S. Lourenço, onde um dos principaes era Lagartixa espalmada e por signal que muito resingueiro e atrevido, sahiu o Padre a 19 de Agosto de 1608, e estando aposentado a legoa e meia de distancia recebeu um escripto do Padre Gaspar de São Peres dizendo que o aguardava em um barco de Jeronymo de Albuquerque que elle havia fretado á sua custa para conduzil-o ao Rio Grande. Por causa dos ventos deteve-se ahi o barco 17 dias, mas fez-se á vela afinal dia de N.[a] S.[a] do Nascimento indo a seu bordo os dous Padres e os indios da Ibiapaba, por não contel-os a todos. Os indios da Jaguaribe seguiram a pé. Uns e outros eram ao todo 160.

Chegados ao Rio Grande foram alegre e cordialmente acolhidos por Jeronymo de Albuquerque, tenente Antonio Ferreira e os Padres Domingos Monteiro e Diogo Nunes,

Diz a Jornada do Maranhão, e com ella Berredo, ter sido Diogo de Campos quem facilitou a vinda do Padre Figueira, por fornecer a Gaspar de São Peres o barco, que o foi buscar. Diogo de Campos em todas as paginas do seu livro revela-se habil em fazer falarem os factos de modo a elle occupar o 1.° plano em desproveito de Jeronymo de Albuquerque. A verdade, porem, é inilludivel; não a elle, é certo, e o confessa o proprio Padre Figueira, mas ao Padre Gaspar de São Peres em primeiro logar, e ao capitão-mór do Rio Grande se deveu o acto de caridade que tanto captivou a alma do esforçado missionario e o conservou para futuras façanhas num apostolado fertil de assignalados successos, e cujo epilogo se representou sobre as taboas desconjuntadas de um navio em naufragio e entre as danças macabras dos antropophagos Aruans.

Estava findo o longo e movimentado drama da Ibiapaba para que se apparelhara a Companhia de Jesus na pessoa de dois dos seus membros mais valentes e caridosos.

Rica e prompta era aquella região em presentear com desventuras a quem ousava enfrentar-lhe os mysterios e perscrutar-lhe os enigmas. Pero Coelho mal poude chegar ao Rio Grande, donde se partiu para a Parahyba e de lá para Madrid e Lisboa onde falleceu pobre e esquecido; Francisco Pinto recebeu morte affrontosa em paga de seus serviços de sublime heroicidade; Luiz Figueira tornou a Pernambuco, succumbido e alquebrado, á vida afanosa de missionario e protector dos indios até que a tragedia de 1 de Julho de 1643 o arrebatou para sempre.

Longos annos se passarão antes que sobre aquella Serra raie de novo o sol da civilisação; só cerca de 50 annos decorridos a Companhia de Jesus ainda uma vez irá convidar as tabas dos tabajares ao banquete da religião e á vida da sociedade. Será a epocha dos trabalhos dos Pedrosa e dos Antonio Ribeiro, será a occasião dos assignalados serviços desse grande philantropo,

politico e mestre da lingua que se chamou Antonio Vieira.

Forças activas, providenciaes hão de apressar a marcha evolutiva dos seus pobres moradores, mas ellas vão dormitar por algum tempo; mais tarde á voz potente de outros obreiros tomarão seu curso e se realisarão as obras, que lhes reservava a mysteriosa officina do progresso sob as vistas imprescrutaveis do Soberano dos mundos.

Aqui deponho a penna para entregar á avidez do leitor o Documento precioso, legado por Francisco Pinto e conservado religiosamente até hoje como um attestado a mais do que foi a Ordem de Jesus na obra grandiosa da civilisação dos povos Americanos.

Sua leitura, estou certo, levantará no coração de cada Cearense um altar de gratidão imperecivel á memoria dos dous humildes sacerdotes, cuja vida de devotações e sacrificios esbocei pallidamente.

Como complemento ajunto a esse documento, contemporaneo da primeira infancia cearense, uma carta tambem do punho de Luiz Figueira, na qual não sei o que ha mais para admirar, si a vida asperissima que levavam os missionarios no Brasil, si a caridade e a energia sobrehumanas do auctor da carta.

BARÃO DE STUDART.

Relação do Maranhão, 1608, pelo jesuita Padre Luiz Figueira enviada a Claudio Aquaviva

PAX CHRISTI. No Mez de jan.ro de 607 p. ordem de fernão Cardim pr.al desta pr.a nos partimos pera a missão do Maranhão o p.e fr.co Pinto e eu cõ obra de sessenta Indios, cõ intenção de pregar o evangelho aaquella desemperada gentilidade, e fazermos cõ q' se lançassem da parte dos portugueses, deitando de si os frãcezes corsairos q' lá residem pera q' indo os portugueses como determinão os não avexasssem nem captivassem, e pera q' esta nossa ida fosse sem sospeita de engano pareceo bem ao p.e pr.al q' não levassemos cõnosco portugueses e assi nos partimos sós cõ aquelles sessenta Indios.

O Rio do Maranhão de q' se denomina todo aquelle certão dista de Pernambuco tresentas e trinta legoas por terra pouco mais ou menos, e em toda esta região e comarca do Maranhão, aonde ha innumeraveis almas e muitas castas de gentio, não ha grandes serras, mas tudo ordinariamente são terras razas, matos a q' os indios chamão verdadeiros, e em semelhantes terras cá entre nós se dão os canaveais. Da fertilidade da terra dizem os indios que não tem comparação a mandioca

batata e tudo o mais q' cá ha cõ o de lá p. ser o de lá de muito notavel ventagem em grandeza e fertilidade

Contão infynidade de bichos dos q' se domesticão como bugios e outros q' cá não temos, e muitos passaros q' se amansão como canindés, araras de varias castas e outros semelhantes, ainda q' não ha pao de brasil ha outros paos assi de tintas como pera catres, mesas, ec.

Ha certo genero de animais a q' elles chamão veados arcados os quais são m.to semelhãtes a camellos na grãdesa pescosso cõprido e no serem arcados ou gibosos, e mais me affirmo em terem pontas como de veado, e p. não serem bravos tem os indios p. agouro matalos dizendo q' matãdo os ficarão frouxos e peqenos e deve ser facil domesticar e amansar estes animaes.

O sertão he mui grãde e tem infinidade de gentio, o Rio a q' chamamos das Amazonas tem a boca debaixo da linha equinocial, e tem muitas e grãdes ilhas, as quais todas estão povoadas das Almazonas, as quais Almazonas são mulheres q' não admitem cosigo homens senão em certo tempo pera effeito de se multiplicarem, e logo os lãção fora e depois parindo filhos machos os comem e cõservão as femeas; são guerreiras e caçadoras e engenhosas de mãos p. fazerem redes m.to lavradas e tãbem seus arcos todos são pintados; assi ellas como o mais gentio usão todos a mesma lingoa comua do Brasil — estão nestas duas partes ou portos naos francezas assaber, no rio do maranhão a q' os indios chamão tapurucu e no das Almazonas q' dellas tem o nome.

O trato destes em madeiras preciosas e paos de tintas, pimenta, Algodão fio e redes, passaros e bichos, e em particollar he grande fama q' tem trato de prata cõ as Almazonas q' parece tem minas della a troco da qual lhe dão ferramentas, vestidos e os ensinão a usar de arcabuzes. Tudo isto me consta p. varias informações de Indios q' lá foram em varios tempos cõ quem falei, al-

gus dos quais affirmão o q' virão, outros o q' ouvirão a seus parentes.

Partimos pois para esta empresa o p.e fr.co Pinto e eu de pernambuco p. mar até o rio chamado Jagoaribe q' são 120 ou 130 legoas, saimos em terra pusemos nosso fato em ordem p.a o levarmos, e como algus Indios naturaes de Jaguaribe logo se meterão pella terra p.a ver se achavão algus de seus parentes, eis q' dous dos nossos encõtrão cõ hus q' andavão escondidos assi dos portugueses p. não virem presos por escravos, como muitos seus parentes, como tãbem por medo dos tapuyas cõ os quais os ditos portugueses se cõfederarão afim de os aver á mão mais facilmente.

Hu dos nossos então foi cõ aquelles q' se achavão a buscar outros q' estavão em certa parte escondidos pera virem ao seguinte dia, e o outro cõpanhr.o nos veio dar a nova que foy bem recebida por nos faltar gente p.a nos levar o fato e tambem p.r q' erão parentes dos de nossa comp.a

Ao dia seguinte lhe mãdamos tres ou quatro outros ao caminho com farinha de refresco, os quais alta noite chegarão e trouxerão cõsigo quatro homens e uma menina, estes nos cõtarão como no mesmo dia tinhão os tapuyas mortos os mais companheiros, levãdo algus cõsigo p. escravos e foy pr.q' ao nosso recado não se abalarão mais q' os quatro cuydando os outros q' era ficção dos brãcos pera os averem as mãos por meio de seus mesmos parentes, partidos pois os quatro chegarão os tapuyas e destruirão os mais q' erão por todos dez, dos quais só escapou hu mãcebelhão que veio ainda alcãçar os outros. Hu destes q' vierão tinha já fogido dos brãcos e fora escravo dos tapuyas até então, dos quais andava fogido actualmente e trouxe comsigo hua muy boa escopeta e algua monição q' seo S'or tapuya tinha tomado a hu brãco.

Vinhão estes pobres sem arcos nem frechas como fugitivos cativos vendo nos tomarão folego, e como res-

sucitados da morte a vida se alegravão cõ seus parentes; pergunteilhe se tinhão os tapuyas noticia dos padres, responderão que si e q' desejavão m.to de yrmos a sua terra p. q' costumavamos trazer m tas ferram.tas anzoes e roupas e q' a todos davamos o q' não fazião os brãcos; em fim trazendoos cõ nosco nos partimos do Jagoaribe dia de Nossa S.ra das Cãdeas, 2º de fev.ro depois de dizermos missa e comugarem algus dos nossos.

O nosso ordin.ro modo de caminhar em todo este comprido caminho até a serra da Ibiapaba (que serão cem legoas ao direito) foy em forma de peregrinos da comp.a, logo pella menhã rezavamos o itinerario e ladainhas de Nossa S'ora e depois entre dia as dos Santos e cõ nossos bordões na mão e nosso cabasso de agoa nos hiamos caminhando tendo nossa oração pello caminho como podiamos o tempo q' nos parecia; as jornadas erão de meia legoa, hua legoa e 2 e 3 p. nos acomodarmos aos das cargas e tambem algumas crianças.

Vindo pois cotinuãdo nosso caminho mãdavamos indios naturaes daquellas partes diãte pera q' se encontrassem algus de seus parentes jagoarigoaras que andavão espalhados c'o o medo os trouxessem e ajuntassem assi p.a nos ajudarem como p.a lhe darmos as alegres novas da Provisão de Sua Mag.de em q' os avia a todos p.r livres e forros. Algus destes pobres tiverão vista de nós e cuidãdo serem os brãcos q' hião pescar ambar se esconderão e fugirão.

Hu dia porem algus dos nossos acharão hu q' nos ãdava espreitando pera saber de certo quem eramos e pera onde hiamos, trazido este contou como tinha escondido dous outros companhr.os e huas molheres e meninos; foi p.a elles cõ outros dos nossos os quais todos parecião q' resucitavão mostrãdo grande prazer e alegria certificados de não irem em nossa comp.a portugueses dos quais algus destes tinhão fogido tendoos elles amarrados e cõ as mãos atadas e acrecentavão que lhe tinhão mandados presos pera a bahia seus filhos, irmãos e irmãs e

primos pera serem captivos e q' p. isso elles e os mais andavão tão amedrentados e não se fiavão de ninguem.

Depois de termos caminhado todo fev.ro chegamos aos 2 de março ao pará q' he hua muy fermosa e quieta enseada que dista de jagoaribe trinta e cinquo legoas pouco mais ou menos em a qual entrão tres ou quatro riachos de Agoa doce e outro rio caudal por hu espraiado muy aprasivel; está esta enseada em altura de quatro graos e é de grandes pescarias; aquy achamos aposentados os indios q' proximamente tinhão fogido aos portugueses cujo principal se chama acajuy, hum sobrinho do qual traziamos em nossa comp.a e outros parentes dos seus. Estes pobres nos receberão como vindos do céo p.r q' tinhão o mesmo medo dos outros; o dia q' chegamos tinhamos andado cinquo legoas sem nos assentarmos em todo o caminho p.r causa da infinita Agoa q' choveo; em o qual caminho passamos quatro rios todos a pé cõ agoa pellos peitos e hu delles cõ tanta corrente q' foy nec.o virem pegados em cada hu de nos cinquo ou seis indios pera nos sustentarem com paos atravessados contra o impeto das agoas; emfim daqui se pode colegir quais chegariamos a boca da noite; logo nesse comenos nos fizerão hua choupana de palma q' ja tinhão colhido p.r terem noticia de nossa vinda moços dandonos cõ grandes festas erejüpe què he o seu modo de dar as boas vindas, e nos fizerão grande fogo pera nos aquentar digo enxugarmos.

Depois de descãsarmos nos trouxerão algus presentes de peixe; cõ elles estivemos cinquo dias aparelhãdonos para o caminho de peixe p.r se nos acabar a farinha q' trasiamos, e tambem p.rq' do trabalho daquelle dia nos adoecerão alguns dos nossos companheiros e foy nec.o cõvalecerem quanto mais nós desacostumados a fazer semelhantes violencias a natureza.

Os Indios q' aquy achamos serião p. todos 50 ou 60 almas ficarão cõ intento de ajuntarem alguas reliquias dos seus q' ãdão espalhados p. esses matos pera

o qual nos pedirão lhe levãtassemos hua cruz, o q' fizemos co gosto p. q' á sombra desta arvore p. entretanto se venhão ajuntar estas avesinhas amedrentadas dos gaviães e aves de rapina pera q' depois de juntos todos se viessem pera a Igreja como prometerão pellos certificarmos da liberdade q' sua magestade lhes dava.

Pouco depois de passarmos daquy nos apartamos do mar p. carregar m.to sobre nos o inverno q' já nos tinha entrado e nos difficultar m.to o caminho cõ as enchentes dos muitos e grandes rios q' se metem no mar e tãbem p. q' esta affastada do mar a Serra da Ibiapaba, a qual vinhamos demandar por ser so povoada de gente amiga (se amigos se podião chamar os q' atégora beberão o sangue se pudessem aos portugueses) desde pernambuco p.a ca q' serão como 230 legoas, e nosso intento em a virmos demandar foy pera nella nos refazermos de mantimentos e m̃darmos dahi ao Maranhão a tomar lingoa do estado das cousas principalm.te se avia francezes q' se nos representava a mor difficuldade deste caminho: este nec.o apartamento do mar nos trouxe outras infinitas incõmodidades e difficuldades q' podendo nos chegar á serra da Ybiapaba em 15 ou 20 dias gastamos dous mezes porq' nos foy nec.o metermonos p.r matos e brenhas sem podermos dar passo senão com virem diante dous ou tres indios rompendo os matos, e em a mor parte do caminho com as lamas e agoas quasi até o joelho, e tudo isto nos pareceu facil quando depois nos vimos metidos em hua serra a q' chamão dos corvos q' cõ o nome está declarãdo o triste caminho q' leva quem nella se vai meter; nella nos meterão os indios dizendo q' acharíamos m.to mel e ratos que é o milhor mantimento q' ha nestes certões afastados do mar: verdade he q' disto achamos bastãtemente nesta serra mas tudo mais caro do q' fora se se comprara nas legeas dos vendedeiros p.r q' cõ as difficuldades do caminho q' ao principio se mostrou facil e cõ isso nos enganou gastamos 12 ou 13 dias sem sabermos bem quãdo partiam aos noite cõ os espessos e al-

tissimos matos p.r baixo dos quaes hiamos rompendo a força de braço e ferro sobindo e decendo mõtes e rochedos q' excedem toda a exageração saltãdo de pedra em pedra hora para as nuvens hora p.a os abismos, nem conto aquy as quedas e cousas q' se quebrarão q' nos derão bem de perda q' logo depois nos sentimos p.r nos ir faltando vinho p.a as missas e assy não dissemos mais q' aos dias santos missa.

Nesta triste serra dos corvos parece q' se ajuntarão todas as pragas do brasil, innumeraveis cobras e aranhas a q' chamão caranguejeiras, peçonhetissimas de cuja mordedura se diz q' morrem os homens, carrapatos sem conta, mosquitos e moscas q' magoão estranham.te e ferem como lancetas fazendo logo saltar o sangue fóra e assy parecião os indios leprosos das mordeduras, nem eu fizera caso de escrever essas cousas senão foram extraordinarias. Emfim tornamos a sair desta serra ao cabo dos 13 ou 13 dias sem termos andado de nosso caminho mais q' obra de duas ou tres legoas e no rodéo q' fizemos andamos 5 ou 6.

Todos estes trabalhos se nos rematarão com q' nos muito mais sentimos q' foi morrernos hu indio mancebo dentro em 15 ou 18 horas da mordedura de uma cobra; nem lhe aproveitou pedra de bazar, nem o licornio nem queimarmoslhe a ferida, nem finalmente outras mezinhas e beneficios.

Morreo contudo cõfessado e sobre a sepultura fizemos hu Moimento pondolhe hua cruz á cabeceira; era isto domingo de ramos em o qual depois de os benzermos em aquelle deserto nos partimos continuando nosso caminho ao longo da mesma serra passando muitos e grandes rios q' todos hião cheyos pollas cõtinuas chuvas e passamos todos aquelles dias tão santos de endoenças e paixão caminhãdo p.r matos e lamas como dãtes e ao sabado santo passamos hu rio muito maior q' todos chamado Aracategi, q' compete cõ os grãdes de Portugal e nos deu bem de trabalho buscar paos p.a jangadas p.a passa

no tempo em q' p.r cá todos se alegrão e se dão as boas Aleluias, finalm.te o passamos assentados nos paos q' hião p.r baixo da agoa, vindose o mundo abaixo cõ chuva, trovões e relampagos; e ao longo deste rio debaixo de hu espesso e triste arvoredo estivemos aquella tão santa noite e dia meios alagados dagoa.

Nunca nestes caminhos me lembrarão os collegios cõ saudades delles senão nestes santos dias p.r carecer da vista de tanta devoção como nelles ha; mas isto mesmo p.r outra parte me consolava vendo (sic) q' carecia de tãto bem p.r serviço daquelle S'or q' he o autor de todo elle.

Depois de deixarmos de todo esta serra dos corvos caminhado pollos campos, erão tantas as lamas q' não avia dar passo sem atolar; p.r onde nos foi nec.° descalçarmonos; porem dahi se nos fizerão dahi a poucos dias das ervas e moscas e mosquitos q' nos picavão se nos fizerão os pés leprosos, e a my em especial me incharão criando materia em varias partes, pello que a necessidade nos constrãngeo a nos tornarmos a calçar, por onde nem descalços bem podiamos hir cõ lamas; não quero apõtar muitas particularidades nesta materia p.r não parecer q' exagero muito nosses trabalhos nem ainda isto q' he o menor escrevera se me não persuadira q' se cõsolavão m.to nossos írmãos cõ saberem o q' p. cá se passa p.a nos encomendarem mais ao Senhor

Cõ estas difficuldades do caminho se nos ajuntou boa fome p.r q' por estes campos não ha ratos nem se matou nelles outra cousa algua de modo q' nos foi forçado o comer das ervas q.dõ ainda as achavamos, e estas cosidas na agoa sem outra algua bemfeitoria; viemos a lãçar mão da maniçoba brava bem amargosa e sem sabor e depois chegamos a comer da mesma raiz da mãndioca brava assada de q' algus se começarão a achar mal, eu então tiveme mais a fome posto q' não me fez mal a q' tinha comido; e ainda destas cousas nos veio a faltar e passamos algus dias sem comer mais q' huas poucas rai-

zes de ervas da feição de cebollinhas peqnas; cobras lagartos e lagartixas p.ª os indios era banquete, e eu tãbem tirando cobras me esforçava a comer tudo, tendo por mais difficultosa de vencer a fome q' o asco. verdade he q' em todas estas cousas achavamos mais gosto q' noutro tp'o em cousas q' o tem, mas o q' sobejava no gosto pella fome faltava nas forças pella sustancia ser pouca.

Tambem nestes caminhos nos livrou o S.r de muitos e evidentes perigos quasi milagrosamente; em especial foi notavel hu q' passou nesta forma: estavamos hu dia assentados e bem cansados o p.e e eu comendo hus caracois dagoa q' nos mesmos tinhamos apanhado, metendonos pellos charcos, e era bõ banquete em semelhãte conjunção, e entre nos ambos algu tãto p.ª hua banda estavão huas ervas algu tãto altas nas quais alimpavamos as mãos p.r não aver outro goardanapo a mão senão quando sentimos bolir as ervas e vimos sair della m.to pacificamente hua façanhosa cobra da mesma casta da outra q' matou o mancebo em 15 ou 18 horas mas muito maior q' ella, era das q' tem na cauda hus cascaveis, e ella usava de manha p.r q' passãdo por pedras levantava a cauda p.ª q' não soassem os cascaveis.

Doutra me livrou D.s a my q' lhe não pusesse os pés encima p.r lhe ouvir os cascaveis vindo p.r baixo das ervas q' erão altas. Outra se arremessou a hua India, e lhe mordeo na roupa, mas quiz D.s q' lhe não chegasse a carne, e outro Indio teve bem de trabalho em se livrar de outra e finalmente na Ybiapaba indo hu indio gentio p.ª a aldea onde nos estavamos hu dia antes de chegar o mordeo outra cobra da mesma casta q' ca são as mais ordinarias em.... encantidade e em poucas horas expirou o pobre indio; muito lhe aproveitara se chegara a nos ainda q' não fosse mais q' p.r hu quarto de hora cõ vida.

E p.r serem estas cobras tão peçonhentas lhe chamão estes indios verdadr.as como se as outras o não fossem, e não ousão de sair a cassar em todo o inverno.

em quãto a erva está crescida mas esperão que se seque para queimar os campos e verem por onde vão. Finalmente ouvemos de chegar algua hora a esta serra da Ybiapaba, aonde cuidavamos que pelo menos nos fartariamos de farinha, porem estava esta gente em tãta fome q' vindo nos hus indios ao caminho cõ refresco a receber seus parentes como legoa e mea, antes de chegarmos a aldea nos apresentarão como cousa de grande preço (e não era menos) huas 15 oũ 18 espigas de milho as quais repartimos cõ o principal de nossa gente, e cõ os nossos moços de modo q' p.ª o dia seguinte nos ficarão cada hu hũa, e sobre este almoço nos pusemos ao caminho e andamos aquella manhã legoa e mea q' tinha por tres pella altissima ladr.ª q' se sobe pera a aldea q' esta no alto da serra, e pera sobir he nec.º aver escadas em algus passos ou de pao ou feitos na mesma terra e rochedos e corre esta serra toda assy de norte ao sul cousa de 25 ou mais legoas fazendo um muro de rochedo cõ suas como ameas naturais e p.r cima he terra cham e capina, e pera a parte do poente tem m.to pouca queda.

Cõ caminharmos bem aquelle dia e partirmos cedo acabamos de chegar ariba as duas ou tres horas depois de meio dia, e em hua cham e raza ladeira antes de chegar ao mais alto nos estava esperando o principal, e outros q' p.ª nos esforçarem p.ª o restante do caminho nos tinhão prestes huas poucas de raizes de mãdioca a q' chamão macacheira cosidas e hu pouco de sal e pimenta da terra e hu palmito para assentar o estomago; e chegando-se o principal a nos nos abraçou dizendo Yesũ, e logo se seguirão os demais a nos abraçar e dar as boas vindas, e hua india nos queria chorar p.r festa como costumão mas o p.e lhe mãdou dizer q' não era nec.ª e cõ isto nos recolhemos da chuva q' ainda entre tãtas festas nos não deixou.

Metidos nos e agasalhados em hua das suas choças q' pera isso tinhão aparelhado, com começarão a correr os presentes, quem mea duzia de espigas de milho, quem hu palmito, quem

uma Abobora q' era o de mais preço, emfim palmitos e algu milho forão as mais ordinarias cousas q' aqui tivemos quinze dias q' aqui estivemos nesta aldea, estes são os recebimentos q' por ca ha e eu posso escrever; escrevão outros embora os q' se fazem nas cortes dos Reis e principes de europa q' posto q' tenhão mais q' escrever não terão mais gosto q' eu em o fazer, mas comtudo logo cõtarei outro recebim.to mais solene que este.

Hu dos principaes destes indios tinha dito a hu mãcebo Mamaluco q' aqui estava q' lhe dohia m.to a cabeça e q' se fosse caso q' se achasse mal q' nos dissesse em chegando que o baptizassemos; nem era bastante pera lhe tirar a dor hu ferro q' fora de freio de cavalo quebrado, o qual tinha em grande estima de santidade por lho ter dado outro como cousa que viera do ceo, este lhe tirei cõ muito trabalho; dahi a algus dias dizendo eu a este indio q' andava mal desposto elle me respõdeo dizendo q' era por q' eu não tinha cõfiança em D.s como elle tivera e q' por isso se lhe fora a dor de cabeça e andava já são, enfim fazia bõ entendimento das cousas de D.s e vinha muitas vezes perguntalas dizendo q' p.a as ensinar a sua molher lhas perguntava; este veio depois p.a a Igr.a D.s o faça bom xp.no

Este mãcebo mamaluco de q' falei tinha hido cõ outros brancos e por la se ficou cõ outro, e avia tres annos q' se não comfessavão nem ouvião missa; logo os fizemos aparelhar de vagar, e comfessar e commungar; estes por la andão conforme aos cõ q' tratão. despidos e em toda miseria, e o espirito pouco pode ser entre barbaros infieis sem missa nem sacramentos.

Nesta grãde serra avia ha dous ou tres annos mais de setenta aldeas de gentio q' nos contarão por seus nomes, e depois de os brãcos la irem e os receberem no principio com guerra se forão todos pera o maranhão cõ medo dizendo q' se os brãcos tinhão destruydo todos os moradores do Jagoaribe sendo recebidos delles com paz muito milhor os destruyrião a elles q' no principio os

receberão com guerra, e estes pobres por derradr.° la no maranhão lhe fizerão guerra os seus cõtrarios cõ os francezes e destruyrão muitos e outros morrerão de doenças contagiosas, e dos q' ficarão a metade se tornarão e vindo forão mortos e captivos dos tapuyas, de modo q' só seis ou sete chegarão por hua vez e por outra obra de 20 casais e nesta serra tinhão ficado só duas aldeotas, hua das quais he esta a que primeiro chegamos por estar mais perto do mar e teria vinte casais e a outra alguns 50 ou sessenta.

Postos nos ali em tanta fome quanta dantes já traziamos e estavamos como tisicos de magros q' não tinhamos mais q' a pelle sobre os ossos, era nec.° hirmos fazer assento aonde tivessemos com que nos refazer. Mandamos recado a outra aldea pera sabermos se nos quirião la e q' viessem algus a falar cõ nosco, e tãbem nos queriamos emformar dos q' tinhão vindo do maranhão q' la estavão principalmente acerqua dos frãcezes que tinhamos por novas que estavão la de assento com duas fortalezas feitas em duas ilhas na boca do rio do maranhão.

O principal daquella aldea chamado o diabo grande nos mãdou hu irmão seu por nome o diabo ligeiro cõ outros indios q' nos levassem ja a sua aldea, este diabo ligeiro (que he hu indio muy desposto e em seu falar grãdioso e arrogante) nos fez todos os cõprimentos significãdonos os desejos de nos ver em sua aldea, cõ isto nos offereceu hu pouco de milho e de feijões q' trazia, e tendo palavra de nos q' hiriamos cõ elle despedio logo os seus q' fossem certificar o irmão de nossa ida e do dia q' chegariamos, ec.

Partimonos cõ elle e toda a mais aldea tambem se foi cõ nosco fogindo da fome cõ intento de se virem pera pernambuco como vierão gastamos nesta caminho honze dias indo sempre diante o diabo ligeiro agazalhãdonos e assignalãdo nosso logar p.° nossas choupanas ou tugipares; no caminho tivemos a festa da As-

cemsão e chegamos dous dias antes do Espirito Santo a Aldea.

E por q' p.ª irmos da aldea a sua aviamos de decer a serra e tornala a sobir por escusarmos hu grãde rodeo, cousa q' não so nos era penosa mas quasi impossivel por nossa fraqueza e fome, quãdo chegamos ao pé da ladr.ª q' aviamos de subir cousa de cinquo legoas antes de chegarmos pollo trabalho daquelle dia por ser o caminho esperrimo e cõprido nos deitamos sobre huas pedras ao longo de hua Agoa sem podermos dar passada por diante cõ fraquesa nem podermos chegar ao lugar aõde haviamos de dormir senão quãdo chegão dous mãcebos cõ hua pouca de farinha de milho e... hu coffo q' p.ª nos forão como o pfeta abacũc quãdo guiado do Anjo levou o comer a daniel emfim comemos daquella farinha e bebemos daquella agoa, e assi podemos chegar aos tujupares aonde ja os nossos estavão e tinhão tambem chegado 15 ou 18 q' o diabo grande tinha mãdado em comp.ª de outro irmão seu mais moço com refresco de farinha peixe milho e aboboras e cõ preceito q' nos levassem em redes não só ao sobir da ladr.ª mas todas aquellas cinquo legoas o q' elles fizerão cõ tãta diligencia e caridade quãta se não pode encarecer (aquellas cinquo legoas andamos em pes alheios em todo este caminho); estando nos fin.te ja hua so legoa da aldea aposentados chegou a molher do diabo ligeiro que nos fora a buscar cõ algus indios que nos levarão outro presente do principal de feijões, peixe e hua duzia de aboboras.

Ao dia seguinte nos veio o mesmo principal receber ao meyo do caminho mea legoa da aldea cõ todos os principais e alguas molheres cõ seos presentes, e elles todos co suas bozinas, gaitas e cascaveis, que são seus instrumentos musicos com tanta festa e alegria que eu fiquei pasmado, e o padre com ser antigo sertanista me disse q' nunca vira entre gentios cousa semelhãte; emfim dali nos trouxerão a correr sempre revesando e todos a trazer as redes em q' vinhamos como se ganhassem perdões; erão tãtos os gritos e festas que parecião doudos.

Chegando a Aldea sahiu hu grãde tambor q' já toda a manhã hiamos ouvindo e cõ seus maracás (q' são hus cabaços com hus feijões dentro) tangendo e cantando, e cõ essa solenidade nos meterão na casa q' nos tinhão aparelhado e nos trouxerão logo muitos presentes e as musicas e dãças continuarão dous outros dias cõ suas noutes; bendito seja o Senhor q' permitte q' estes barbaros sem o conhecer a elle conheção e honrem a seus servos só pollo serem.

Mas todos seus desejos erão ternos aqui cõ sigo, e os nossos erão levarmolos cõnosco ou mãdarmolos vir p.ª a Igreja mas abaixo direi o successo disto logo o principal nos ajuntou pela aldea de seu motu proprio algu milho q' avia muito antes q' se acabasse pq' farinha avia muito pouca por causa da seca do anno passado.

Emfim achamos os poucos q' tinhão vindo do maranhão os quais não tinhão chegado ao mar; e p isso não sabião dos frãcezes mais q' terem elles vindo cõ a gente da terra a dar guerra a hus dos seus que se tinhão dividido como já toquei, mas éstes não se tinhão achado presentes nem virão os frãcezes, certificarão porem q' os avia, mas acerqua do caminho nos informarão assi elles como outros de varias nações de tapuyas salvages p.r entre os quais não ha passar senão a força de armas como estes tinhão ido, ou a força de peitas e dadivas.

Cõforme a isto nos apparelhavamos e dispunhamos nossas cousas e traças p.ª caminharmos e rompermos as grãdes difficuldades que se nos offerecião e medos q' estes todos nos metião, mas cõ grãde confiãça de aver de facilitar tudo Aquelle p.r quem a tudo nos atreviamos encomendandonos a elle.

De modo q' desta serra da Ybiapaba até o maranhão tudo está cheio de salvages q' atodos matão ou cativão, entrão porem cõ elles algus destoutros indios de paz quãdo vão tratar algu resgate ou cousa semelhãte mas cõ grãdes cautelas dos tapuyas q' de ninguem se cõfião e quando lá vão algus não hão de levar armas alguas e cõ as frechas nos peitos ou cõ o golpe feito lhe perguntão

ao que vem, examinandoos muy bem e fingindo q' lhe não crem, e se trazem cousa algua lha tomão ainda q' lhe digão q' he p.ª o seu principal pq' não lhe tem mais respeito que isto, mas depois de bem provados lhe dão muy decomer e os fazem dançar e cantar e elles tãbem lhe fazem a mesma festa; estes q' vierão do maranhão nos cõtarão como á hida p.ª la vestirão hua roupeta comprida a hu dos seus, e puserão lhe hua carapuça de rebuço, fingindo cõ isto e dizendo aos tapuyas q' aquelle era abaré ou padre e como os tapuyas nenhua noticia tinhão de padres nem ainda de brãcos facilmente se persuadirão ser assi e p.r outra parte cuidão q' aquelle e os de sua qualidade erão senhores da morte e da vida ec, mostravão grandiss.º medo, dan lolhe muy bem de comer e levandoo ás costas p.ª q' lhe não fizessem algum mal, e se elle não fora tãbem acompanhado bem cuido q' procurarião de lhe tirar a vida p.ª tirar tal peste deste mundo.

Tem tãbem p.r costume quãdo os seus morrem se são homens, as molheres lhe comem a carne, e os ossos moydos lhos bebem p.ª q' não tenhão saudades daquelles q' metem nas entranhas, tendose p.r mais pios nesta impiedade q' os q' enterrão os mortos apartandoos de sy de todo o que he causa de ss saudades. O modo de viver destes he andar sempre como os antigos feitos cõ sua casa movida e todas suas riquezas e alfaias são seu arco e frechas cõ q' cassão, e aonde achão de comer ahi dormem sem cama nem redo mais q' o chão e como andão muitos raramente achão em hum lugar de comer dous dias arréo pello q' quasi infallimente ãlão cada dia hua e duas legoas.

Emquirindo nos pois o modo q' teriamos p.ª passar por elles a todos nos pareceo q' cometessemos pazes por q' não tinhamos gentes q' bastasse pera nos deffender delles; tomada esta forçosa e mais propria de nosso habito resolução, mandamos a duas partes mais propincas por hua das quais de necessidade haviamos de ir; os q' forão a hua das partes tornarão se do caminho a prim.ra vez por não poderem romper os matos; os q' forão a outra

levarão hu presente ao principal delles assaber hu machado, huas facas e hu p ouco de fumo, que he a melhor e a mais preciosa droga que se manda e cõ esperãças q' vendonos e effectuãdose as pazes serião melhor apremiados.

A cabo de hu mez tornarão cõ resposta assaber q' os primeiros com que emcontrarão lhe tomarão o machado e o mais q' levavão, q' assi costumão ordinariamente esses salvagens, nem aproveitou dizerlho q' era p.ª o principal, só hua faca lhe chegou a mão, e que todos dizião q' fossem os padres e q' lhe levassem machados, facas, espelhos, tizouras ec (nomeãdo tudo por seu nome) e que elles farião pazes cõ outros de diante, e dizendo lhe os nossos q' os padres não levavão m.to disso e q' so aos principaes poderião dar algua cousa respõderão q' a todos dárião e quãdo não lhe darião os vestidos, e já nos tinhamos noticia dessa sua cobiça insaciavel que he tal que vendo canastra ou caixa acham de revolver e buscar tudo e tomar o q' lhe parecer sem lhe irdes a mão, e se não derdes a todos, todos ficão descontentes de modo q' he nec.º hua nao carregada p.ª os cõtentar, e ainda isto era sofrivel se fora soo hu magote delles, mas são muitas nações de 60, 80, 100 e mais casais.

Ajuntãdonos e cõferindo esta resposta cõ a noticia q' ja tinhamos ficamos quasi descõfiado de podermos entrar por esta porta, porem encomendando sempre tudo a nosso Senhor e pedindolhe nos abrisse o caminho tornamos a mandar la 2.ª vez, indo por embaixador o soldado de nossa obrigação que fora comnosco do Rio grande, e levando outro presentesinho pera que nos desse a conhecer a estes tapuyas emformandoos de como eramos muy differentes dos seus feiticeiros e dos outros indios a que elles aborrecião e tinhão por peste do mundo, e q' vinhamos a darlhe noticia da outra vida e do criador de todo mundo e da vida santa ec finalmente levava recado q' trouxesse de lá algum tapuya ou algum escravo seu q' fosse lingoa p.ª q' nos visse e levasse a certesa aos seus de ser tudo verdade, e que deixasse lá alguns dos

nossos em refens, e no mesmo tempo mandamos cometer pazes ao milho verde que he inimigo capital dos brãcos e dos indios da Ibiapaba cõ quem estavamos e tãbem as mandamos cometer a outro indio do mar chamado cobra azul pera se fazer tãbem amigo destes mesmos da ibiapaba, todas estas emprezas tomamos entre mãos, os q' hião ao milho verde não puderão chegar lá por estar o caminho empedido cõ outros tapuyas.

O Mancebo q' foi cõ os indios aos tapuyas de primr.º teve o sucesso que aqui direi, primeiram.te o recebim.to foi cõ as cerimonias que tenho dito e he ordinario entre elles, fezlhe sua pratica por interprete, q' hera hua india parenta de alguns dos nossos, escrava sua avia muitos annos, recebeu o principal o que lhe mandavamos e principalm.te fez m.ta festa a hua buceta de frãdes que lhe mandamos chea de fumo; todos os vestidos que levava lhe pedirão, e todos deu, mas tinha pouco q' dar, e hum a quem elle dera os calções, depois de os calçar se lhe ajuntarão as molheres aroda a prantealo por vestir os feitiços do brãco como ellas diz q' dizião e como estes todos o seu he matar e nisto mostrarem sua valentia hu mais valente perguntou ao mancebo se era elle valente e respondendolhe que tãto como elle o levou pera seu rancho fazendolhe por isso festa.

Em resolução lhe derão a india q' era interprete p.ª vir ca a nos ver e a lhe levar certeza e noticia clara do que eramos, e em seu lugar ficarão tres mãcebos dos nossos. Vendonos esta india a primr.ª vez como aquella q' nunca vira gente estava diante de nos cõ os olhos no chão sem olhar p.ª nos, e dizendolhe hu indio ves aqui os padres, este he o irmão mais velho e estoutro he o irmão mais moço, levãtou os olhos e immediatamente os tornou a por no chão, e isto cõ medo, como ella depois q' o perdeo cõfessou, q' como ainda não fazia differença dos feiticeiros a nos, os quais feiticeiros temem e aborrecem, nem ver nos podia, porem depois falava e ria e olhava cõ alegria mostrãdo m.ta satisfação de tudo, e nos a fizemos deter oito ou nove dias p.ª esperar p.la festa

da assumpção de Nossa Senhora em q' tinhamos p.ª fazer hua procissão cõ hua dança de meninos destes gentios e hu diabrete ec o que tudo causou assi a ella como aos outros desta aldea admiração p.r ser p.ª elles grande novidade; e depois della todos se forão p.ª suas casas a prãtear por verem que os antepassados morrerão sem ver tãto bem como elles agora vião, como depois nos explicou hu principal acrescentando q' elle tãbem se não podera ter e se fora por a chorar, e quãdo isto nos dizia mostrava inda os mesmos effeitos.

Passdo o dia da festa despedimos a india bem acompanhada, dando-lhe um cueiro pera ella e mãdando ao principal hu espelho e hu machado e ella nos prometeo q' avia de fazer vir cá o principal dos tapuyas o qual ja dantes tinha dito q' mãdaria algus dos seus cõnosco p.ª nos guiarem, neste mesmo tempo mãdamos tãbem recado aos outros tapuias do outro caminho a hida aos quais não tivera effeito a primr.ª vez como já disse e a resposta foi q' estavão alvoroçados por nos ver e q' fossemos e lhe levassemos muitas ferramentas q' deviamos de as trazer q' os q' daqui passavão por suas terras lhe davão muitas cousas quãto mais nos q' eramos senhores das cousas, bem nos enfadarão cõ tanta cobiça junto com serem salvajes. sem medo nem respeito mas nos estavamos cõtudo apostados a romper por todas as difficuldades cõ o favor de D.s.

Depois de passarmos p.lo Jagoaribe como fica referido tiverão noticia as relliquias que escaparão dos brãcos e andavão embrenhados de nossa passagem, e de como traziamos pazes e liberdade pello que forão saindo ao mar, hu principal dos quais se chama algodão, o qual não podendo crer (como dizem) tanto bem como os seus lhe certificavão quis ir ao Ibiapaba nos ver co'o olho e ouvir as boas novas de nossa boca, partiu e foi por casa do Cobra Azul a que tinhamos mandado recado e levou comsigo hu 1.º seu, e outros 4 ou 5—não posso explicar os effeitos de alegria q' este algodão mostrava de nos ver prometendo q' acabado de sair seus parentes

farião o q' nos quisessemos e irião pera onde nos mandassemos, e juntam.te se assentarão as pazes entre elles e estes da Ibiapaba, e o f.º de cobra azul fez tãbem em nome de seu pai pazes e tratarão de se ajuntar a morar junto do mar perto do rio do Pará q' está entre a Ibiapaba e o Maranhão.

Agora direi alguns costumes destes da Ibiapaba e de alguas cousas que acontecerão em 4 ou 5 mezes q' cõ elles estivemos, primeiram.te tivemos hua grãde perda e foi morrernos aqui o principal de nossa gente chamado Belchior da rosa capitão dos indios de Pernambuco por provisão dos g.dores pellos serviços que tinha feitos com sua gente; este era hu indio mui bem entendido e de m.ta autoridade entre os seus, e no falar e entender as cousas era mais q' indio do brasil pello q' todos lhe tinhão m.to resp.to; em suas pregações punha os padres nas estrellas e falava espiritualm.te declarãdo ao que hiamos e o q' pretendiamos, e na verdade me admirou a prim.ra vez q' o ouvi pregar cõ o não entender ainda perfeitam.te p.r q' a materia de sua pregação foi de como nos hiamos por amor delles e de suas almas e pera lhe darmos noticia do caminho do ceo, e q' bem o mostravão nossos bordões e que se outra cousa pretenderamos q' levaramos espingardas e soldados e outras cousas desta calidade q' não me causavão menos devoção q' admiração; Morreu etico muy bem aparelhado confessandose e comungando duas vezes e fazendo seus apontamentos. Pera o enterram.to se ajuntarão todos assi os nossos como os outros todos cõ suas candeas acesas, o trouxemos em procissão a igreginha em que diziamos missa em hu esquife q' lhe tinhamos mandado fazer, cousa q' pasmou a estes gentios p.r q' o costume seu he emnovellarem os seus mortos e assi os metem em hu buraco q' pera isso fazem em qualquer mato. Cõ esta e outras occasiões a tomavamos pera lhe falarmos na morte e em sua infalebilidade p.r q' m.tos destes tinhão p.a si q' erão immortais e ficavão pasmados quãdo lhe diziamos q' avião de morrer, não podendo crer o q' não querião

padecer, e o principal destes dizia que só a morte e o inferno o emtristecia de nossas cousas; finalmente dissemos alguas missas p.lo defunto cõ seus responsorios sobre a sepultura.

Estando nos hu dia a noite em nossa casa ouvimos hu q' tossia cõ grande efficacia e escarrava procurando de vomitar fazendo grande estrondo, mandamos saber q' era aquillo, vierão nos dizer q' estava hu menino doente e hu feiticeiro q' o curava e a cura era chupallo como costumão, dizendo q' lhe tirão o mal de dentro, e pera fingirem milhor o emgano, metem na boca hu prego ou cousa semelhante, e cõ aquelle seu escarrar fingem q' o chuparão e o tirarão ao doente e q' aquillo era o q' lhe fazia o mal, fomos nos ver então o menino, e achando m.to mal aparelhamolo; perguntando se queria ser f.o de D.s respondeo que si com grãde alegria e q' queria ir p.a o ceo, e logo mostrãdo hus effeitos de predestinado recebeo o santo baptismo ao dia seguinte e por ser em dia de São barnabé lhe puseinos o seu nome e com elle se foi p.a a gloria; fomos p.a elle ajuntandose todos os cristãos nossos companheiros e o trouxemos a enterrar ao pé de hua grande cruz que diante de nossa igreginha tinhamos levantado.

Outra criança de poucas somanas ainda estãdo com os olhos em alvo pera espirar baptisamos e foi o S.or servido darlhe saude tomãdo logo dahi a pouco o peito da mae q' dantes não tomava.

Outro dia a noite de repente ouvimos bater as palmas em hua casa, e logo noutra, e logo em todas geralmente com grãde estrondo perguntamos q' era aquillo responderão q' hu feiticeiro ouvira a voz de hua cobra que vinha voando pollos ares e que dava sinal com aquelle bater das palmas q' estivessem todos alerta p.a q' não caisse sobre algum e o mordesse.

Até agora estes pobres não reconhecião outro D.s mais q' os chuveiros, trovões, relampagos, mas a este seu D.s nenhum amor tinhão tendo grande temor, e o culto e reverencia toda consistia em se por de cocoras pedindo

aos trovões q' os não matassem e aos relampagos q' os não queimassem; tiramoslhe esta gentilidade da cabeça facilmente com lhe declararmos a seu modo q' cousa erão trovões e relampagos, ficarão muito contentes dizendo q' agora acabavão de crer a verdade, e q' lhe não chamarião mais D.s, e tudo são queixumes de seus antepassados que nem souberão nada nem lhes ensinarão nada.

Toda esta gentilidade como he de pouco entendimento não tem nenhua resistencia as cousas que lhe dizem ainda q' as não alcancem com o entendimento, nem sabem duvidar nem perguntar, e assy pouca sciencia basta p.a os cultivar e fazer delles o q' quiserem; so lhe da trabalho deixarem as muitas molheres que tem alguns tendo muitos filhos dellas, mas tem nisto hu geral costume e facilidade e he que o q' se descontenta do outro apartasse delle como se nunca fosse seu marido, ou sua molher sem por isso serem reputados por ruins.

Entre estes ha muitos de muito bonatural e de bemfazer, e posto q' geralmente todos nos fazião o q' podião de bem comtudo muitos delles assy continuavão em nos darem o q' tinhão e entre outros se assinalou muito o principal desta aldea o diabo grande, dandonos hua rossasinha de milho e outra de mandioca alem de outras meudezas de cada dia. Após elle se assignalou hua India anciam molher de hu principal a qual em nos vindo comessou cõ seus presentes dizendonos eu sou daqui senhora da terra e estou em minha casa por isso vos dou de comer q' vindes de longe e cõtinuou sempre como q' fossemos seus filhos.

São todos estes incrivelm.te inclinados a cãtar e dãçar e pq' os pitiguares são nisto affamados e cõnosco hião alguns nheengaraybos, ou mestres de capella desatinavamos que cantassem p.a os emsinarem, e fazendo revesar hora huns hora outros cãtavão dias e noites de 24 em 24 horas sem interromper até não poderem falar de roucos tendo isto p. valentia e delirios, e a nos nos pedirão q' lhe emsinassemos seus filhos o papel (como elles dizem) q'rendo dizer q' lhos emsinassemos a ler e cantar o nosso

canto, o q' nos cõ facilidade fizemos p.ª os domesticar, mas elles mostrão muy pouco talento p.ª o nosso canto, os do mar facilm.te; cõ isto domesticamos m.to os meninos que dantes fogião de nos, e alguns q' estavão em suas roças me vierão dizer q' querião aprender o q' eu ensinava aos outros, e muitos dizião resolutam.te q' se havião de ir cõnosco fogindo de seus pais ou apos nos entre os quais teve graça hu q' representava 12 Annos em dizer q' se os padres se fossem não tinha outra cousa que fazer senão abrir hua cova e meterse nella e isto cõ grãde sentim.to, e outro estando eu occupado nao sei em que se chegou a my e depois de estar hu pedaço, me disse não sei q' he isto q' dantes fugia de ti e agora não me posso apartar. Isto nos servia p.ª os emsinar e doutrinar, e já sabião muitos delles a doutrina e alguas cousas de nossa santa fee, tãbem os faziamos emsinar a dançar ao modo portugues q' p.ª elles era a cousa de mais gosto que pode ser.

Hua India esteve m.to mal de parto toda hua noite e parte do dia gritãdo sem em todo este tpo aparecer nada da criança, mandamoslhe um relicario q' o posesse ao pescosso e tivesse fé q' logo pariria, assi o fez e em espasso de mea hora pario com facilidade; ficou o indio seu marido agardecido pedindo q' já q' lhe fizeramos nacer seu fº, lho baptizassemos q' queria yr á cassa p.ª a festa, e respõdemos q' como estivesse na igreja pelo tempo em diãte lho baptizariamos.

Pedirão nos estes q' dessemos hua vara de nossa mão a hu delles p.ª q' fosse alcaide dos outros, e isto cõ tanta instancia que nos venceo; assinalou o principal diabo grande p.ª ella o irmão seu, o diabo ligeiro; deulha o padre hu domingo acabada a missa estãdo todos juntos p.ª o qual acto os tinha convidados o principal em hua pregação q' fizera aquella Madrugada e dandolha o p.e lhe declarou o fim pera q' se lhe dava, s, pera emendar os q' se embebedassem, pera fazer vir todos á igreja, para vigiar a aldea etc. Tomou elle muito em põto de honra e ao dia seguinte de madrugada sahio

pregando com grande fervor, dizendo entre outras cousas muitas que entrassam sempre todos na igreja aos dias santos, e senão q' tudo o q' naquelles dias prantassem se lhe avia de secar, e que as molheres tivessem cuidado dapagar o fogo indo fora pera q' não se queimassem as casas, e que fossem todos f^os^ de D.^s^ e de Nossa S.^ra^ e não cressem as cousas de seus antepassados, mas so cressem as cousas q' os padres lhe ensinassem, q' D.^s^ era o nosso criador e q' logo no ventre de nossas mãis fazia hus homens e outros molheres afeiçoando os pera isso, q' bem claro estava q' nossos pais o não podião fazer.

E noutra pregação depois de dizer cousas semelhãtes a estas, acabou cõ hu colloquio dizendo e vos Sr. D.^s^ tende cuidado de minha alma pera q' não se perca, p.^r^ q' tenho m.^ta^ repugnancia em hir ao inferno a ser queimado com os demonios; outra vendome rezar me perguntou se falava D.^s^ cõnosco, eu lhe repõndy q' naquelles livros tinhamos as palavras de Deos as quais liamos e q' nos podiamos falar cõ elle cada vez q' quisessemos pedindolhe algua cousa q' bem nos ouvia, logo elle começou cõ grandes mostras de devoção a falar com D.^s^ pedindolhe saude e que o livrasse de todos os males: cõ estas cousas e fruito que se fazia nestas desemparadas almas aliviava homeo trabalho de caminhos e cançassos, e a carencia da vista e praticas de nossos padres e irmãos.

Rematãdo nossas cousas na Aldea do diabo grande aonde nos detivemos passante de quatro meses tentando pazes cõ os tapuyas sem terem effeito, no fim de Settembro de 607 apareceo hu cometa para banda do maranhão a loeste, o qual estendia hua muy comprida cauda p.^a^ a banda de leste, e durou muitos dias; os indios vendo tã grande novidade p.^a^ elles vinhão m.^tas^ vezes perguntar q' era aquillo, se se queimava o ceo, e se cairia e outras perguntas comformes a sua capacidade, eu lhes declarei o q' era e juntam.^te^ o que significava, e como ordinariamente quando aquillo aparecia avia mortes de grandes e morubixabas, cõ o q' o principal atemorisado me per-

guntou se escaparia, Deus te dará vida lhe respondy, mas aparelhate tu p.ª seres f.º de D.s p.r q' nos não sabemos da morte nem da vida, e posto q' este cometa significasse outras cousas maiores, cõtudo eu muitas vezes imaginei com pena e afflição se significaria algum trabalho na nossa missão do Maranhão. Emfim aos 17 de Outubro seguinte nos partimos daquella aldea cõtinuando nossa peregrinação; partio cõnosco o mesmo principal levando cõsigo dous outros filhos com outra gente com intento de roçarem no caminho junto das terras dos tapuyas, os quais queria nos acabar de apaziguar, e effeituar as pazes tãbem comessadas pera continuarmos nosso caminho até o rio do pará affamado entre elles e p.ª q' dali palpassemos os vaos da terra e gentes e mandassemos recado a nossos Sup.res como prometemos na carta passada ao p.e pr.al

Indo nos cinquo legoas da Aldea nos alcanssou hu mancebo que trazia novas de como erão vindos hus poucos de indios reliquias de 70 Aldeas q' cõ medo dos brãcos e p. se verem livres delles fugirão e forão acabar no maranhão a mãos dos tapuias e frãcezes, e outra gente do mesmo maranhão q' cõ os francezes lhe fizerão guerra, ajudandoos tambem a peste que lhes deu, e esperamos q' chegassem a nos alguns pera nos imformarmos do que la passava.

Veio o principal chamado mandiaré a nos ver e nos deu por novas aver la m.tos frãcezes assi no rio do maranhão, como no rio e ilhas das Almasonas, e q' tinhão commercio cõ ellas de prata, a troco da qual lhe davão vestidos e ferramenta, e demais disso as emsinavão a usar de arcabuzes; elle porem não vio disto mais q' os frãceses cõ os quaes teve guerra, e o demais ouvyo a seus parentes, acrescentou este principal q' queria tornar cõnosco a buscar algus seus parentes q' la lhe ficarão espalhados e q' já sabiam o caminho e terras, mas q' p.ª isto era necss.º esperarmos q' elle cõ os seus descansassem e fizesse alguas milharadas a qual yda sua nos era bem imptante p. não termos gente bas-

tante p.ª yr cõnosco, mas esperallo era de suma pena p.r nos vir entrando o inverno, pegarão-se todos os nossos ao seu parecer dizendo q' esperassemos e roçassemos todos, e p. q' no xp.tão elles não reconhecem nenhua superioridade tão q' os affastaes do q' elles querem, ficamos em talas e necessitados acõdecender com elles p.r não aver outro remedio, e cõtudo tinhamos p. provavel avereinnos de faltar cõ a palavra p.lo q' nos pareceo bem mandar apelidar os petigoares q' fossem cõ nosco e por ventura q' tivera effeito se depois não socedera a morte do padre, meu cõpanheiro, por se terem ja saido da aldea do diabo grãde não quiserão tornar atras como eu queria e persuadia ao p.e emfim hu pouco mais adiãte donde estavamos 12 legoas da aldea roçarão todos e fizerão casas aonde o nosso mantim.to era palmitos e hus cocos cujos miolos são como bellotas na feição mas m.to secos e difficultosos de emgolir senão emquanto são tenros, e quãto a farinha tinhamola p. reliquias, e sem outro cõduto mais q' de quãdo em quãdo algus peixinhos e por grãde festa huas favas secas cosidas sem mais azeite, nem vinagre, nem sal, muitas vezes desejavamos hũa porção que os nossos negros comem nos collegios, mas não dexavamos de fazer bõ rosto a estas faltas lembrandonos q' outros padres irmãos nossos noutras partes do mundo os passariam tãbem alegremente por amor de Deus.

Daqui serião como 15 ou 20 legoas á terra dos tapuyas chamados cararijus pellos quais queriamos passar e lhe tinhamos ja p.r duas vezes mãdado recados e presentes dando elles boas mostras que queriam pazes, mas era tudo fingido, procuravamos nos q' nos viessem ver p.a crerem sermos nos e nos vermos cõ o olho o q' tinhamos nelles, e p.a este fim lhe mãdamos a terceira vez recado cõ outros presentes q' viessem falar cõnosco alguns delles, e elles porem usando de sua acostumada brutalidade, nos matarão os menssageiros, queimandoos vivos como costumão, reservãdo hu so q' depois lhe servisse de guia p.a nos virem matar a nos, e no mesmo

t'po mãdarão recado a outros tapuyas cõ que tãbem tratavamos pazes, dizendolhes não dessem p.r nos nem p.a nossas pazes q' tudo erão traças dos da Ybiapaba p.a os colherem la e matarem.

Emfim a tardãça dos nossos extraordinaria nos fazia evidente serem mortos, o que confirmou depois hu escravo dos outros tapuyas a quem elles tinhão mãdado o recado q' de la veio e esta certeza de sua morte nos fazia bem evidente que nos querião vir matar e bem procurei eu q' nos puzessemos logo em cobro q' bem facil era, mas este era o termo q' avia de ter a sãta vida do p.e fr.o pinto, finalm.te dahi a muitos dias nos quizemos por em cobro, e vendo q' totalmente se nos fechava a porta do maranhão (p. q' em 5 mezes q' tratamos fazer pazes cõ os tapuyas não podemos alcançar delles nem ainda verem nos, sem duvida se nos partiramos e foramos a suas terras, todos foramos queimados e acabados sem de nos se saber mais) tratamos de nos descer ao mar e roçar, e entretanto escrever a nossos sup.res e ao g.dor de como as cousas estavão impossibilitadas p.a se ir por terra ao maranhão por não haver palmo de terra em cem legoas de caminho q' não esteja povoada de tapuyas, que quem dos prim.ros e segundos escapasse não escaparia dos terceiros e quartos e cõforme a ordem q' nos viesse fariamos, e despediamos hu yndio diante de nos a sesta f.a da infra octava da Epifania, fazendo conta de nos decermos da serra, passado o seguinte domingo. Sahia pella porta o yndio despedindose p.a o mar quãdo os tapuyas de subito aparecerão a nossa porta cõ mão arm.a começão as frechadas de hua e outra parte cõ grãde grita e em breve morreo hu tapuya, e outro segundo dizem foi cõ as tripas fora enchendo o caminho de sangue e provavelmente logo morreria, e p. q' os salvagens sahirão a nossa porta que estava no couce da aldea a borda do mato, e o p.e estava dentro em casa rezando as horas menores, sahio cõ trabalho, tendo os nossos o impeto dos tapuyas q' o não matassem logo, e o forão emparando até entrarem no mato, os tapuyas carrega-

rão ali seguindoos e como o mato ali era estreito logo sairão as roças limpas bradavão os nossos aos tapuyas q' estivessem quedos q' aquelle era o p.e abaré q' os queria apazigoar e ensinar a boa vida e responderão elles que não tinhão de ver cõ isso, q' o avião de matar, finalmente se espalharão dous ou tres nossos q' ali hião, ficão so junto do padre hu esforçado yndio e bemfeitor dos padres chamado Antonio carajbpocu, o qual o defendeo em quãto pôde ate morrer por elle e com elle, ainda ficou cõ vida mas sem sentido nem falla, e durou poucas horas, chegarão então ao p.e e tendolhe hus mão nos braços estirandolhes p.a ambas as partes ficando elle em figura de cruz, outros lhe derão tantas pancadas cõ hu pao na cabessa q. lha fizerão pedaços, quebrandolhe os queixos e amassãdolhe as cachages e olhos; o qual pao cheio de sangue trouxe como reliquia, despirãolhe a roupêta somente e o cobrirão cõ terra e o pao em cima, e p. q' sempre os roins e menos nec.os no mundo escapão, acertey eu no tempo em q' se comessou a briga de estar na casa dos moços fora de meo costume naquelle tempo, e posto q' era defronte delles, cõ tudo era um pouco desviado, e dali sahi logo para outra parte, sahio comigo hu nosso moçozinho q' me foy a salvação o qual me tomou a diant.a correndo e bradãdome, apressate, apressate, pay, seguiao eu não m.to apressado, vendo elle q' não corria eu tãto como elle queria meteosse logo em hu matosinho bem estreito mas fechado pello q' eu não pude dar por elle muitos passos, e assi nos ficamos logo á borda do mato ouvindo gritos junto de nos por todas as partes e esperando q' logo chegassem, mas o q' mais pena me dava era ouvir hu cão q' andava latindo no mesmo mato persuadindome ser dos tapuyas q' cõ elles querião descobrir os escondidos, o qual passou por diante de nos, mas sem dar mostras de nos sentir; aquy o moço meu companheiro me disse amedrentado pay eu aquy ei de morrer contigo, animeio eu dizendo filho não morreremos q' D.s nos guardará, e assy goardou o p.a o q' elle sabe, espero eu

q' seja p.ª lhe fazer muitos serviços na companhia, emfim forão se recolhendo os tapuyas o que se reconhecia pella grita q' levavão, e forão então esbulhar tudo assi o q' nos tinhamos em casa como a ferramenta que tinhamos emprestada aos indios não nos ficando mais q' alguas cousinhas de pouca importãcia q' tinhamos mandadas ja diãte p.ª aonde nos queriamos ir.

Levarão tudo da ygreja, e nossa roupasinha q' tinhamos goardada p.ª o restante de nossa missão e tudo o mais, e juntamente levarão dous outros mininos, e duas yndias moças, matando outras duas velhas, aquietandose tudo e bradãdo hu nosso yndio q' saissem todos q' ja erão ydos os tapuyas, então me disse o meo cõpanheiro q' yria ver em q' estado estavão as cousas p.ª me vir dar recado, foy e tornoume cõ recado e novas tristes dizendo é morto o nosso p.e, aqui comessei cõ elle a derramar lagrimas tristes e chorar meo desamparo, in medio nationis pravæ, sahi finalmente recolhendome a logar mais seguro arreceando de me tornarem a buscar como depois soube q' estiveram pera fazer, mas D.s os impedio, naquelle logar nos ajuntamos quasi todos alli fiz trazer as reliquias q' os barbaros deixarão por ali espalhadas por lhe não servirem, como livros e papeis ec. e o corpo do santo p.e cõ o vestido interior, tinhase achado hua roupeta minha a qual lhe vestimos, e lavãdolhe o rosto e cabessa cheya de sangue e terra e feita em pedaços o cõpusemos em hua rede p.ª o trazermos p.ª o pe da serra.

Nisto me disserão q' ficava la em hu mato hu yndio e q' vivia ainda, mas q' estava morrendo e p. q' este era ainda catecumeno, temendo q' morresse no caminho sem baptismo se o mãdasse buscar p. q' estava longe, levei comigo hus poucos de yndios e fui la e ainda me respondeo a alguas cousas que lhe disse, aparelhãdoo para o baptismo, batizeio, e cureilhe hua grãde ferida q' tinha na cabessa apertandolha cõ hu lenço meu, e assy o fiz trazer comigo, dali me fui ao logar onde morrera o p.e aver o yndio q' cõ elle morreo que tambem ar-

quejava ainda mas não lhe pude tirar palavra algua nem signal de acordo pello q' o deixey estar pello não acabar de matar cõ o movimento p.ª o mãdar trazer depois.

Cõ isto me fui e me deci da serra trazendo diãte de my o corpo do p.e, e ao pe da serra o enterrey, fazendolhe hu meimento de pedras sobre a sepultura pera sinal della, pondolhe tãbem hua cruz á cabeceira, mandei logo buscar os dous indios, hu delles estava ja morto, o outro morreo ao dia seg.te ambos os fiz enterrar junto do p.e p. cuja defensão morrerão, hu de hua parte outro da outra ficando elle no meio.

Aqui se rematarão e corroarão tãtos trabalhos passados do santo padre cõ esta ditosa morte cujo intento era fazer m.tas ygrejas no sertão do maranhão, e cõverter as Almazonas, cortoulhe D.s o fio p. q' não era chegada ainda a hora. Hua das yndias q' os barbaros levarão lhes meteo medo dizendolhe vos outros aveis de morrer p. q' logo ham de vir os brãcos cõ instrumentos de fogo a vos matar e vingar a morte do p.e que queria fazer pazes cõ vosco tomãdovos por filhos e ensinandovos a vida santa, e vos levais a sua rede cõ seu vestido que vos ham de ser causa da morte, respondeulhe hu q' lhe levava a roupeta dizes verdade p. q' já eu estou tremendo e enfraq'cido (e como estes barbaros são imaginativos, sem duvida morreria, p. q' so a imaginação de cuidarem q' alguem lhe lãça a morte basta p.a os matar) mas ja q' tu dizes isso (acrecentou elle) tornate e dize a seu irmão q' aquy fica tudo q' o mande buscar, e fez pôr toda a roupa sobre hus páos altos, e se forão mãdado a yndia, a qual de tudo tomou a rede do padre, sabendo q' ficava eu cõ o chão p.r cama e p.r q' elles se não tornassem a arrepender cõ toda pressa se veio e referindome tudo, me certificou de como dantes disto estiverão p.a me virem tornar a buscar do caminho, a tarde se ajuntou comigo mais sete, mãdei ao dia seguinte corpo de mancebos a buscar tudo, mas pare-

ce q' os tapuyas tornarão atraz a levar o q' deixarão por q' so se achou a casula, estola e manipulo e frontal e os breviarios, levarão calix, alva, cordão e o missal e a farinha das ostias ec. cousa q' me deu grãde pena deixarem me sem missa e sem sacramento naquelle desterro, seja o s.r cõtudo louvado pera sempre.

Depois q' enterrei o p.e ao pé daquella alta serra da ybiapaba em hu logar q' particularmente se chama Abayára ao longo de hu rio dentro de hu mato, esperei algus dias pello principal q' estava ausente pera me despedir delle pellas caridades q' delle tinhamos recebido, veio finalmente, cõvideio p.a vir cõmigo p.a a ygreja e a outros principais q' ali se ajuntarão, e elle porem sempre se mostrou algu tãto duro, mas os outros me derão palavra de virem e em eff.to se apparelharão querendo logo desfazer as roças mas como eu p.r então não queria mais q' virme ao mar a esperar q' passasse o inverno que entrava pretendendo entretãto fazer algumas milharadas e avisar juntamente a meus sup.res os detive dizendo que me queria vir diante a esperar que elles se aparelhassem no q' ficarão bem.

Foram-se p.a sua aldea e o diabo grãde celebrou e fez celebrar a todos as exequias do p.e a seu modo mãdãdo que se fizesse grãdes e publicos prãtos por toda aldea, e se ajuntarão os yndios na casa q' fora nossa, e ao pe da cruz q' no terreiro tinhamos feito levãtar, fazendo nestes logares principalmente grãdes gritos e derramando muitas lagrimas, e os f.os do diabo grãdo deixarão crecer o cabello tingindose e tisnãdose em sinal de tristesa q' he o seu luto.

Partindose elles p.a sua aldea, me party eu tãbem p.a o mar p.a casa do cobra azul que serião trinta até 40 legoas; gastey no caminho 17 dias, mandey recado diante ao cobra azul de como me hia para sua casa, emfim cheguei fezme mediocre gasalhado recolhendome em hua casinha q' me tinha mãdado fazer, deume logo hua rossa p.a prantar de milho, e eu fiz fazer outra e comprei outra e a fiz prantar de milho feijões favas e abo-

boras, e aparelhãdome p.ª os q' avião de vir do Ybiapaba, mas foi pouco o q' se colheo assy p. não chover, como por serem tãtas as formigas que destruião tudo, e como eu não tinha quem me tivesse cuidado de as matar p. q' cada hu tinha bem que fazer em acudir as suas foi necess.º fazerme en feitor mãdãdo fazer hua casinha no meio das rossas na qual me fuy morar levando comigo 4 ou 5 moços os quais me ajudavão a cavar e matar as formigas e queimalas a importunidade e multidão dellas venceo nosso trabalho, e neste t'po q' forão quatro mezes nosso comer forão alguas fruitasinhas e peixe sem outra cousa, eu porem tive alguas castanhas de cajüs e obra de hua quarta de farinha q' eu tinha trazido da Ybiapaba que fuy goardãdo p.ª a coresma cõ a qual ajejuey toda condutãdo como era rezão.

Aparelhavãose neste tempo os da ybiapaba p.ª virem e dous principais mãdarão os filhos diante temendosse que me partisse e os deixasse, mas como o imigo de nossa salvação não dorme, la revolveo os fãtasmas aos feiticeiros e lhe meteo em cabessa q' eu queria os trazer p.ª os entregar aos brãcos em recompensa da morte do p.e p. ser morto em suas terras sem elles o defenderem, posto q' eu trabalhey por desfazer estas suas imaginações como quer q' estava ausente não me foy possivel; cõ tudo isto querião vir muitos mas como o diabo grãde he sagaz, armoulhe dous laços hu de medo outro de esperanças cõ q' os prendeo a todos metendolhes em cabessa e traçando q' irião prim.ro a dar nos tapuyas assalto p.ª vingarem a morte do p.e e q' farião hu presente dos cativos, aos quais como em triumfo farião carregar os ossos do p.e e os trarião ao padre grande, e finalmente sevirião p.ª a ygreja depois de fazer estas diligencias e satisfação, nisto ficão mas não me parece que terá eff.to

Despois dostas traças e concelho me mãdou o diabo grãde visitar cõ dous irmãos seus de q' elle mais conta faz chamados hu o diabo ligeiro, e o outro carapecü grãdes cavaleiros e valentes, estes me trouxerão dous ca-

bassos de far.ª q' terião dous alqueires q' chegarão a tempo em q' nem fruitas nem outra algua cousa avia mais q' algum peixe, logo reparti hu delles por toda a aldea sem ficar pessoa q' não tivesse seu quinhão cõ q' cobrey fama de liberal que se estendeo por todo o sertão p. q' não se falava noutra cousa senão na virtude do padre que em tempo de tãta fome se lembrava de todos e os cõvidava. esta fama se acrescentou m.to cõ o ordin.ro costume meu que sempre tive assaber que quãdo alguem me trazia algum presente se eu tinha o q' mediocremente me bastasse, não lho aceitava, ou quãdo muito tomava algua parte para dar a algu mais necessitado, o q' vendo dizião q' bem differentes erão os padres dos brãcos q' nunca estes engeitavão nada por mais q' lhe sobejasse nem do que tinhão os cõvidavão antes me dizião O quãtas vezes desejavamos de comer hu bocadinho de peixe ou carne q' nos mesmos matavamos mas não podiamos nem cõvidavam os nossos filhinhos, isto tudo conto e estimo pella gloria do S.or e honra da comp.ª q pera cõ estes se ganhava despois destes me mandou outro principal outros dous cabaços de farinha cõ q' me fuy remediãdo até q' ouve feijões e milho nas rossas.

Neste tempo q' gastei em casa do cobra azul não me faltarão purgas e tragos bem amargosos cõ q' o s.or foy servido de me exercitar em penitencia de meus pecados, alguns referirei p.ª gloria do S.or e salvação de meus p.es e irmãos.

Este negro cobra azul he grãde feiticeiro e valentão dõde lhe nace ser soberbss.º e falar sempre cõ grãde arrogãcia. No tempo q' eu estava na rossa, depois de lhe ter dado muitas cousas e lhe mostrar muito amor e confiança mostrando elle a mesma dé my e mandandome muitos presentes, fuy hu dia visitar a todos, e passando pela sua porta perguntei p. elle e disserãome q' não estava dentro, entrey logo em outra onde elle estava cõ outros, e hu delles fazendo hu arco, depois de os saudar louvei ao outro o fazer arcos, e acrecentei dizendo, quem me

fará hu arco p.ª o meu moço q' não tem cõ q' ir a cassar, ao q' o cobra azul acodio dizendo p.r q' o não mãdava eu fender hu pao p.ª isso, eu cõ algua confiança lhe respõdy isso me dizes a my sabendo q' não tenho mais q' hu moço q' sempre me acõpanha e tem cuidado de my, mãda hu de teus f.os q' tens muitos e es senhor de toda esta aldea e todos te servem; calouse elle e dissimulãdo saesse e entra em sua casa falando alto e dizendo

Parece q' este me quer tratar como p.º coelho pois me reprende como elle me reprendia, se elle assy me trata em minha casa, q' fará se me colher la na sua, não sabe elle q' esta aqui so e não tem quem o goarde ?

E cõ isto toma hu machado as costas e saesse e vaise para a rossa q' era caminho por onde eu avia de yr p.ª a minha; em elle saindo de casa ficava nella hua velha prima e junt.te sogra que já não tinha dentes de roer ossos humanos a qual tomou o agravo a sua conta p.r ver o primo perturbado, e falando no mesmo tom acrecentou parece q' alguem quer q' o coma eu pois farlheei bem prestes hu espeto e polloei nelle; tudo isto passou diante de hus mancebos que em sua casa se estavão apparelhando pera ir pescar, E entre elles erão dous moços meus, mas como estes são salvagens em muitas cousas, não forão ja me avisar, mas forãose a pescar e a tarde tornãdo vinhão cuidando e tendo p.r certo q' me não acharião vivo. E chegando me disserão q' cuidavão q' me teria ja morto o cobra azul, no q' eu me achei novo, e perguntandolhe pelo caso me contarão tudo como tenho dito e alegando outro q' tambem ouvira tudo o mãdei chamar e soube delle o mesmo, estavão os meus moços bem afligidos e temerosos mas eu me fingy m.te seguro e os animey de palavra posto interiormente não me faltavão agonias, sabendo quão facil e gostoso he a estes matarem e comerem os de q' se dão por agravados, E era isto já tarde não ousey de fazer nada de my, mas confesso q' vigiey muitas

horas aquella noite por não poder dormir encomendãdome a D.s e aparelhandome pera tudo.

Ao dia seg.te mandeilhe dizer q' me achava mal disposto q' p.r isso o não hia visitar q' quizesse vir a minha rossa q' tinha q' falar cõ elle, respõdeu eu irey, mas não foy, e assim me teve cõ a mesma perplexidade aquelle dia e noite, ao outro dia mãdeilhe o mesmo recado, p.r q' queria de todo saber seu animo, respondeo ao moço, pois quem o mete a reprenderme, e cõ tudo não foy; neste comenos levou D.s hus yndios cõ huas cartas do p.e gaspar de são perez cõ a qual ocasião mandei chamar a todos e elle tãbem q' viesse saber as novas, então veio cõ os outros e depois indose os outros o fiz esperar apaziguãdo e desculpãdome, finalmente ao dia seg.te me mãdou hu presente de cabaços verdes.

Durou porem pouco tp.o a amizade p.r q' dahi a alguns dias se emfadou outra vez sem ocasião nenhuma mais q' dizer eu q' era falsidade certa mintira de hu indio q' fora do rio grãde levar p.r nova q' devagar estava minha vinda e q' não seria senão dahi a tres annos q' assi lho dissera Jeronimo dalbuquerq' e p.r q' elle gostava cõ esta nova, cõtradizendolho eu, levantasse furioso bradãdo, espera, espera, espera e cõ estes brados de doudo se sahio do meu aposento e não me falou dahi a muitos dias passando algumas vezes p' essa minha porta cõ grãde trõba, e se foi fora a cassa sem me falar.

Eu tãbem me fui p.r o mar q' estava dahi hua legoa como ja dãtes tinha determinado cõ os moços q' me acõpanhavão aonde fiz hua chossa e estive vinte e tãtos dias comendo peixe q' todos pescavamos, ao cabo dos quaes dias me tornei, e elle chegou dahi a tres dias o mãdou dous quartos de porco do mato, e dahi a alguns dias se me escusou de me não visitar dizendo q' eu não sabia ainda bem a sua lingoa cõ esta capa se deu por bem cuberto.

Neste tempo mãdei recado aos de Ybiapaba cõvidãdoos ultimam.te se querião vir comigo; entre os q' dela vierão vinha hum a quem elle mãdou pedir hua filha p.a

molher ou manceba a fora outras duas q' tinha, e p. q' p.r minha ordem lha negou avisou a todos os de sua aldea q' nada dessem nem cõvidassem os meus e que alguas roças q' alguns tinhão dado lhas tomassem outra vez, e de effeito mãdou logo avisar a hua yndia q' não posesse mais pe na rossa que lhe tinha dado outro yndio, e cõ estes gostos passei quasi seis mezes que estive em sua casa, e sabe o s.or quantas vezes me fogia o sono, e me punha a passear a mea noute por entre as redes dos moços que cõmigo dormião no aposento, esperãdo como o nosso santo padre dom gonçallo q' entrassem a me acabar e me consolava com D.s e cõ a consideração do mesmo padre.

Estes yndios q' ultimamente vierão da ybiapaba trouxerão hua nova digna de se saber p.a nos cõpadecermos desta cega gentilidade da qual se hão de saber algumas cegueiras q' tem, tem grande medo de cair o ceo sobre elles e p.a empedir este mal, alguns delles pella manhã em espertando se levãtão e fazem fincapé no chão cõ as mãos ambas p.a o ceo p.a terem mão nelle q' não caia, e assi lhe parece que fica direito pera todo aquelle dia, tãbem os atromenta muito o medo de se abrir a terra e de os alagar o mar, os q' entre elles são feiticeiros falão com o diabo muitas vezes o qual lhes fala de noite, as escuras, posto q' não o vem, ouvemno e dãolhe o fumo que beba, o qual vem estar no ar, mas não vê quem o tem, vem porem as bafaradas q' lança, e lhes diz a volta de hua verdade muitas mentiras e quãdo vão a cassa lhes diz aonde a acharão e aonde esta mel.

A nova pois q' trouxerão os da ybiapaba foi q' passando dous yndios pello caminho junto da sepultura do padre pinto que d.s tem lhe aparecera o padre vestido em sua roupeta preta seu chapeo e sua rede as costas e hu côfo de farinha e um grãde cão de cassa, e lhes pergũntou por dous grãdes feiticeiros mãdãdolhe recado q' logo hia ter cõ elles, forão elles cõtar esta nova a aldea, sairão os feiticeiros a interpretar, hus dizião q' era a alma do padre e outros outras cousas, por derradeiro sa-

hio o feiticeiro em q' elles tem posto seu credito e fee dizendo q' não era senão o d.ª creador dos mãtimentos q' os vinha criar pera terem o que comer ec.

Estes da ybiapaba ficão m.to cõtentes por lhe ficarem os ossos do p.e em sua terra, o qual cuidão lhe será valha couto dos brãncos e aos q' de la vinhão ameaçavão q' os não trouxessem; eu cõtudo mãdey a minha partida quatro yndios valentes saber se estavão ja desfeitos p.ª trazerem, mas acharão o corpo inteiro, outra ocasião avera em q' poderão vir os ossos.

Chegou finalm.te recado do p.e R.tor de Pernam.co Anrique gomez em resposta das minhas cartas que viesse em tempo q' as milharadas estavão de vez, e o inverno era passado, mãdei recado a hua aldea q' estava no rio do ceará 25 ou 30 legoas mais pera ca pera o Jagoaribe pedindo q' me fossem alguns buscar pera me trazerem algum mantimentosinho, e tãbem me acompanharem em certo passo perigoso de tapuyas, forão elles e estãdo pera me partir se levantou outra tempestade nesta forma.

Este cobra azul tem um f.º mãcebo de 26 até 28 annos de boa indole, valente e bemquisto, estimado entre os seus, tãbem se chama cobra azul o mosso, este desejava muito de vir comigo p.ª o caeté, p.curou cõ muitas veras de trazer o pay e todos os seus parentes finalmente estãdo eu p.ª partir se foi ao pay a lhe dar a ultima bataria com muitas rezões que p.ª isso lhe alegou, e achandoo sempre cõ a mesma dureza e esquivãça, se sahio agastado e emfadado, quando veio ao dia seguinte de madrugada comessa a falar alto q' todos o ouvissem desta maneira contra o pae.

Aparelhaivos vos outros e vamos cõ o padre e deyxemos ficar a este que tem o meu nome velho (declarando o pay cõ este circunloquio por modo de despreso) porque eu levarei o padre a sua casa, já q' este se não lembra dos grilhões em q' o p.º coelho o teve tres annos, e eu fuy a causa de os brãcos o não emforcarem, estando pera o fazer tres vezes, não sei em que cõfia, e sendo eu seu deffensor e arrimo quem lhe será agora bõ indome

eu, hora ja que assi quer fiquese elle e nos vamos nos cõ o padre.

Esta foi a pregação do cobra azul o moço, e logo pela menhã se foi ter comigo, a me referir o q' tinha dito acrescentando que confiasse eu nelle que ja não era menino que se arrependesse e que bem sabia já falar diante de gente e sem duvida me traria a minha casa, e que seu pay que avia medo delle plo que estava bem fora de lhe pegar do brasso e lhe empedir a vinda acrecentãdo outras muitas cousas com que me pareceo hu anjo, eu o animey cõfirmãdoo em seu bom preposito dizendolhe, q' ja avia dias q' conhecia seu bom animo, e que posto q' ja tinha fama de querimbaba e valente todos lhe querião bem, cõtudo q' agora sua fama e nome se estenderia mais e os brãcos o conhecerião e os padres todos lhe farião muito bõ gasalhado, e roçaria em muito boas terras, aonde vivesse m.to a sua vontade e lhe agardecerião cõ boas obras o trazerme.

O pay ficou perturbadiss.o com ver cõtra si o f.o p.r minha parte, e todo aquelle dia esteve brusco e empeçonhentandose pera o dia seguinte mostrar o veneno; levantase de madrugada, e espertãdo todos comessa a dizer ide vos outros ide e levay o abaré q' elle vos irá vender e destribuir a seus parentes e sereis todos escravos, e vos outros q' viestes cõ elle de caete, agora passareis de largo por defronte de vossas casas e cõ saudades desejareis de chegar p. ellas mas debalde p. q' ireis pera onde vos elle vender e falando p. irronia, dizia e eu q' não sei o q' faço me ficarey aqui perdido e miseravel, dandose p. sup.or no saber a todos os mais q' erão necios em se entregarem ao cativ.ro vindo comigo.

Amanheceo finalmente o dia seg.te q' avia de ser o ultimo de minha estada, aparelhamo nos pera nos partirmos e mãdey avisar p.a q' ao outro dia p.la manhã nos partiriamos, mas q' prim.ro nos ajuntassemos todos no terreiro e dali nos abalariamos; aquella noite foi a de mais medos e arreceios, p. q' como era a ultima e o cora;ão daquelle barbaro estava tão azedado quasi q'

me persuady q' se atreveria a cometer algua cousa, quis chamar quem me guardasse, mas por não alvoroçar ou dar a entender meu medo o não fiz, ainda q' elle poucos dias avia q' tinha dito que antes q' nos viessemos nos avia de matar, e emfim passou aquella cõprida noite de angustias, e pla manham nos ajuntamos todos no terreiro aonde estando todos ajoelhados diante de hua cruz recitey o itinerario em voz alta, o qual acabado desparandose hu mosquete nos despedimos ficando o barbaro dentro da casa sem parecer fora, passei lhe pla porta e da rua o saudey. e elle..... de dentro me respõdeo vaite embora; não lhe agardeço a elle não me matar q' boa võtade me mostrou, mas agardeço a divina bondade que me livrou dos salvagens tapuyas, e delle tambem, mas estes são os passos em que se medita bem na morte vendoa de perto.

O filho deste tãbem se partiu comigo e quasi toda a aldeota, a prim.ra jornada cobra azul o moço foi tão prudente que ainda que vinha agastado cõtra o pay, cõtudo me foi falar plo pay dizendome q' não me lembrasse de nada q' seu pay sempre tivera costume de falar aspero a todos, e q' era costume dos grãdes morobixabas pera terem autoridade e que elle o mãdava comigo pera que me trouxesse e visse o q' passava na Igreja pera depois vir tãbem e que não quisesse eu apartar de todo a seu pay de my.

Eu o cõsolei dizendo, q' mais me lembrava das boas obras que me fizera que de suas pallavras, q' não cuidasse que lhe queria mal, e bastava ser seu pay ec.

Dali a tres ou quatro jornadas chega apos nos hu mãcebo sobrinho seu pello qual p.a atemorizar os meus e fazer tornar o filho e parentes como feiticeiro e sabedor das cousas futuras, lhe mãdou dizer q' todos morrerião no caminho, e q' os outros da aldea pera onde vinhamos nos não avião de dar hua sede dagoa q' pereceriamos a fome, e cousas semelhãtes com q' perturbou muito aos q' vinhão comigo, p. q' dão mui facilmente entrada a imaginações e ficções de feiticeiros, mas cõtudo ninguem se me tornou.

Chegamos a outra aldea q' esta junto ao rio chamado Ceara vinte e cinquo legoas alem de jagoaribe, receberão nos com festa, caminhos feitos, emboscadas, tamboris ec. tinhão me feito hua casinha muy bonita de pindoba adõde me recolherão parecendolhes q' lhe vinha todo o remedio contra os brãcos q' até agora os tinhão feito andar brenhas e rochas escõdidos; e hu velho me veio visitar e me disse quãdo oje vinhas não te pude yr fallar p. q' estava chorãdo de alegria de ver agora juntos por amor de ty a estes meus parentes q' ate agora ãdavão pellas covas e brenhas escondidos mas agora so nos ficão as saudades q' temos de nossos f.os e filhas q' os brãcos nos levarão pedindome cõ isto lhos fizesse ir de ca.

A estes indios de ceara cõvidey, e tinha ja dantes cõvidado q' viessem pera a ygreja q' alem de averem de ser f.os de d.s estarião livres dos tapuyas e mais inimigos q' ate agora os desbaratavão, e que na ygreja estarião livres das ynjurias dos brãcos que he o em q' mais falão q' tudo, porem tinhaos ja prevenido Jeronimo dalbuquerque com tres ou quatro recados que lhe mandou q' não se bolissem nem desemparassem suas terras e patria antiga de seus antepassados e q' não ouvissem minhas palavras nem lhe dessem orelhas q' logo iria outro padre a morar cõ elles e lhe fazer ygreja, e outras m.tas cousas a este tom e tais q' p. ellas não dizerem cõ a pessoa de jeronimo dalbuquerq' lhe não dei credito, e me persuadi q' serião fingidas pellos messageiros, ainda que he verdade que estes senhores não cuidão outra salvação dalmas mais que em quanto não se emcõtra cõ seus interesses.

Vendo eu q' os mais não q'rião vir procurei então de os ajuntar todos p. q' em todo aquelle certão do jaguaribe aonde dantes avia grandiss.o n.o de aldeas agora serão por todos grandes e pequenos, como oitocentas almas, os quais estavão em sete ou oito aldeotas, de todas ajuntey os principais, e os persuadi se ajuntarem a roçar em certa parte mais acomodada traçandolhe as casas e

levãtandolhe umafermosa cruz de cedro lavrada cõ seu tt.º cousas q' elles estimarão muito e lhe pus nome a aldea de são Lourenço por ser em seu dia levãtada a cruz, e agora esquecendose do nome antigo daquella terra lhe chamão São lourenço, deixeios animados e cõ segurãça dos branquos que ja os não farião escravos, nem lhe farião guerra E q' eu os encomendaria ao s.or g.dor q' os deffendesse e emparasse delles, dei aos principais alguas reliquias de ferramenta velha q' ficou dos tapuyas, mas nem p. isso os contentey porque cuidão q' tudo isso e muito mais se lhe deve, aonde não abrangerão os machados e fouces dei alguas facas ou tizouras e entre estes avia hu p. nome lagartixa espalmada o qual era soberbiss.º e antes q' eu viesse p. varias vezes me ameaçou q' me avia de matar e aos meus, e p. lhe dizerem outros algus louvores meus com q' o abrandarão, ultimamente disse q' se avia de ir da aldea antes q' eu chegasse p me não ver e pello não enganar cõ minhas palavras fazendoo vir pera a ygreja, mandey do caminho desemganar q' não fugisse de my q' não queria senão q' roçasse em sua mesma terra, e que lhe daria cõ q' roçar, elle cõ tudo se foy apanhar algodão e não estava na aldea quando eu cheguey.

Veio porem dali a dous dias ou tres mas não me foy visitar até q' eu o chamey; detevesse ainda hu pedasso depois do meu recado em fim veio cõ hu maço de frechas e seu arco na mão, e elle todo almagrado cõ urucũ e depois de nos saudarmos a prim.ra cousa que me disse foy q' não me perturbasse p. lhe ver as frechas na mão q' o seu costume era trazellas sempre nisto pedio fogo a hu moço meu, e acendendo a palma em que trazia o fumo pera beber mo offereceo, respondilhe q' não custumava a beber fumo.

Tratamos então pratica em q' eu o assegurey de o querer trazer, e que já o conhecia e amava como f.º e elle então me fez hua grãde pratica em que dizia q' eu fora a causa de elle sair das lapas e matos a roçar em publico, o q' estava fora de fazer se algun brãço viera q' não fosse

padre e q' ja agora estava descansado, e outras cousas a este tom, prometilhe hua fouce p.ª roçar posto que lha não dei logo, com que se despedio muito apasigoado, aquelle mesmo dia a noite estando os principais todos em terreiro praticando como costumão, sae elle de casa e em alta voz comessa a falar desta man.ra com os parentes:

Não sabeis vos q' sou eu o vingador mor, q' ninguem me fez cousa q' me não pagasse, q' me vinguei dos tapuyas e dos mais contrarios de todas as mortes dos meus pois quem he agora o q' p. detraz anda murmurando de my dizendo que me auzentei p. não ver o p.e, quem isto diz mente e quem me fez a my sair dos matos por ventura a vos outros he grande falsidade, p. amor do p.e sahi eu a p.co e estou oje sem nenhu temor, ora isto baste q' sois todos huas molheres; ouvirão todos mas ninguem falou pallavra.

Ao dia seguinte mais p. medo q' p. võtade lhe dei hua fouce pera roçar, soubeo hu principalete a quem eu so tinha dado hua faca; indignado comessa a pregar dizendo estou mui agastado e agravado cõtra o p.e que dá fouces a quem delle murmura e fala, e a my não me deu fouce, será p. ventura p. q' eu o não cõvidey, neste tom esbravejou dandome muitas remocadas p. q' não me tendo o outro dado nada elle me trouxera por alguas vezes hus mingaos de mãdioca brava q' caro me custarão, mas de tudo isto teve o S.or por bem de me livrar; partime finalmente daquella aldea aos 19 de Ag.to de 608 e estando aposentado dahi a legoa e mea me derão hu escrito do p.e gaspar de samperez que em hu barco de jeronimo dalbuquerque cõ alguas farinhas e milho mo hia buscar; no que emxerguey a muita caridade sua por q' p.ª este effeito desfez hua roça em farinha e fretou o barco e em pessoa se meteo nelle apostandose a viver ou, morrer comigo, foi este hu dia de resurreição pera hu pobre q' de tãtas mortes andava cercado, mandeilhe logo outro escrito e ao dia seg.te me fui logo embarcar e viose a providencia de d.s q' os marinhr.os não conhecião

a terra e cuydando q' estavão em hu porto se acharão em outro, e chegarão em o mesmo o dia em que eu de caminho tãbem chegava.

Detivemonos neste pto 17 dias ou 18 sem poder sair com ventos contr.os até que dia de nossa s.ra do nacimento navegamos; não pode vir toda a gente no barco assy por não ser capaz como p.r não aver tantos mantimentos por ser m.to a defença no porto; embarcamos somente os da ybiapaba por q' os do jagoaribe os não matassem q' são os seus antigos contrarios, os demais se partirão p. terra de vagar. são por todos os q' comigo vinhão 160, estando p.a me embarcar me disserão q' se aprestarão mais dous principaletes, se vierem chegarão a 200 almas; chegamos ao rio grãde aonde fomos recebidõs com muita alegria do capitão mor Jeronimo dalbuquerque, e Antonio ferr.a tenente e dõs mais, e cõ m.ta caridade do p.e d.os montr.o e diogo nunes; ali me detive alguns dias esperando embarcação e tempo até q' d.s o deu seja elle louvado em tudo e tudo seja p.a sua honra e gloria; isto se me offereceo p.a dar cõta a V. P. em cuja benção me encomendo oje 26 de Março de 608.

Luis Figr.a

Pera ver o nosso P.e Claudio Aquaviva
Preposito geral da Comp.a de Jesu. ROMA.

2.º

Carta de Luiz Figueira sobre as difficuldades da Missão do Maranhão.

PAX CHRISTI. A missão do Maranhão â qual fomos mandados o P.e fr.co pinto que D.s tem, E eu no anno de 607, me parece ser impossivel effeituarse por hora pellas resõis seguintes.

1.ª Do rio grande, que he a ultima povoação dos Portugueses, ao Maranhão são passante de tresentas leguas, todas povoadas de tapuyas salvagens, que são tantos que não tem conta, E andão em magotes de 50. 80. e 100 casais correndo sempre os campos buscando cassa de que se sustentão, sem outra casa mais que o lugar aonde lhes anoutesse, e nada lhe pode escapar; E a ninguem perdoão a vida por cousa alguma, nem admittem pases cõ ninguem como todos nos informarão, E nos bem experimentamos, matando a meu companhr.º e buscandome a mim.

2.º Suposto que se aja de caminhar no verão (porque no inverno como nos caminhamos, he trabalho incomportavel) he todo este caminho falto de agua, E so se bebe de covas que se fazem iunto do mar, cuja agua he salguada, E fas m.to mal.

3.ª Ha neste caminho m.tos e mui grãdes rios que não he possivel passarse senão em embarcação, a qual se não pode faser por não aver paos, E os indios quando alguma ves na vida passão alguns, fasem feixes de junco, que não soffrem hua pessoa em sima; senão que ade ir nadando, E descansando som.te sobre o junco E â passagem destes rios he o maior perigo; porque os tapuyas espreitão os que passão, e passando alguns, ou dão nelles ou nos que fiquão da outra banda, pera que lhe não acudão os que ja passarão.

4.ª Dado caso que de todos estes perigos se possa escapar (o qual he impossivel) não se escapara da fome, que como todos os nossos p.es cortanistas disem, E eu vi, este he o mais esteril caminho que ha no Brazil, por que nos andamos m.tos meses sem comer outra cousa mais que alguns ratos m.to poucos, E raizes de ervas, E as mesmas ervas cosidas na agua, amargosas, sem outro azeite, nem sal & e so tinhamos a pelle pegada aos ossos, de modo que pareciamos tisicos de pura fome E era regalo termos hum lagarto, ou hus caracois dagua, ou cousa semelhante.

5.ª E se todos estes perigos e difficuldades não empedirem a viagem, com tudo será sem proveito a ida (stan-

tibus rebus) porque no Maranhão ha m.tos franceses que estão de morada como estavão no rio grande, E depois de se passarem os tapuyas se ade ir dar em suas mãos, E o menos mal que pode faser aos nossos, he levarem nos a França que cada dia lhe vem naos carregar de madr.ne, pimenta, algodão etc.

6.ª E ainda com tudo isto os que la forem não podem ter comercio com esta provincia do Brasil, porque de Pernambuco pera la todos os ventos são em popa, e dela não se navega pera ca se não em tanto tempo, que he mais facil ir as ilhas, ou ao reino e de la vir, de que he vir de maranhão em direitura: isto, da vinda por mar, que por terra he impossivel fallando moralmente.

Indo la capitães delrei como se pretende. E botando os Frãceses fora, poderão ir os p.es morar, com estas difficuldades do recurso aos superiores do Brasil; até que se fação pases com os tapuyas do caminho (que sera tarde) E no caminho se tera então recurso em 3 e 4 meses que no caminho se ande gastar.

Nos chegamos a serra do Ibigapaba, que esta antes do Maranhão cem legoas; ate a qual fomos parte por mar (de Pernambuco ate Jaguaribe) E parte por terra en que somente não andão tapuyas junto do mar, mas dali por diante desda praya começão os tapuyas. E toda a terra esta cheya delles. Isto he o que passa na verdade acerca das cousas E viagem do Maranhão.

Mas avendo de ir la alguem da comp.ª eu, como aquelle que mais direito tem nesta empresa, me offereço pera ser o primeiro em quem se quebre a furia dos contrastes. Neste coll.º da Bahia, oje 26 de Agosto de 609.

Luis figr.ª

Martim Soares Moreno

SUA AUTOBIOGRAPHIA

DESCRIPÇÃO DO CEARÁ FEITA POR ELLE EM 1618

MARTIM SOARES MORENO

O FUNDADOR DO CEARÁ

ARTIM Soares Moreno é o vulto culminante da primitiva historia do Ceará; tudo que lhe diz respeito reveste-se de capital interesse, porque, mais afortunado que Pero Coelho e os missionarios Pinto e Figueira, é elle o fundador do Ceará, e por longos annos o nascente estabelecimento viveu e prosperou debaixo de sua direcção intelligente e vigorosa.

Companheiro dos que ousaram, avidos de lucros e de gloria, de lucros principalmente, penetrar primeiro nas nossas terras inda virgens, Martim Soares deu á empreza em que foi parte tamanha largueza de vistas, apezar dos poucos annos, taes tenacidade nos soffrimentos e impavidez nos perigos, que moveram em seu favor as recommendações de Diogo de Campos e a protecção de homens como Diogo de Menezes e Gaspar de Sousa; de outro lado, a sciencia da lingua dos indigenas, as

sympathias que se creou entre esses habitantes das florestas, nomeadamente do principal Jacaúna que o chamava de filho, porque seu procedimento contrastava com os dos Pero Coelho e Soromenho, uns réos de lesa humanidade no tribunal da consciencia dos povos, sua adaptação aos usos e costumes dos selvicolas que o levava até a pintar-se como elles com as tintas do urucú e genipapo e a alimentar-se como elles, tudo empresta a Martim Soares as proporções da principal figurá entre os nossos colonisadores da primeira leva.

Demais, factos mui importantes de sua vida não se circumscreveram ao estreito ambito da nossa Capitania.

Seus serviços á civilisação e ao renome Portuguez não se limitaram a ter sido o edificador do presidio do Ceará e seu commandante por longos annos.

Explorador do Maranhão no intuito de facilitar a expulsão de extrangeiros que alli se haviam estabelecido com grande polerio, elle empregou na empreza os mais subtis ardis e só descançou quando conseguiu os necessarios esclarecimentos para que se podesse levar a bom caminho a jornada, cujo epilogo foi o Tratado de 27 de Novembro de 1614 e a subsequente retirada da gente de La Ravardiere e Rasilly; soldado resoluto e experimentado, realisou com a espada e preparou com os conselhos muitos dos feitos de armas que, apezar de El Rey, arrancaram Pernambuco e outras capitanias ás garras da Hollanda depois de um lucta, que é o mais bello trecho que conheço da historia Brasileira; ora vemol-o errante pelos mares, ludibrio das tempestades e das correntes, que o conduzem a contragosto ás Indias de Castella, ora prisioneiro em França após pugna renhida em que o numero sobrepuja ao valor e os vencidos são condusidos á prisão; aqui ás voltas com corsarios Francezes, que por inversão dos destinos são agora os repellidos e os desbaratados, ali com colonos Hollandezes, alem a concertar, a satisfazer as primeiras necessidades da povoação que vae fundar, requisitando com mim-

dencia paramentos para a Egreja, soldos para os presidiarios, munições para o forte, mas em toda a parte e em todo tempo revelando-se soldado astuto e esforçado e explorador atilado e intelligente.

Dezesete annos de bons serviços dá a Martim Soares a Carta de 26 de Maio de 1619, que lhe fez mercê da Capitania do Ceará por tempo de 10 annos, e esses bons serviços se prolongaram e se estenderam até 1648, quando, no posto de Mestre de Campo, trocou elle o peso e as agruras da vida militar pelo descanço na sua terra da Europa, sendo então substituido por Nicolau Aranha Pacheco. Militou, portanto, no Brasil por 46 annos.

Digo na *sua terra da Europa* porque o reputo portuguez, não acceitando a filiação pernambucana, que lhe dão Fernandes Gama, Capistrano d'Abreu e Luna Freire.

Si alguma duvida eu tivera a respeito, essa se dissiparia diante da affirmação que elle proprio fez de ter vindo para o Brasil como soldado em companhia do governador Diogo Botelho, cujo governo teve começo em Maio de 1602.

Portuguez era elle, brasileiro poderia sel-o, mouro isso é que nunca, não obstante Eugenio Guenin fal-o tal, e, o que mais é, tomando parte na batalha de Marignan e sendo preso pelos Francezes em 1520!

Com quem, em que occasião e em que edade começou a salientar-se no serviço a seu paiz?

O historiador mais antigo que trata de Martim Soares é Diogo de Campos Moreno, seu tio; a esse segue-se frei Vicente do Salvador, autor da *Historia do Brazil* (1627), que tambem o conheceu pessoalmente. Sobre cousas do Ceará do seu tempo é o que ha de mais antigo.

Em um e outro auctores a primeira vez que elle figura é na expedição de Pero Coelho á Serra da Ibiapaba. Realisada esta, como foi em 1603, devem-se-lhe contar até a data da Carta Regia, que lhe doou o Ceará,

não 17, mas tão somente 16 annos de serviço. Aliás a Carta Regia de 26 de Maio dizendo 17 annos diz acertado si os contarmos desde sua partida do Reino.

A guerra sedusiu-o bem creança ainda, *de pouca idade*, elle o confessa, e explicitamente se lê na *Jornada do Maranhão:* «Tinha o dito Diogo de Campos (é o proprio auctor da *Jornada do Maranhão)* um parente seu, o qual de *mui pequeno* havia mandado com Pero Coelho de Souza, para que servindo naquella entrada aprendesse a lingua dos Indios e seus costumes, dando-se com elles e fazendo-se seu mui familiar».

«*Mui pequeno* é vago, diz Capistrano d'Abreu no trabalho *As Primeiras Armadas vindas ao Brasil;* mas si attendermos, de um lado, a que mandando-o ao Ceará o que seu tio queria era que elle «servindo n'aquella entrada aprendesse a lingua dos Indios e seus costumes, dando-se com elles e fazendo-se mui seu familiar e parente ou compadre»; si attendermos de outro lado a que Varnhagen (pag. 404 da 2.ª edic.) assegura que Martim era um dos cabos dos soldados que tomaram parte na expedição, o *mui pequeno* não pode significar menos de 17 a 18 annos. Assim elle podia ter nascido em 1586.»

Dezesete annos contava tambem João Fernandes Vieira e, si não foi nessa edade chefe de bandeira ou capitão de batedores como no seu excesso de conceitos encomiasticos quizeram fazer delle panegyristas a outrance, foi soldado valoroso contra os batavos invasores de Pernambuco.

Si ao tempo da expedição á Ibiapaba era tão joven, mui pequeno, como diz o tio, de 17 ou 18 annos como justamente suppõe Capistrano d'Abreu, não podia elle conluiar-se com um homem da edade e da importancia social do cunhado de Fructuoso Barbosa e levar á empreza commum elementos seus tão consideraveis que merecesse ao Padre José de Moraes o que se lê no cap. III da sua *Historia da Companhia de Jesus.* Até o titulo do cap. diz: *Pero Coelho de Souza e Martim Soares Moreno tentão por terra o descobrimento do Ma-*

ranhão, como pretendendo dar a perceber que Martim Soares era figura do primeiro plano e não um simples cabo á laia de Manoel de Miranda, João Cide e Simão Nunes, que tomaram parte tambem na expedição.

Mas a asserção do Padre não resiste no argumento a que se prestam a tenra edade de Martim Soares e o silencio dos dous escriptores já citados, ambos seus conhecidos e um delles parente bem proximo.

Não querendo falar no facto guardado por Vicente do Salvador de ter recahido não em Martim Soares, mas em Manoel de Miranda a escolha para chefe do troço de soldados encarregados de lançar as mangas contra os Indios e os francezes da Ibiapaba, o que constitue um argumento da superioridade deste sobre aquelle, uma circumstancia ainda ha para se oppor ao que José de Moraes busca fazer acreditar.

Organisa-se uma expedição destinada ao descobrimento do Maranhão, mas principalmente por terra, porque por mar era improficua a tentativa e para descoroçoar os mais audazes ahi estavam as desgraças de Luiz de Mello e Ayres da Cunha. A' testa da empreza colloca-se Pero Coelho de Souza, homem nobre, morador na Parahyba e a elles se associam varios aventureiros. Sahe a expedição da Parahyba, chega ao Jaguaribe, encaminha-se ao Camocim e d'ahi á serra da Ibiapaba. Os indios auxiliados por Francezes, que naquellas paragens viviam a commerciar, travam luta com Pero Coelho. Apezar de Mombille e seus arcabuzes, Juripariguassú e Irapuan, chefes indigenas, são derrotados. Celebram-se pazes, os indios offerecem-se para acompanhar ao Punaré a Pero Coelho, que projecta ir além, ao Maranhão, a ultima etape de sua projectada viagem.

Mas agora são seus proprios soldados que recusam proseguir. Prosta-os á fadiga, escasseam-lhes os recursos. Volta ao Camocim e d'ahi ao Ceará, onde funda á margem do rio do mesmo nome a povoação de *Nova Lisbôa*, «sitio donde já era feita uma cidade, muito bom sitio onde tenho agora uma fortaleza», escreveu muitos

annos depois Martim Soares em autobiographia, que publico adiante, affirmativa que desmorona a opinião dos que, como Varnhagen e Constancio por exemplo, dão Nova Lisboa como fundada por Pero Coelho no Aracaty.

Constancio é o auctor que chama Luiz de Siqueira ao celebrado Padre Luiz Figueira, faz de Jacaúna um dos principaes chefes dos Tapuyas e diz que Martim Soares fundara uma povoação que chamou Nossa Senhora do Amparo e tomara um navio hollandez por abordagem com tapuyas vestidos e disciplinados á portugueza.

Era, porém, preciso prevenir o futuro do nascente estabelecimento. Resolveu-se Pero Coelho a impetrar soccorros de Pernambuco e a buscar a familia, que ficara a aguardal-o. Substituiu-o no commando do pequeno forte do Ceará o capitão Simão Nunes.

E porque não Martim Soares?

Si assistia-lhe a importancia, que lhe empresta o Padre José de Moraes, como explicar a preterição?

Ausenta-se um dos chefes e no supremo governo da nova colonia deixa de ficar empossado o seu associado, o outro organisador da expedição?

Já anteriormente, vimos, ao iniciar-se a subida da Ibiapaba não fora a elle mas a Manoel de Miranda que confiara Pero Coelho o serviço das mangas.

Mas é inutil estar a accumular interrogações pois o proprio Martim Soares disse claramente: *logo que cheguei a Pernambuco fui com o capitão-mór Pero Coelho de Souza a descubrir e conquistar a Provincia de Jaguaribe e Seará e Mel Redondo servindo de soldado.*

Repare o leitor que no trecho citado Martim Soares diz *Jaguaribe*, *Ceará* e Mel Redondo querendo significar a parte sul da região, a parte mais ao norte e a serra da Ibiapaba. Razão a mais para eu poder affirmar, como já o fiz, que o actual Ceará não era conhecido pelos escriptores dantanho pelo simples e generico nome de Paiz do Jaguaribe.

Soldado chama-lhe tambem Frei Vicente do Salvador.

Não fica nisso a lenda inventada pelo autor da *Historia da Companhia de Jesus na extincta Provincia do Maranhão e Pará*. Martim Soares foi para elle não só o socio de Pero Coelho como tambem o capitão-mór do Ceará, estando ainda este na capitania. Façamos a resenha dos dizeres do Padre Moraes.

Emquanto Pero Coelho encaminha-se para a Ibiapaba, Martim Soares volta a Pernambuco. Descreve ao governador Diogo de Menezes a terra e suas bellezas, pinta-lhe as riquezas a auferir della e as vantagens de uma regular administração. E' mais compassivo com os indios, cuja liberdade respeita; captou-lhes as sympathias; conhece-lhes a lingua; poderá influir poderosamente no sentido da colonisação Portugueza, ameaçada por todos os lados; *foi facil a Diogo de Menezes conceder o que lhe pedia Martim Soares Moreno, agradecendo-lhe o serviço que pretendia fazer a seu rei para o que lhe fazia mercê do novo posto de Capitão-mór do Ceará*. O novo capitão volta a assumir o cargo e em pleno exercicio vem encontral-o Pero Coelho já de volta da Ibiapaba e acompanhado dos Tobajaras da serra e de Tupinambás do Maranhão, aos quaes, uns e outros, havia attrahido sob as promessas fallazes de ricos presentes, mas com o intento malvado de reduzil-os á escravidão. Por alguem da comitiva tem aviso o capitão-mór da resolução em que se encontravam Pero Coelho e sua gente: procura-os, lança-lhes em rosto o feio proceder, descreve-lhes as consequencias funestas, que trará á nascente colonia um tal assalto á liberdade dos indios, tão doceis e tão submissos. A nada se move a fereza de animo do cunhado de Fructuoso Barboza; num momento dado elle e seus companheiros precipitam-se de repente sobre os indios, e são amarrados assim os Tobajaras como os Tupinambás *ao estrondo de muitos tiros que espantando a maior parte do gentio que alli se achava da obrigação do Capitão-mór* (Martim Soares)

os deixou senhores da presa para os lerarem com as suas familias a chorar no serviço de suas casas e lavouras a injustiça de seu infortunio.

Como consequencia deu-se um levante geral dos indigenas, justamente magoados e indignados, despersa-se a gente, que as bôas maneiras de Martim Soares haviam conquistado e este, abatido, retira-se a Pernambuco e ao Governador, que então era *Gaspar de Souza*, expõe o malogro de todos os seus esforços e o feio attentado de que haviam sido victimas os infelizes indios. Uma escolta sahe a prender o grande criminoso, que expira nos carceres do Limoeiro, emquanto um Decreto restituia as victimas á inteira liberdade.

Até ahi José de Moraes.

Seria essa a primeira na série das nomeações de Martim Soares para capitão mór do Ceará, sendo a segunda em 1611 e a terceira em 1619.

Mas a 1.ª dellas é uma novella, um simples producto da imaginação de José de Moraes, que para leval-a a cabo necessitou de representar a expedição de Pero Coelho como tendo sido feita nos governos de Diogo de Menezes, depois Conde de Ericeira, e Gaspar de Souza, aquelle empossado em 1607, e este em 1612, quando qualquer pessoa por pouco que entenda da historia Cearense sabe que a expedição vae de 1603 a 1606, seguindo-se-lhe em 1607 a dos jesuitas Figueira e Pinto.

Quanto a 2.ª nomeação, ou 1.ª verdadeiramente, ha discordancia tão somente com relação á epocha em que ella se deu, discordancia suggerida, aliás, por tres escriptores contemporaneos, Candido Mendes, Southey e Varnhagen, collocando-a o 1.º em 1609, o 2.º em 1610 e o 3.º em 1612 quando os velhos chronistas Diogo de Campos e Berredo collocam-a em 1611; J. Brigido vae com Candido Mendes, Araripe e João Ribeiro com Southey, Beauchamp, Pompeu e Theberge abraçam a opinião dos velhos. Eu estou com estes ultimos tambem.

Ninguem, porem, contesta a nomeação.

Foi um despacho do governador Diogo de Menezes, influenciado pelas boas informações de Diogo de Campos, que lhe deu a Capitania, theatro dos erros e da longa expiação de Pero Coelho, e theatro egualmente dos triumphos apostolicos e da morte gloriosa do *Paepina*.

Servia elle na fortaleza do Rio Grande como tenente do capitão-mór Lourenço Peixoto Cirne e com dous homens sahira a fazer novas amisades com os moradores da costa até o Ceará.

Bem recebido dos indios, conseguiu convencel-os da vantagem de alguns o acompanharem até a Bahia para impetrarem do governador D. Diogo sacerdotes que os fizessem christãos. Acceita a proposta, partiu com elles ao seu destino tendo por companheiro o proprio filho do principal Jacaúna, seu protector e grande amigo do tempo em que estivera por 3 annos no Ceará por motivo da expedição de Pero Coelho.

O governador satisfez o pedido da ida de um sacerdote, e despachou a Martim Soares provido de todas as cousas necessarias e muito recommendado para que commerciasse por terra com os naturaes do Maranhão afim de se fazer essa conquista, dando de tudo parte ao Conselho da India.

Acompanhado tão somente de um clerigo e de seis soldados, expediente, que adoptou para não despertar as desconfianças nem reviver os justos ressentimentos dos indigenas, deixou Martim Soares a Bahia e veio para o Ceará, onde construiu com o auxilio de Jacauna e de seus indios um Forte e uma pequena Ermida a que deu a invocação de N. S. do Amparo e na qual se disse logo missa em retabulo que trouxera. Foi isso em 1611. O forte era capaz de 200 homens, e teve o nome de S. Sebastião.

Delle vieram as telhas e 5 peças de ferro para o Forte de Schoonenburch construido por Mathias Beck em 1649.

Esse Forte não ficou em projecto como escreveu

o erudito Candido Mendes. Duas esquadras de 40 soldados dirigidas pelo commandante Maes iniciaram sua construcção a 10 de Abril. Traçou-lhe os riscos o engenheiro Caar. Ficou concluido a 22 do dito mez. Possuo uma copia delle tirada da que foi trasida por José Hygino quando andou pela Hollanda em proveitosissima pesquiza de documentos para o Instituto Archeologico Pernambucano. Em tempos possuiu tambem uma a Camara Municipal de Fortaleza.

Foram esse Forte e edificios annexos a cousa unica legada pelos Hollandezes da expedição de 1649 pois que nada ou muito pouco conseguiram da mineração emprehendida em Itarema, Maragoaba e Upuapaba, aliás o motivo unico que então os trouxe ao Ceará.

Em Itarema e Maranguape andou tambem Martim Soares a fazer explorações, mas não as levou avante por que o governo de Madrid fel-as cessar com receio de prejudicar pela baixa da prata as explorações das minas do Perú.

A expedição de Mathias Beck compunha-se do hiate Geele Sonne, capitão Miguel Block, hiate Synegael, capitão Francisco Pietersz, hiate Vlissinge, capitão Samuel Samuelz, barco Capodello, capitão Gerardo Goosz e uma chalupa sob o commando do quartel mestre Gerardo Hendricksz. O total das pessoas a bordo era de 298 entre os quaes o commandeur Coster, que enlouqueceu na viagem, o capitão Jacob Maes, seu successor, e 60 indios do Ceará sob a chefia de Francisco Cayaba. A 21 de Março chegaram ao rio Parahyba donde depois da demora precisa para se prover de agua potavel e receber o ministro Kempins seguiram para entrar no Rio Grande a 24 onde tomaram o commissario Van Ham, e na bahia de Mucuriba (Mocuripe) a 3 de Abril.

Sahira do Recife ás 8 horas da manhã de 20 de Março.

A' ida, de Martim Soares ao Ceará se refere assim o autor da *Rezão do estado do Brasil* que não é outro senão o proprio tio delle, Campos Moreno:

«A sombra desta fortaleza (dos Reis, Rio Grande) e de estas Aldeias se fez a paz com os de Jaguaribe e paçou a povoar o Cappitão Martim Soares Moreno com sos cinco soldados e hum capellão fiado na vezinhança e na amizade que tem com todos os principaes dos Indios de hua e de outra parte.»

Esse clerigo, que foi de capellão com Martim Soares, se chamava Balthasar João Correa.

A elle se referem uma Carta de 10 de Maio de 1624 em que S. Magestade manda que o Conselho da Fazenda dê parecer sobre uma sua pretenção, e duas Cartas do Padre Manoel Gomes dando noticia dos factos occorridos na sua viagem ao Maranhão, uma das quaes vem publicada na Historia da Companhia de Jesus pelo Padre José de Moraes; a outra, ainda inedita, pretendo leval-a ao prelo por todos estes dias.

Em 1619 o Padre Balthasar se partiu do Maranhão para o Reino a buscar cousas necessarias á Egreja deixando em seu logar o coadjuctor Domingos Glz Vaz, homem violento, que chegou a quebrar com um pau o braço de um escrivão e a excommungar o governador Diogo Machado que procurava conter-lhe os desatinos.

As luctas do coadjuctor com Diogo Machado e a Camara terminaram com ser elle forçado a embarcar no navio de Jorge de Lemos para o Reino. No entretanto ficou encarregado do serviço religioso na conquista o Licenciado Miguel Barreto.

Sympathico aos naturaes, cresceu Martim Soares no conceito delles pelo valor com que os dirigiu na abordagem e captura de um navio Francez, cuja tripolação rendeu-se á descripção, dando a victoria ensejo a que outro navio da mesma nacionalidade, fundeado em Mocuripe, por saber do destroço levantasse inopinadamente o ferro e soltasse as velas, abandonando ás ondas e ao odio dos Portuguezes o escaler, que havia mandado á terra e os respectivos tripolantes, para ir sossobrar alguas leguas mais longe, submergindo nas ondas o pingue carregamento, que conduzia. Berredo,

que cita os 2 casos, os dá como acontecidos com navios hollandezes.

Os estrangeiros commerciavam com os indios do Ceará carregando seus navios de pau tintado ou uburaquatiára, pau amarello ou tatajuba, ambar, pimenta malagueta e sobretudo algodão, que já naquelles tempos era a riqueza da terra, como sel-o-á em epochas futuras e sempre si o Cearense comprehender bem os proprios interesses.

Ainda assim, perigou o nascente estabelecimento porque com a retirada de Diogo de Menezes para a Bahia ficou Martim Soares em abandono e em grande apuro, e si não fôra mais vigilante a attenção de Gaspar de Souza, que lhe enviou reforço, elle, e com elle a colonia, teria desapparecido. *E succedera damno se o dito Martim Soares já mui pratico na lingoa, e modos de proceder dos Indios não se valera de sua industria até que lhe chegou soccorro*, diz o autor da *Jornada do Maranhão*.

Do conceito, que lhe merecia o capitão-mór do Ceará, e da maior importancia dos soccorros que lhe enviou disse Gaspar de Sousa em carta de 12 de Abril de 1614 a El-Rey:

«Mandoume V. Mgd.e a esta Cap.a para della continuar a empresa do Maranhão e quando vim achey que por muy justas causas tinha o g.or dom Diogo de Menèses comessado a povoar o Seará no qual estava por capitão Martyn Soarez com algus poucos soldados q' em meu tempo fez muy boas sortes aos pyratas q' andavão por aquella costa tomandolhe embarcações e mattando e cattivando muytos delles pareceome aconselhado de pessoas praticas q' devia sustentar aquelle sitio com mais força por ser de grande effeito p.a a conquista que p.a tão bem se ordenar melhor requeria que no Comusi estivessem quorenta ou sincoenta soldados com seu capitão os quais terião pratica do gentio acquirindoo p.a nos acompanhar na jornada quando fosse tpo como fiserão e Jeronimo d'albuq.e trouxe

o yndio diabo grande a esta Cap.ª e que daly passarião adiante conforme as occasiões pois logo se não podia yntentar a ditta conquista com toda a prevenção e gente necessaria.»

Não conheço manuscripto algum que trate de Pero Coelho; o que delle se sabe acha-se em obras já dadas á imprensa; sobre Francisco Pinto o inedito mais antigo são os trechos do Padre Ignacio de Tolosa (1575) por mim transcriptos á pag. 71; quanto a Martim Soares é essa carta de Gaspar de Sousa a primeira referencia que encontro no enorme acervo de Documentos que tem passado sob meus olhos.

A carta de Ignacio de Tolosa, provincial que succedeu a José de Anchieta, foi escripta da Bahia a 7 de Setembro de 1575.

Noutra occasião tratando de Francisco Caldeira Castel Branco, governador do Pará, lembrou Gaspar de Sousa a ElRei que em vista do seu procedimento se lhe desse substituto, sendo então provido *Manuel de Sousa de Saa que naquella conquista tem bem serrido e sabe a lingoa alem de ter partes e calidade para isso ou o capitão Martim Soares que tem as mesmas partes e merecimentos.*

Eram, portanto, os predicados e os serviços de Martim Soares mui bem reputados desse governador geral, homem de incrivel cuidado, como diz frei Vicente do Salvador, em vigiar sobre todos os ministros e officios de justiça e fazenda, da milicia e da Republica sem lhe escapar o erro ou descuido do almotacé ou de algum outro que não emendasse.

Desse bom conceito não destoava o do seu antecessor. Diogo de Menezes consultado sobre o que pedia Martim Soares para a capitania a que tinha de ir como capitão-mór, informou a El-Rei: *quanto á sufficiencia do supp.te* (Martim Soares), *é muito bom soldado, e o tem bem mostrado em muitas occasiões do serviço de V. Mag.de e tudo o de que for encarregado fara muito bem* (Parecer de 25 de Maio de 1619).

Nesse parecer opinava D. Diogo que ao capitão do Ceará se desse ajuda de custo para construcção de uma fortaleza de páu a pique, que a fortaleza fosse guarnecida de 10 peças e 50 soldados, alguns dos quaes conhecessem os officios de alfaiates, sapateiros e serralheiros, e que na fortaleza houvesse vigario e coadjuctor.

O governo Portuguez, melhor informado das cousas do Maranhão, e comprehendida a urgente necessidade de evitar-se a todo transe que se fixassem ali definitivamente os Francezes, o que tudo faziam crer as noticias recebidas, encarregou ao successor de Diogo de Menezes, que foi o citado Gaspar de Souza, filho de Alvaro de Souza, senhor de Alcude e por sua vez alcaide mór de Meira, de levar a empreza a bom caminho.

Para isso veiu Gaspar de Sousa em direitura a Pernambuco.

Em chegando poz logo mãos ao negocio com o zelo e efficacia que eram de esperar de suas qualidades e pessoa, sendo logo das suas primeiras medidas, e isso ficou assentado com individuos de reconhecida pratica, tomar e sustentar os postos do Ceará e Buraco das tartarugas não só para que não fossem occupados pelos francezes como para impedir a estes as aguadas, que de ordinário alli iam fazer, e para estabelecer-se mais intimas relações com os indios da região.

No intuito de realisar o ultimo destes desideratos ninguem melhor que Jeronymo de Albuquerque, e pois não admira que sobre elle convergissem todas as vistas e todas as esperanças.

Fazer amisades e pazes com varios chefes indigenas, dos quaes alguns se transportaram a Pernambuco donde se tornaram satisfeitos e dispostos á causa Portugueza, foi o principal empenho de Jeronymo d'Albuquerque, que para isso não duvidou até em vender os proprios possuidos.

Tal desinteresse e intuitos de tamanho alcance ficavam bem em Gaspar de Sousa e J. d'Albuquerque. Não os comprehendia, porem, a estreiteza de vistas da Metropole,

que mais de uma vez esteve a abandonar a empreza do Maranhão para cogitar tão somente dos lucros, que lhe podessem advir do commercio do pau brasil. Aos planos do proprio Gaspar de Sousa mil tropeços surgiram por motivo desse commercio, como bem se pode deprehender de sua correspondencia de então, mormente de uma sua carta de 20 de Agosto de 1614 que assim começa:—«Queixo-me a V. Mag.ª de anno e meio a esta parte de não ser servido mandarme responder a muitas que lhe tenho escripto em razão das materias do governo deste Estado e com uma resposta que agora alcancei me fica ainda maior queixa sendo tão contraria ao que a V. Mag.ª mereço por meus serviços de tantos annos e procedimento.»

Venceram, porem, e definitivamente os legitimos interesses, e da Europa expediram-se nesse sentido ordens expressas e para executal-as com mais promptidão e efficacia Gaspar de Sousa assentou residencia em Pernambuco.

Realisados os aprestos necessarios, partiu de Pernambuco Jeronymo de Albuquerque em Junho de 1613, e tocando no Ceará tomou á sua companhia Martim Soares, ao qual ficou substituindo no commando do fortim de Nossa Senhora do Amparo Manoel de Britto Freire, como dizem uns, ou Estevão de Campos, como querem outros, Jaboatão, Berredo e Ayres do Casal, por exemplo.

Dos conhecimentos de Ayres do Casal sobre factos que dizem respeito a Martim Soares ha pouco que fiar; avalie-se que elle diz que não se sabe si Martim Soares ao tempo em que acompanhou Jeronymo de Albuquerque commandava o Ceará com Patente Regia e si já era o commandante quando aqui aportou Pero Coelho!

A Martim Soares coube o papel importante de sahir a reconhecer os Francezes e suas posições e de colher a respeito a mais minuciosa informação.

Deixando o Ceará, aportou a expedição á Jeri-

coacoara ou Buraco das Tartarugas, havendo-se préviamente verificado a impossibilidade do estabelecimento de uma povoação em Camocim, por ser terra *misera, secca* e *sem agoa*, no dizer de Diogo de Campos.

Em Jericoacoara Jeronymo de Albuquerque construiu um fortim e uma pequena Egreja, ambos com a invocação de Nossa Senhora do Rosario. D'ahi sahiu Martim Soares a explorar o rio e as terras do Maranhão, como lhe fôra incumbido.

João Ribeiro na sua recommendavel Historia do Brasil, 2.ª ed. p. 108, dá o forte do Rosario como tendo sido fundado em Camocim, o que não é exacto.

Que Martim Soares estava no Ceará e ali foi tomal-o Jeronymo de Albuquerque, disse-o eu e é a versão correcta e que se basea nas affirmações de Campos Moreno e Berredo; não obstante, o Padre José de Moraes escreve que sabendo Martim Soares que na ilha do Maranhão estavam já situados os Francezes foi a Pernambuco expor a Gaspar de Sousa as vantagens e o bom exito de uma expedição, delle recebeu soldados, munições e indios, com ordem de ir reunir-se a Jeronymo de Albuquerque, capitão-mór da Fortaleza do Rio Grande, donde juntos proseguiram na viagem.

E o curioso é que o Conselheiro Araripe na sua *Historia da Provincia do Ceará* adoptasse a versão da ida de Martim Soares a Pernambuco, sua ida ao Rio Grande a reunir-se a Jeronymo de Albuquerque e a subsequente vinda ao Ceará.

José de Moraes e Araripe não tem razão.

Considerem-se ainda as seguintes asserções do P.e José de Moraes:

1.º Elle faz Gaspar de Souza entregar a Martim Soares uma expedição de 300 homens com ordem de ir tomar a Jeronymo de Albuquerque.

2.º Chama Jeronymo de Albuquerque de Capitão-mór da fortaleza do Rio Grande.

3.º Diz que Jeronymo de Albuquerque e com elle Martim Soares largando ás incertezas da fortuna as velas

da sua esperança com vento a pôpa chegou finalmente a avistar a bocca do Pereá e montada a ponta da terra firme deu fundo com feliz viagem na ilha de Santa Anna.

Da estada delles no Ceará e em Jericoacóara nem palavra, quando o facto está perfeitamente averiguado.

Do numero dos expedicionarios nada diz Diogo de Campos, mas frei Vicente do Salvador e Berredo computam-o em 100 homens embarcados em 4 barcos de guerra; 100 homens dizem Teixeira de Mello e o Cons. Araripe.

Sobre a residencia de Albuquerque no Rio Grande, de cuja fortaleza era o commandante, é a opinião do Padre José de Moraes opinião singular, sendo para notar que Berredo diz claramente que ao tempo da sua nomeação para chefe da expedição elle era morador na Villa de Olinda. E o era.

Morador em Olinda dil-o tambem frei Francisco de S. José na *Poranduba Maranhense*.

Explico de modo facil as cousas. Esteve realmente Jeronymo de Albuquerque nesse tempo em Rio Grande mas não na qualidade de capitão-mór, sim a fomentar amisades com os morubixabas, o Diabo Grande por exemplo, e a preparar e ajuntar indios a mandado de Gaspar de Sousa, que se passou, como vimos, ao Recife para promover varias medidas que o caso requeria, das quaes foi a primeira a expedição de dous caravelões com mantimentos e soldados com destino ao dito Jeronymo d'Albuquerque.

Ha meios de verificar a inexactidão da asserção do Padre José de Moraes.

Compulsando-se o catalogo dos encarregados do governo do Rio Grande do Norte ver-se-á que a 21 de Agosto de 1609 foi nomeado para exercer esse posto Lourenço Peixoto Cirne e a 14 de Setembro de 1613 Estevam Soares e que Jeronymo de Albuquerque teve nomeação regia para elle e por 6 annos mas em 1603.

Realmente é a seguinte a lista dos capitães-mores do Rio Grande:

1600 Manoel Mascarenhas Homem;
1600 João Rodrigues Collaço;
1603 Jeronymo de Albuquerque;
1610 Lourenço Peixoto Cirne;
1613 Francisco Caldeira Castello Branco;
1614 Estevam Soares.

Possuo o *Auto e mais Deligencias que se fizerão sobre as Datas de terras da Capitania do Ryo Grande que se tinhão dado* em virtude de um Alvará de 28 de Setembro de 612 de cuja execução foi encarregado Alexandre de Moura. As datas a que o Auto se reporta se elevam a 185, sendo a 1.ª, de 2500 braças de terra ao longo do rio Potigy, concedida pelo capitão-mór Manoel Mascarenhas Homem a João Rodrigues Collaço a 9 de Janeiro de 1600 e a ultima pelo governador geral Gaspar de Sousa a Pero Vaz Pinto, escrivão da fazenda.

Na longa lista apparece Jeronymo de Albuquerque como doador das de n.º 54 a 8 de Agosto de 1603 até a de n.º 162 a 9 de Agosto de 1610, seguindo-se a data de terra n.º 163 mas já doada por Lourenço Peixoto. A este capitão succedeu no governo da capitania Francisco Caldeira em cujo tempo Alexandre de Moura se occupou da partilha das terras.

A isso já me referi ligeiramente, ao tratar da expedição de Pero Coelho, na anterior monographia.

Demais no dito Auto, que é do Fevereiro de 1614, figura ao lado de Alexandre de Moura o capitão-mór Francisco Caldeira e este declara conformar-se com as informações do Padre Vigario e de Manoel Rodrigues por serem as pessoas mais antigas do logar e elle capitão-mór estar no Rio Grande havia seis mezes apenas (portanto já em 1613), e occupado continuamente nas obras e reformas da fortaleza.

Como, portanto, em 1613 «Gaspar de Sousa tudo confiou a Martim Soares com ordem de ir tomar a Jeronymo de Albuquerque, capitão-mór da fortaleza do Rio Grande, e chegando Martim Soares ao Rio Grande entregou-lhe as cartas com a respectiva patente?»

O Padre José de Moraes é ainda o unico dos velhos escriptores a affirmar que J. d'Albuquerque chegou até o Maranhão, o que nunca se deu. Digo dos velhos porque á pag. 67 das suas Lições de Historia Patria ensina Americo Braziliense que Albuquerque chegando ao Maranhão construiu um forte e mandou Moreno reconhecer a ilha, e pois cahiu no mesmo engano do Padre. E equivocando-se em ponto de tanta importancia, não admira que o engano fosse além e, pois, eil-os a darem como theatro do assalto de du Prat, e da estrondosa victoria de Manoel de Souza d'Eça não o fortim de Nossa Senhora do Rosario em Jericoacoara, como realmente foi, mas sim o porto e ilha de Santa Anna.

Os factos passaram-se do seguinte modo:

Edificado em Jericoacoara o fortim de Nossa Senhora do Rosario, como deixei dito, e havendo partido Martim Soares a cata de descobrir os Francezes, ficou nelle Jeronymo de Albuquerque a aguardar as informações e as noticias para melhor encaminhar as operações.

Taes noticias de Martim Soares e dos 20 companheiros, que levou, essas é que não vieram. Não que estivessem inactivos. Eis aqui o que elle mesmo escreve:

«E sendo no anno de 1613 fui em um pequeno barco a fazer o dito descubrimento levando os Indios que comigo havião hido fallar, os quaes erão muito praticos naquella Costa, e sendo já alguns dias de viagem, cheguei a Pereiá a primeira boca do Maranhão e dalli fui por dentro dos rios e ao dia de S. Anna cheguei á Ilha chamada Tucutenduba a que puz nome Ilha de S. Anna, alli achei um grande porto de náos muito fundavel, e nelle um Armazem que alli tinhão os francezes com muito breu e muitas cabascamastras e muito páo de tinta cortado e polés aonde fazião muitos cabos ao que puz fogo e dalli fui a descobrir o sitio de Guaxenduba, donde depois o Capitão-mór Hyeronimo de Albuquerque situou seu campo, e teve a victoria com

os inimigos, isto feito me fui em demanda da Ilha que hoje chamão de S. Luiz a cheguei com o barco perto de terra donde desembarquei e pondo-me em cima de penedo prégando que era filho de Yacauna todos me ouvirão e me levarão galinhas e muitos legumes, allí puz uma Cruz com um letreiro que dizia aqui chegou o Capitão Soares Moreno a tomar pocessão por el-Rei Catholico, e não sabendo que estavão povoados os francezes alli me confessei e sem falta fora morto se um Indio não me avizara que se veio comigo a esta Cidade, e com o dito avizo dei a vella não fazendo aggravo a nenhum d'aquelles Indios antes feito pratica que dali a um anno tornaria com muita gente a povoar aquellas terras; neste tempo já os francezes tinhão tomado a Barra por onde eu havia de sahir. Permitio Deos que me meti pelo Rio assima escapei embrenhado em um braço delle, e dali a oito dias tornei a desembocar de noite donde arribei as Indias e dali vim com a Relação a esta Cidade e com ella e o meu Piloto se fez a jornada donde Sua Mag.de me mandou tambem.»

Arrastados pelos ventos e correntezas fôra-lhes impossivel voltar ao presidio e tiveram que ir á ilha de S. Domingos, depois ás Bahamas onde communicaram com os Inglezes moradores alli, e apoz fortuna varia chegaram a 25 de Setembro de 614 á cidade de Sevilha d'onde Martim Soares aproveitou o mestre da lancha Sebastião Martins, que regressava ao Brasil, para então dar conta a Gaspar de Souza do que vira no Maranhão e das difficuldades com que teve de arcar.

Com Martim Soares foi a Sevilha um indio dos do Maranhão.

Pela demora de Martim Soares em regressar ou ao menos em dar noticias da Ilha que explorara, si bem que o tivesse logo feito por quatro indios que despachou e que se desencaminharam, e porque a estação urgia e fôra loucura tentar o desconhecido, mormente contando com tão minguado contingente de tropas, já de si desfalcadas de homens como Martim Soares e o piloto Martins,

comprehendeu Jeronymo de Albuquerque a necessidade de regressar, e mandando a gente de guerra por mar, voltou por terra em o mez de Agosto para Pernambuco, não se tendo descuidado de guarnecer de soldados, e foram esses em numero de 40, o forte de Nossa Senhora do Rosario, de cuja commandancia encarregou o proprio sobrinho.

Era um posto de grande responsabilidade, pois que Jericoacoara desafiava as visitas dos corsarios estrangeiros para o resgate de differentes drogas e estava a mercê das investidas dos naturaes, que conhecedores das precarias condições de sua guarnição por mais de uma vez tentaram trucidal-a, como aconteceu em 1614, quando 300 delles se abalançaram a esse intento sendo todavia repellidos com grande mortandade apezar da penuria da guarnição, que havia mezes só se alimentava de hervas do campo.

Para acudir a esses apertos e como soccorro á guarnição que se via em desamparo foi que Gaspar de Sousa expediu a 28 de Maio um caravelão com 30 homens sob o commando de Manoel de Sousa d'Eça ou de Sá, que chegando alli a 9 de Junho teve logo ensejo a 18 de medir-se com os Francezes de du Prat inflingindo rigoroso castigo á sua audacia e temeridade.

A expedição de Albuquerque, portanto, não chegou a pôr pé em terra Maranhense. O que fica claro é que José de Moraes confundiu a 1.ª com a 2.ª expedição do illustre cabo de guerra.

Confusão egualmente deploravel das duas expedições é a que commette Mello Moraes na sua «Chronica Geral do Brazil».

Para elle J. d'Albuquerque sahiu a 1 de Junho de 1613, *antes da chegada do governador*, com uma força para bater os Francezes, mas reconhecendo não ser ella sufficiente voltou a Pernambuco, reforçou-se com mais 300 homens de tropa regular, 234 indios, 2 navios, 1 caravella e 5 caravelões, marchou para o Maranhão, deu combate em frente da ilha a Ravardiere no dia

19 de Novembro, os Francezes a 22 pediram suspensão de armas, e a 27 assignaram-se artigos de paz! É dessa sorte Mello Moraes distribue por 5 mezes de 1613 os factos notaveis que assignalaram o anno de 1614 e de que se fez minucioso narrador Diogo de Campos Moreno, um dos protogonistas!

Occupando-se da 2.ª expedição escreve elle que Jeronymo de Albuquerque voltou no anno seguinte com tropas frescas e cinco navios de guerra que tinhão vindo de Portugal debaixo das ordens de Diogo de Campos ao passo que por terra marchava o celebre Camarão, irmão de Jacauna, a testa de 800 Potiguares, etc.

Não admira. A' pag. 211 diz elle que os primeiros religiosos entrados no Maranhão foram frei Cosme de S. Damião e frei Manoel da Piedade, barbadinhos franciscanos Francezes e isso em 1612 ou 1613; á pag. 204, que os indios Tacorijús assassinaram o Padre Luiz Figueira quando em viagem para o Maranhão; á pag. 212 que D. Diogo de Menezes passando-se a Pernambuco em fins do anno de 1611 mandou Martim Soares Moreno formar no Ceará um estabelecimento para explorar a embocadura do Amazonas, o que pouco se poude conseguir á falta de recursos, etc., etc.

E si tantas inexactidões se encerram na *Chronica Geral do Brazil*, não menos eivada dellas está a *Chorographia* na parte que diz respeito a Martim Soares e á expedição de Jeronymo de Albuquerque (pag. 443). Basta para proval-o consignar as seguintes asserções: que o forte de N. S. do Rosario foi levantado na embocadura do rio Pereá; que Jeronymo de Albuquerque, que se encontrou com Martim Soares ao passar pela embocadura do Potengi, mandou-o se apossar da ilha do Maranhão; que Martim Soares reconhecendo a posição do inimigo assentou não dever aventurar-se e voltou para o forte do Rosario onde passados tres mezes teve de defender-se de uma multidão de indios capitaneados por Francezes.

Ora nem o forte de N. S. do Rosario estava no

Periá, mas em Jericoacoara, nem se deu o encontro de Jeronymo de Albuquerque e Martim Soares na embocadura do Potengi mas no Ceará, nem Martim Soares foi mandado desalojar os Francezes mas sim explorar o terreno e verificar as forças e posições do inimigo, nem Martim Soares voltou ao forte do Rosario porque foi arrojado ás Antilhas e á Europa depois de longa serie de perigos e aventuras de que deu conta por intermedio de Sebastião Martins e outros companheiros seus chegados de volta a Pernambuco a 24 de Julho de 1614 numa caravela de Roque Fernandes.

Abordemos agora uma questão. Onde separou-se Martim Soares do grosso da expedição? Na Ilha de Santa Anna, disseram José de Moraes e Americo Braziliense; em Jericoacoara ou Buraco das Tartarugas affirmaram Simão Estacio da Silveira (que tambem computa em 100 homens a expedição de J. de Albuquerque), frei Vicente do Salvador, Berredo, Santa Maria Jaboatão, Araripe, Theberge e Pompeu; no Ceará mesmo, suggerem Diogo de Campos e, accompanhando-o muito de perto, José de Vasconcellos.

A primeira opinião é insustentavel pois, já viu-se, nem lá chegou a expedição. Restam as outras duas— si em Jericoacoara, si no Ceará.

O autor da *Relação Summaria* diz positivamente: *descorrendo a costa avante do Ceará foi até o Buraco das Tartarugas e alli fez um presidio e uma cerca, e se tornou a pedir mais gente e cabedal para passar ao Maranhão, enviando entretanto a descubril-o pelo capitão Martim Soares Moreno em um barco.*

Quasi nos mesmos termos diz Vicente do Salvador: *Hyeronimo de Albuquerque discorrendo a Costa avante do Ciará foi athé o Buraco das Tartarugas e ahi fez uma cerca, e deixou um presidio, donde mandando o Capitão Martim Soares Moreno em hum barco a descobrir o Maranhão se tornou a Pernambuco a dar conta ao Governador do que tinha feito.*

Não é menos explicito Santa Maria Jaboatão:

Da Bahia despachou logo o Governador quatro Sumacas armadas em guerra com cem homens da guarnição a ordem de Jeronymo de Albuquerque em Pernambuco (mais uma opinião opposta a do Padre José de Moraes) *e dalli partiu este capitão em o primeiro de Junho do anno de 1613 e foy tomar o porto do Ceará. Estava por capitão desta Fortaleza Martim Soares Moreno, a quem Jeronymo de Albuquerque levou comsigo* (mais uma oppor-se ao Padre José de Moraes), *deixando em seu lugar a Esterão de Campos. Do Ceará passarão adiante e forão entrar no chamado Porto ou Buraco das Tartarugas, nas visinhanças do Maranhão e neste porto levantarão logo huma Fortaleza de páo a pique, com o nome de Nossa Senhora do Rosario, despachando ao mesmo tempo em um dos quatro barcos, guarnecidos dos melhores soldados, a Martim Soares Moreno a reconhecer a a intentada Ilha do Maranhão.*

A opinião de Berredo é tambem por Jericoacoara:

Daqui (Buraco das Tartarugas) destacou logo a Martim Soares em hum dos quatro barcos de sua esquadra, guarnecidos dos melhores soldados, com a importante diligencia de reconhecer a procurada Ilha do Maranhão.

Frei Francisco de S. José diz: *Gaspar de Sousa com toda a diligencia armou em guerra 4 embarcações com 100 homens de guarnição. Com esta armada sahio Jeronimo de Albuquerque do Recife de Pernambuco no 1.º de Junho e xegando ao Ceará fez que o acompanhasse o commandante daquelle prezidio Martim Soares Moreno. Levantou no Buraco das Tartarugas (Jericoacoara) uma pequena fortificação de pao a pique, e lhe deu a invocação de Nossa Senhora do Rosario. Daqui (Jericoacoara) destacou logo a Martim Soares em uma embarcação guarnecida dos melhores soldados para reconhecer a ilha do Maranhão, como o mais pratico do paiz por sua muita assistencia no Ceará.*

Do outro lado, em Campos Moreno, se lê:

E chegou ao Siará o anno de 613 donde levou com-

sigo ao Capitão Martim Soares que com facilidade se lhe offereceu para reconhecer tudo o que faltara da Costa até o Maranhão e que entraria no mesmo rio e com toda a brevidade possivel tornaria a dar aviso se podesse, e que entretanto seria bem poroar-se o Camuri... Partido Martim Soares, o dito Jeronymo d'Albuquerque se foi ao Camuri e não achando commodo para porour se tornou atraz coisa de oito leguas á Bahia das Tartarugas chamada Peruquaquara, e alli assentou huma poroação, na qual fundou hum altar a nossa Senhora do Rosario.

E' claro que para o autor da *Jornada do Maranhão* a partida de Martim Soares em desempenho do offerecimento, que fizera, precedeu a ida de Albuquerque ao Camocim (ou Camuri) e a Jericoacoara, e fez-se portanto mesmo do Ceará.

Nos mesmos termos mais ou menos pronuncia-se José de Vasconcellos.

Essas minhas considerações, esses meus confrontos já os fiz na monographia, que dei a lume ha uns bons sete annos sob o titulo *Documentos para a historia do Fundador do Ceará;* mas não me penitenciarei por os reprodusir agora visto serem de alguma importancia e principalmente porque aquella monographia, tendo tido uma edição de 100 exemplares apenas, está pouco divulgada, de estreito numero de pessoas é conhecida.

Entre a auctoridade de Diogo de Campos e a de Estacio da Silveira, Vicente do Salvador, Berredo, Jaboatão e Frei Francisco de S. José, inclinei-me, como todos os chronistas Cearenses, pela segunda, não só por esse concurso de opiniões de tanto peso como pela consideração valiosa de não poder comprehender que Jeronymo de Albuquerque se privasse das luzes e experiencias do homem mais entendido nas cousas do Ceará, logo á primeira entrevista.

Se me afigura muito mais natural que o chefe da expedição julgou-se habilitado a despachar Martim Soares, isto é, privou-se do mais seguro e experimentado

auxíliar, quando estavam mais ou menos vencidos os perigos, firmadas as pazes com os indigenas da amisade de Martim Soares, visitados os portos mais accommodados á empreza em que Albuquerque se empenhava, e construidos os povoados de que se havia mister.

Em todo caso, essa duvida sobre um trecho da vida militar de Martim Soares é uma das muitas em que a cada passo se está a tropeçar e merecerá a attenção dos estudiosos, como merecerá tambem a que se refere ao seu substituto no commando do presidio de Nossa Senhora do Amparo.

Foi Estevam de Campos? Foi Manoel de Brito Freire? Por aquelle estão Berredo e Jaboatam e com elles Pompeu; pelo segundo ficam outros historiadores.

Não tenho documento em que me estribe para resolver a questão, mas é-me facil affirmar que si realmente Estevam de Campos succedeu immediatamente a Martim Soares, seu governo foi de exigua duração, de dous mezes quando muito, porquanto todos os chronistas, inclusive Diogo de Campos e o proprio Berredo, escrevem que Jeronymo d'Albuquerque por occasião da sua 2.ª expedição, *a milagrosa*, encontrou no commando do forte de N. S. do Amparo a Manoel de Brito Freire, que *estava a aguardal-o havia 14 mezes*, dizem uns, *havia mais de 14 mezes*, dizem outros.

O § 11 do Regimento dado por Gaspar de Sousa a Jeronymo de Albuquerque a 22 de Junho de 1614 estipula:

Tanto que em hor.ª chegar ao Rio Seará pelo perigo do ditto Rio não entrara com as embarcassões sinão dara ordem pera tomar o Cap.am manoel de Britto freire, e paressendolhe leuar toda a gente q' com elle asiste o p dera fazer tomando nisso cons.º ou se tão bem sera acertado deixar alguã com o sargento almeida, por lhe não serem impedimentos leuar alguas molheres e crianças q' ali ha.

Sabido que Jeronymo d'Albuquerque sarpou de

Pernambuco em Junho de 1613 e passando no Ceará levou comsigo a Martim Soares, sabido que em Setembro de 1614 (2.ª expedição) encontrou no commando do forte a Manoel de Brito Freire e este estava a aguardal-o *havia 14 mezes*, attendendo-se á data do citado Regimento de Gaspar de Sousa, a conclusão logica a tirar é que si Brito Freire não foi o successor immediato de Martim Soares, quem quer que o foi serviu por muito pouco tempo para ceder logo depois o logar ao dito militar.

Deixamos atraz Martim Soares, arrebatado pelos ventos e correntezas maritimas, passando pelas Antilhas, e aportando á Europa, de onde enviou novas suas por intermedio de Sebastião Martins.

Suas cartas e as noticias que então ministrou sobre a força de que dispunham os Francezes no Maranhão alteraram por completo as deliberações e projectos de Gaspar de Souza como é facil de ver do Auto da reunião ou conferencia havida a 26 de Julho de 1614 entre o governador e o capitão-mór Jeronymo de Moura, o sargento-mór Diogo de Campos e o capitão do forte do Recife Vicente Campello.

Em torno delle faz-se então o silencio por algum tempo até que vamos encontral-o acompanhando o tio, o sargento-mór Diogo de Campos, em sua volta ao Brasil (1615) por causa do insuccesso da missão em que este fôra á Europa com du Pratz, Gregorio Fragoso e Mathieu Maillard na forma do tratado de tregoa celebrado entre Albuquerque e La Ravardiére. Foi seu companheiro tambem o celebre Bento Maciel Parente.

Martim Soares, portanto, figura entre os que conseguiram ultimar a expulsão dos Francezes do Maranhão, isto é, entre os companheiros de Alexandre de Moura. Ao chegar este á conquista já lá estava Martim Soares e até como refem entre os Francezes.

Esse facto vem infirmar a informação de alguns historiadores, Berredo (§ 383) por exemplo, que o dão

como aproveitado no commando de um dos navios da armada que sob o commando de Alexandre de Moura e de Diogo de Campos se fez á vela de Pernambuco para o Maranhão a 5 de Outubro de 1615.

Assignada a capitulação e retirados os vencidos, tratou Alexandre de Moura de se fazer de vela para Pernambuco onde entrou victorioso condusindo como tropheu o cavalleiroso Daniel de La Ravardiere.

Não o fez, porem, sem primeiro ter assentado nas medidas e providencias proprias a firmar a victoria e garantir o recente estabelecimento, já nomeando por governador e chefe supremo ao heroe da conquista, Jeronymo de Albuquerque e para ouvidor a Luiz de Madureira, já fazendo acertada escolha para commandantes das fortalezas e postos militares. Nessa partilha feita aos cabos de guerra, que mais se assignalaram, aos Ambrosio Soares, Alvaro da Costa, Balthasar Pestana, Bento Maciel e outros coube a Martim Soares o posto de capitão de Cumã com 25 soldados.

A primeira ideia foi de o encarregarem do descubrimento e conquista do Pará, mas ulterior deliberação aproveitou-o em serviço naquella região.

Renovando-se os graves encommodos de uma fistula, que padecia, requereu elle a Jeronymo de Albuquerque que mandasse rendel-o, e então succedeu-lhe no governo Mathias de Albuquerque com a patente de capitão de infantaria.

Embarcando-se em um barco velho e mal apparelhado, ao sahir da barra de Cumã sobreveiu furioso temporal que o atirou desarvorado e quasi perdido á Ilha de S. Domingos.

Em S. Domingos nomeou-o o presidente Diogo Gomes de Sandoval por cabo dos navios que sahiam para a Europa, mas outro temporal separou do grosso da armada o navio em que ia e foi offerecel-o á avidez e á vingança de um pirata Francez. Por muito tempo se prolongou a peleja; mas a partida era desigual, o navio inimigo sendo artilhado de 18 peças; ao fim de deses-

perada resistencia restavam só 3 portuguezes e Martim Soares com um braço de menos e o corpo crivado de 23 feridas.

Preso, foi conduzido a França e condemnado á morte a *requerimento de viuvas e orphãos* que nelle enxergaram o causador da perda de seus parentes Francezes que haviam succumbido no Maranhão, mas salvou-o a intervenção do embaixador Duque de Montalvão, o que não o impediu de na volta á patria ingrata andar a *requerer mercês de ajuda de custo para remediar suas miserias e necessidades e desendividar-se para se poder vestir.*

Eis, portanto, adquerida para a historia do fundador do Ceará a data precisa de sua captura e prisão em França. Foi no anno de 1616, após a victoria de Alexandre de Moura sobre La Ravardiere, e não, como se suppunha, e nessa crença estava eu tambem, quando sahira a descubrir os Francezes do Maranhão a mandado de Jeronymo de Albuquerque.

Consignei eu á pag. 179 que Eugene Guenin fizera-o de nacionalidade mourisca e preso na batalha de Marignan. Escreveu realmente o auctor Francez no seu livro *De Ango et ses pilotes*, Paris, Imprimerie National, MDCCCI, p. 24/25:

J'ai trouvé dans les *Antiquités et chroniques de Dièppe*, à la date 1616, le passage suivant qui, après un examen attentif, m'a paru, quant à la date, constituer une erreur évidente du vieux chroniqueur.

«Le 6 Décembre 1616, dit Asseline, un capitaine du Havre de Grâce, appelé Fleury, amena à Dièppe une prise qu'il avoit faite sur les Espagnols, et M. le Gouverneur ne voulans pas que ces étrangers, tant hommes que femmes, missent le piéd à terre dans cette ville, il les fit passer jusqu'au batardeau et ensuite détenir prisonniers dans le jardin de Monsieur. Quant au capitaine il fit étroitement emprisonner le nommé Suarez qui se disoit sergent maure à Marignan, le quel y avait assisté les Espagnols dans le combat qu'ils y eurent contre les François. Ce qui fut executé en vertu de la

main levée que le capitaine obtint de M. l'amiral et de la sentence donnée sur icelle en l'amirauté de Dieppe jusqu'à ce que le Roy en eût autrement ordonné. Les autres furent ensuite envoyés à Dunkerque, á la reserve de quatre que Fleury retint avec Soarez, d'autant plus soigneusement qu'ils avoient, à ce qu'il disoit, massacré en cette rencontre quelques uns de ses parents. Au reste le Sieur Policien a estimé que cette prise fut amenée a Dieppe l'an 1620 plutôt qu'en la presente année 1616, si bien que, selon sa supposition il faudrait rapporter ce trait d'histoire à cette année là.»

L'erreur matérielle quant à la date est certaine; il s'agit d'une prise sur les Espagnols, en 1616, ou en 1620 suivant le sieur Policien, on était en paix avec l'Espagne. Il s'agit d'un nommé Suarez, qui était sergent more ou commandant à Marignan, «le quel y avoit assisté les Espagnols dans le combat qu'ils y eurent contre les François»; or la bataille de Marignan est de 1615. La prise faite par Fleury doit donc etre reportée à 1516 ou plus exactement à 1520.

Um outro pirata celebre teve nome de Fleury, e sua existencia e façanhas ficaram restabelecidas de modo incontestavel pelo illustre doyen da Faculdade de Lettras de Dijon, o Professor Paul Gaffarel.

Depois do seu trabalho *Le Corsaire Jean Fleury* (1902) jamais se poderá confundir, como o fizeram Harrisse, Morphy e Heredia, o pirata Johannes Florinus, João Fleury, com João de Verazzano, o Florentino, descubridor da Costa dos Estados Unidos banhada pelo Atlantico. Um e outro, é certo, foram contemporaneos e estiveram ao serviço de João Ango, Visconde de Dieppe. Mas o Fleury que tantos estragos e desastres causou ás frotas e aos armadores Portuguezes e Hespanhoes não é o Fleury que aprisionou a Martim Soares, si bem que um e outro fossem da Normandia, a provincia de França que fornecia maior numero de flibusteiros, piratas e armadores. O 1.º celebrisou-se no 1.º quartel do seculo 16 e foi enforçado no porto de Pico por ordem

de Carlos 5.º em dias de Novembro de 1527, não podia ser, portanto, o auctor da façanha, que levou ás prisões de França o fundador do Ceará.

Explicam-se os enganos multiplos de Eugenio Guenin. A epocha das mais estrondosas correrias de Jean Fleury, o de Ango, foi o 1.º quartel do seculo 16, nomeadamente em 1520, e como um Fleury foi o aprisionador de Martim Soares d'ahi seu engano buscando corrigir os dizeres de Asseline, com quem aliás estava a verdade.

Sergent maur não é sargento mouro, mas sargento-mór, Marignan não é a cidade italiana theatro de mais de uma batalha sanguinolenta, mas sim Maranhão, onde realmente Martim Soares tanto se notabilisou.

Paul Gaffarel publicou tambem o anno passado um curioso estudo sobre outro corsario de nacionalidade Franceza. Esse, cuja leitura, como o do *Le Corsaire Jean Fleury*, recommendo, se occupa de Landolpho, natural de Auxonne, como Thurot de Nuits, e comprador de escravos Africanos nos principios de sua vida de aventuras, mais tarde constructor e administrador de um notavel estabelecimento na costa de Benin e por fim terrivel aprisionador de navios Inglezes e Portuguezes.

Sua ultima façanha foi na altura do Rio de Janeiro. A bordo do *Concorde*, foi atacado por 3 navios Inglezes sob o commando do capitão Bultell, teve de render-se diante do numero e foi mandado como prisioneiro para uma das ilhas da Bahia do Rio de Janeiro. Falleceu em Paris em 1825 esquecido de todo pelo governo e pelos seus patricios.

Sobre piratas e corsarios Francezes operando em costas estrangeiras e piratas estrangeiros operando em as costas de França ha muito que se ler, e para não citar outros recordo-me dos trabalhos mais recentes de la Borderie (Le Commerce et la Feodalité en Bretagne), do meu distincto amigo Snr. Leon Vignols (La Piraterie sur l'Atlantique au XVIII siècle), de Nicolliere (La Course

et les Corsaires du port de Nantes), de Parfouru (Capture d'un corsaire espanhol par des habitants de Lannion), de Corre (Un corsaire Brestois sous Louis XV, Armateurs et marins bretons d'autrefois), etc.

De novo estabelece-se o silencio sobre Martim Soares. Affirma Barba Alardo sua volta ao Ceará em 1617. Nada ha que demonstre a verdade da asserção do autor da *Memoria sobre a capitania do Ceará*, antes tudo se oppõe á hypothese de sua volta ao Ceará em tal anno. Recomponhamos os factos.

Alexandre de Moura deixou o Maranhão em Janeiro de 1616; Martim Soares nomeado por elle para Capitão de Cumã esteve no cargo até meiados do anno quando por doente foi exonerado e teve de se embarcar para a Europa; atirado por violenta tempestade para as Antilhas ahi se demorou mezes; partindo da Ilha de S. Domingos foi aprisionado por um navio corsario e levado para a França em cujas prisões jaseu por 10 mezes; liberto pela intervenção do ministro Portuguez em Paris voltou a Portugal e tratava então de se collocar pois vivia em completa penuria. Assim sendo nunca poderia ter elle voltado ao Ceará em 1617 e, pois, é inacceitavel a data registrada por Barba Alardo.

Verifiquei da respectiva correspondencia existente nos archivos da Bibliotheca Nacional de Lisboa que a 31 de Janeiro de 1619 elle achava-se ainda em Portugal. Retinham-o as pretenções, que isso de requerer nas Cortes demanda dinheiro, tempo e pai alcaide.

Com effeito ha cartas do Vice Rei e do Conselho de Estado affirmando positivamente a estada alli de Martim Soares naquella data.

Não ha duvida, porém, que é de 1619 e tem a data de 26 de Maio a Carta Patente que lhe fez doação da Capitania do Ceará por 10 annos. Será sua 3.ª nomeação segundo o Padre José de Moraes ou a 2.ª verdadeiramente segundo nós outros.

Titulos não lhe faltavam para a mercê; fôra expedicionario de Pero Coelho, fundara o Ceará, acom-

panhara Jeronymo de Albuquerque e Alexandre de Moura contra os Francezes do Maranhão, mais de uma vez desgarrara ás Indias, tomaram-o os Francezes deixando-o mutilado e com 23 feridas, esteve dez mezes em França posto a ferros e ameaçado de morte, para libertar-se ficara empenhado e individado e assignara compromissos por causa dos quaes queriam encarceral-o em Portugal e estavam a molestal-o.

Como a Carta Patente de mercê obrigava Martim Soares a prestar homenagem e preito nas mãos do Vice-Rei com residencia na Bahia, uma apostilla de 6 de Dezembro dispensou-o dessa formalidade, muito incommoda por causa da distancia e obrigada a avultadas despezas.

Apezar de nomeado em Maio de 1619, decorreu o anno inteiro de 1620, passou-se a primeira metade de 1621 sem que viesse assumir o posto.

Demonstram-no varios Documentos da minha collecção, e entre elles um pelo qual consegui apurar que sua chegada teve logar a 23 de Setembro de 1621. Nessa data aportava elle ao Ceará sendo festivamente recebido dos Indios.

O ordenado a pagar-se-lhe foi arbitrado em 400 crusados annuaes, depois de ouvidos os pareceres de Dom Diogo de Menezes e Gaspar de Souza. Este calculara de 300 a 400 crusados devendo se ter em conta o ambar, que o mar deitava nas costas da capitania e que o capitão-mór podia comprar aos indios; aquelle opinara por 200$000 de vencimento á maneira do que se pagava aos capitães do Rio Grande e Parahyba; o Conselho da Fazenda resolveu então tomar o meio termo e assentou nos 400 crusados em Consulta de 4 de Janeiro de 1621 approvada por El-Rei a 9 de Junho.

Alem do ordenado Carta Regia dessa ultima data lhe fez concessão de duas leguas em quadra na capitania, ficando elle obrigado dentro do tempo marcado na Ordenação á semear algodão e a plantar cannaviaes.

O pedido de Martim Soares fôra de 12 leguas em quadra a principiar da Bahia de Mocuripe para Noroeste, e sendo ouvido a respeito Alexandre de Moura opinara pela concessão de 6 apenas, isto porque tendo estado no Ceará verificara que *não é terra toda fertil nem bôa para canna de assucar e que ha logares muito pobres de madeiras que são toda a sustancia dos engenhos.*

A opinião do Conselho fôra tambem pela concessão de 6 leguas.

A Coroa de Hespanha regateava muito as mercês aos que de Portugal vinham ás colonias. Sentia que aquillo não lhe pertencia e que mais ou menos tarde voltaria ao seu legitimo e verdadeiro dono.

Essa data de terras foi mais tarde, a 8 de Julho de 1683, concedida a Manoel de Arruda da Camara e ao alferes Antonio Rodrigues, que foi o doador da terra do patrimonio de S. José, orago de Fortaleza.

O ambar entrava na linha dos lucros para o capitão-mór. A variedade Cearense, que era do branco e gris, se computava a preço de quatro mil reis e mais cada onça, ao passo que o negro, encontrado desde Pernambuco até Bahia, valia apenas de 3 a 4 crusados, como se lê nos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, por Brandonio.

Sobre a qualidade e abundancia do ambar nas costas do Ceará disse Durão no seu *Caramuru* «Ambar griz do melhor, mais denso e espesso nas costas do Ceará se vê espaçosas» e Rocha Pitta no Livro 2.º da sua *Historia da America Portugueza:* «O Ceará é a mais aspera e inutil das provincias do Brazil, só abundante de muitas salinas e copia grande do melhor pau violeta, que produz esta região, posto que para desempenho da esterilidade dos outros generos, de que o não fecundara a natureza, lhe lançou o mar quantidade de ambar gris por toda aquella grandissima costa, do mais fino que sae pelas outras da nossa America, e em maior abundancia; acontecendo trazerem-n'o em muito numero de arrobas os gentios, a trocar por qualquer droga com

os Portuguezes, e colhendo-o tambem elles na mesma quantidade e perfeição.»

A' *Historia da America Portugueza* foi publicada em Lisbôa em 1730 e portanto em epocha em que o Ceará já era bem conhecido, sendo, portanto, para admirar que seu illustre auctor alem de muito pobre de informações sobre elle (33 linhas apenas, inclusive as que lhe mereceu o ambar) nessas mesmas noticias transmittisse aos seus leitores graves inexactidões, como, entre outras, a existencia de 3 villas no Ceará com os nomes de Santiago, Ceará-Merim e Camocipe pelas quaes estavam divididos mais de duzentos visinhos, a fundação por José Mendes Machado da villa dos Zaquirás a dez leguas da cidade para o sul, a erecção da povoação do Rio Jaguaribe em villa pelo dito Mendes Machado, etc.

Chegado ao Ceará encontrou Martim Soares a população Portugueza, que era de 20 pessoas, e os indios amigos em hostilidade com algumas tribus circumvisinhas, a terra escassa de provisões por falta de ferramentas, para conseguir as quaes teve de ficar empenhado com negociantes de Pernambuco, e o forte redusido a uma estacada de varas cahindo e a umas cabanas de palhas.

De todas essas occorrencias deu elle aviso a El-Rei em carta de 1 de Novembro, da qual egualmente se vê que condusira do Reino variedades de sementes, cannas de assucar, cavallos e vaccas, que se iam dando optimamente na terra cearense.

Tão diminutos tinham sido os recursos trasidos da Metropole que Antonio Muniz Barreiros, capitão da Conquista do Maranhão por Provisão do governador do Estado do Brasil Diogo de Mendonça, escrevia a El-Rei em carta de 27 de Maio de 1622 que havendo partido de Pernambuco a 11 de Março do dito anno estivera no Ceará com Martim Soares então *falto de tudo.*

Muniz Barreiros, que tocou tambem no porto de Buraco das Tartarugas, chegou ao Maranhão a 24 do

Março encontrando a localidade disimada por grande epidemia de varíola.

Ainda assim, podia Martim Soares tirar de seus parcos haveres fornecimentos com que prover no mez seguinte ao de sua chegada (Outubro) uma nau biscainha, que ia com a armação das baleias para Bahia e uma outra que condusia gente das Ilhas para o Maranhão.

A' volta de Martim Soares ao Ceará se refere Manoel Severim de Faria na sua *Relação desde o 1.º de Março de 1622 até todo Fevereiro de 1623* nos seguintes termos:

«No Ceará capitania do destritto do Maranhão entrou Martim Soares sobrinho do sargento-mór Diogo de Campos com m.tos parentes e outros povoadores cazados p.ª cultivarem a terra.»

O governo de Martim Soares no Ceará estendeu-se apezar de todos os tropeços até 1631, quando partiu para Pernambuco a reunir-se a Mathias de Albuquerque de accordo com as ordens emanadas da Metropole.

Nesse largo periodo assignalou-se por feitos de alta importancia, não sendo dos de menor valia a entrada para o gremio christão a 20 de Janeiro de 1622 do chefe indigena e seu grande amigo o Jacaúna graças ás suas instancias e exhortações; a derrota, que infligiu aos corsarios Hollandezes e Francezes, que assaltaram o Ceará em 1624 e 1625; suas pesquizas na serra de Itarema á cata de prata, pesquizas renovadas em 1649 por Mathias Beck, o fundador do forte Schoonenburck; suas questões com os governadores do Estado do Brasil sobre o numero das praças da guarnição que nunca eram as 50 marcadas pelas Provisões Regias, e sobre os soldos que ficavam por pagar-se-lhe e aos soldados por 3 e mais annos, o que obrigava a muitos a desertarem chegando tão lamentavel estado de cousas ao ponto do vedor da fazenda Luiz da Silva impor ao Provedor de Pernambuco medidas urgentes neste sentido, medidas que, aliás, se protrahiram tanto que foi preciso mandar do presidio á Bahia e depois ao Reino o alferes Jeronymo da Veiga a expor o aperto em que

estavam e a procurar o soccorro de que careciam; os esforços que empregou para desligar o Ceará do governo do Maranhão e unil-o ao do Brasil; os auxilios que prestou a frei Christovam Severim e á sua comitiva.

Frei Christovam Severim ou de Lisboa esteve por duas vezes no Ceará.

Na expedição em que veio Francisco Coelho de Carvalho, nomeado para inaugurar o Governo do novo Estado do Maranhão, expedição sahida de Lisboa a 25 de Março de 1624 ao mesmo tempo que as naus da India, embarcou-se tambem o futuro Bispo de Angola trazendo comsigo alguns religiosos da Provincia de S. Antonio. Chegados a Pernambuco, ahi ficou Coelho de Carvalho, mas frei Christovam e os companheiros, aos quaes se haviam ajuntado outros da Custodia do Brasil, se foram ao seu destino. Chegaram ao Mocuripe a 18 de Julho e foram recebidos por Martim Soares, que os deteve na povoação por 15 dias.

Partiu frei Christovam, depois de deixar dous dos religiosos a pedido do capitão-mór, e aportou ao Maranhão a 5 do mez seguinte.

Em 1626 teve logar sua 2.ª visita.

Sahiu elle do Maranhão a 18 de Maio. A viagem foi penosa, cheia de fomes e sedes e fertil de assaltos dos tapuias, que foi preciso repellir até que a 20 de Junho acolhia-o de novo o Ceará.

A 13 de Julho, cessando os motivos que detinham em Pernambuco o governador Francisco Coelho de Carvalho, partiu elle a assumir a administração do Estado do Maranhão e depois de uma viagem de 15 dias teve de encontrar-se com frei Christovam no Ceará.

O governador proveu ao forte de polvora e artilheria, fez o pagamento aos soldados, visitou a aldeia do principal Algodão e a Martim Soares entregou o Habito de Sant'Iago de que El-Rei lhe fizera mercê.

Referindo-se a essa remuneração regia escreveu frei Vicente do Salvador na sua Hist. do Bras. Cap. 47, L.º 5.º

«Ao Capitão Martim Soares Moreno o governador lançou o habito de Santo Iago de que ElRei lhe fez mercê por seus serviços, que não forão poucos os que lhe fez, não só no descobrimento do Maranhão, mas depois de estar por Capitão do Ceará, onde os corsarios o temem tanto que havendo ali aportado algumas vezes nenhuma se atreverão a desembarcar, desejando-o elle tanto que chegou a metter-se entre os Indios nus nu e tinto da sua côr, parecendo-lhe que como estes forão seus compadres e amigos, não se temendo delles, desembarcarião, e assim os colheria e nem isto bastou. Feito foi este de subrogação, pois parece não obrigar seu officio a tanto, e assim foi bem empregada a mercê, que Sua Magestade lhe fez do habito, e se lhe deo com elle pouca tença, por isso lhe dá Deus muito ambar por aquella praia com que pode muito bem matar la hambre.»

O cargo de governador do Maranhão fora offerecido a Diogo de Carcamo, fidalgo Cordovez naturalisado, e a D. Francisco de Moura primeiro que a Coelho de Carvalho, mas um e outro o recusaram allegando desculpas.

A Coelho de Carvalho succedeu Luiz de Magalhães, fidalgo da Casa Real e Commendador de Santiago de Ganha, empossado em S. Luiz a 17 de Fevereiro de 1649.

A ideia da união do Ceará ao governo do Brasil applaudida por Estevam de Albergaria o por que se bateu Martim Soares desde 1626 chegando até a affirmar que houve dolo no procedimento de Francisco de Carvalho quando ás mais capitanias de sua administracão ajuntou a do Ceará, teve execução praticamente só em 1656 e isso mesmo sem ser por provisão ou decreto regio especial, mas pelo facto de impossibilitado o Maranhão de fornecer-lhe os supprimentos e auxilios de que carecia haver passado esse encargo ao governo de Pernambuco a requisição de André Vidal de Negreiros.

Pode-se, portanto, datar de Julho de 1656 a separação do Ceará do governo do Maranhão. Um facto obrigado pelas circumstancias ficou sendo acceito indefinidamente como si fôra determinado por lei expressa da Corôa.

Sobre o assumpto leam-se as minhas *Datas e factos para a historia do Ceará*, 1.º vol. annos 1656 e 1659.

Quiz tambem Martim Soares terçar armas com os Hollandezes, que estavam senhores de Pernambuco, como muitos outros seus patricios e naturaes do paiz.

Seu patriotismo ia agora exercitar-se em outras paragens.

Foi isso em 1631.

Andava accesa a lucta contra os Hollandezes, que, inflammados de odio á Hespanha e pelo aguilhão da cubiça, levavam no bojo dos seus navios não a paz ou a guerra como nas dobras do seu manto o soldado Romano, mas tão somente a guerra ás colonias indefezas.

O polo da attenção dos aventureiros e negociantes batavos se deslocara da Europa para incidir na America Hespanhola.

O instincto do commercio, alliado ao desejo das represalias contra o paiz que lhes esmagava a independencia e a liberdade religiosa e afinal se confessara vencido, outhorgaudo-lhes uma e outra cousa depois de 70 annos de lucta titanica, emprestava á Hollanda homens e cabedaes para invadir as terras do Brasil, de cujas riquezas naturaes se diziam maravilhas e que podiam bem remunerar quaesquer emprehendimentos, por avultados e arriscados que fossem.

No pavilhão Hollandez se escrevia o motto-livre commercio—mas as despezas em sangue e oiro feitas para a repulsa dos invasores, sempre bravos marinheiros mas nunca uma nação colonisadora, iam recahir sobre os habitantes das capitanias Brasileiras forçados a combater até contra as ordens d'El-Rei para defender os possuidos, a religião e a terra do berço.

A Companhia das Indias Occidentaes, pejando os

mares de suas esquadras, enviara seus melhores navios á Bahia (1624), que veio a succumbir apoz fraca resistencia, mas em breve tremulavam nas ameias da cidade os pavilhões de Portugal e de Hespanha e os invasores, vencidos e humilhados, voltavam á Europa. Cinco annos depois transportava-se a Pernambuco o espectaculo dos mesmos assaltos, correrias e horrores; ahi então a lucta protrahiu-se por lustros, a resistencia foi mais duradoura, mais significativa e mais tenaz contra a persistencia, o poderio e a tactica das repetidas levas das legiões assaltantes.'

E' o campo de acção de Mathias de Albuquerque, de Fernandes Vieira, o Castrioto Lusitano, de Vidal de Negreiros, o rival do heroico Madeirense, do indio Camarão, da negro Henrique Dias.

E' o ensejo para as façanhas guerreiras, os gigantescos emprehendimentos, as installações scientificas do Principe Mauricio.

E' o periodo das celebres guerrilhas, das memoraveis retiradas, como essa em direcção á Bahia, em que tão alto se ergueram o amor ao torrão natal e a fidelidade á fé religiosa.

E' a victoria do patriotismo, heroico até o sacrificio, illuminada aos clarões dos Guararapes e das Tabocas.

E' o episodio mais bello de toda a historia do Brasil colonial.

Até lá levou tambem o concurso generoso de sua espada e o contingente de seus conselhos de cabo experimentado o fundador e capitão-mór do Ceará.

Eis o que ao autor das *Memorias Diarias da guerra do Brazil* mereceu essa resolução :

«Nos principios de Junho chegou ao Real, com soccorro do Ceará, o capitão Martim Soares Moreno, do habito de Santiago (depois mestre-de-campo) que foi o primeiro que por el-rei esteve naquella fraca praça, e por sua ordem vinha agora servir na guerra de Pernambuco, trazendo alguns indios e poucos soldados.

A guarnição que Martim Soares tinha era de 40 soldados, dos quaes a maior parte ficou com seu sobrinho Domingos da Veiga Cabral, a cujo cargo ficava aquelle posto, conforme a ordem de El-rei de que o mesmo sobrinho foi portador. Não só era o tio homem de valor, mas de grande utilidade por ser optimo interprete dos indios; e por isso o general aproveitou-o sempre nos dous predicados.

Logo que chegou, aggregando-se-lhe mais alguma gente, tomou o porto que chamão de Nossa Senhora da Victoria, ao pé do rio Capiberibe, pela parte que divide a ilha de Santo Antonio, e em frente de dous dos quatro reductos que nella havia levantado o inimigo.»

A 29 de Agosto do dito anno (1631) Martim Soares se assignalava por um bello feito de armas, assim descripto pelo já citado auctor das *Memorias Diarias:*

«Em 29 foi o capitão Martim Soares encarregado de com a gente de seu quartel, e particularmente com os Indios que trouxe do Ceará, acommetter um dos quatro reductos, que o inimigo havia feito na ilha de Santo Antonio. Passou Martim Soares, e investio um com tanta bizarria que entrando-o degolou 12 e trouxe prisioneiro o sargento, que o guardava com mais 40 homens; os outros o desampararão aterrorisados de ver os indios, cujo aspecto nos primeiros annos lhes era terrivel; e estes do Ceará, por menos domesticos e trataveis, mais servião para este effeito que para outro qualquer.»

D'ahi em diante a sorte das armas, as exigencias da campanha, a obediencia ás determinações superiores conduziram Martim Soares a logares diversos, a differentes Capitanias e fizeram-no testemunha ou figura saliente em muitos dos acontecimentos, que se desenrolaram na guerra Hollandeza.

E para que sellasse com o sangue os feitos a que o dever e a fama o obrigavam foi ferido em varios encontros, como por exemplo quando o inimigo, guiado pelo transfuga Domingos Calabar, assaltou o Arraial a

27 de Março de 1633, morrendo-lhe então o chefe Lourenço Rembach.

Ao assalto e derrota dos Hollandezes em Quinta-Feira Santa (27 de Março de 1633) referem-se Cartas Regias de 24 de Junho e 21 de Julho endereçadas ao Secretario de Estado Felippe de Mesquita e ao Conde de Basto, vice Rei. Estão publicadas, tambem este anno, em appendice ás minhas notas á *Historia Portugueza e de outras Provincias do Occidente*, etc., por Manoel Severim de Faria.

Depois de haver se demorado em Pernambuco por longo tempo occupado na faina de continuos assaltos, combates e investidas, entre os quaes o de 1 de Março de 1634 contra a praça do Recife, onde obrou prodigios de valor revelando-se o mesmo homem de Cunhaú, de Mossurepe e do forte de Nazareth, Martim Soares passou a operar na Parahyba com outros chefes Portuguezes e Hespanhoes.

Uma tentativa dos Hollandezes contra a Parahyba em 1634 lograra pleno successo. O almirante Lichthardt, Schkoppe e Artichofsky levaram de vencida as poucas tropas do capitão-mór Antonio de Albuquerque; os fortes da Restinga, Cabedello e Santo Antonio emmudeceram seus fogos e foram entrados do inimigo, de nada aproveitando os actos de memoravel heroicidade com que a fama recolheu os nomes dos dois Peres Calhao e não valendo as perdas gloriosas de Mattos Cardoso e Peres de Souto, mortos no campo da honra, em quanto os traidores Bento do Rego e Duarte Gomes da Silveira se bandeavam para o inimigo e iam servil-os como conselheiros e agentes secretos.

Estava perdido para os independentes mais aquelle grande trecho da patria; só restava a Antonio de Albuquerque, Banholo e Martim Soares retirarem-se a Pernambuco, levando a Mathias de Albuquerque a nova do irreparavel desastre.

E' nessas difficeis conjuncturas que a chronica re-

gistra a traição e a apostasia do jesuita Manoel de Moraes. Sahido de Pernambuco com seus indios a proteger a Parahyba, encontrara-se com os Hollandezes victoriosos e para elles se bandeara. Esquecera a patria, seu Deus e a Ordem benemerita a que pertencia e a que nunca manchara tamanho vilipendio.

Escriptores ha que vão affirmar que fôra intimo amigo e o catechista de Felippe Camarão. Não creio que tal discipulo viesse de tal mestre.

Esse padre, que fôra por muitos annos empregado nas missões entre os indios, sendo até parocho de uma aldeia delles em Pernambuco, entregou-se em 1635 na Parahyba ao major Picard. E' desse tempo a noticia que fez das aldeias dos indios existentes nas diversas capitanias sujeitas ao dominio Hollandez, noticia que vem consignada nos *Annaes* de de Laet dos quaes por sua vez se aproveitou Robert Southey na sua *Historia*.

Um Calabar de batina esse Paulopolitano, que falleceu em Lisboa em 1651. «Verdade, é diz o Conde de Basto, que o seu anterior procedimento nunca teve aquella dignidade propria dos padres jesuitas, nem elles o desconheciam, pois algumas vezes o chamavam, e, como não obedecia, tiraram-lhe o companheiro, deixando-o só quiçá como expulso e incapaz de sua religião.»

Era um padre illustrado e grande conhecedor da lingua indigena, segundo confessa o P.e Cordara, e o prova a *Historia rerum naturalis Brasiliæ* de Marcgraff, mas sem espirito algum de religião e de nenhuma virtude. Não admira, portanto, que atraiçoasse a patria e fosse transfuga da fé.

Sacramento Blake no seu Dicc. Bibliographico faz de um só dois Manoel de Moraes: um que esteve em Pernambuco durante o dominio hollandez em quanto o outro se achava em Amsterdam ou nas masmorras do Santo Officio.

E' engano de Innocencio Brasileiro. Não são dois homens, mas em circumstancias diversas um só e mesmo individuo.

Diz-se que Manoel de Moraes escreveu umas *Memorias historicas sobre Portugal e o Brasil*, que foram publicadas em Amsterdam, e uma *Historia da America* da qual muito se aproveitou João de Laet para o seu *Novis orbis* e para sua *Historia da India Occidental*.

Da primeira não se conhece exemplar algum e a segunda, affirmam todos, jamais foi entregue ao prélo.

Trechos do seu processo demonstram que si elle não escreveu as taes Memorias Historicas deixou, sem que duvida faça, a narrativa das nossas luctas com os Hollandezes na Capitania de Pernambuco e suas annexas.

No Archivo da Companhia das Indias Occidentaes, Hollanda, entre os Notulos ou Resoluções da Camara de Amsterdam ha um, o de 10 de Novembro de 1636, referindo-se a pedidos de dinheiro por Manoel de Moraes.

Vê-se desse documento que realmente o ex-jesuita contrahira nupcias e compusera um *Diccionario Brasiliense com historia*.

Taes obscuridades, como muitas outras, que circumdam a vida de Manoel de Moraes, estarão sem duvida elucidadas no livro em que trabalhava ha tempos esse grande espirito que se chamou Eduardo Prado, e que a morte roubou á patria Brasileira, tão carente de talentos e de bons patriotas como elle soube e mostrou sel-o até o fim.

Uns, como Galanti, ensinam que Manoel de Moraes, depois de celebrar nupcias sacrilegas, voltara ao Brasil em qualidáde de ministro protestante e mais tarde se converteu; outros, como Sacramento Blake, que saudades da patria o levaram a voltar ao Brasil, mas em sua passagem por Portugal foi preso e encarcerado pela Inquisição de cujas garras se escapou depois de se mostrar arrependido e de abjurar, mas não chegou a ver a patria de novo, por haver morrido. Pereira da Silva

pensa tambem que elle não voltou mais ao Brasil. Outros fazem-no martyr da fogueira.

Manoel de Moraes não padeceu morte natural em virtude de sentença do Tribunal. O proprio Innocencio da Silva, que isso affirmou no seu Dicc. Bibl., depois mudou de parecer e confessou seu engano em carta escripta a Candido Mendes. «O processo do dito P.e (que ainda não pude examinar o andamento) diz o illustre bibliographo, conserva-se e existe ainda inteiro no archivo nacional ou Torre do Tombo. Delle consta, segundo m'informão, que Manoel de Moraes não só não foi executado, mas foi solto por ordem da Inquisição, em 10 de Março de 1648, com permissão e licença para sahir do Reino.» E eu accrescento: Depois de cumprir a sentença, foi auctorisado a 10 de Março de 1648 a retirar-se para qualquer Reino comtanto que fosse de catholicos.

Sobre o ex-jesuita escreveu Pereira da Silva um livro com o titulo *Manoel de Moraes*, romance, e delle trataram o *Castrioto Lusitano*, de Raphael de Jesus, o *Valeroso Lucideno*, de fr. Manoel Calado, a *Bibliotheca Lusitana*, de Barbosa Machado e a *Bibliotheca Historica de Portugal*, de Pinto de Sousa.

Sabendo eu que nesse precioso e inexgottavel repositorio de noticias e informações que se chama Torre do Tombo, Lisboa, existia o processo de Manoel de Moraes pelo Tribunal do Santo Officio e que alguma cousa desse processo dizia respeito a Martim Soares, dei-me pressa em obter a copia da parte delle nesse ponto tão interessante aos que procuram esclarecer-se sobre a vida do fundador do Ceará.

Eil-a copiada ipsis litteris:

Fl. 30.— Tratei logo de me vir apresentar a este sancto tribunal com beneplacito de huns mestres de Campo que governavão; E per que o terceiro que he Martim Soares moreno estava contra mim me mandou

prender por paixões suas particulares e prezo me mandou remeter a este sancto tribunal pelo auditor.

Fl. 42—O mestre de Campo martim Soares moreno na Caravella em que veio francisco de Berengel, que partio de Nazaret hum dia antes de nos mandou hum valente negro destes a hum sobrinho seu, clerigo que tem nesta cidade.

Fl. 68—e neste tempo o mandou prender o mestre de Campo martim soares Moreno conforme elle confitente entende por lhe parecer que vindo elle confitente a esta corte solto e tendo occasião de falar a Sua Magestade o informaria de algumas cousas tocantes ao procedimento do ditto Martim Soares Moreno, tomando por pretexto da prizão delle confitente segundo lhe disse o Ajudante que o prendeo que elle confitente auia escripto huma relação dos successos daquellas armas em a qual não falara na pessoa do ditto Martim Soares louuando muito os outros cabos da guerra E tratando estes de fazer por a elle confitente em liberdade o dito Martim Soares o impedio tomando por fundamento que o Gouernador geral Antonio Telles tinha ordenado que elle confitente uiesse para este Reyno seguro o que o dito Martim Soares quiz entender por preso sendo assi que o ditto Gouernador na carta em que deu esta ordem segundo disserão a elle confitente os dittos mestres de campo João fernandes e André Vidal queria dizer que elle confitente uiesse certo de seu fauor e assi se presume porque a carta do ditto Gouernador que continha esta ordem respondia a outra dos dittos mestres de Campo em que lhe auião pedido embarcação para elle confitente uir a este Reyno appresentar-se ao Santo Officio e carta delle gouernador a fauor delle confitente e a esta instancia dos dittos mestres de campo respondeo que uiesse elle confitente e seguro que escreuia em seu fauor a Sua Magestade e não foi bastante o sobreditto pera o ditto Martim Soares por ser mais antigo deixar de mandar a elle confitente preso como ueo e foi entregue nesta inquisição.

Fl. 124—Provara que estando elle Reu antes que o catiuase o inimigo no engenho de Antonio de Valladares em companhia do gentio que elle Reu tinha retirado do Rio grande, lhe pedio Antonio de Albuquerque e Martim Soares Moreno que fosse buscar os Indios que estavam na Aldea de Gararaca pera os ajuntar com o mais gentio em que elles ficquaram de guarda e indo elle Reu se ouueram tam mal em sua ausencia os sobreditos que dando nelles o inimigo lhe fugiram com os soldados sem se defenderem e o inimigo catiuou o gentio, e voltando elle Reu encontrou os sobreditos que hiam fugindo e lhe perguntou se ficquaria em saluo o gentio, e dizendo-lhe que si o Reu se foi adiante sem mais dilação, e não só achou o gentio tomado do inimigo, mas achou-se elle proprio cercado entre os inimigos, a quem se entregou por mais não poder, e o leuarão catiuo como dito tem, e os fugidos por encubrir sua couardia foram dizer falsamente a Mathias de Albuquerque que elle Reu se metera com o inimigo de que resultou a fama e rumor falso, que elle Reu se lançara com os inimigos, e tudo mais que delle Reu se dis.

Fl. 167.—Provara que em caso contra elle Reu tenham testemunhado Martim Soares Moreno, Antonio de Albuquerque, os Brandões e os mais com *digo* ambos Irmãos que por nome não perquam e os mais seus companheiros que com elles assistiam na Paraiba no engenho de Antonio de Valladares na Aldea de Ithapuá, quando fugiram ao inimigo deixando catiuo ao gentio quando elle Reu tinha ido condusir mais gentio a Aldea de Guararaca a Rogo e petição dos sobreditos Martim Soares e Antonio de Albuquerque que tinhão seruido de capitães, lhe não deuem prejudicar seus ditos.

. . . . . .

O processo tem o titulo:

Processo de Manoel de Moraes sacerdote theologo, natural da Villa de S. Paulo estado do Brazil, residente

que foi nas partes do norte, prezo nos carceres da Inquisição de Lisboa ed.º 1847.

Deste documento, que será o primeiro a publicar, se vê que Martim Soares foi quem mandou prender ao ex-padre e o remetteu por traidor ao Tribunal da Inquisição.

A lembrança de odios pessoaes de Martim Soares por motivo de não elogial-o em seus escriptos, explicação com que elle procura colorir o acto justo da prisão, é de uma infantilidade pasmosa. Ninguem deixará de acreditar que o reu se mettera com os inimigos, como dizem accordes as testemunhas, para acceitar que, de volta com os gentios que fôra buscar á aldeia de Jararaca, se vira cercado e forçado a se entregar por mais não poder, e então foi levado captivo dos Hollandezes. Todos os actos subsequentes de sua vida em suas relações com a nação inimiga demonstram que *não eram falsos a fama* o e *rumor* de que elle reu abandonara a causa da patria e da religião, antes justificam o acto de Martim Soares.

Estavam os Hollandezes assenhoreados de Pernambuco. O luxo e a concupiscencia que roem o cerne das virtudes austeras, e o pouco apreço ás cousas da guerra tinham aberto porta á victoria dos cupidos flamengos. A fatalidade dos factos impunha á capitania o jugo estrangeiro.

Esse jugo, porem, fizera-se de ultimo impossivel de soffrer. Os tratados eram lettra morta, esquecidas estavam as promessas com que os vencedores haviam procurado captar as sympathias e calar os justos ressentimentos dos vencidos, tudo era agora oppressões de todo genero, occasiões para attentados contra a religião, a fortuna e a honra dos pobres habitantes.

A reacção, naturalissima, uivou baixo a principio e depois escancarou as fauces; organisaram-se guerrilhas, recomeçou a lucta armada em pontos diversos.

Julgaram os oppressores de mais conveniencia fazer-se de victimas e recorrer ao valimento do governador o capitão general do Estado da Bahia, que então era

Antonio Telles da Silva, e emissarios partiram primeira e segunda vez para a Bahia a fazer queixas e a exigir reparações. Ahi os aguardava a surpresa da visita do mestre de campo André Vidal de Negreiros, do governador das armas Paulo da Cunha e de outros militares que suppunham entre os da sedição. Mal davam conta de si os embaixadores e ao governador do Estado chegavam cartas expondo as terriveis contingencias em que se viam os habitantes, verdadeiros captivos, orphãos de toda garantia; supplicavam-lhe soccorro como a irmãos, favor como a portuguezes; terminavam por affirmar-lhe que si lhes faltasse o auxilio de que careciam, correriam a impetral-o a principes estrangeiros.

Em tão apertadas conjuncturas, Antonio Telles convocou uma grande reunião dos homens mais eminentes na religião, lettras, armas e magistratura e lhes expoz o intrincado caso; discutiu-se; ouviram-se os pareceres do provedor mór da fazenda Sebastião de Britto e do ouvidor geral e procurador da Coroa Antonio da Silva e Sousa; decidiu-se afinal o conclave pelos hollandezes, *amigos e alliados*. E por que os sublevados poderiam recusar obedecer ás ordens e insinuações, hypothese a esperar, assentou-se que para Pernambuco seguissem doze companhias a cargo dos dois Mestres de Campo Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros em embarcações de cuja capitania iam por cabo e capitão mor o Coronel Jeronymo Serrão de Paiva, por capitão do mar Salvador Thomé Mealhada e por mestre Pantaleão Thomé.

De tudo ficaram scientes os embaixadores, que se partiram contentes e agradecidos.

De parte a parte faziam-se milagres de hypocrisia e de disfarce. A mentira se puzera a serviço da politica de uns e outros. Aquellas runiões, aquelles discursos serviam tão somente para adormecer a vigilancia do adversario. Dos verdadeiros intuitos, e das medidas a tomar em favor da causa por que se empenhavam os

insurrectos iam bem inteirados os dois emissarios do governador e capitão general.

Essas ordens e conselhos para que os insurgentes depuzessem as armas, essas correspondencias cujo fito era ganhar tempo, disfarçavam os verdadeiros desejos e intimos votos do Rei e de Telles da Silva, que estavam com a revolução; d'ahi se poderá avaliar bem da importancia da missão a que vieram a Pernambuco os dois Mestres de Campo, missão que iniciou essa serie de feitos memoraveis, cujo epilogo foi a Capitulação do Taborda e a retirada para sempre dos Hollandezes do Brasil.

A essa commissão espinhosa commettida á habilidade e á prudencia de Martim Soares se referem Cartas de Antonio Telles da Silva aos Moradores de Pernambuco e aos membros do Supremo Conselho em data de 21 de Julho de 1645.

Martim Soares, porem, não teve a boa fortuna de assistir ao remate da lucta gloriosa, não estava ao lado de Francisco Barreto, Vidal de Negreiros, Fernandes Vieira e Henrique Dias no grande dia da patria; elle se retirara conduzindo troços de soldados nos quaes havia penetrado a indisciplina e para obedecer ás ordens de se recolher á Bahia.

Na hora das distribuições das recompensas e dos donativos regios, na hora das ruidosas ovações populares aos chefes victoriosos, não era acclamado seu nome.

Ou porque tivesse negocios na Côrte, como quer Galanti, ou porque as fadigas das guerras o trouxessem alquebrado, ou porque repugnasse ao seu caracter de soldado essa hypocrisia das auctoridades superiores que estavam a fomentar e a atiçar a reacção Pernambucana e ao mesmo tempo a renegal-a perante o inimigo e diante das Côrtes Europeas, o facto é que Martim Soares abandonou o campo de acção antes de finalisada a lucta.

A imparcialidade, virtude muito para se impor e

apreciar em assumptos de historia, reclama que eu diga que sua retirada da campanha Hollandeza em demanda da Bahia não pode merecer os elogios e os applausos dos Brasileiros maxime si se attender ao momento em que ella se deu.

Seu procedimento então, muito em desaccordo com o que teve Vidal de Negreiros, de quem disse Diogo Lopes de Santiago na sua *Historia da guerra de Pernambuco*, etc., que procedera *como filho da patria* (Brazil) *e zeloso do serviço de Deus*, pode demonstrar nelle qualidades de soldado obediente ás ordens do Governador do Estado, e d'El-Rei que pretendia conservar a amizade e paz com os Hollandezes embora a custa do exterminio dos seus vassalos d'America, mas não lhe foi ensejo para, como de outras vezes, se recommendar aos louvores e á gratidão dos patriotas.

O diverso procedimento dos tres chefes dos independentes descreve-o assim Faria e Castro:

«Se os bons effeitos que produziraõ no silencio dos Hollandezes as cartas de Henrique Dias pozeraõ em tranquillidade o animo de Vieira; elle novamente se perturba com a chegada ao campo de dois Jesuitas mandados com ordens apertadas do General Antonio Telles da Silva. Vinhaõ ellas concebidas nos precisos termos, de que sem demora os dois mestres de Campo André Vidal, e Martim Soares se recolhessem para a Bahia com os seus Terços. Martim Soares com o pretexto de doente sujeitou á observancia da ordem só a sua pessoa. Joaõ Fernandes, e André Vidal perturbaõ-se, naõ se suffocaõ; convencionaõ-se, e com a magnanimidade dos Heroes replicaõ á ordem, sabendo fazer bom uso dos apertos do tempo, da gloria da Naçaõ, do credito das armas, da affliçaõ dos Patricios, da crueldade dos Hollandezes sobre elles.»

E' de 22 de Abril de 1648 a Carta Patente que lhe deu um substituto no posto de Mestre de Campo na pessoa de Nicolau Aranha Pacheco.

Sobre a data de seu fallecimento nada pude apu-

rar mas sei que entre os documentos de que se muniu João Fernandes Vieira para requerer a paga de seus grandes serviços nas luctas Hollandezas, ao que deu provimento o parecer do Conselho Ultramarino em Setembro de 1649, figuram certidões firmadas por Martim Soares Moreno.

Eis em rapidos traços a resenha biographica de Martim Soares Moreno.

Para comprovar a veracidade das informações que consegui ajuntar a seu respeito poderia aqui addicionar algumas dezenas de preciosos documentos de que disponho; limito-me, porem, a guardar nas paginas deste livro um apenas, a *Relação do Ceará*, adiante publicado. E' elle, ao mesmo tempo que uma auto-biographia, a descripção do nosso torrão querido ainda nas faixas infantis.

Em cada uma de suas linhas pullulam dados preciosos para estudos comparativos e para o calculo do que vae do Ceará de 1618, anno em que Martim Soares traçou a *Relação*, ao actual Ceará.

Hoje que com festas merecidas se commemora o Tricentenario da vinda dos primeiros Portuguezes ao Ceará servirão estas despretenciosas linhas de preito á memoria do heroico soldado, a quem, como acertadamente escreveu José de Alencar na sua mimosa lenda Iracema, cabe o qualificativo de verdadeiro fundador do Ceará.

Essa commemoração será um estimulo á actual e ás futuras gerações. Essa longa e demorada vista retrospectiva documentará o amor dos Cearense á sua historia e tradições, traduzirá uma homenagem aos que primeiro descortinaram para a vida da civilisação esta terra, guarda ciosa dos thesouros de suas crenças, heroica nos soffrimentos, trabalhadora, avida de progressos, fadada a altos destinos.

Julho de 1903.

BARÃO DE STUDART.

Relação do Ceará

Sendo de pouca idade passei ao Brazil por soldado, em companhia do governador Di.º Botelho, logo que cheguei a Pernambuco fuí com o Capitão mór Pero Coelho de Souza a descobrir e conquistar a Provincia de Jaguaribe e Seara e Mel Redondo, servindo de Soldado, onde tivemos muita guerra com aquelles Indios que erão infinitos, e tinhão muitos francezes em sua companhia. O que tudo ficou comquistado, e depois de seis mezes de guerra onde eu recebi muitas feridas com os demais companheiros, e vendo que nos não podiamos sustentar, nos retiramos a Seara para que com mais soccorro fossemos a conquista do Maranhão, tão desejada dos Reis passados. Alli houve muitos desassocegos nos Indios por algumas sem razões que se lhe fizerão assim foi forçoso a despovoarse aquelle sitio donde ja era feita uma Cidade em muito bom sitio onde eu tenho agora uma fortaleza de maneira que em uma e outra parte se gastarão trez annos onde sempre assisti com muitos trabalhos sustentando-nos de cobras e largatos porque naquelle tempo nunca se deu ordem a plantar mantimentos e hoje ha infinitos.

Alli nos trez annos que digo aportarão muitos Piratas que com aquelles Indios commerceavão e carregavão muitos navios de algodões e pimenta malagueta, muitos bichos, como Papagaios, Bogios, Saguins e muito pao

a quem os Indios chamão Uburaquatiara que é o melhor que até agora se ha descuberto em todo o Brazil, por ser como damasco, e tambem carregavão pao de tinta chamado tatagiba com algum ambar.

Neste discurso de tempo aprendi muita parte da lingoa daquelles Indios e travei com elles particular amizade particularmente com o principal dali chamado Jacauna; logo que este sitio e conquista foi despovoada donde Pero Coelho gastou toda a sua fazenda que era muita e alli perdeu seus filhos á fome e sêde, forão dous Padres da Companhia de Jesus aquellas ditas partes, e com suas praticas domarem aquelles Indios, e já que havião feito muito hindo em demanda de umas minas que dizem os francezes que estão na serra do Ponare, foi um delles morto que era muito grande Religioso e muito bom lingoa dos Indios que chamavão Francisco Piuto; e outro companheiro que era o Padre Luiz figueira escapou entre um matto que não foi visto dos Indios tapoyas e se retirou a Pernambuco ficarão aquellas partes outra vez despovoadas como dantes.

E estando eu por tenente do capitão mór Lourenço Peixoto servindo na fortaleza do Rio Grande, fui fazer novas amizades com os moradores daquella Costa até Seara, o que fiz pela amizade que me tinhão me arrisquei só com dous homens a me metter com elles, donde os incitei fosse um delles comigo a Baya a pedir ao Governador D. Diog.º de Menezes padre que os fizesse Christãos e que eu hiria assistir com elles, o que fizerão e foi um filho do Principal Jacaúna a Baya a fazer este peditorio, o que logo dito governador ordenou e me mandou negoceado de todas as cousas necessarias, encarregou que me comersease por terra com os naturaes do Maranhão para se fazer aquella conquista, dando de tudo parte ao Conselho da India, e sendo no anno de 1611 cheguei a Seara com 6 homens em minha companhia e um Clerigo onde fui muito bem recebido, logo a poucos dias fiz Igreja e com retabulos que levei se disse Missa, e se fizerão muitos Indios Christãos.

Alli no dito anno degollei mais de duzentos francezes e flamengos piratas e lhe tomei 3 embarcações donde uma dellas veio a Sua Mag.de a esta Cidade toda a proa e popa douradas e para fazer estes assaltos me despia nú e me rapava a barba tingindo de negro com um arco e frechas ajudando-me dos Indios fallando-lhes de contino a lingoa e perguntando-lhe o que já sabia bem fazer, no dito anno fiz pazes com 3 castas de tapoyas alli vizinhos e por meio delles tive novas do Maranhão e forão Indios delle a fallar comigo donde me derão noticias das boas terras que havia naquellas partes e gastando sempre muita de minha fazenda para fazer estas pazes.

De tudo avizei ao dito Governador D. Diog.º de Menezes e com meu avizo escreveo ao Conselho da India o que passava, e os Senhores do Conselho mandarão que se fizesse a jornada e conquista dos ditos rios do Maranhão e me mandou que eu fosse descobrir os ditos rios, e sendo no anno de 1613 fui em um pequeno barco a fazer o dito descubrimento levando os Indjos que comigo havião hido fallar, os quaes erão muito praticos naquella Costa, e sendo já alguns dias de viagem, cheguei á Pereiá a primeira boca do Maranhão e dalli fui por dentro dos rios e ao dia de S. Anna cheguei á ilha chamada Tucutenduba a que puz nome Ilha de S. Anna, alli achei um grande porto de náos muitto fundavel, e nelle um armazem que alli tinhão os francezes com muito breu e muitas cabascamastras e muito páo de tinta cortado e polés aonde fazião muitos cabos mo que puz fogo e dalli fui a descobrir o sitio de Guaxenduba, donde depois o Capitão mór Hyeronimo de Albuquerque situou seu campo, e teve a victoria com os inimigos, isto feito me fui em demanda da Ilha que cheguei com o barco perto de terra donde desembarquei e poondo-me em cima de um penedo pregando que era filho dde Jacaúna todos me ouvirão e me levarão galinhas e muitos legumes, alli puz uma Cruz com um letreiro que dizia aqui chegou o capitão Soares Moreno a tomar

pocessão por el-Rei Catholico, e não sabendo que estavão povoados os francezes alli me confessei e sem falta fôra morto se um indio não me avisara que se veio comigo a esta Cidade, e com o dito avizo dei a vella não fazendo aggravo a nenhum daquelles Indios antes feito pratica que dali a um anno tornaria com muita gente a povoar aquellas terras; neste tempo já os francezes tinhão tomado a Barra por onde eu havia de sahir. Permitio Deus que me meti pelo Rio assima donde escapei embrenhado em um braço delle, e dali a oito dias tornei a desembocar de noite donde arribei as Indias e dali vim com a Relação a esta Cidade e com ella e o meu Piloto se fez a jornada donde Sua Mag.de me mandou tambem e fui sem mercê nenhuma onde servi de sargento mór em ausencia de Diog.o de Campos Moreno trabalhando sempre em todas as cousas descubrindo náos de guerra francezas, tambem buscando sitios na Ilha para o nosso Arrayal donde me procedeo uma enfermidade de que estive a risco de perder a vida.

Logo que chegou o Capitão mór Alexandre de Moura o avizei do que passava entre os francezes o que bem sabia por haver 3 mezes que estava com elles por Refens e curando-me de uma enfermidade, logo o dito Capitão mór me mandou fôsse quietar os Indios da terra firme e a prender muitos francezes que andavão levantados entre elles o que fiz e vendo o dito Capitão mór que fazia bem o que me encarregava me elegeo por capitão mór da jornada do Pará, mas considerando a grande necessidade que o Maranhão tinha da terra firme de Cumá e Tapuytapera me mandou fosse assistir nella por Capitão para o que me deu 25 soldados e 80 legoas de terra digo de Costa todas cheias de infinitos Indios e estando fazendo Igrejas e quietando aquelles Indios com o grande trabalho me renovou a enfermidade de que havia padecido, e hindo-me a curar della arribei a Indias a S. Domingo donde o Presidente dali me encarregou de Cabo dos Navios que sahirão do dito porto, e com um tempo me apartei da Companhia e encontrei

com um navio Pirata de 18 peças de artelharia com quem pelejei, e me matou toda a gente, que foram 19 homens não ficando mais que 3 e um menino todos em pedaços e eu fiquei com 23 feridas, com uma mão cortada, e o rosto com uma cutillada e logo que fui em França que me conhecerão haver morto francezes de Diepa acudirão viuvas e orfãos e a seu pedimento me prenderão e sentencearão á morte e me tiverão 10 mezes com rigorozas prizões a que acudio o Duque de Montalião Embaixador e fez-me soltar mas com gástar muito em meu julgamento de que estou muito empenhado.

Seara está 100 legoas da Capitania do Rio Grande para Loeste e em todas estas legoas não ha um palmo de terra que se possa povoar nem que dê mantimento por nenhuma maneira, tudo são areaes desertos, só em 3 Rios tem 3 castas de tapoias de guerra, desde alli ao Maranhão tão pouco não ha couza que se possa povoar de que logo direi.

Este dito Seara é um Rio que entrão nelle embarcações de 30 até 40 toneladas está em 2 graus e 2 terços da parte do Sul, tem uma pequena fortaleza de madeira com 4 pedreiras, esta sobre o Rio, e tem junto de si um rio de agua doce muito caudalozo, e bom, está dali a 2 legoas a balravento uma grande enseada muito quieta para Navios de 400 e 500 toneladas que era antigamente porto dos francezes chamada macoripé onde podem estar 4 peças de artelharia que não deixem ancorar alli navio ladrão nenhum Dali a balravento está outra enseada chamada Yguape que tambem era repouzo de estrangeiros que de continuo ha mister vigiada porque de continuo vão alli a concertar seus navios e tomar agua, e alli têm madeira para tudo que lhe é necessario, a sotavento deste Seará ha outra enseada chamada Pará que tem um rio de agua doce caudalozo onde tambem se vão reformar os ladrões.

Todos os navios que forem ao Maranhão e Pará lhe será forçado hir a reconhecer as serras de Seará porque é boa conhecensa e como ellas estão em 2 graus

e 2 terços e o Maranhão em 2 graus e um terço da parte do sul da linha, e as aguas correm sempre a loeste, convem que os Pilotos se assegurem.

A Sua Mag.de lhe convem ter aquella Colonia bem negoceada que os Piratas se não apoderem della que como fica a balravento do Maranhão convem sustentarse o que se fará com pouco custo.

Tambem como toda a demais terra é inutil, e sem proveito de força se deve de sustentar aquillo para estalagem dos que forem e vierem do Maranhão e Para para Pernambuco que hindo destroçados do caminho alli refazem assim de mantimentos como de Indios para os acompanhar tambem sirvira para os nossos Navios para o que lhe for necessario que cada dia vem e vão em terra por não haver quem os encaminhasse e os Indios comião os homens. Toda aquella Costa é de muito peixe e os Rios o proprio.

Tem muito sal de salinas que a natureza cria muita abundancia de ostras, muitos mariscos, tem muita caça, como é veados, que são tantos como cabras e qualquer soldado com seu arcabuz os mata facilmente, tambem ha muita quantidade de porcos, muito numero de antas, de outras cousas do Brazil ha muitos e bons Papagaios, e bogios e saguins, tem muita buraquatiara que he a melhor madeira para obras que até agora se ha achado no Brazil, muito pao de tinta amarella a que chamão tatagiba com outra madeira preta de muito valor, tem muitos algodões, tem mais de 40 legoas ao redor de si de muitas frutas as melhores do Brazil, como são cajus e mangavas que os antigos plantarão, e no tempo desta fruta sustenta todos aquelles Indios e recolhem muita Castanha de caju para o inverno.

E fazem cada cazal mais de 3 pipas de vinho do proprio caju e passão muitas que guardão pera o inverno o Rio em si tem muito bons pedaços de terra para engenhos; e muitas madeiras boas para tudo o que for necessario, para cazas e navios, pelas serras e suas

fraldas á muito boas terras para canas que ficão do mar 4 e 5 legoas; tem esta nova Colonia 4 aldeas de Indios de que é senhor um Indio chamado Jacauna, muito bom Indio e que me quer muito; para pastos de todo o gado são estas as melhores terras que hei visto porque as porcas parem 4 vezes cada anno e muitos leitões de cada vez e com as frutas e marisco dos Rios se fazem que donde se deitão se não podem levantar, alli tive cabras que parirão duas vezes cada anno e a 2 e 3 cabritinhas, as cavalgaduras se dão grandemente, as terras criam muitos mantimentos em grande maneira convem a saber de mandioca, milho zaburo, aboboras de muitas castas, feijões, favas, batatas, inhames, dá toda a hortaliça de cá, melões, pepinos, couves, muita quantidade de galinhas, as serras tem muito cristal em grande mr.ª e dá mostras de prata o que até agora se não buscou nem se entrou mais de 20 legoas a terra dentro.

Tem em 70 legoas de circuito 22 nações de tapoias, differentes lingoas. Os moradores Indios dali me dizem que de uma serra daquellas carregavão os francezes quantidade de terra para a França, não sabem mais: o proprio da serra do Pononé que está dali 60 legoas para o Maranhão; no anno de 1612 fiz um forte de madeira com suas guaritas e casas de soldados, dentro a sua Ermida onde se diz Missa, e onde estão 20 soldados que como tão poucos naquelles desertos não podem fazer mais que sustentar-se alli dentro, assim hirá aquella Capitania em pouco crescimento, alli deixei já 10 ou 11 cazados com Indias e Mamalucas com muitos filhos.

Para que aquella Colonja vá em augmento, são necessarios 50 soldados para que possão andar pela terra em descobrimento os 25 ou para acudirem a defender os portos aos Piratas e para poder adquirir algumas nações assim e para que sem receio do inimigo possão andar nas suas grangearias o que de outra maneira se não fara nada nem a terra será mais do que é hoje.

He necessario metter-lhe criações de todas as castas, como são egoas, vaccas, burros, porcas, e cabras, ovelhas o que os soldados tomarão á conta de seus pagamentos.

Até agora não ha mais que Capitão e um Alferes, e tem necessidade de Sargento para acudir as cousas necessarias. Os pagamentos desta gente que se lhe fazem em Pernambuco, será necessario que a metade se lhe faça em fazenda para se vestirem, em preços accommodados, e a outra ametade em negros de Angola. Com o trabalho destes escravos breve se fará muito e irão os dizimos em crescimento.

Os soldados que alli residirem será bom serem cazados para trabalharem com cuidado, e para quietação dos Indios.

Alli se apanha ás vezes quantidade de ambar.

E' muito necessario que alli haja dous frades, porque um só clerigo não está bem naquelle deserto só.

Tambem é necessario, que se mande alli 6 peças de ferro para defensa da Barra porque até agora não tem couza que a possa deffender.

Isto é o que entendo acerca de Seará e nesta cidade estão Pessoas que tambem tem muito conhecimento destas couzas, e daquella terra, como é o Capitão Alexandre de Moura e o Capitão Francisco de Frias, e outras pessoas de importancia.

Officiaes de Carpinteiro da Ribeira para fazerem embarcações, ferreiro, estes são os dous mais necessarios officios para alli.

Martim Soares Moreno.

A Costa Nordeste

— DO —

BRASIL NA CARTOGRAPHIA ANTIGA.

A COSTA NORDESTE

~ DO ~

BRASIL NA CARTOGRAPHIA ANTIGA.

A PUBLICAÇÃO do grande atlas contendo reproducções de quasi todos os mappas antigos conhecidos do Brasil que acompanha a exposição ao arbitro pelo illustre Barão do Rio Branco sobre a questão de limites da Guyana tornou possivel, pela primeira vez no Brasil, o estudo da cartographia antiga deste paiz. Applicando-me a este estudo num recente trabalho intitulado « Os Mappas mais antigos do Brasil », publicado no vol. VII da Revista do Instituto Historico de São Paulo, verifiquei a possibilidade de ampliar e corrigir os escassos dados escriptos relativos á primeira epocha da historia brasileira, e, convidado pelo operoso Barão de Studart para concorrer na commemoração do primeiro povoamento do actual Estado do Ceará, pareceu-me corresponder melhor ao seu patriotico intuito fazendo um estudo semelhante do trecho da costa que interessa aquelle Estado. Tanto geographica como historicamente, este trecho se limita ao sul no Cabo Santo Agostinho e ao norte na foz do Amazonas e a elle será exclusivamente dedicado o presente estudo.

No referido trabalho tratei ligeiramente deste trecho analysando o mappa de Juan de la Cosa datado de 1500, no qual vem a sua primeira representação conforme dados provenientes das explorações de Vicente Yanez Pinzon e Diego de Lepe, effectuadas neste mesmo anno. Proponho-me agora a estudal-o mais detalhadamente neste precioso documento e nos mappas que a elle succederam.

O exame attento do mappa de Juan de la Cosa indica que o autor teve informações minuciosas relativas ao trecho da costa que vai de um ponto um tanto ao oeste do cabo São Roque até a foz do Orenoco, onde começaram as suas proprias observações como membro da expedição Hojeda de 1599. A configuração relativamente boa deste trecho, a presença de nomes, e a collocação debaixo do equador da grande indentação que indubitavelmente representa a foz do Amazonas indicam quasi com absoluta certeza que esta parte do mappa foi copiada de um mappa anterior (um prototypo na phrase de Harrisse) baseado nas observações de um ou mais dos primeiros navegantes que a tinham percorrido. O ponto onde começou este prototypo é claramente indicado pelo começo da nomenclatura em frente da figura de uma nau hespanhola, pela inscripção referente a Pinzon, e pelo caracter perfunctorio do desenho ao sul da inflecção da costa, que representa o Cabo São Roque.

A julgar exclusivamente pelo mappa a configuração caracteristica da costa nas immediações deste cabo foi reconhecida por um dos primeiros descobridores, mas este só aportou ao oeste deste ponto na barra de um rio cujo nome ficou infelizmente destruido por um rombo no papel do mappa. A primeira letra deste nome é um *S* que parece indicar uma denominação tirada do calendario. Segue uma serie de 16 nomes até um outro rombo no papel, indicativa de um exame bastante minucioso da

costa, á qual foram applicadas denominações que pela maior parte são simplesmente descriptivas. Entre estas a mais significativa é— « r.º de sefallo-huacruz »(de se achou uma cruz), que indica que o autor deste nome foi precedido por um outro christão. O unico nome nesta serie que não é descriptivo é « C.º de stm.ª » (Cabo de Santa Maria) tirado do calendario e provavelmente indicativo de uma data, sendo para notar (como Harrisse já observou) que pertence a um grupo de nomes escriptos por mão diversa da do resto do mappa. Adiante desta primeira serie de nomes um grande rombo no papel, em posição que inclue o do golpho de Maranhão, tem, talvez, destruido alguns outros nomes. Em seguida vem um trecho consideravel de costa sem nomes mas com uma pronunciada feição topographica no desenho, na forte indentação que presumivelmente representa a foz meridional do Amazonas, ou Rio Pará. Outra indentação com um grupo de seis nomes e collocado debaixo do equador representa indubitavelmente a foz principal do Amazonas assignalada pelos nomes de « g.º de Stm.ª » (Golpho de Santa Maria) e « elmacareo » (pororóca).

A conclusão que se pode tirar do estudo deste mappa é que este trecho da costa foi reconhecido por dois exploradores e posteriormente representado por Juan de la Cosa conforme um prototypo baseado nas observações de um ou de outro (ou ambos, conjunctamente) dos quaes o segundo registrou o encontro de uma cruz fincada pelo primeiro. Estes exploradores, ou um delles, parece ter avistado a costa nas proximidades do Cabo São Roque, tanto que percebeu a sua inflecção para o sul, mas só aportou ao oeste deste cabo, donde seguio costeando muito proximo a terra n'um primeiro trecho, notando e nomeando todas as suas minudencias, para depois passar mais ao largo até encostar de novo na foz do Amazonas.

Um outro mappa quasi contemporaneo do de Juan de la Cosa e presumivelmente baseado nos resultados das mesmas explorações é o organizado em Lisboa no anno de 1502 por ordem de Alberto Cantino. No referido estudo, em que vem reproduzida a parte sulamericana deste mappa, apresentei motivos para acreditar que este fosse, em grande parte, confeccionado por informações colhidas entre os marinheiros encontrados no porto de Lisboa, e sem mappas anteriores á vista. Assim na costa sul do Brasil ha indicados de informações pouco detalhadas relativas á expedição portugueza de 1501, tendo o autor por sua conta e risco substituido o nome de « Cabo São Roque », dado por essa expedição, por o de « Cabo de S. Jorge », provavelmente em commemoração da data da descoberta de Porto Seguro por Cabral.

No trecho que interessa o presente estudo o mappa de Cantino é despido de detalhes e nomes, salvo dois grandes golphos que parecem representar o de Maranhão e a foz do Amazonas. O primeiro tem a inscripção de « Canábales, Golfo fermoso » ; e o segundo a de « rio grande » e, em frente, « todo este mar é agua doce ». Dahi se conclue que um dos exploradores de 1500 entrou no golpho do Maranhão e ali teve um encontro com os indios.

Na configuração da costa o mappa de Cantino dá o rumo de N. O. ao trecho entre Cabo São Roque e a foz do Amazonas fazendo esta cahir bastante ao norte do equador, defeito este que apparece em muitos dos primeiros mappas, especialmente os impressos em Allemanha, que evidentemente tiveram como prototypo este mappa de Cantino, ou algum d'elle derivado.

O mappa que vem reproduzido no texto da segunda memoria do Barão do Rio Branco (p. 84), onde é attribuido ao Conde Ottomano Freducci e ao anno de 1514 ou 1515, parece indicar uma nova exploração desta costa. Para o trecho ao sul do Cabo São

Roque o prototypo deste mappa era evidentemente uma copia simplificada do mappa portuguez de 1502, ou algum semelhante a elle; e para o trecho ao norte do Amazonas um hespanhol, semelhante ao dos mappas de Maiollo, de Turim e de Diego Ribeiro que vem mencionados em baixo e que não era o de Juan de la Cosa. O trecho intermediario, porem, apresenta um caracter especial que tanto podia ser portuguez como hespanhol. Entre os quatro nomes deste trecho o « c. negro » faz lembrar o « r. negro » e « m. negro » do mappa de Juan de Cosa, porem « maranon », « rio fresco », « c. blanco » e « paricura » são inteiramente novos. É notavel que o desenho topographico, que em geral é perfunctorio, represente dois rios juntos ao nome Maranon, e uma grande ilha dividindo a desembocadura do Amazonas.

O mappa de Maiollo de 1519 teve evidentemente em substancia os mesmos prototypos que o de Freducci para os trechos ao sul do Cabo São Roque e ao norte do Amazonas, mais um outro para o que nos interessa. Na sua forma italiana é difficil dizer si a sua rica nomenclatura era originalmente portugueza ou hespanhola, mas o emprego, por duas vezes, de « fumos » em logar de « humos » indica a primeira. O ponto extremo do continente figura com o nome de « c. de spicell » (c. de S. Miguel?), estando « São Roque » (s. rõm no mappa) collocado ao sul de um nome novo, « Rio de piedre » que é provavelmente o Rio Goyana. Estes nomes novos de « Cabo de S. Miguel » e « Rio das Pedras » que apparecem ao sul do Cabo São Roque (como os de « Pernambuco » e «Rio das Vertudes» que appareceram quasi simultaneamente em mappas de 1518 e 1523) vem provavelmente de navegantes portuguezes que se dirigiram para o sul do continente; começando ao oeste do Cabo de Spicell do mappa os do novo prototypo da costa nordeste. Entre estes ultimos ha «c. de nigri» e "maralion» que são provavelmente

identicos com o "c. negro» e «maranon» do mappa de Freducci, bem que este ultimo esteja afastado para o leste da feição no desenho que indubitavelmente representa o golpho de Maranhão. Desembocando neste ultimo ha um "Rio de pe.º» que, como o de «cauo corco», é nome significativo ao qual voltaremos mais adiante. E' para notar que no seu outro mappa de 1527 Maiollo emendou a nomenclatura da costa entre Cabo São Roque e a foz do Orenoco fazendo-a corresponder quasi exactamente com a do mappa de Freducci do qual elle evidentemente tomou conhecimento neste intervallo de tempo.

Um outro mappa italiano, conhecido pelo nome de «Mappa de Turim» e attribuido ao anno de 1523, traz uma rica nomenclatura differente da dos precedentes e accentuadamente de origem portugueza. Entre 24 nomes no trecho em questão, apenas dois (c. negro e rio dos fumos) apresentam semelhança com os do mappa de Maiollo. O desenho topographico é perfunctorio estando o golpho de Maranhão indicado por uma ligeira indentação com o nome de «Golfo claro», e a foz do Amazonas sem denominação especial, bem que destacada no desenho e com o nome caracteristico de «costa de paricura» na margem septentrional.

O mappa de Diego Ribeiro, Cosmographo Real da Hespanha, de 1529 traz a declaração expressa que a costa entre o Rio Dulce (Orenoco) e o Cabo São Roque nada tem de proveito, e que tendo sido costeada uma ou duas vezes logo depois da descoberta das Indias (America) não se voltou a ella. Esta declaração indica que na repartição hespanhola official (Casa de la Contratacion de Sevilha) especialmente encarregada de reunir informações sobre novas viagens e descobertas, se ignorava (ou despresava) as já conhecidas na Italia em que se baseavam os mappas de Freducci, Maiollo e de Turim.

Conforme esta declaração o prototypo para o trecho aqui considerado deve ser um mappa representando as descobertas de Pinzon e Lepe, mas differente no desenho e na nomenclatura do de Juan de la Cosa. Comparando os dois parece que o segundo identificou o Amazonas (com o nome de Maranon) com a primeira grande indentação da costa, ou Rio Pará (?), do mappa de Juan de la Cosa, reduzindo a segunda a uma bahia cheia de ilhas e com o nome de «furna grande». Assim se explica a collocação errada da foz do grande rio ao sul do equador que persistiu por muito tempo nos mappas hespanhoes (ou derivados d'elles) e introduziu grande confusão na geographia. O golpho de Maranhão, com o nome de «furna», é pouco saliente neste mappa, mas acha-se bem collocado com referencia a foz meridional do Amazonas e figurado com a caracteristica entrada de dois rios no fundo. «C. negro» é o unico nome positivamente identificavel com um dos mappas anteriores inclusive o de Juan de la Cosa. O nome «R. de uicète pison» parece ser uma piedosa lembrança do cartographo introduzida no seu prototypo em commemoração do primeiro descobridor. Outros cartographos, a começar com Freducci, tiveram a mesma lembrança, mas no trecho ao norte do Amazonas, e este uso prevaleceu dando em resultado o bem conhecido embrulho da questão do Oyapock. É para notar neste mappa a falta de nomes caracteristicamente pinzonianos donde se pode, talvez, concluir que o seu prototypo se baseava principalmente na viagem de Lepe.

Os mappas que succederam ao de Diego Ribeiro, a começar com um datado de 1534, indicam a introducção de um novo prototypo para o trecho em questão, de origem portugueza; e, cousa notavel, este serviu por muitos annos para todos os mappas, seja qual fosse a sua origem, hespanhola, portugueza, franceza ou hollandeza. Este, portanto, devia ter sido

baseado n'uma exploração portugueza effectuada entre os annos de 1529 e 1534. Os mappas originaes que se basearam neste prototypo foram: os hespanhoes de Alonzo de Chaves (Padron Real de 1536), Alonzo de Santa Cruz (1542), Sebastião Cabotto (1544), Diego Gutierrez (1550, 1562); os francezes de Nicolas Desliens (1541), Pierre Desceliers (1550); os portuguezes de Gaspar Viegas (1534), Diogo Homem (1558, 1568), André Homem (1559), Lazaro Luiz (1563), Bartholomeu Velho (1564) e Fernão Vaz Dourado (1568, 1571 e 1580), e os hollandezes, em grande numero derivados de um ou outro destes, mas principalmente dos de Gutierrez de 1562 e de Bartholomeu Velho de 1564.

O caracteristico deste prototypo que permitte reconhecel-o em todas as suas reproducções, é o desenho topographico do golpho de Maranhão e dos rios que n'elle desaguam. A nomenclatura é caracterizada pela conservação de uma boa parte dos nomes do mappa de Maiollo (indicando provavelmente que o explorador correu a costa com este mappa, ou um derivado d'elle, em mão) e pela introducção de muitos nomes portuguezes novos entre os quaes é especialmente significativo o de Diogo Leite, que se pode presumir ser o do proprio explorador.

Não tendo á mão o mais antigo destes mappas (o de Gaspar Viegas de 1534) (*) tomamos como

(*) Este mappa conservado na Bibliotheca Nacional de Paris é, conforme a nota de Harrisse (op. cit p. 599) uma carta nautica representando, na parte brasileira, a costa desde dois ou tres graus ao oeste de Maranhão até cerca de dois graus ao sul do estuario do Prata. Com referencia a elle Ferdinand Diniz (citado por Harrisse) escreveu — "O Capitão de Fragata Mouchez que tinha sido encarregado pelo governo francez de continuar e aperfeiçoar os trabalhos do Almirante Roussin (levantamento da carta maritima da costa do Brazil) ficou, como eu, admirado da exactidão relativa de tal monumento geographico".

presumivelmente mais completa e exacta a reproducção deste prototypo por Diogo Homem, quanto á nomenclatura, e a de Pierre Desceliers, quanto ao desenho topographico das visinhanças de Maranhão. Este ultimo tambem é interessante por mostrar que apezar de sua data, posterior á viagem de Orellana no Amazonas, o mappa foi desenhado antes deste acontecimento, sendo o rio interpolado (e erradamente) num desenho que figurava uma linha continua para a costa ao norte do golpho de Maranhão. A mesma interpolação, mas feita mais geitosamente, se nota no mappa de Desliens, ao passo que Alonzo de Santa Cruz (e indubitavelmente Alonzo de Chaves tambem no seu perdido Padrão Real), não conhecendo o Amazonas de Orellana, ajustaram o novo prototypo nos mappas antigos com a suppressão do Amazonas, identificando o «Rio de la Mar Dulce» de Pinzon (ao qual os hespanhoes tinham applicado o nome «Maranon») com o golpho deste nome dos cartographos italianos e do novo explorador portuguez. Outros cartographos hespanhoes (Cabotto e Gutierrez) resolveram a difficuldade estropiando o desenho e a nomenclatura no novo prototypo ao oeste de Maranhão. Dahi resultou a confusão, a discordancia nos mappas que tanto deu que falar na questão de Amapá, sem que fosse descoberta a sua origem, por faltar o Padrão Real de Alonzo de Chaves, donde procedeu. A recente publicação na Suecia do mappa de Alonzo de Santa Cruz, que é essencialmente uma reproducção do Padrão Real, esclarece perfeitamente o assumpto, mostrando que num grupo de mappas anteriores á viagem de Orellana houve a suppressão total do Amazonas que depois teve de ser restaurado atropelladamente.

Em vista das circumstancias acima apontadas, temos escolhido para reproducção os mappas de Diogo Homem, Desceliers e Alonzo de Santa Cruz.

Os outros dão modificações mais ou menos variadas do mesmo thema.

Impressiona no estudo deste prototypo o modo minucioso, relativamente exacto, por que se acha representada a hydrographia do golpho de Maranhão (muito superior, por exemplo, á representação dada pelo afamado Sebastião Cabotto á da bacia do Prata, onde esteve por quatro annos) e a introducção nesta região de um grupo de nomes indigenas dos quaes alguns (Itapicurú e Pindaré) persistem até hoje. Isto parece indicar que o explorador encontrou ahi um europeo domiciliado entre os indios e bem familiarizado com os detalhes topographicos da região. Confirma, de algum modo, esta supposição o facto que os unicos outros nomes indigenas se acham agrupados entre Pernambuco e Cabo São Roque onde os europeos tinham estado por alguns annos em contacto com os indios, podendo assim apanhar algumas palavras de sua lingua.

O desenho topographico das reproducções deste prototypo nos mappas de Diogo Homem e Desseliers é bastante detalhado para permittir a identificação de algumas das feições mais salientes, e, baseado nestas, podemos tentar a dos nomes do modo seguinte, tomando-os do mappa de Diogo Homem, que conservou melhor a sua forma portugueza original.

C. DE S. AGOSTINHO.—Este nome provem da expedição portugueza de 1501, que lhe deu tambem o de «Cabo da Santa Cruz.»

PARCAORY.

R. DO EXTREMO.—Na hypothese plausivel que o Pernambuco do mappa fosse situado ao norte da actual cidade, este seria o Rio Capibaribe.

PERNAMBUQUO.—O nome na forma de "Pernambua" vem pela primeira vez n'um mappa

portuguez attribuido ao anno de 1518.

R. DAS VIRTUDES.—Provavelmente o canal de Itamaracá.

R. DAS PEDRAS.—Rio Goyana. Este nome appareceu pela primeira vez no mappa de Maiollo de 1519, mas deslocado para o norte. Sebastião Cabotto foi, em 1526, do porto de Pernambuco ao Rio das Pedras para tomar agoa, passando o Rio das Virtudes que aparentemente não prestava para este fim. O nome deste ultimo vem no mappa de Turim de 1523.

S. MIGUELL.—Um outro mappa de Diogo Homem, datado do mesmo anno, tem em logar deste "c. de spichell" que já vem nos mappas de Maiollo e Turim. Deve ser o Cabo Branco ao sul de Parahyba.

R. DE S. DOMINGUOS.—Rio Parahyba.

B. DE PITIACUA DE TREICAM.—Bahia da Traição. O nome provavelmente refere-se a algum acontecimento historico que deve ser anteriormente ao anno de 1536, visto que o mappa de Chaves o tem na forma de "Epitiaca".

OROTAPICA. } —Estes dois nomes na visinhança da
ORAPI. } actual cidade de Natal são os ultimos de um grupo de nomes indigenas que vem desde o Cabo S. Agostinho, indicando provavelmente que até ahi estenderam-se as relações mais ou menos amigaveis dos brancos com os indios.

TIERRA DE S. ROQUE.—Na visinhança do cabo do mesmo nome.

C. DO PRACELL.—Provavelmente o Cabo Calcanhar.

B. APRACELADA.

P.ª PRIMEIRA.

B. DE TARTARUGUAS.—Bahia de Aguamaré? O mappa de Desceliers tem um "Grande baya» mas antes da Ponta Primeira.

R. DE S. DOMINGOS.—Rio Acú?

R. DANGRA.—Rio Mossoró?

C. CORCO.—Cabo Corso. O nome appareceu pela primeira vez no mappa de Maiollo de 1519 e continuou até o de Brué de de 1834 onde é identificado com a Ponta do Retiro Grande entre as barras do Mossoró e Jaguaribe. O mappa de Desceliers dá aqui «Serres de S. Michel", nome este que persistiu até depois da occupação Hollandeza.

B. DOS ARECIFES.

P. DOS FUMOS.—Este nome vem no mappa de Maiollo. E' provavelmente na costa do Aracaty.

C. BRANCO.—Ponta de Mucuripe?

TIERRAS DE S. LUCAS.—Visinhanças de Fortaleza? O nome vem no mappa de Maiollo applicado a um golpho.

M. FERMOSO.

M. DELLI.—"M. dely" no outro mappa de Diogo Homem do mesmo anno: "M. de elli" no mappa de Maiollo. Provavelmente a Serra de Mamanguape. Maiollo collocou junto o nome "Maralion".

G. DOS NEGROS.—Enseada de Ceará? Na mesma região em que vem "r. negro" e "m. negro" no mappa de Juan de la Cosa, o «C. negri» de Maiollo e o "c. negro" de Freducci, Turim e Diego Ribeiro parece ser collo-

cado mais ao oeste nas proximidades do Rio Parnahyba.

P.ª DOS PRAZERES.

TIERRA DA PESCARIA.

C. DO PALMAR.

R. DO PRACELL.—Rio Acaracú?

R. DA CRUZ.—Este nome parece ter sido conservado até hoje para um dos rios desaguando na bahia de Camocim. E' provavelmente o "R. das 3 bras" do mappa de Descelier se bem que este vem adiante do "R. do pracell".

TIERRA DOS FUMOS.

C. DA LOEST.

TIERRA DE S. V.te—(Terra de São Vicente).

R. GRANDE.—Rio Parnahyba.

C. DAVISO.

B. DA COROA.—Bahia da Tutoya?

COSTA BRAVA.—«Coste blanche» no mappa de Desceliers. Costa dos Lençoes.

P. DAS CORRENTES.—Ponta Mangaes Verdes?

R. DANOBOM.—(Rio do Anno Bom). "R. de vobon" no mappa de Desceliers: «R. de Naubom» no de Chaves e outros hespanhoes.

R. DO MEO.

R. DOS REIS.

R. DO JOAO DE LIS.ª—Rio Piriá? ou talvez o Rio Monim.

G. DE TODOS LOS SANCTOS.—Bahia de São José, parte meridional do Golpho de Maranhão.

O MARANHAM.(*)—Quasi todos os mappas antigos em-

(*) Este modo de empregar o nome é muito suggestivo de um termo topographico. A lingua portugueza tem na sua nomenclatura topographica maritima o termo "O Marachão" que seria muito applicavel nesta costa e que facilmente se transformaria em "O Maranhão". De facto o Diccionario de Moraes cita um autor antigo dando (por erro, diz o lexicographo) "Maranhões" por "Marachões".

pregam este nome deste modo com o artigo *O*, ou simplesmente sem qualificativo algum.

ABATIMIRIM.—Este e os quatro nomes seguintes vem no mappa de Desceliers, mas não no de Diogo Homem.

TAPICORAM.—Itapicurú.

ABIUNHAM.—Este nome vem tambem no mappa de Bartholomeu Velho, mas apparentemente applicado ao Rio Parnahyba.

CAMICAM.—«Acencam» num outro mappa de Diogo Homem.

CABAI.—Sobre um affluente do rio sem nome que representa o Grajahú. Este affluente representa regularmente o Pindaré e o nome "Pinare" vem na nomenclatura do mappa anonymo da Bibliotheca Riccardiana, dada pelo Barão do Rio Branco. Este ultimo mappa não traz o Amazonas e deve portanto ser anterior ao anno de 1543.

BAIA.—Na margem septentrional do Golpho de Maranhão. No mappa de Diogo Homem de 1568 vem "b.ª grelo" ou "grela". Na mesma posição Vaz Dourado tem "Almadias". Bahia de Itacolumy.

TIERRA DOS FUMOS.

COSTA APARCELADA.

R. DE S. MIGUEL.—"R. de S. Paul" no mappa de Desceliers. Rio Turyassú.

B. DE DIOGO LEITE.—Bahia de Turyassú. E' provavel que este nome seja o do descobridor.

R. DE S. PALOS.—«R. S. Marcial» no mappa de Desceliers. Rio Maracassumé.

R. DAS BAIXAS.—Rio Gurupy.

COSTA APRACELADA.—O outro mappa de Diogo Homem de 1558 tem ahi «p.ª da costa suja».

B. DE ILHEU.

COSTA BAIXA.

B. DE S. JOAN.—Bahia de Bragança?

COSTA DESCOBERTA.—Este nome que vem no outro mappa de Diogo Homem é dado como "Coste desconnue" no de Desceliers.

R. DE S. JOAN DAS AMAZONAS.—Rio Pará ou a foz meridional do Amazonas. A ultima parte do nome é evidentemente um accrescimo depois da viagem de Orellana. Neste ponto o mappa de Desceliers emenda o novo prototypo portuguez com um antigo hespanol eliminando o Amazonas e a nomenclatura deste prototypo até as montanhas ao norte do Oyapock. Eliminação semelhante houve nos mappas de Alonzo de Chaves e Alonzo de Santa Cruz.

Ao norte da foz do Amazonas o mappa de Diogo Homem traz a antiga nomenclatura dos mappas hespanhoes misturada com alguns nomes novos (B. de muchas ilhas, R. de Nuno e R. del Casique) que indicam uma nova exploração nesta paragem. Como estes nomes apparecem no mappa da Bibliotheca Riccardiana, esta exploração deve ser anterior ao anno de 1543.

Combinando as deducções que se pode legitimamente tirar do estudo destes mappas com os escassos dados que se entroncam na historia escripta, podemos agora tentar reconstruir a historia do descobrimento e delineação deste trecho da costa. Para este fim nos serviremos, quanto aos dados escriptos,

principalmente dos colleccionados e cuidadosamente averiguados pelo erudito Henrique Harrisse na sua grande obra entitulada "The Discovery of North America".

Vicente Yanez Pinzon sahindo da Hespanha em fins de 1499 avistou um cabo que denominou "Santa Maria de la Consolacion" em fins de Janeiro (20 ou 26 conforme os chronistas, 2 de Fevereiro se o nome indica uma data) de 1500. Dias depois desembarcou e executou actos possessorios, inclusive a fincação de uma cruz, n'um ponto que denominou Rosto Hermoso, talvez por ser no dia 4 de Fevereiro, festa da Veronica, que n'um antigo calendario hespanhol vem com a denominação de Rostro Hermoso. Continuando a viagem Pinzon entrou na foz do Amazonas que denominou "Santa Maria de la Mar Dulce" provavelmente por estar ahi no dia 25 de Março, festa da Annunciação. Entrando algumas leguas no grande rio, que denominou «Marina tãbalo»,(*) teve um encontro com os indios. Continuando para o norte deu o nome de «São Vicente» a um cabo que provavelmento passou no dia 4 de Abril, e chegou em Hespaniola a 23 de Junho e a Palos na Hespanha a 30 de Setembro.

O Cabo Santa Maria de Pinzon deve estar relativamente bem collocado no mappa de Juan de la Cosa, e, neste caso, seria algum promontorio ao oeste do Cabo São Roque na costa dos actuaes Estados de Rio Grande do Norte ou Ceará, estando o seu Rostro Hermoso algumas leguas adiante. Varnhagem com certa plausibilidade identificou o Cabo Santa Maria de la Consolacion com a Ponta do Mucoripe e o Rostro Hermoso com a Ponta Jericoácoara.

(*) Será referencia á pororoca, sendo «Marana tãbalo corruptela de «Marina-tambales (Mar agitado)?

Diego de Lepe sahindo da Hespanha pouco depois de Pinzon, tomou o mesmo rumo e avistou a terra proximamente na mesma paragem donde, aproando para o leste, acompanhou a costa até perceber a sua inflecção para o sul nas visinhanças do Cabo São Roque, mas, apezar das affirmações dos seus companheiros em contrario, não dobrou este cabo. Virando de bordo foi aportar na foz de um rio que denominou «São Julião», sendo este, talvez, o primeiro nome no mappa de Juan de la Cosa parcialmente destruido no mappa, mas conservando um *S* inicial. Continuando para o oeste, Lepe encontrou a cruz deixada por Pinzon e entrando no golpho de Maranhão reconheceu que os indios ahi eram antropophagos (veja-se o mappa de Cantino), talvez pela perda de alguns companheiros dos quaes provavelmente um ficou vivo entre os indigenas. Depois, afastando-se da costa de modo a não reconhecer e nomear as suas minudencias, entrou na foz do Rio Pará e na do Amazonas propriamente dito, e, costeando para o norte, veiu se encontrar com Pinzon no golpho de Paria. Antes do dia 9 de Novembro de 1500 Lepe estava de volta na Hespanha, mas, ao que parece, o grosso da expedição tinha voltado alguns mezes antes. Dois companheiros de Lepe, e talvez toda expedição, se achavam em Hespanhola em Fevereiro ou Março de 1500 onde encontraram Juan de la Cosa, que esteve na expedição de Hojeda.

Juan de la Cosa estando na Hespanha, entre os mezes de Junho e Outubro de 1500, no intervallo de duas viagens, organizou o seu celebre mappa, ou mais provavelmente concorreu com a parte americana d'um mappa já feito (em outro estylo e com mais trabalhos na ornamentação) por outrem na parte relativa aos outros continentes. Como Pinzon só chegou á Hespanha em fins de Setembro, é quasi certo que o trecho da costa ao sul do Orenoco fosse

desenhado com dados fornecidos por companheiros de Lepe, que tinham chegado em Julho sem o commandante. Assim, como já se deduziu acima pela evidencia interna do proprio mappa, é provavel que este represente essencialmente a configuração e nomenclatura dadas por Lepe, ou mais provavelmente por um dos seus companheiros. Assim se explica a ausencia no mappa dos nomes "Santa Maria de la Consolacion, Rostro Hermoso, Santa Maria de la Mar Dulce, Rio Marina tãbalo e o Cabo São Vicente» que no anno seguinte foram empregados na Capitulacion Real para designar a concessão dada a Pinzon, e que indubitavelmente foram fornecidos por elle como caracteristicos da sua descoberta, devendo, portanto, figurar em qualquer mappa inspirado directamente por elle. Comtudo parece provavel que os dois nomes de «Santa Maria» indicam uma revisão do mappa por algum companheiro de Pinzon. Em vista da forma abreviada destes dois nomes e a falta completa dos outros, é pouco provavel que a sua interpolação no mappa já quasi concluido fosse devida ao proprio Pinzon.

Em 1508 Pinzon, em companhia com Juan Dias de Solis, correu, em sentido contrario, esta mesma costa, ou pelo menos uma parte d'ella. Nas noticias reunidas das duas viagens, fornecidas a Pedro Martyr de Anghiera e publicadas, em 1511, na primeira edição das suas Decadas apparecem alguns nomes indigenas, e entre estes no trecho que nos interessa os de «Paricura»(*), e «Camamoro» applicados ás duas margens do Amazonas.

(*) Caetano da Silva (L'Oyapoc et l'Amazone, vol. II, p. 381 na edição Rio Branco) cita Baena como authoridade para a existencia de uma tribu de indios com este nome ao norte da foz do Amazonas. Publicado em 1511 n'uma obra que naturalmente foi com avidez consultada por todos os cartographos, o nome Paracura teve logo entrada na cartographia; parece singular que o seu companheiro, Camamóro, não tivesse a mesma boa fortuna.

E' para notar que Pedro Martyr não empregasse o nome «Maranon» senão nos seus escriptos de 1516 depois que elle tinha sido pronunciado por dois companheiros de Lepe no processo de Diego Colombo no anno de 1513. No estado incompleto do mappa de Juan de la Cósa, que tem um grande rombo onde deve apparecer o golpho de Maranhão, é impossivel dizer se este nome se originou com a expedição de Lepe, ou se era apenas corrente entre marinheiros, sendo proveniente de alguma outra expedição, da qual a historia não tem conservado noticia certa. O uso quasi constante entre os mappas antigos de empregar este nome sem qualificativo («O Maranham» ou simplesmente «Maranham» ou «Maranon») é muito suggestivo de um termo topographico, como por exemplo «O Porto», «El Farallan» etc. A terminologia maritima portugueza tem «O Marachão» que seria bem applicado nesta paragem, e que facilmente se transformaria em «Maranhão» entre pessoal pouco instruido, como eu já o disse em nota.

Esta ultima hypothese parece a mais plausivel. A carta de Estevão Froes (**) escripta de Santo Domingos em 30 de Julho de 1514 depois de um anno de prizão subsequente a uma viagem por esta costa, menciona João Coelho, «o da porta da cruz visinho da cidade de Lisboa», e Diogo Ribeiro como os seus predecessores nesta navegação. O nome «Rio João de Lisboa» que vem no segundo grupo de mappas acima analysados, parece commemorar o primeiro destes navegantes, e neste caso é

(**) Citada por Varnhagen e dada na integra por Capistrano de Abreu no seu folheto entitulado "Descobrimento do Brazil e o seu desenvolvimento no seculo XVI," publicado no Rio de Janeiro em 1883. O nosso "Fernão" dado neste folheto foi corrigido para "Estevão" no recente trabalho do mesmo autor publicado no volume do 4º Centenario do Brazil.

de presumir que fosse fornecido por algum membro da expedição, que tinha ficado nas visinhanças de Maranhão, e que um outro membro da mesma, passando para a Italia, tivesse dado as informações em que se baseou o mappa Freducci de 1514 (?) em que esta visinhança vem representada com detalhes relativamente minuciosos e exactos.

No inquerito de 1513 o piloto Andreas de Morales declarou que tinha feito com as informações de Pinzon e Lepe um mappa desta costa. E' provavel que fosse este (ou um outro organizado nas mesmas condições) que, archivado na Casa de la Contratacion de Sevilha, servira de prototypo para o mappa de Diego Ribeiro de 1529, bem que este não mostre signaes evidentes de ter procedido directamente de qualquer destes primeiros exploradores.

No mesmo inquerito Pinzon identificou o seu Cabo Santa Maria de la Consolacion com o Cabo Santo Agostinho dos Portuguezes, mas é evidente que ahi elle se enganou, ou quiz enganar os outros. E' possivel que fosse outro erro de identificação por parte de outras testemunhas do mesmo inquerito, a do nome «Maranon» com o Mar de Agua Dulce (ou Amazonas) de Pinzon, visto que, a julgar pelos mappas de Freducci e Maiollo, este nome parece ter tido origem independente das expedições de Pinzon e de Lepe.

Conforme os termos da referida carta de Estevão Froes a sua viagem effectuou-se no anno do 1513 em companhia de Francisco e Pero Corso, e em algum ponto da costa houve um encontro hostil com os indios com os quaes se encontrava um certo—Pero Galego.—O nome "Corso" dado a um cabo no mappa de Maiollo parece indicar informações derivadas de algum membro desta expedição, e, sendo assim, é de presumir que o nome «Rio Pero» no mesmo mappa se refere ao Pero Galego da carta.

Nesta hypothese este personagem se achava na região do Golpho de Maranhão, tendo sido ali deixado por qualquer das expedições precedentes.

Um outro navegante portuguez percorrendo a costa em data anterior a 1523 impoz grande numero de nomes novos que por algum modo chegaram ao conhecimento de um cartographo italiano, auctor do assim chamado "mappa de Turim". O facto não vem referido na historia escripta, e como os nomes não passaram deste mappa que só ficou conhecido nestes ultimos annos, esta viagem não constitue contribuição notavel ao conhecimento da geographia da região.

Em 1527 um cartographo anonymo da Casa de la Contratacion de Sevilha (provavelmente Diego Ribeiro, auctor do mappa muito semelhante de 1529) organizou um mappa em que a costa nordeste vem representada conforme os dados archivados naquella repartição, os quaes, conforme declaração expressa de Diego Ribeiro no seu mappa de 1529, provinham exclusivamente das viagens de Pinzon e Lepe. Neste mappa, como no de 1529, o Amazonas vem figurado em posição que corresponde melhor com a foz meridional (ou Rio Pará) do que com a septentrional, a qual ficou reduzida a uma simples enseada com o nome de "Furna Grande", conservando, porem, a sua devida posição debaixo do equador como no mappa de Juan de la Cosa. Ao grande rio assim deslocado para o sul foi applicado o nome de "Maranhom" no mappa de 1527 e de «Maranon» no de 1529, sendo que esta primeira forma é muito suggestiva de uma origem portugueza. Em ambos os mappas o Golpho de Maranhão, com o seu caracteristico fundo bifido, figura na posição conveniente com o nome de «Furna»

Em 1531, conforme as investigações de Varnhágen (Hist. Ger. do Braz, 2.º edic. I, pag. 117), Diogo Leite, official portuguez, explorou a costa entre Per-

nambuco e a foz meridional do Amazonas, e é provavelmente a este que se deve attribuir o novo typo de mappa que, como vimos acima, entrou na cartographia entre os annos de 1529 e 1534. Seja quem for o autor deste trabalho, é certo que entre estas datas houve um levantamento topographico inteiramente novo, e de grande merecimento, deste trecho da costa, feito por pessoa que dos mappas anteriores só aproveitou a nomenclatura do de Maiollo, ou um outro semelhante. E' egualmente certo que este explorador se demorou bastante nas visinhanças de Maranhão para reconhecer e representar de modo verdadeiramente admiravel as suas feições topographicas mais salientes, e para apanhar diversas denominações indigenas, ou o que é mais provavel, encontrou ahi uma pessoa habilitada por longa residencia a lhe fornecer estas informações. O "Pero Galego" mencionado por Estevão Froes, se ainda vivesse, estaria nestas condições e não é muito arriscada a hypothese que fosse este o informante. Seja como for, alguem antes de 1536 forneceu aos cartographos elementos para representar a bacia hydrographica de Maranhão de modo a apresentar contraste notavel com as grotescas representações das do Prata e do Amazonas, baseada esta nas explorações de um Orellana e aquella nas de um Sebastião Cabotto.

A mallograda tentativa de Ayres da Cunha em 1536-38 de colonisação no Maranhão não deixou vestigios na cartographia, a não ser que o nome «Ascenção» nos mappas de Diogo Homem e Descelliers seja interpolação, no seu prototypo, de uma denominação dada por esta expedição. Na historia escripta, porem, consta que o nome dado á povoação que se tentou estabelecer era «Nazareth».

Cerca de 1560 os cartographos começaram a tentar a representação do interior do continente supprindo com rasgos de imaginação a falta de dados

positivos. Diego Gutierrez figurou um grande rio ligando, atravez do continente, o Lago Titacaca com o golpho de Maranhão, duplicando assim o Amazonas de Orellana: Bartholomeu Velho, no seu mappa de 1564, representou um grande lago (Eupana) central donde se derivava para o sul o Paraguay, para o norte e entrando no Amazonas o «Paraa» (representando regularmente o Tocantins) e para o leste dois rios entrando no São Francisco (regularmente figurado, mas ligado ao Paraná), que se bifurcava para a costa de Maranhão pelo rio «Abiunhao» (Paranahyba) e para a de Sergipe pelo rio «Reall».

O mappa de Gutierrez, impresso em Amsterdam no anno de 1562, teve enorme repercussão e serviu de prototypo para uma alluvião de mappas caracterisados por um duplo Amazonas, publicados pelas grandes casas editoras hollandezas de Ortelius, Mercator, etc. A concepção egualmente arrojada de Bartholomeu Velho (reproduzida, quanto a hydrographia do interior do continente, por Vaz Dourado) teve entrada mais demorada na cartographia na qual foi introduzida em 1585 por Jan van Doet, cujo mappa é essencialmente uma reproducção do de Bartholomeu Velho o qual só ultimamente ficou conhecido no original. Estes dois typos de mappa, reproduzidos e modificados *ad infinitum*, dominaram a cartographia até 1625 quando Jean de Laet, na primeira edição da sua grande obra sobre o Novo Mundo, a reformou radicalmente introduzindo, baseado em roteiros maritimos portuguezes e em explorações hollandezas, a configuração que, melhorada mas não essencialmente modificada, tem persistido até hoje. Faltam-me elementos para analysar devidamante este ultimo grupo de mappas que aliás offerece um interessante assumpto para estudo futuro.

São Paulo.

ORVILLE A. DERBY.

Primazias do Ceará

Primazias do Ceará

§ 1.º Agora que se trata de celebrar o tricentenario da vinda dos primeiros Portuguezes ao Ceará, não é fora de proposito recordar a primazia ou precedencia, que essa porção do territorio brazileiro tem apresentado nos grandes factos istoricos e sociaes da nossa patria.

§ 2.º Foram as terras cearenses as primeiras, que no Brazil se ofereceram ás vistas dos navegantes europeos: pois quando Pedro Alves Cabral xegou a Porto-seguro nas costas da Bahia, já os nautas espanhoes Alonzo de Hojeda em Junho de 1499 e Vicente Pinzon em Janeiro de 1500 tinham transposto a linha equatorial, e, aproximados das costas brazileiras, avistavam as nossas serranias, entre as quaes se alteiam a Ibiapaba, Meruoca, Maranguape e Aratanha.

§ 3.º Foram os abitantes do Ceará, nos dias coloniaes, que primeiro expeliram do seo sólo os invasores olandezes, que pretendiam apossar-se do Brazil para nelle estabelecerem dominio definitivo com exclusão do poder e posse dos Portuguezes; pois so depois d'esta repulsa foi o poder olandez destruido em Pernambuco, retirando-se então os invazores para a Europa.

De maxima importancia foi a restituição do Brazil a Portugal; pois d'entre os povos colonizadores da America, só os Portuguezes dilataram o seo dominio por grande porção de territorio sem solução de continuidade. Com efeito dentro de curto periodo

conseguiram elles ocupar a extensa região, que, depois de colonia, formou um grande imperio, e oje constitue a nossa esperançoza republica.

Emquanto a monarchia luzitana procurava unificar tão dilatada região por meio do estabelecimento de um centro de união, os outros colonizadores europeos não se preocupavam com a idéa de dominar terrenos vastos para constituirem no futuro estados poderozos por sua amplidão territorial.

Entre as nações colonizadoras d'America, que por sua força e riqueza poderiam apossar-se de grandes porções de terras, figuravam a Espanha, Inglaterra e França; no entretanto d'isso não cogitaram.

A Espanha so attendia ao lucro das minas de ouro e prata do Mexico e Perú, e formava diversos centros administrativos desde as terras mexicanas até as margens do Prata. Dahi procedeo, na epoca da emancipação colonial, organisarem-se as varias republicas pouco extensas, que actualmente subsistem.

A Inglaterra punha o seo empenho na arrecadação dos impostos sobre os seos subditos d'alem-mar, sem importar-se si esses impostos vinham de terreno vasto ou reduzido. So depois da epoca da independencia a actual poderoza confederação da America do norte ampliou as raias do seo territorio, e deo ás suas diversas partes cohezão e unidade.

A França não ligou seria atenção e valor ás colonias que fundava n'America, nem procurou estender o territorio d'ellas, constituindo-as aliás em paragens diferentes, e entre si distantes.

Portugal, porem, nação relativamente fraca em comparação das trez potencias acima apontadas, procedeo por diverso modo, e com acertada previzão politica cuidou logo na aquisição de amplo territorio sem interseções para estabelecer n'America a sua colonia do Brazil, que certamente se teria sub-

dividido, si ahi proseguisse o dominio olandez, o qual ja iniciava a desagregação pelo estabelecimento de centro de colonisação ao sul e ao norte.

Ao genio politico, pois, dos Portuguezes devemos nós, os Brazileiros, a grandioza integridade da nossa Patria.

§ 4.º Foi o Ceará a primeira provincia do Brazil, que clamou pela independencia formal e completa do nosso patrio torrão, separando-nos de Portugal; pois antes do brado do Ipiranga, que nos libertou do jugo europeo a 7 de Setembro de 1822, já o colegio eleitoral formado pelos eleitores do Crato e Icó, reunidos n'este ultimo logar, pedia em Junho anterior ao principe regente não só que elle permanecesse no Brazil, desobedecendo ás ordens das cortes luzitanas em Lisboa, como que proclamasse a nossa emancipação definitiva e absoluta da metropole portugueza.

§ 5.º Foi o Ceará a unica provincia do nascente Imperio, que, firmando no seo solo a independencia nacional, organizou um exercito de voluntarios patriotas, e com elle foi tornar efectiva a proclamação d'esse acto nacional no Piauhi e Maranhão, onde o exercito libertador cearense já tinha conseguido fazer entrar na communhão brazileira essas duas provincias, quando no porto do Maranhão entrava a expedição militar mandada do Rio de Janeiro pelo governo imperial.

§ 6.º Foi tambem o Ceará quem iniciou a organisação de forças voluntarias para seguirem para a guerra do Paraguai, onde cumpria-nos reprimir a audacia do seo ditador, que nos afrontara com o aprisionamento de um navio nosso, conductor do presidente da nossa provincia de Mato-Grosso.

§. 7.º Foi no Ceará onde primeiramente vimos entre nós praticado o sistema republicano, funcionando o governo democratico com o devido aparelho administrativo, isto é, constituindo prezidente po-

pularmente eleito, reunindo conselho popular na capital da provincia, e escolhendo deputados para o congresso nacional constituinte, que devia reunir-se e funcionar na capital de Pernambuco, centro da confederação do Equador proclamada em 1824.

E' certo, que no Brazil operaram-se diversos movimentos com caracter democratico, quer antes, quer depois desta revolução politica; mas todos esses movimentos não xegaram a ter administração regular democraticamente organisada, por dominar em todo o periodo d'elles a agitação revolucionaria e o tumulto das armas.

§ 8.º A navegação aerea foi, no decurso do 17.º seculo no Ceará, objeto de ensaio, embora rudimentar, aparecendo no Crato um individuo, que engendrou certo machinismo movido pelo esforço do proprio aeronauta, que assim pretendia mover-se e andar suspenso no ar, e isto se passava, quando ainda não era notoria a experiencia do aerostato do padre brazileiro Bartolomeo de Gusmão, que iniciava a navegação aerea, oje tão promissora de pleno exito em vista das arrojadas experiencias feitas actualmente em Pariz por outro brazileiro, o benemerito engenheiro Santos Dumont.

§ 9.º Foi o Ceará a unica provincia do imperio, que efectuou a repressão do trafico de escravos africanos, aprehendendo e dando destino legal aos negros escravizados, que a pirataria negreira pretendeo ali desembarcar em 1835, e nunca o Ceará admitio em seo seio a escravidão permanente dos indigenas, de maneira que quando em meiados do 17.º seculo, o governo portuguez declarou libertos os Americanos escravisados, não teve a respectiva lei aplicação ao territorio cearense, por não se encontrar um só cativo da raça indigena.

§ 10. Foi o Ceará a porção do solo brazileiro, onde primeiramente nos expungimos da escravidão servil; pois quando em 1888 foi promulgada a lei

da abolição da escravatura no Brazil, já o Ceará tinha declarado o seu territorio inteiramente izento d'essa macula social.

§ 11. Foi o Ceará a primeira região do Brazil, onde cultivou-se o café, transportados de França alguns pequenos arbustos, que prosperaram na serra da Meruoca, e dahi se dessiminaram por outros lugares da provincia, principalmente no vale do Cariri. Esses primeiros germens vieram do jardim das plantas de Pariz em fins do seculo 17.º

§ 12. Foram Cearenses os primeiros propagadores da fabricação de objectos de seringa no Pará, adaptando-os aos uzos comuns, e introduzindo-os no giro commercial com sensivel melhoramento da extração e preparo de engenho de tão valiozo emprego nas industrias.

§ 13. Foram os Cearenses os que primeiro penetraram n'essas invias e afastadas regiões da Amazonia, na sua parte superior, para abrir os famosos seringaes, em parte dos quaes axa-se o Acre, oje motivo de nossas questões com a Bolivia, e onde deve no futuro ter centro a civilização do mundo conforme á conceituoza predição do sabio Barão de Humboldt.

Assim são Cearenses os operarios, que concitam essas terras á civilização, desbravando matas espessas e começando a sanificação de tão futurosa região.

§ 14. Foi o Ceará a primeira provincia, que por si uzando das faculdades descentralizadoras da reforma constitucional de 1834, mandou vir da Europa colonos uteis, contratando agricultores nas ilhas dos Açores, e artistas na Suissa.

§ 15. Foi das provincias do Brazil o Ceará a primeira que adotou o sistema decimal de pezos e medidas. Ainda prevalecia em todo o territorio nacional o uzo corriqueiro de pezar por libra e arroba, e medir por vara e covado, recebido de Portugal nos dias coloniaes, quando a camara munici-

pal da cidade de Fortaleza decretava para seo municipio a pratica do sistema decimal, logo aceito em toda provincia.

§ 16. As vias ferreas no Brazil começaram por esforço do governo central, iniciando as estradas de ferro do Rio a Minas e do Recife a São Francisco.

Só posteriormente em algumas provincias apareceo a iniciativa individual para a execução de taes obras, sendo o Ceará a primeira a dar exemplo animador; pois foram Cearenses, com capitaes seos, os que se anteciparam n'esse empreendimento projetando e dando começo á via ferrea de Baturité como meio supremo de progresso da provincia, devendo essa via de transporte xegar ao Crato, donde em annos de calamidade pela escassez dos invernos poderiam vir socorros para os pontos vexados pela penuria de viveres; pois sabido é que no vale do Crato as secas não se sentem, nem impedem a produção agricola.

§ 17. Nas terras brazileiras é o Ceará quem tenta e promove a modificação do seo clima, como remedio aos males das secas periodicas, que flagelam os seos abitantes; para o que tem delineado a canalisação do rio São Francisco até as origens do rio Jaguaribe, ensaiando a perfuração de poços artezianos, promovendo por lei provincial a açudagem, e conseguindo ver já no interior dos seus sertões o grande açude do Quixadá, ingente manancial capaz de afrontar a sequidão das estações de minguadas xuvas.

Si lançarmos as vistas sobre a carta geographica observaremos a direção do curso do rio São Francisco, vindo do sul para o norte, e não podemos deixar de notar que esse curso encaminha-se para o Ceará, mas que repentinamente muda de rumo, e vae entre Alagoas e Pernambuco, longe de nós, despejar no Oceano as aguas, que viriam com benefico influxo regar o territorio cearense.

A inspeção da superfice d'este territorio mostra-nos favoraveis disposições para a construção de grandes rezervatorios d'agua, colhida nas estações invernozas, assim como a sua formação geografica inculca evidente aptidão para abertura de poços artezianos.

A natureza deo incontestavel fertilidade ás terras cearenses, e mimozeou-nos com um ameno e saudavel clima, grato á vida umana; privou nos, porem, de aguas abundantes para o aproveitamento d'esses dois elementos de prosperidade. Todavia essa mesma natureza doutou o cearense de notavel energia para qualquer arduo empreendimento, parecendo dizer-lhe: — «Dei-te os primeiros elementos de felicidade, menos um; privei-te da abundancia das aguas invernaes; faze pois agua, e te engrandeceras».

Sim, façamos agua, trazendo para o rio Jaguaribe o possante rio mineiro, levantando açudes, e abrindo póços artezianos. Então o Ceará não invejará a fortuna de paiz algum.

§ 18. O Ceará cultivou sempre verdadeiro culto pelas idéas livres com pronuncia da tendencia republicana; e foi sob inspirações democraticas, que a sua assembléa provincial em 1848 pedio a convocação de um congresso constituinte para rever as bazes do nosso regimen politico, por não dever subsistir a carta constitucional então vigente, que era outorga do poder monarchico, quando devéra ser obra da vontade nacional, sopitada em 1823 pela violencia e uzurpação de um governo despotico.

Assim pode considerar-se o voto cearense como o primeiro brado e inicio d'essa evolução, que progredio d'ahi em diante, propagou-se por todo o paiz, e veio terminar em 1889 com a proclamação da Republica no Brazil.

T. de Alencar Araripe.

Rio, 9 Junho 1903.

OS DOIS PRIMEIROS BISPOS DO CEARÁ

OS DOIS PRIMEIROS BISPOS DO CEARÁ.

CEARÁ era vigararia foranea da Diocese de Olinda quando Pio IX o Grande, de santa memoria, com sua paternal solicitude o desmembrou d'aquella Diocese e o erigiu em Bispado pela Bulla—*Pro animarum salute* de 6 de Junho de 1854. Por decreto de 27 de Fevereiro de 1855 foi eleito Bispo da nova Diocese João Quirino Gomes, sacerdote do Habito de S. Pedro, natural da Bahia, o qual não acceitou essa nomeação. Entrava nos sapientissimos conselhos da Providencia collocar no solio da Egreja Cearense um sacerdote, que lhe desse uma direcção conveniente, imprimindo no seu clero o espirito apostolico que o animava. Distanciado de Olinda, visitado por Delegados dos Bispos, os quaes não podiam remediar todas as faltas que se notavam no regime das almas, entregue na sua maxima parte a homens que não podiam atacar os vicios, que não sabiam apontar a boa doutrina, que emfim não tinham tido um tirocinio sacerdotal que os habilitasse a bem apascentar os seus freguezes, o Ceará, se bem que tivesse conservado a fé e reconhecido pendor para a piedade pelos imperscrutaveis arcanos da Divina Bondade, era uma Diocese que reclamava um genio creador, um coração pa-

ternal, um Apostolo emfim por suas virtudes e por seu saber.

D. Pedro II, Imperador do Brazil, foi, mercê de Deus, de escrupulosa solicitude em procurar excellentes sacerdotes para regerem as Dioceses do Imperio.

O seu tino singular lhe fez descobrir no Cabido de Mariana o sacerdote idoneo para informar o novo Bispado, «*um dos mais illustrados do Imperio*» cuja nomeação «é um titulo de honra para o Ministerio que soube distingui-lo», segundo se exprime o douto Canonista brasileiro Candido Mendes de Almeida em seu «Direito Ecclesiastico».

Esse sacerdote foi o Conego Luis Antonio dos Santos, Doutor em Cánones, residente em Mariana.

Nascido em Angra dos Reis, hoje da diocese de Petropolis, em 3 de Março de 1817, filho legitimo de Salvador dos Santos Reis e D. Maria Antonia dos Santos Reis, uma mulher verdadeiramente forte, empregou os seus primeiros annos na acquisição dos rudimentos litterarios, sob a vigilancia materna.

Aprendidas que foram as primeiras lettras, recebeu lições de Latinidade do Carmelita Fr. Manoel do Monte Carmelo.

Aos 15 annos entrou para o collegio de Jacuacanga, fundado pelo piedoso servo de Deus, irmão Joaquim do Livramento, destinado aos meninos pobres. Ahi deparou-lhe a Providencia mestres da envergadura dos Padres Sabino de Goes e Antonio Ferreira Viçoso. Aquelle, da extincta Congregação Brazileira de S. Philippe Nery, conservando sempre o espirito do seu Instituto, foi convidado pelo fundador a dirigir o collegio.

O Padre Antonio Viçoso, da Congregação de S. Vicente de Paulo, modelo dos varões apostolicos, prestou os mais assignalados serviços á Diocese de Mariana, em cujo solio durante longos annos resplandeceu com deslumbrante fulgor. Era designado este,

naquella epocha, para dirigir o Seminario do Caraça em Minas.

O jovem Luis desejoso de ser um Padre perfeito, já se mostrando tal pela innocencia de sua vida e pela gravidade de seus costumes, acompanhou ao mestre. Sentindo-se attrahido a viver uma vida mais austera, entrou em o noviciado da Congregação da Missão. Interrompendo esse tirocinio por causa de uma doença que lhe sobreveiu, poude depois proseguir nos seus estudos. Diremos com um seu biographo, de quem aproveitamos n'este trabalho factos e conceitos convenientes ao nosso fim: «Pela sua intelligencia, como de S. Athanasio disse S. Gregorio, excedia os mais applicados, e pela sua applicação excedia os mais intelligentes».

Occupava com esplendor o solio episcopal do Rio de Janeiro o Conde de Irajá, o sabio D. Manuel do Monte Rodrigues de Araujo, de quem recebeu o presbyterato na Capella do Paço episcopal da Conceição a 21 de Setembro de 1841.

Eram as primicias da Collação do Sacerdocio para o illustre Prelado fluminense.

Na 1.ª Dominga de Outubro, sólemnidade de N. Senhora do Rosario, na Matriz da Ilha Grande, fronteira á Angra dos Reis cantou a primeira missa o Padre Luis.

Recolheu-se o novo Levita ao collegio do Caraça para exercer o magisterio, e collaborar com seu venerando Mestre nas Missões ás parochias da Diocese.

Comprehendia bem que a missão do sacerdote é dispensar a palavra de salvação aos que d'ella sentem a fome.

Aprouve a Deus pôr na Cathedra episcopal de Minas o Padre Antonio Ferreira Viçoso, que o chamou para a séde do Bispado, confiou-lhe a direcção do Seminario, fê-lo professor de Moral e seguidamente Conego de sua Cathedral.

O desejo de melhor se desempenhar desses elevados e arduos encargos o levou a ir fazer novos estudos em Roma, centro da vida Christan.

Foram o Conego Luis Antonio dos Santos e seus companheiros, o Padre Pedro M. de Lacerda, depois Bispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro e D. João Antonio dos Santos, actual Bispo de Diamantina, os primeiros brasileiros que atravessaram o Atlantico para merecer o grau scientifico de Doutor na cidade de Roma. Laureado que foi o Conego Luis em Cánones, voltou ao seu antigo posto, continuando a ser um dos mais activos cooperadores de D. Viçoso.

Versado nas Humanidades e nas Sciencias Ecclesiasticas não era doutor de rotulo, era douto; seu gabinete era um santuario do estudo e da oração.

Tal era o sacerdote escolhido por Decreto Imperial de 31 de Janeiro de 1859 para ser o primeiro Bispo do Ceará.

Confirmado no Consistorio de 28 de Setembro de 1860, recebeu no dia 14 de Abril do anno seguinte das mãos do seu venerando Mestre D. Viçoso a sagração episcopal.

Tomou posse da Diocese a 16 de Julho de 1861 por seu procurador o Conego Antonio Pinto de Mendonça.

Chegando aqui a 26 de Setembro do mesmo anno fez a sua entrada solemne no dia 29, consagrado a S Miguel Archanjo.

O seu primeiro cuidado, logo que organisou a sua Cathedral, foi a instituição do Seminario; pois, com o bom senso, prudencia e zelo que o extremavam, singular entre os seus pares, comprehendia que fôra baldado o seu esforço, si não contára com um Clero bem preparado, para levantar a sua diocese ao ideal de perfeição, que concebera na sua alma illuminada pela fé.

Quiz Deus em seus altos designios lhe deparar um homem excepcional para «collaborar na forma-

ção do Clero Cearense e dar-lhe a forma de uma milicia apostolica, avesando-a á disciplina, que é a honra d'ella e a sua força».

Tal é o juizo merecido que as Gazetas externaram ao dar-se o passamento do primeiro Reitor do Seminario do Ceará, Padre Pedro Augusto Chevalier.

A 18 de Outubro de 1864 era inaugurado este estabelecimento, assumindo S. Exc.ª R.ma a reitoria e sendo coadjuvado pelo Padre Cicerio da Costa Lôbo e outro sacerdote. Doze era o numero dos alumnos com que se fez a inauguração.

A 18 de Novembro d'esse mesmo anno foi entregue a direcção aos sacerdotes da Missão, sendo os primeiros o P.e Chevalier e o P.e Lourenço Vicente Enrile, duas almas com um só pensamento e com uma só vontade.

Este ultimo dotado de peregrino talento e de uma educação aprimorada que captivava os que d'elle tinham a ventura de se approximar, foi incumbido annos depois, por S. Exc.ª Rvd.ma de dirigir um segundo Seminario de Humanidades cuja fundação na cidade do Crato era acariciada em seu grande coração.

Vendo o Sr. D. Luis a conveniencia de abri-lo n'aquelle ponto central onde podiam se educar christanmente os jovens cearenses d'aquella região e os das Dioceses limitrophes, poz-se a caminho em demanda da longinqua cidade, e poude ve-lo funccionar com grande aproveitamento da mocidade. A' mingua de sacerdotes que bem possam dirigir o estabelecimento, está privado o Cariry das vantagens que lhe adviriam da sua continuação.

A direcção que dava a' taes obras valeu ao Seminario do Ceará a nomeada de que goza sem contestação.

Desde a fundação d'este até retirar-se da diocese impoz as mãos o Snr. D. Luis a 208 presbyteros!

Não ficou limitado aos Seminarios o seu desvelo pela perfeição do Clero.

Instituiu os retiros espirituaes onde os sacerdotes se inspirassem no verdadeiro espirito ecclesiastico e cobrassem animo para o bom desempenho do munus parochial.

Elle que, lançando as vistas para o Clero, ao iniciar a sua missão, poderia exclamar com o epico latino descrevendo o naufragio dos Troyanos: *Apparent rari nantes in gurgite vasto!* não deixou ao sahir um cura d'almas que procedesse como o commum dos seus antecessores.

Cheio do espirito de S. Vicente de Paulo, onde havia uma falta que reparar, uma necessidade que recorrer, uma lagrima que enxugar, ahi corria pressurosa a sua caridade.

Conheceu elle o triste abandono das jovens cearenses; e para que ellas pudessem receber uma educação solida e christan, cuidou logo de lhes preparar um orphanato. A realização da obra seguiu de perto ao seu intento.

Fundou o collegio de orphans, apoiado pelo Poder Civil que, justiça se lhe faça, ainda concorre com uma subvenção, para o tempo presente minguada.

Foi esta obra confiada ás Irmans de Caridade, que realizam prodigios, merecendo os mais sinceros louvores e gratidão incondicional.

Querendo com efficacia prover com bom pasto o seu rebanho, desde o primeiro anno do seu episcopado até sahir do Ceará, não cessou de visitar as freguezias de sua Diocese.

O seu diario de viagem bem mostra como por toda parte, nas habitações do rico como na choça do pobre, levantava um altar para offerecer o santo sacrificio pelos peccados do seu pôvo; de qualquer concurrencia tomava occasião para prégar a palavra de salvação.

A sua penna animada baixou ao papel para discorrer como mestre, para aconselhar como pae, todas as vezes que havia um erro que emendar, um vicio que corrigir.

Filho obediente ao ensino da Egreja não tinha hesitações em sua crença; prompto para entrar em lucta com os adversarios da Santa Egreja, sabia esperar a voz do Commando, não se arvorava em chefe, e preferia ser o soldado que concorre na faina das batalhas para os esplendidos triumphos de um general.

Qual Belzunce de Marselha, deu as mais evidentes demonstrações de sua caridade evangelica no calamitoso periodo de 1877—1879.

Não é possivel pintar a miseria causada pela grande sêcca e pelas epidemias que n'aquelle tempo assolavam o Ceará.

Acompanhei muitas vezes, como seu commensal que fui, de Agosto a Dezembro de 1878, em diversas visitas ao Lazareto de Lagôa-Sêcca, aos abarracamentos, ás possilgas, onde morriam os filhos laboriosos do Sertão, que vinham aqui em busca de soccorros do Governo Imperial, desviados para os cofres dos desalmados. E' um tentame impossivel descrever os prodigios de sua caridade nesse tempo.

Em seu proprio Palacio recolheu enfermos. Visita-los onde quer que estivessem alojados, acudir aos necessitados, administrar o sacramento da Penitencia, foi a sua vida, particularmente nessa quadra, da qual fui testemunha. Tanta calamidade levou-o a fazer em nome da Diocese o voto de edificar um templo ao Sagrado Coração de Jesus, e a consagrar-lhe o seu rebanho.

A 15 de Setembro de 1878 celebrou-se o acto de consagração do Ceará ao Sagrado Coração de Jesus, commungando nesse dia cerca de mil pessoas.

A 22 do mesmo mez e anno foi collocada a primeira pedra com a assistencia do Presidente da Pro-

vincia e concurrencia innumeravel de fieis. Esta Egreja teve por seu primeiro Capellão o incansavel e zeloso Padre Antonio Xisto Albano, actual Bispo do Maranhão, cujos venerandos paes o Barão de Aratanha e sua consorte foram os principaes bemfeitores.

Hoje confiado ao zelo dos Religiosos Capuchinhos, é este templo o mais frequentado na capital.

Quando esperava que se deslizassem os seus dias entre os filhos seus, é arrancado dos braços da «esposa dos seus primeiros amores», expressão com que traduziu na sua ultima Pastoral as ternuras do seu entranhado amor ao Ceará.

Foram baldados todos os esforços por elle empregados para declinar da dignidade de Metropolita e Primaz do Brazil; teve que submetter-se as vontades do Imperador e do Summo Pontifice Leão XIII.

Trasladado em Consistorio de 13 de Maio de 1881, recebeu as Bullas respectivas em 30 de Junho, e por mãos de D. Antonio Candido Alvarenga, de santa e feliz recordação, então Bispo do Maranhão, aqui vindo a seu convite, foi-lhe imposto o Sagrado Pallio na Cathedral da Fortaleza, do que dou testemunho contra o que affirmou o seu biographo nas Leituras Religiosas, Anno 3.º n.º 1; porque como Mestre de Ceremonias da Sé dirigi a Ceremonia com outros sacerdotes que ainda vivem.

Vagando a Diocese pela sua acceitação a 30 de Junho, como consta do Registro da Curia Diocesana, somente a 10 de Agosto é nomeado o Vigario Capitular, como era de direito, pelo Cabido Metropolitano, de conformidade com diversas decisões da S. Congregação do Concilio (de 28 de Agosto de 1683, livro 23 dos Decretos, pag. 261, e de 14 de Abril de 1685, livro 25, pag. 190). A nomeação do Vigario Capitular recahiu na pessoa de Monsenhor Hyppolito Gomes Brazil, que recebendo o telegramma do

Cabido de S. Salvador, no dia seguinte, 11 de Agosto, assumiu o governo do Bispado.

Sacerdote de vida immaculada, de espirito verdadeiramente ecclesiastico, cuja rectidão e gravidade eram proverbiaes, honrou a sua escolha ainda pelo zelo com que, lançando mão da penna, profligou a heresia protestante, prevenindo os fieis contra a sua invasão na Diocese. Sua administração foi um prolongamento do episcopado do Sr. D. Luis, de quem fôra Vigario Geral por longos annos e merecera a maior confiança e todas as provas de consideração.

Cumpria, entretanto, que cessasse a já longa viuvez da Diocese.

Era empenho do Imperador dar um digno successor ao primeiro Bispo do Ceará.

Conhecendo pessoalmente ao Conego Joaquim José Vieira, residente em Campinas, onde testemunhara sua vida operosa e humanitaria, onde falariam, si as linguas dos homens pudessem calar, as pedras do monumento da sua caridade, a Santa Casa de Misericordia, ao qual agraciára com a commenda da Ordem de N. S. J. Christo, não teve hesitações em ver neste homem de Deus o sacerdote capaz de occupar o solio da Diocese do Ceará, campo aberto ás ardencias de um coração paternal.

Nascido em Itapetininga, no Estado e Diocese de S. Paulo, a 17 de Janeiro de 1836, teve por paes o Major Manoel José Vieira e D. Maria Theolinda de Souza, descendentes de illustre familia. Entre os seus ascendentes salienta-se o avô paterno, Coronel Domingos José Vieira, chefe de uma das familias mais distinctas do Estado. Alli fez os seus primeiros estudos com tal aproveitamento que mereceu ser nomeado professor publico de Latim e Francez, cargo que exerceu até os 21 annos quando em 1857 teve que deixar a sua terra natal e seguir para a capital.

Sentindo a sua vocação para o Estado sacerdotal pelo desejo de se consagrar ao bem dos seus similhantes e gloria do Creador, o qual manifestava-se no seu proceder grave e pautado pela simpleza austera da lei evangelica, recolheu-se ao Seminario.

Queria a divina Sabedoria dar incremento á vida christan no Brazil, e suscitava dous insignes sacerdotes, dous apostolos para essa ardua missão.

Esses foram D. Antonio Ferreira Viçoso de quem nos occupámos, e D. Antonio Joaquim de Mello, ambos de costumes exemplarissimos, desprendidos das grandezas mundanas, formados pelo Espirito Santo nos moldes dos Padres do Deserto.

Aquelle em Minas e este em S. Paulo levantaram o estandarte da reforma do Clero, e conseguintemente dos costumes nacionaes.

Cada um delles, como Jesus ao subir o Thabor ou a recolher-se ao Jardim das Oliveiras tomára os tres discipulos a quem queria confiar as suas glorias e as suas amarguras, inoculava nos seus tres discipulos o seu grande espirito e accendia nelles o seu zelo, para levarem a seiva vivificadora ao Brasil inteiro. D. Luis, D. Pedro Lacerda, D. João, Bispo de Diamantina, D. Silverio Pimenta, D. José Barros, D. Antonio Alvarenga e D. Joaquim José Vieira tinham de ser os primeiros enviados dos Reformadores do Clero Nacional.

D. Antonio Joaquim de Mello, vencendo a resistencia dos que se tinham feito sacerdotes apenas para subir ás posições e gosar dos proventos do ministerio, arrancou-lhes hymnos de glorificação pela sua administração opulenta de beneficios.

Resolveu, ao iniciar a sua missão, abrir o Seminario, e pô-lo sob o patrocinio de Pio IX a quem pediu enviasse directores para formar o seu Clero.

Fr. Eugenio de Rumily, Fr. Firmino e outros são enviados pelo immortal Pontifice, e elevam o Seminario ao auge da gloria, preparando sacerdo-

tes de espirito, homens de saber profundo, aptos para os mais elevados ministerios.

Tal era o Seminario de S. Paulo, aonde se recolhera aos 21 annos de edade o Sr. D. Joaquim para seguir o curso de Philosophia e de Sciencias Ecclesiasticas sob a direcção dos eruditos professores acima nomeados.

Concluido que foi com grande aproveitamento o seu tirocinio scientifico, aos 25 de Março de 1860 no Itú recebeu a imposição das mãos do Pontifice Paulopolitano, fazendo-se assim sacerdote segundo a ordem de Melchisedech.

Depois de ter servido por alguns mezes como coadjuctor em Parahybuna quiz o Sr. D. Antonio colloca-lo em Campinas como Vigario.

Campinas já então uma das mais importantes parochias do Bispado teve a ventura, que jamais esquecerá, de te-lo por seu parocho, «porque o diocesano já conhecia de perto as virtudes, intelligencia e discreção que caracterizavam o jovem sacerdote».

«Exerceu esse cargo de 2 de Setembro de 1860 a 1864 com tal dedicação e zelo religioso que conseguiu, desde logo, captar a estima e respeito de todas as classes sociaes, pelas altas qualidades moraes que sempre adornaram o seu caracter»; eis ahi como se exprime o «Commercio de Campinas» em seu n. 616, Anno II.

Posta em concurso a freguezia, e apresentando-se o Vigarinho, como o chamavam, ao concurso obteve o maior numero de pontos.

A nefasta influencia do partidarismo que guinda ás altas posições nullidades, fez que recahisse num amigo da situação a nomeação contra uma representação da Camara Municipal e toda a população de Campinas.

Deixando o parochiato, não deixou Campinas, senão tractou de dar desafogo á sua caridade pro-

jectando a creação de um hospital para os enfermos pobres e de um azylo para as orphans. Si o projecto tinha raizes no coração do Sr. D. Joaquim, não lhe faltou a coadjuvação real e valiosa do povo campineiro. Viu coroados os seus esforços em 15 de Agosto de 1876 com a inauguração do magnifico edificio da Santa Casa de Misericordia e em 1890, em sua presença, do azylo de orphans. O predio em que residia, sua unica fortuna, offereceo ao Asylo antes de seguir para o Ceará: o de n. 17 da Rua Bento Quirino. Como uma pallida homenagem aos seus importantes serviços, a Camara Municipal deu á Rua da Misericordia a denominação de—Rua Padre Vieira. Além de figurar o seu retrato a oleo na sala das sessões da Irmandade, no pateo foi erguido, fronteiro á capella, um monumento, preito rendido ao seu fundador. E' o busto em marmore, collocado sobre um pedestal com a seguinte legenda:

Em homenagem ao Exm.º Rvdm.º Sr. D. Joaquim José Vieira, Bispo do Ceará e Fundador do Hospital e Asylo de Orphans da Santa Casa de Misericordia de Campinas—offerece o Povo agradecido—.

Este sacerdote, modesto e alheio á ostentação, procurou occultar os seus actos de benemerencia, e nunca apresentou-se com a venera de Commendador.

Era justamente esse o sacerdote, condoido dos males alheios e zeloso do seu ministerio, quem devia ser o Bispo do Ceará, o successor de D. Luis Antonio dos Santos.

Por Decreto Imperial de 3 de Fevereiro de 1883 foi apresentado Bispo do Ceará; o que teve que acceitar por ver baldados os esforços empregados para recusar essa dignidade; sua preconisação effectuou-se em Roma a 9 de Agosto; tomou posse do Bispado a 22 de Novembro do mesmo anno, por seu procurador Monsenhor Hyppolito Gomes Brazil, Vigario Capitular.

Approximando-se a hora do sacrificio, recolheo-se ao Collegio dos Jesuitas em Itú como a novo Gethsemani, onde da contemplação da Eterna verdade devia enriquecer-se dos dons que confere o Espirito-Santo.

A 9 de Dezembro na Matriz da Conceição o Sr. D. Lino D. Rodrigues de Carvalho fez a solemne consagração com a assistencia dos Rvdm.os Doutores Francisco de Paula Rodrigues e João Jacyntho Gonçalves de Andrade.

Com a maxima solemnidade e concurrencia de quantos veneravam o novo Prelado, celebrou-se esta festa, notando-se alli o Ministro Conselheiro Antonio Joaquim Rodrigues Junior, da Diocese do Ceará e o Barão de Guajarú, Presidente de S. Paulo.

Terminados os aprestos da viagem, ou melhor da mudança, poz-se a caminho, e veiu aportar á Fortaleza em 24 de Fevereiro de 1884.

Ancorado que foi o paquete brasileiro que o transportou a esta Diocese, uma commissão foi cumprimenta-lo a bordo, e conduzi-lo ao ponto de desembarque onde, depois de ouvir a allocução proferida pelo Vigario Capitular, paramentado pontificalmente debaixo do pallio seguio até a Cathedral. Foi entoado o Te-Deum e tomou posse pessoal da Diocese.

Os jornaes do dia trazem artigos que demonstram o grande regosijo que ia n'alma dos cearenses por ter no throno episcopal um varão de tanto merito, portador de esperanças, que hoje são realidades.

Coube-lhe o prazer de cantar o solemne Te-Deum pela libertação do Ceará no dia 25 de Março do mesmo anno.

Apenas chegava a esta terra, e, sedento de remediar os seus males, emprehendia longas viagens pelos ardentes sertões, afim de conhecer as necessidades espirituaes do seu rebanho. Que abalo teria que soffrer a sua natureza, affeita ao clima do sul, confortada pelos commodos de uma vida farta de

abastanças, e transportada de chôfre ao sólo resequido do Ceará, aos ardores do nosso clima por um sertão privado dos menores recursos!

Quantas vezes vimo-lo apeiar se para palmear o arisco das nossas estradas!

Entretanto não impedia isto ao seu zelo para fazer uma minuciosa visita pastoral, pregando a palavra divina ao povo, administrando o Sacramento da Confirmação, subjeitando-se ao trabalho pesado das confissões, e ainda recebendo commissões das classes sociaes que vinham dirigir-lhe os protestos de veneração, e sempre prompto para responder consoante aos interesses de cada uma. Para melhor exito de suas visitas, fez-se preceder de padres, que deviam preparar o povo para a recepção da Confirmação, e leva-lo ao cumprimento dos seus deveres religiosos.

Conhecido o estado da sua Diocese, tratou logo de convocar um Synodo Diocesano para uniformizar os costumes, despertar os que descuravam do seu ministerio, e dar uma norma de proceder condicente com os preceitos e doutrina do Evangelho.

Reuniram-se para o Synodo 84 sacerdotes a quem em sessões preparatorias e em tres solemnes foram apresentadas as materias previamente estudadas. As constituições acham-se publicadas em um livro in 4.º.

Esse acto é uma gloria do seu episcopado pela excellencia do trabalho equiparavel aos melhores do mesmo genero, senão de maior merito.

O espirito das trevas muitas vezes apparece Anjo da luz para hallucinar os homens, e desviá-los do bom caminho que devem seguir. Mas Deus que não se deixa invocar em vão, assiste os que desejam a verdade e o bem.

Assim foi que irrompendo no interior da Diocese um sobrenaturalismo supersticioso e vão, gravissima e detestavel irreverencia e abuso contra a Santissima Eucharistia, como foram estigmatizados

pela Sagrada Inquisição Universal de Roma -- os factos do Joaseiro—(4 de Abril de 1894), o Sr. D. Joaquim, fortiter et suaviter, profligou o erro, salvando de um naufragio em suas crenças os fieis.

Ficará o mal com os que não quizerem detestá-lo; os homens de boa vontade terão em sua consciencia a paz, fructo da sua obediencia.

Conhecendo o descaminho que levavam os Patrimonios de diversas egrejas bem como as esmolas a ellas offerecidas, tractou de pôr um dique a esse descalabro, confiando a administradores de sua immediata confiança o que pertencia ás Egrejas.

Com o rendimento desses poude effectuar importantes reparos e melhoramentos na Cathedral e provê-la de paramentos.

O Santuario de Canindé tem a seu cargo a sustentação do Collegio Apostolico alli fundado por S. Exc.ª Rvdm.ª e confiado aos Capuchinhos, e possue, não obstante as despezas feitas, mais de 90:000$000 em Apolices da Divida Publica.

Arruinando-se por sua vez a parte mais antiga do Seminario, com o concurso do povo, cuja generosidade elle invocara para esse fim, reparou o Seminario.

Sobresae entre os titulos de benemerencia do nosso illustre Prelado a instituição do Externato de S. Vicente de Paulo.

Viajava elle em demanda do Bispado, em companhia da veneranda visitadora das Irmans de caridade e da inolvidavel Irman Chousioux.

Aproveitando um ensejo para revelar a sua ideia particularissima, declarou que faria abrir um externato para meninos pobres no Collegio da Immaculada Conceição.

Em conclusão fez saber que si não obtivesse Irmans que realizassem o seu plano, seria forçado a bater ás portas de outro Instituto.

Assim disposto, antes de começar a visita pas-

toral, em Junho de 1884, entregava ás Irmans para se iniciar a obra 500$000 rs.

Foi aberto o Externato de S. Vicente de Paulo em 8 de Setembro de 1884, e até hoje o autor intellectual dessa Instituição tem lançado em seu gazophilacio minguadas economias da Mitra no valor de mais de 11.000$000 rs.

O externato divide-se em dous cursos, o dos dias de trabalho para as meninas de 6 a 12 annos, que attingem o numero de 500 a mais, e o Dominical para as moças, que são mais de 250.

Bemdigam as gerações que se succedem os insanos sacrificios das benemeritas filhas de S. Vicente de Paulo, o maior bemfeitor da humanidade nos ultimos tempos!

Não lhe sendo possivel longas viagens em visitas á diocese, envia actualmente missionarios capuchinhos com grande vantagem para o seu rebanho; o movimento religioso nessas missões chega ao assombro; os retardatarios se approximam dos sacramentos; santificam-se uniões illicitas; administra-se o sacramento do Chrisma.

A população da diocese attinge a 800:000, e não chegando a porcentagem dos illegitimos a 8, a menor das de todos os Estados da Nação Brasileira, é isso indicio irrefragavel da vida laboriosa e honesta do Cearense.

O Clero diocesano presentemente não attinge a 100 sacerdotes; ha neste bispado, além destes, sacerdotes da congregação da Missão, directores do Seminario, outros tantos Padres capuchinhos e 2 da ordem de S. Bento, de sorte que ha um padre para mais de 7.000 pessoas. *Messis quidem multa, operarii autem pauci!*

Tem-se desprendido do gremio da Egreja uns 200 individuos os quaes o fazem pelo prurido da novidade reunido á ignorancia, não se vendo entre

elles pessoas das classes superiores da sociedade cearense.

Em seu interesse pelo bem dos filhos do povo tentou reabrir, como o fez duas vezes, o Seminario do Crato.

Causas diversas inutilizaram os seus tentames.

Para o bem espiritual da diocese emprehendeu uma viagem a Roma, onde assistiu ao Concilio Plenario Latino Americano alli reunido em 1899, desempenhando-se com intelligencia das commissões de que fora incumbido, revelando admiravel bom senso e illustração.

Em sua volta ao Ceará, foi immensa a concurrencia ao seu desembarque; difficil lhe foi vencer a distancia do littoral á Santa Casa de Misericordia; pessoas de todas as classes, o Sr. Arcebispo de Bahia, o Presidente do Estado, Magistrados, Guarda de honra, todo o apparato civil; o Clero, o povo e as Conferencias de S. Vicente de Paulo, que com as sociedades congeneres para o sexo feminino fazem honra ao seu episcopado, tudo alli se apresentava a dar testemunho solemnissimo da sua veneração incondicional ao Sr. D. Joaquim José Vieira.

Demonstração tão imponente e espontanea de toda uma população arrancou á alta dignidade ecclesiastica esse impeto de amor patrio: Orgulho-me de ser filho do Ceará.

E o Ceará não sabe comprehender ainda a magnanimidade do coração do seu Pae Espiritual, que cogita dia e noite em novos beneficios para esta terra.

Conscio das difficuldades, que devem cercar o seu successor pela falta da congrua episcopal, compensação mesquinha do que pertencia á Egreja, e com leoninas clausulas usurpado pelo Poder Civil, tracta com a maxima previdencia de desanuviar o horisonte, preparando para a Diocese um patrimonio, que já

se eleva a mais de 40:000$000 em Apolices da Divida Publica.

Finalmente, ainda aos 67 annos de sua edade, como um joven Daniel, *vir desideriorum*, emprehende uma nova obra em proveito da infancia desvalida.

Depois de improficuos resultados para utilizar um predio já construido, lançou os fundamentos do edificio que já se eleva ao lado do lindo templo da Immaculada Conceição, o qual em breve será aberto ao culto.

O problema social do periodo presente terá a sua solução—a educação religiosa dos futuros operarios, com o ensino que alli receberem.

Comprehendendo o Sr. D. Joaquim que não é em Internatos, onde se vive, entre quatro paredes, segredado do bulicio do mundo, que se aprende a viver bem na Sociedade, cujas condições não são as d'aquelles, quer elle que em um Externato, sem abandonar a casa paterna, sem se recolher a um mundo especial, receba o filho do pobre o influxo salutar de uma educação christan que ensine a viver honestamente, mesmo nas praças e ruas, nas officinas, nos campos, nas cidades onde sempre viveram e viverão sempre.

Prolongue Deus essa existencia tão util para que possa ver coroados os seus ingentes empenhos em prol da infancia desvalida.

Fortaleza, 15 de Julho, Festa de S. Ignacio de Azevedo, 1903.

M.or Bruno R. da Silva Figueiredo.

1603 - 1903

1603 - 1903

DO pouco que tenho lido e sei a respeito da Historia Patria presumo que nenhum dos Estados do Brasil tem como o Ceará tamanha copia de documentos, mais vastos e seguros subsidios para a formação completa de sua Historia especial, desde o seculo XVI até a memoravel data de hoje, em que commemoramos o 3.º centenario da vinda dos portuguezes á nossa terra.

O trabalho porfioso, consciente e patriotico de uma duzia de cearenses notaveis, e dignos do apreço e admiração de seus conterraneos, tem conquistado á poeira dos archivos e dos escaninhos mal cuidados, á destruição das traças e ás nebulosidades da tradição, para a luz da publicidade um thesoiro immenso e brilhante de datas, factos, documentos e estudos. Posto hoje tudo isto em tal ordem, que a obra fecundissima de Araripe, Capistrano de Abreu, Perdigão de Oliveira, Theberge, João Brigido, Antonio Bezerra, Joakim Katunda, dr. Paulino Nogueira, Joaquim do Carmo, Licinio Nunes, dr. Franklin Tavora, dr. Barão de Studart e talvez outros, só precisa de um estudioso intelligente e sincero, capaz de, aproveitando-a em seus detalhes, reunil-a em um só trabalho de largo folego—A HISTORIA DO CEARÁ.—

escoimada de enganos pela selecção sociologica, natural e philosophica dos acontecimentos, desbravada e lidima pela póda de exagêros em que porventura hajam caido alguns desses benemeritos obreiros que vêm, de ha muito, construindo persistentemente este novo templo de Epheso, em que se hão de abrigar para o futuro as glorias de nossos antepassados e as nossas contemporaneas.

Escasseiam-nos, de certo, os estudos genealogicos, ainda descurados, infelizmente; mas as familias Castro, Feitosa, Pompeu, Nogueira, Saboya, Monte, Alencar, Vieira, Pinto, Albano, Queiroz e tantas mais, que têm illustrado o Ceará, terão, breve talvez, os seus chronistas. Nem homens que tratem disto nos faltam, nem elementos de que se possam utilisar, enriquecendo ainda mais a grandiosa collecção dos fastos cearenses.

***

Dito isto, a titulo de introducção, que poderei eu adiantar, que poderei lembrar de novo, se já se acha tão bem estudado o facto que se impõe ás honras desta glorificação?

Em junho, como pretende um ou outro historiador, em julho, segundo a affirmativa do maior numero, não ha duvida de que tenha sido em 1603 que entrou no Ceará a primeira leva de portuguezes, que, se não tiveram a primazia no singrar *os verdes mares bravios de minha terra natal*, nem a de ouvir cantar a jandaia nas frondes de nossas carnaúbas, foram, de facto, os que deixaram em territorio cearense alguma coisa de estavel, fincando em definitiva o marco da posse de Portugal nas paragens de Poty.

Estava assim garantida a homogeneidade do elemento luzo nessa parte generosa do grande paiz da Vera Cruz, onde mais tarde haviam de ser victoriosas as quinas alviçareiras e heroicas, desde

a Colonia do Sacramento e Missões até a extrema fronteira do norte, no Oyapoch.

Considerados os factos no que concerne particularmente ao Ceará, temos que, nos 4 annos decorridos de julho de 1603 a julho de 1607, concorreram para a nossa civilisação os tres elementos então indispensaveis e indesligaveis—o explorador portuguez, o indio manso e o jesuita.

Se a Martim Soares cabem as glorias de principal factor da civilisação primitiva em terras do Ceará, tanto pelos effeitos felizes de sua acção mais demorada e mais proficua, quanto pelos feitos de nota com que se celebrisou, fôra ingratidão nossa esquecer hoje o nome de Pero Coelho de Souza, que merece o tributo de nossa affeição e reconhecimento, não menos pela iniciativa, que foi sua, do que pelo muito que padeceu no afan de honrar a licença, dada pelo governador geral Diogo Botelho, e a patente de capitão-mór da empresa que se propunha a conquista e exploração das regiões, já então formosas, da Serra da Ibiapaba

> «Molto egli oprò col seno e con la mano,
> Motto soffrì nel glorioso acquisto.» (1)

E se, menos ditoso do que o illustre cruzado, Godofredo de Bouillon, não lhe consentiu o destino adverso levar a bom termo os sonhos de seus ambicionados triumphos, forçoso é convir em que a nós, os cearenses de agora, nos deve merecer ao menos sinceras sympathias o primeiro extrangeiro que carpiu em terras nossas as mesmas desventuras que têm soffrido todas as gerações que se lhe seguiram no Ceará ou *Nova Lusitania*, como chamava elle á terra de que se havia apossado.

---

(1) Torquato Tasso—*Jerusalemme Liberata.*

Dois annos de lutas — ora vencendo os indios que Mel Redondo, Diabo Grande e Ubaúna commandavam, açulados e ajudados por francezes, ora escapando á rebellião de seus proprios soldados, ou reagindo contra difficuldades moraes e obstaculos materiaes diversos — terminaram pela retirada do nosso primeiro capitão-mór (1606), o qual, desajudado dos recursos promettidos pelo governador geral e descoroçoado pela fuga e deserção de seus melhores auxiliares e soldados, regressa por terra á Parahyba, de onde viera.

«A travessia da infeliz caravana, de que faziam parte os cinco filhos do capitão-mór, dos quaes o mais velho tinha 18 annos, todos a morrerem de fome e de sêde, sob um céo ardentissimo, é um verdadeiro poema de dores.

«Depois de perderem varios companheiros, entre os quaes o filho mais velho do capitão-mór (dois filhos, diz Berrêdo), chegaram os expedicionarios esqueleticos, loucos de fome, sendo acolhidos pelo vigario do Rio Grande.» (1)

Fatidica e dolorosa viagem, mais dura e tormentosa do que a dos Hebreus no deserto, porque a estes, segundo a lenda biblica, salvou-os a chuva providencial de manná!

E assim, Pero Coelho, a quem haviam sorrido esperanças de gloria e de fortuna, foi o primeiro homem civilisado que arrostou as amarguras e dores da sêcca no Ceará, foi o primeiro beduino desta raça, não direi de infelizes parias, mas de resignados e heroicos soffredores, que havia de gemer, na successão de muitas gerações, durante tres seculos, as torturas de seu cruel destino e as afflicções de seu interminо e negerrimo fadario!

---

(1) Dr. G. Studart — Datas e Factos para a Historia do Ceará—Seculo XVII, pag. 5.

A elle — o malogrado chefe da expedição que abriu, no alvorecer do seculo XVII, o caminho da civilisação nessa, que havia de ser, a TERRA DA LUZ no seculo XIX — as modestas oblatas do mais humilde e ignorado admirador das grandes e gloriosas gentes portuguezas, de quem disse Camões, em um dos mais soberbos arrôjos de seu indefectivel e magico patriotismo, não se saber distinguir

. . . . . «qual é o mais excellente,
Se ser do mundo rei, se de tal gente».

* * *

Nesta epocha de evolução e de transição moral, politica e social, em que os erros e as paixões têm, por vezes, excedido os limites do senso commum, e em que as opiniões divergentes, chocando-se, violentas e irrequietas, nos têm conduzido até ao extremo da luta fratricida, não é mau que se manifestem a peito descoberto, francamente, desassombradamente, aquelles que possam ter quaesquer parcellas de influencia publica ou mesmo os que pensam e agem pela só responsabilidade de um nome, obscuro embora e sem lustre.

Eu, pois, sou dos que se acastellam no *modus in rebus:* nem jacobino, a prescindir em absoluto dos extrangeiros—que foram os factores primordiaes de nossa nacionalidade, e dos quaes havemos de depender por muitos annos em vante—, nem pregoeiro confesso e incondicional da immigração, em massa, dos povos de alem-oceano. Nem o nativismo nihilista que nos tem arrastado e nos pode levar ainda a injustos excessos, nem o extrangeirismo irreflectido, que nos haja de entregar, de mãos atadas e indefensaveis, ás potencias ambiciosas, que visam a fortuna de nossas riquezas naturaes.

Mas, de referencia aos portuguezes do passado,

sou luzitanista de coração, sem deixar, por isto, de ser brasileiro sem acanhamentos injustificaveis e sem covardias indignas, *sans peur et sans reproche*, como o Bayard, o cavalheiro.

Cearense, bebi doçuras de amor e de patrio puritanismo nos sertões candentes do formoso torrão nativo, e os exemplos dos heroes patricios me fizeram sorrir as esperanças primiciaes de meus sonhos de liberdade.

Sou dos que desejam unido e forte, grande, magnanimo e respeitado este Brasil mimoso e querido —futura patria festejada e venturosa de seus filhos, refugio seguro e garantido do extrangeiro cordato e amigo.

E para o povo de Portugal a nossa sympathia e affecto no presente não será mais do que manifestação cordial e logo da gratidão que elle nos merece pelo muito que devemos á raça de Titans, *a quem Neptuno e Marte obedeceram*.

Condemnam alguns historiadores, alguns dos nossos patriotas censuram os erros e descaídas dos homens da metropole na maneira de colonisar e civilisar o Brazil. Ha mesmo muito quem accuse aos reis e nobres de Portugal por nos terem mandado como elemento de população todos os criminosos, todos os desmoralisados, todos os perseguidos da justiça luzitana. No emtanto, a Historia tem suas leis e sua philosophia, cada época tem seu fraco e suas bellezas; e quando se principiou a colonisar o Brasil as leis portuguezas condemnavam a durissimas penas, principalmente a degrêdo, *crimes* como estes: *a alcovitice, usar ou fazer feiticeria, dar ou alugar casa para usar mal dos corpos, vender qualquer homem ou moço alfeloas e obrêas que era officio proprio de mulheres*, e até o *abraçar e beijar!*

E, como em toda parte ha e houve paixões e vinganças, é natural suppor-se que muitos desses GRANDES CRIMES fossem frequentemente inventados

pela intriga, denunciados por maldizentes e castigados por sentenças arbitrarias. E, mesmo se confessando que o mal existiu, devemos, pelas condições dos tempos, reduzil o, neste particular, a proporções insignificantes. Que vergonha, para exemplo, nos póde macular por descendermos de homens que foram sacrificados em injusto degredo por terem abraçado alguem, ainda em circumstancias duvidosas?

Seja como for, é facto inconteste, é coisa para poucas duvidas, que o que o Brazil foi e, em parte, o que hoje é, deve-o sobre tudo a Portugal, que agora, cheio de contrariedades e abeberado pelo infortunio de uma politica um tanto desorientada, não é menos digno de estima e admiração, se tem tido animo para resistir, vencendo ainda e muitas vezes

> . . . (1). «na adversa sorte,
> Pois só conheço heróe quem nella é forte.»

Mousinho de Albuquerque, na audaciosa sortida de Chaimite, vale bem um Gonçalo da Maia—o heroico fronteiro de Béja; os valentes liberaes da Terceira e do Porto honraram brilhantemente as glorias das armas portuguezas no cerco de Diu e em toda a campanha homerica do Oriente. Porque, pois, havemos de corar diante dessa gente illustre, que fez nos seculos XV e XVI muito mais do que os antigos marinheiros *que a vaga Ionia creou*, mais do que os navegadores da Phenicia; e, depois de ter realisado o sonho de Alexandre, com a conquista da India, e de haver assombrado o mundo com a descoberta do Brazil, ainda foi bastante feliz e brava para conservar neste a integridade territorial, que é hoje o nosso orgulho e desvanecimento?

A despeito dos erros da metropole na colonisa-

(1) Fr. José de Santa Ritta Durão—*O Caramurú*.

ção e povoamento da Terra de Santa Cruz, os portuguezes o fizeram de tal maneira que o nosso eminente Homem de Mello pôde dizer, depois de largas apreciações sobre a qualidade dos colonos e a proposito do papel representado pelos governos de Lisbôa em tal assumpto: «Deste modo aqui se estabeleceram emigrados, que se notabilisaram pela lei do trabalho e por ella alcançaram honrosa abastança, e constituiram pouco a pouco a classe distincta e principal da sociedade. O sentimento de fidalguia de suas familias salvou a unidade da raça, e preservou a homogeneidade de nossa nacionalidade. Assim o progresso dos tempos, e uma politica melhor inspirada da parte da metropole despedaçaram aquella pagina funesta, escripta pela rudeza do seculo nos primeiros annos da descoberta.» (1)

Homogeneidade tanto mais admiravel quanto foi completa, no territorio, na religião e na lingua, a bonita e riquissima lingua portugueza, a que, ha pouco, o distincto escriptor bahiano Xavier Marques prophetisou este paradoxal destino: *fóra desta lingua não ha salvação.*

Foram missionarios portuguezes, ou a serviço de Portugal, quem nos garantiu a unidade de crença, e a elles devemos nós uma parte salientissima de nossa civilisação, maximamente aos jesuitas, em cujo seio póde o Brasil venerar, agradecido, a memoria de benemeritos como Antonio Vieira, Nobrega, Malagrida, José de Anchieta e tantos outros notaveis; e o foram, para o caso particular do Ceará, os padres Luiz Figueira e Francisco Pinto—o Paepina—, que pagou com o martyrio o seu zelo pela Fé, pela salvação moral e pela regeneração social de nossos aborigenes.

---

(1) Barão Homem de Mello—Integração da nacionalidade brasileira pela metropole, pag. 21.

E o Ceará, mais feliz, quanto a seu povoamento que outras antigas provincias, hoje Estados, nem ao menos se deve queixar, como a Bahia, Rio de Janeiro, Maranhão, Pernambuco, da mescla, tão condemnada por muitos escriptores, de certos elementos ethnologicos, como o negro boçal, extremamente ignorante e supinamente fanatico, que nos trouxe, com seus costumes e habitos africanos, o fetichismo dissolvente que por ahi campeia na pratica de scenas e ceremonias ridiculas e indecentes, cujo resultado tem sido e será sempre o afrouxamento do verdadeiro sentimento moral, que só a educação e a instrucção popular bem ministradas poderão modificar e corrigir, no correr dos annos.

O verdadeiro typo cearense é, sem duvida, o resultante do cruzamento do portuguez com os nossos indios, dois factores sympathicos e apreciaveis, porque, pertencendo a duas raças fortes e valentes, só podiam dar um mestiço apurado na energia moral e na rijeza physica que lhe caracterisa a enfibratura geral.

Não falta quem diga, por ahi além, que o cearense de hoje é um individuo com tendencia a completa degeneração; mas até para isto é preciso levaremse em conta umas tantas condições especiaes, como os soffrimentos e miserias occasionados pela inconstancia das estações e pela ingratidão dos elementos climatericos, que tão directamente hão de concorrer e influir para uma tal ou qual *mollesa*, de que são arguidos os cearenses.

Em compensação, porem, nossas excepcionaes qualidades de resistencia e de reacção contra o infortunio, a robustez de nosso espirito e de nosso corpo e nossa admiravel aptidão para os trabalhos intellectuaes e materiaes nos têm dado logar de nota no movimento scientifico e literario do Brasil e nos fazem preferidos por outros Estados na escolha de sua immigração. O Amazonas e seus affluentes, des-

bravámol-os nós; a heroica e patriótica defesa do Acre, e a consequente salvação da dignidade e da integridade nacionaes, tantas vezes periclitantes naquella região, têm sido obra quasi exclusiva do caboclo cearense, do nosso denodado e ousado sertanêjo, que traz no systema circulatorio o sangue aventuroso e ardente dos indigenas do Jaguaribe, da Serra Grande, do Camocim, etc., de mistura com o nobre sangue luzitano, conquistador e temerario.

Temos um exemplo flagrante deste cruzamento (salvo erro de observação ou engano de meu criterio), no typo original de um dos nossos maiores grandes homens—o general Sampaio—, cujos traços physionomicos e cujos feitos militares lembram a valentia rude, bravia e indomita de Camarão, mal disfarçada pela impetuosidade mais ou menos disciplinada de um guerreiro portuguez dos tempos idos.

E por julgarem util e reconhecerem digna essa alliança de luzos civilisados e brasileiros selvicolas é que os nossos escriptores nacionalistas associaram sempre as duas raças, em seus romances e lendas. José de Alencar — que, no feliz dizer do Visconde de S. Bôaventura, *mais do que um literato, foi uma literatura*—, imaginou o typo gentilissimo e amoroso de Iracema para unil-o á individualidade sympathica do proprio Martim Soares, o fundador da civilisação portugueza no Ceará. No *Guarany* gyra toda a trama delicada do sensacional romance em torno dos amores sublimes e desinteressados de Pery pela graciosa e bella filha de D. Antonio de Mariz, amores esses, que outro escriptor nacional, o dr. Pompilio Cavalcante de Mello, despiu dos encantos e fascinações poeticas, para consagral-os em festejado e pomposo casamento, n'«*O Licenciado*».

Estamos, portanto, em amavel e honrosa companhia nós outros os que, commemorando o tricentenario da entrada dos portuguezes no Ceará, nos desvanecemos de dizer com o Barão Homem de Mello

que — «nos claros momentos do nosso passado está esculpida a grandeza de nosso presente e a nobreza de nossa origem. Podemos nos ufanar de nossos maiores, desses indomitos argonautas que arrancaram dos mares este immenso continente; e, emulos dos helenos e dos phenicios, renovaram em nossos tempos os prodigios da idade antiga.» (1)

* * *

Cá do meu exilio, — mais obrigado que voluntario —, alongando a vista marejada do pranto da saudade para as bandas onde sussurram, ao doce impulso do terral cearense, os leques virentes dos palmeiraes do *ninho meu paterno*, levo tambem ao Ceará os votos sinceros de meu inilludivel e sempre crescente amor.

Voltará um dia o filho prodigo ao seio amorosissimo da Terra Natal, para soffrer com ella as dores de seus dias infelizes, e com ella fruir alegrias em seus dias de gloria e de ventura, como o que assignala esta commemoração festiva da aurora madiga e ridente de sua civilisação.

Alagoinhas (Bahia) — 1903.

DR. AMERICO BARREIRA.

(1) Opusculo citado, pag. 23

Folke-lore Cearense

A POESIA popular no Brazil não teve, como em Portugal, o seu estadio de nobreza. Os fidalgos da possessão portugueza tinhão, melhor que devaneios contemplativos, sêde de ouro, orgulho pelo poderio; conquistar, gozar, mandar, eis a divisa.

Entre nós a inspiração popular, recebendo o contingente de além-mar, tornou-se logo anonyma, de feição puramente do povo, sem definir uma classe, mas caracterisando o periodo de formação ethnologica.

Não tivemos tambem os jograes, nem a musa picaresca e louvaminheira que andasse de feira em feira fazendo do menestrel um devoto vaporoso das paixões amorosas.

Não, no Brazil, depois dos cantos religiosos de Anchieta, decorados pelos aborigenes, e da rebeldia rimada de Gregorio de Mattos, a poesia, a cantiga popular foi o que devia ser: reminiscencias de cantares portuguezes, insubmissão á metropole, preoccupação dos assumptos locaes: os bois, as brócas dos roçados, as lendas selvagens, e os desafios do cabra de chapéu de couro e faca de ponta.

ORIGEM PORTUGUEZA:

«Oh, canna verde da India,
Mangericão de Castella;
Nesse teu peito, menina,
Faz meu amor sentinella.»

OUTRA FEIÇÃO

Marinheiro pé de chumbo,
Calcanhar de frigideira:
Quem te deu esta ousadia
De cazar com brazileira.

DE ORIGEM SELVAGEM:

Maria, hontem na matta
Grande *sobroço* senti;
Escuta, quero contar-te.
Em que camisas me vi;
Fiquei sem falla, e já tonto,
Dentro da matta cahi.

Eu cortava, minha velha,
De lenha este bom feixinho,
Quando vi sahir da matta,
Um medonho caboquinho,
Com um cachimbo no queixo,
Montado n'um porco-espinho—.

ASSUMPTO PURAMENTE LOCAL, OBEDECENDO AO TYPO FORMADO DO SERTANEJO MESTIÇO:

Amanhecia. A viola
Gemia, bôa e saudosa,
Tocada pelo pachola
Manoel José de Souza,
Irmão de Joaquim Pitanga,
E néto da Chica Rosa—.

NESTA QUADRA DO RABIXO DA GERALDA:

Era um boi, liso rabixo,
Boi de fama conhecido;
Minha senhora Geralda
Já me tinha por perdido.

Nesta estrophe sertaneja nota-se a feição mixta da poesia popular:

O chifre do *boi Adão*,
Delle fez-se uma canôa,
P'ra passar o povo todo
Do Maranhão pr'a Lisbôa.

Passando por taes estadios, chegámos ao periodo actual, que são os desafios, as aggressões do matuto rude e boçal, com o calor do talento inculto a escaldar-lhe a fronte:

DESAFIO ENTRE DOUS TROVADORES RIO-GRANDENSES DO NORTE

Cabra, você não falle
Nos *cabôcos* da *Barrinha*,
Se não quer que a minha faca
Saia fóra da bainha.
Seu cabra tão atrevido,
Cabra ladrão de gallinha—

A isto o contendor responde:

Eu peguei o João Vieira
Dentro da minha vasante,
Roendo os meus girimuns,
Comendo o *capim mandante* (1).

(1) Vide o meu «Cancioneiro do Norte», edição de 1903 —.

Desses specimens, se deprehende quão differente é a historia, a corrente evolucional dessa poesia, que, entretanto, é o espelho de uma civilisação.

Em Portugal são as lendas e tradições de diversos povos que na Peninsula vão se fundir n'um typo unico em emotividade contemplativa.

No Brazil, é aquelle mesmo povo emigrado para formar um typo novo, dotado da mesma sensibilidade esthetica, quiçá mais ardente e impetuoso.

As outras modalidades por que o *Folke-lore* é estudado seguem a mesma ordem de considerações: os contos são emmaranhados de crendices e legendas locaes; assim como as lendas aborigenes correm entremeadas de concepções de indole européa.

As lendas de *Guanabara;* de Cabedêllo (duas nymphas do rio Parahyba que transformão-se nas frondosas gameleiras ainda alli existentes); de Gramame; Caturité; da serpente de Extremoz; das dunas de Mucuripe; da mãi-da-lua; da mãi-d'agua; e tantas outras são productos indigenas adulterados pela influencia portugueza.

E uma notavel differença existe entre a poesia e as outras manifestações do Folke-Lore, e é que, em quanto a poesia partiu do verso portuguez até o desafio acerbo do sertanejo nortista, evoluindo portanto, a lenda ficou estagnada, tendo apenas recebido os contingentes de interpretação e narração a moda portugueza. Isto prova simplesmente que a poesia, é a corrente que acompanha a civilisação de um povo, e a lenda a narrativa que a tradição enfeita de mythos e ensenações phantasticas, é mais estavel, accumula-se de fragmento em fragmento pelo passar dos seculos, offerecendo a apparencia mystyca com que a enchergamos devido ao mesmo phenomeno de optica que pela distancia nos faz descortinar a serrania engolphada no ether ceruleo, a confundir-se o céu na commissura do horisonte.

*
* *

Desses Estados que constituem a parte mais oriental do continente sul-americano, o coração do norte do Brazil, é o Ceará o menos dotado dos elementos inspiradores de um rico Folke-Lore. Menos dotado por que, em quanto Pernambuco, pela sua posição geographica e condições topographicas, recebe em primeira mão o elemento extrangeiro e o negro de Guiné, e tem valles extensos para internal-os; em quanto a Parahyba, está em contacto com a séde da Capitania, e dotada das mesmas condições de hospitalidade ao extrangeiro sequioso de riquezas; o Rio Grande do Norte e o Ceará são affastados e pobres de terrenos agricultaveis, sem o chamariz do páo Brazil, com porto difficil, dunas movediças e arêas comburentes.

Alli são as grandes senzalas, de negros nostalgicos e expansivos ao toque dos *batuques;* são os indios adaptados á nova corrente ethnologica; os portuguezes, donos do campo e do braço-machina, presos á propriedade e ao sólo pelas continuas vicissitudes de conquistadores rivaes. No Ceará, o caso differe: não ha os engenhos de assucar; o terreno é ingrato pelas condições naturaes; um ramo apenas vai offerecer vantagens por todos os demais: a industria pecuaria. A creação é o *El dorado* dos primeiros povoadores; e d'ahi a caracteristica da poesia popular cearense: quasi todos os assumptos são sertanejos *(rabicho da Geralda, Boi Adão, boi pintadinho),* e outros assumptos sempre ligados ao viver do sertão. Hoje a influencia emigratoria para a Amazonia vai desvirtuando o cunho original; e os assumptos vão se encaminhando para essa phase do viver adventicio do cearense. São o *seringueiro,* a *despedida do seringueiro* e outras (1).

(1) Vide «Cancioneiro do Norte».

A perniciosa corrente emigratoria acaba por adulterar os bellos e tradicionaes folgares do povo.

O cearense deixa o lar, os campos do Ipú, as catingas do Quixeramobim, os carnahubaes do Aracaty, as brumas da Serra, e mette-se n'uma pocilga — hotel na Fortaleza; é o matuto na praça. Tem vergonha, acanhamento de tocar a viola rustica de seus avós, o instrumento que por excellencia fallaria ao coração, ainda mesmo que não fosse tocado, como o é, sobre o peito. E em substituição, o cearense, seringueiro que vai ou que regressa, pucha pelas orelhas de um harmonico, instrumento prosaico, que mais parece a alma artistica de um asthmatico. Em vez do *baião-fechado,* onde os nervos vibrão conforme o temperamento do cabôclo nortista, andão em voga a quadrilha, a walsa, *pá-de-catre.* Ao desafio no rojão da prima e do bordão, ao pé da viola, da meia noute para o dia, quando o tocador tem os olhos semi-cerrados pelo rythmo e pela *mandureba*, succede a modinha do trovador de esquina, face deboxativa da poesia popular.

Existe, infelizmente, a tendencia de abandonar a viola pela harmonica, quando é dever do cearense, longe da patria, á sombra das florestas amazonicas, nas horas de curtir saudades, tanger o pinho melodioso, mandar pela vibração do arame todo o amargor de su'alma de emigrado por amor ao trabalho, por devotamento ao proprio Ceará.

* * *

Pelo esplendor desta natureza, pelas intemperies, inconstancias do clima secularmente observadas; pela rebeldia do mar, pela immobilidade de suas dunas, pelas difficuldades da vida; por todo esse conjuncto de circumstancias, o Ceará inspira affectos que os demais Estados não inspiram; e é por esta razão que o maior romancista brazileiro é cearense,

e lia tanta manifestação de gosto pelas lettras, e pela poesia ainda mais accentuadamente.

O praiano, o serrano, o sertanejo, todos revellão o talento expansivo, que tanto distingue o filho desta terra.

Dão disso prova o *Rabicho da Geralda*, o *Adeus do Seringueiro* e o *Samba de Severiano Costa*.

A respeito já escrevi no meu « Cancioneiro do Norte ».

Este é o caracteristico da poesia popular cearense quando transporta para o verso o seu sentir intimo, á proporção que a civilisação o arrasta na corrente evolucional. Os dous extremos dessa poesia no Ceará são: o *rabicho da Geralda* (1700) e o *Adeus do seringueiro* (1900).

Ficão de parte as cantilenas que se ligão a folgares e tradições religiosas, contingente de natureza estranha ao meio: tirar os Reis de porta em porta, com uma xaranga improvisada.

Assim já me exprimi no meu citado livro:

A Republica, ou o capricho de certos vigarios, concorreu para que uma significativa tradição desapparecesse com o antigo regimen: erão os *reis negros* coroados no dia de Reis, 6 de Janeiro.

Nas freguesias da roça ainda ha bem poucos annos viam-se o *rei* e a *rainha*, seguidos de um cortejo de *condes* e *condessas*, que depois da missa recebiam do padre celebrante a consagração dos *direitos reaes*.

E pela rua afóra seguiam em procissão, acompanhados de uma xaranga ou de um zabumba e gaita, tomando a serio aquella sagração, um tanto ridicula, mas digna de acatamento pela convicção com que era praticada.

Tambem liga-se á festa de Reis, de 6 de Janeiro, um tradicional e sentido costume ainda hoje prati-

cado no Ceará: *tirar os Reis* de porta em porta, á noute, com musica e canto:

Ou de caza, ou de fóra...
Mangerona é quem está ahi,
E' o cravo, é a roza,
E' a flor do bogary.

Esta caza está bem feita
Por dentro, por fóra não;
Por dentro cravos e rozas,
Por fóra mangiricão.

Esta caza está bem feita,
Só o que falta é a cumieira;
Que saia o dono da caza
Com a sua companheira.

Esta caza está bem feita,
Só o que falta é o travessão;
Que saia o dono da caza
Cumprir sua obrigação.

Na mais feliz amistosidade, trocão-se saudares, dão-se offerendas aos foliões, que cantão á porta; e em todos os corações fica pairando uma saudosa impressão, uma lembrança não sabemos de que; uma incerteza sobre o anno que se inicia, tudo comprovando apenas que a tradição é um elo espiritual que liga os povos com todos os segredos da poesia.

A musica já vai tocando ao longe o mesmo estribilho; bohemios cantarolão em direcção opposta; e nesta bella Fortaleza, ao regougar da onda embravecida de Janeiro, sob um céu estrellado e puro, ao fluido suavissimo do luar que se reflecte nas areias de prata pulverisada; aquella melopéa é, talvez, a unica no Brazil que ainda perpetúa os cantos dos Reis Magos uzados em Portugal, reminiscencias da

lendaria adoração ao presepio de Belem, ao boi, ao carneiro, ao burrico (1), costumes simples que transpiram toda a poesia caracteristica de uma raça contemplativa.

Os *Fandangos* — a mesma *Nau Catharineta* dos portuguezes. E' o folgar que melhor condiz com o senso esthetico da massa popular neste Estado, a respeito de musica anonyma.

A melopéa peninsular, rythmada pelo balanço das ondas que embalavam os navegadores portuguezes, ouve-se por um mez seguramente nesta poetica Fortaleza: de Dezembro a Janeiro, nas praças do Outeiro, do Coelho, ou *muro de Santa Maria;* o povo fervilha ambicionando um melhor logar para alojar-se durante a representação da *epopéa maritima*, que o proprio Portugal não sabe como surgiu, e que o immortal Gárret tanto popularisou com o seu aperfeiçoamento na parte poetica. Sobre largo estrado fixo, com mastros e velame, umas 16 ou 20 figuras, fardadas a marujo, cantão ao som de uma harmonica e rabeca aquelles tradicionaes versos em que as *terras de Hespanha* e *areias de Portugal* estão a cada instante nos lembrando que em nossas veias de cabôclos vive emotivamente uma reminiscencia d'aquelles heróes de mares ignotos.

E o povo identifica-se com a monotonia abemolada das canções, ouve-a com interesse; segue com olhares enternecidos o gageiro:

«Assóbe, assóbe, gageiro,
Meu gageirinho real,
Avista terra de Hespanha
ou Tolina
Arêas em Portugal».

E impressiona-se com a voz de trovão do Rei-

(1) A. Ferreira—Obra citada.

Mouro, vestido de ganga encarnada e mantendo com a pose de Adamastor o elmo guerreiro de papelão e papel prateado.

E findão-se os *Fandangos*, lá para o dia 15 de Janeiro, ficando em todos os ouvidos a audição alambicada das jornadas: os moleques nas ruas, as creanças, que em bandos garrulantes vão para o Collegio, o engraxate e o vendedor de taboleiro, os nossos proprios ouvidos, estão por aquelles dias a repetir a melodia arrastada da barcarolla:

«Adeus... meus... amores,
Que eu vou... me... embarcar;
Até segunda-feira,
Terça ou quarta o mais tardar.

***

Vem o carnaval.

Não ha uma festa caracteristica no Ceará, como em Pernambuco o *maracatú* os *cambindas*, os *cabôclinhos*, os *côcos*.

Apenas um arremedo do penultimo brinquedo: os *caboclos* que já sahem emplumados, de paletot e gravata; não, como alli, em dança de guerra indigena, mas a divertir-se em quadrilhas e contradanças.

Ha tambem os *Congos*, dança de negros, simulando um combate em que um dos reis é aprisionado:

«Parabens, nobres guerreiros,
A guerra está acabada,
Foi preso *Rei-Cariongo*,
Nossa ilha foi tomada».

Em Pernambuco é identico esse brinquedo dos pretos.

Propria do Ceará e Piauhy é, sem duvida, a *Dança de S. Gonçalo*, mixto de religiosidade e pagodeira.

Um rancho de meninas, vestidas de cambraia e enlaçadas de fitas, dançáo ao rythmo do maracá do mestre, um marmanjo que entôa preces ao Santo casamenteiro.

Genuinamente cearenses, ha muitas tradições e costumes repassados de certa influencia religiosa:

A promessa a S. Lazaro é um producto de puro fetichismo: «Uma pessoa, tendo uma ferida que julga incuravel, faz uma promessa a S. Lazaro para ficar bôa, cumprindo-a logo que fica restabelecida.

Esta promessa consiste no seguinte: Sarada a ferida, a pessoa curada prepara um grande jantar como se fosse para pessoas distinctas: meza, toalha, copos, talheres, emfim, nada é esquecido; assim como as melhores iguarias, doces de diversas fructas e bebidas de diversas qualidades, sobresahindo o *aluá*.

Depois de tudo prompto, manda convidar os visinhos e seus cachorros.

Chegados ao local onde está preparado o jantar, assentão-se á meza... e os cachorros são servidos com toda a etiqueta por seus proprios donos. Depois que os taes convivas acabão de comer, e que nada mais desejão, é que ás pessoas convidadas sentão-se á meza para fazerem por sua vez uma larga refeição.

A' noute os convidados reunem-se no terreiro da casa e formão o samba, seguido de bebidas e expansões. Eis uma das muitas excentricidades do povo de Uruburetama (verdade é que não se sabe onde teve origem). Em S. Francisco de Uruburetama foi onde tornou-se mais commum este uzo, havendo pessôas que celebrão esta festa annualmente... e só por devoção».

. . . . . .

O brinquedo de Santa Maria Valle é um jogo de prenda com certo cunho de religiosidade.

O cearense, como qualquer filho do norte, é cheio de superstições e crendices, a musa ingenua do povo expande-se em preces e orações sempre que a alma

é ferida dos males que a todos flagellão. Assim, vemos que o «bemdicto da chuva» é uma supplica sincera e terno grito de dor, que bem caracterisa o soffrimento e a uncção religiosa deste povo.

O que caracterisa melhor a intelligencia do cearense, dessa massa anonyma que representa o verdadeiro sentir de toda uma raça, é a espontaneidade, o sentimento, o ardor e ao mesmo tempo a ironia de suas producções, de origem desconhecida.

A respeito transcrevo o que já disse no «Cancioneiro do Norte»:

No Ceará a vocação poetica é quasi que uma caracteristica dos filhos desta terra. Nas cidades são os sonhadores amorosos; nos sertões, nas praias, nas serras, é a poesia anonyma, terna, expressiva, ora feliz, ora humoristica:

Quando eu me for desta terra
Sahirei d'ella voando.
P'ra que as aves te digam
Que me encontraram chorando.

Ou então nesta satyra, muito significativa do conceito em que é tido o caboclo diante das correntes ethnologicas, que o absorvem:

«Caboclo não vai p'r'o céu,
Nem que seja resador;
Que tem o cabello duro,
Espeta Nosso Senhor.

São tambem genuinamente cearenses:

Si eu fosse pôdre de rico
Não moraria no matto,
Morava mais a *Lorinda*
Dentro da rua do Crato.

Quando vim de minha terra,
Que passei no Quixelô (1),
Botei a sella na ema,
Já vi bicho corredor.

Em Taboleiro de Arêa (Aracaty) um cantador popular, philósopho sertanejo de chapéu de couro, cantou ao pé da viola, segundo refere illustre chronista cearense:

No ventre da virgem pura
Entrou a divina graça;
Como entrou tambem sahiu,
Como o sol pela vidraça.

Esta genial concepção encontra-se em um notavel poeta latino; e não é crivel que simples matuto analphabeto e bronco tivesse a caprichosa habilidade de transportal-a para a musa do povo. Aqui é uma dessas coincidencias proprias das creações dos cerebros privilegiados.

Si fossemos catar e collecionar tudo quanto o genio do povo tem produzido em poesia, teriamos de editar volumes e volumes. Não cabe nos limites deste resumido trabalho senão dar mostras do que sem grande pesquisa se encontra por toda a parte.

E' um MANOEL DE BARROS, criôlo, de 17 annos de idade, analphabeto e criado de servir, que por motivos de vida domestica do seu amo, improvisa o seguinte *pé quebrado:*

Agora, musa minha,
Sae á luz em pé quebrado,
Apezar de ir acanhado
Glozar.

(1) Logarejo á margem da Estrada de Ferro de Baturité.

O caso que vou contar
Merece muita attenção
A todos da povoação
Do Livramento (1).

E é só porque intento
Dar uma noticia exacta
Da *emprenhidão* da mulata
Luiza.

A d. Joanna a trazia
Limpamente e asseiada,
E como filha, tratada
Com amor.

Porem houve um seductor,
Que eu não sei quem elle é,
Que fez ella dar com o pé
Na peia.

Mas ella com a peia,
Com promessa de alforria,
Mas só roubar-lhe queria
A virgindade.

Não é de minha vontade
Descobrir segredo alheio,
Vi dizer ser do *Antonio*
Vintem (2).

Assim do Nanã tambem
Esta historia vi contar,
Mas sou capaz de jurar.
Que não é.

(1) Ceará, entre Aracaty e Morada-Nova.
(2) Nome dum pobre sapateiro do lugar, a quem o disfarce do seductor imputava o delicto.

Certifico e porto fé
Ser o autor rico e forte,
Daquelles que tem o cangote
Grosso.

Não carece de alvoroço,
Senhora d. Joanninha,
Metta relho na cosinha,
Que saberá.

Suas negras hão de contar
Quem foi este espertalhão
Que lhe fez esta traição
Engraçadinha.

Metta relho na cosinha,
Use de rigorosidade,
Saberá se é verdade
Ou mentira.

Pegue pela Cassimira,
Catharina e Damiana,
E tambem a negra Joanna
Do *Batoque* (1).

Oh! mas nessa ninguem me toque (2),
Logo ha de haver quem diga,
Pois pelos olhos lombriga
Se conhece.

Eu, segundo me parece,
Só reservo a Delphina,
Que Bernarda e Carolina
Sabiam.

---

(1) Nome de uma Fazenda.
(2) Esta era a escrava do SENHOR MOÇO, e a alluzão quer dizer que foi ella quem facilitou o CASO.

Todos sabem porque viam
E só guardavam segredo
Porque então tinham medo
Da peia.

A mulata não passeia
E nem anda ahi atôa,
Logo assim esta pessoa
Pisa em brasa.

Do ladrão da mesma casa
Ninguem se pode livrar,
E aqui eu quero findar
Meus versos.

A todos desculpa peço;
Primeiramente ao Porphirio,
Pois a elle me refiro
Por fim.

Não que eu tenha para mim
Que elle bote agua a pinto,
Mas é um moço distincto.
Amem.

E' facil comprehender o movel da satyrica inspiração do cabra poeta, que dictou estes versos escondido nas margens do Jaguaribe, segundo referiu-me a testemunha occular (escrevente), que foi quem offereceu-me este curioso documento de satyra inculta.

Bronco sertanejo do RIACHO DO SANGUE, semianalphabeto, lembrou-se de, por meiados do seculo passado, quando florescia na politica do Piauhy o celebrado Padre Marcos, ir visitar o Padre logo após a construcção do seu palacete, que pelas variedades architectonicas e alfaias incitava a curiosidade da matutada ignara.

A caminho da Bôa-Esperança (na visinha provincia do norte) poz-se o tabaréo de Riacho do Sangue, encourado a vaqueiro no alasão esguio, ajaezado, a gihete.

Poeta de raça, ouvindo falar em vultos da historia, engendrou em estylo quinhentista o soneto seguinte, bello e profundo.

Ao apear se, deslumbrado diante a magnificencia do palacio e da respectiva decoração, com retratos e molduras, e o nome do seu proprietario gravado na soleira com letras vistosas, o matuto descobre-se, e em vez dos bons dias, desafivela o soneto a queima-roupa sobre o padre:

No templo do saber, ás letras dado,
De respeito coberto, entrei um dia;
Em quadros mil de gloria refulgia
O nome dos que ás letras têm honrado.

De um lado Newton, Grotius; de outro lado
Gallileu, e Platão, Pollibio via;
Turma de heroes o sacro templo enchia,
E o nume assim me fala em tom pausado:

—Aquelle—aponta o busto esclarecido—
Zomba, me diz, de Zoilos e Aristarcos:
E' luz, é gloria do Brasil querido.

Vejo um que honrarião os Plutarcos,
E no eximio pedestal polido
Em letras de ouro estava escripto: Marcos.

A proposito de improvisos de ebrio, ha verdadeiros milagres produsidos pelo alcool; a regra geral é a vaporisação alcoolica ennublar a razão; dão-se casos, porem, curiosissimos de lucidez e argucia da intelligencia em plena embriagusz.

Assisti na cidade de Mamanguape (Estado da Parahyba) a um desses casos:

Achava-se deitado em uma calçada o cantador

Feliciano, cabra de 26 annos. A molecada em torno, e cada garoto que provocasse uma chufa. . .

No meio destes, um selleiro parlapatão tirava graçolas e provocava a Feliciano. O ebrio destacou d'entre os circumstantes aquella figura espevitada, deitando espirito, todo abotoado n'um terno de brim branco, o cabello eriçado a transudar macassar. Então o trovador, pedindo licença a Bacchо, improvisou:

« Eu sou o Feliciano
Morador lá na Montanha:
O cabra tem um cabello
Que não se doma com banha.
Quanto mais se mette o pente,
Mais o cabello se assanha. »

Talentos, verdadeiros genios, vagam por alli perdidos, sem cotação na vida pratica, porque têem no cerebro estranho mundo.

Sobre um desses specimens de Bocages dos sertões do norte, escreve habil jornalista do Crato:

« JOSÉ DE MATTOS

Frequentando as tabernas, via-se um homem já velho, rosto cheio de pannos e estragado pela variola, cabellos brancos, testa rugosa, nariz rombo, olhos grandes, barba cortada a tesoura, bocca não pequena, pescoço grosso, nuca larga, peito amplo; não era de grande estatura porem grosso, e musculoso.

Trajava camisa e ceroula d'algodão, sujo e esfarrapado.

Se perguntavam por seu nome, respondia em versos.

Qual a sua patria? Repondia na mesma linguagem.

Pobre—trazia na alma um thesouro, exiguo pela falta de instrucção, sim, porem nem por isso deixava de fascinar.

Velho—a alma pairava em sonho de juventude; voava ás regiões do sonho. D'aquelles farrapos e immundicies evolavam-se como d'um charco excentrico orvalhos de prata.

Já não era pobre! já não era velho! Era uma visão de roupagens niveas.

Versejava a quantos iam e vinham.

Nunca aprendeu a ler nem a escrever.

Por ahi vê-se mais ou menos qual o rythmo de seus versos e seu estylo.

Para prova que José de Mattos era poeta, embora sem instrucção, leiam o que segue:

Segunda-feira.

A feira na cidade do Crato é nesse dia.

Alguns cavalleiros vindos d'ella (pois já se tinha findado com o dia) seguiam estrada á fora em direcção ao Arraial, fazenda de habitação a 2 kilometros de Missão-Velha.

Noite nublada.

Seguiam. De subito os cavallos param estupefactos.

Os cavalleiros á custo se chegam a um vulto que dorme resupino na estrada e conhecem. Era José de Mattos.

José de Mattos! (grita-lhe um) vamos ao Arraial!

Nada... Dormia como uma pedra. José de Mattos! gritou-lhe mais alto.

Elle a custo abriu os olhos. Estava no ultimo grau de embriaguez.

José de Mattos, vamos para o Arraial? ao que respondeu com lingua de chumbo:

Eu me acho tão pesado
Chega dei um passo perro;
Eu penso que sou de ferro,
Ou no chão estou pregado.
Saio d'aqui é arrastado
Ou partido em quatro *toras*;

Isto mesmo com demora;
Só assim me aluirão;
D'outro geito não vou nãe,
Quando eu puder vou m'embora.

Os cavalleiros soltaram estridulas gargalhadas e seguiram deixando o pobre cratense ao relento».

Alem dos cantadores cearenses já incluidos, tivemos informações da existencia de outros de nomeada, que floresceram em diversas epochas; desses o mais notavel, dizem, é o BEM-TI-VI (Antonio Rodrigues) que ainda hoje existe no *Alto da Viuva* —Jaguaribe-Mirim. E' mameluco, sabe ler mal e não uza alcool, circumstancia notavel.

Improvisador de merito e com uma segurança de voz de cigarra. Acompanhou um seu patrão até os sertões do Piauhy; cantou sempre durante a viagem e lá, na festa do casamento a que ia assistir, cantou durante quinze dias a finco, tendo desbancado mais de uma duzia de cantadores.

E' invencivel; mette em versos todas as plantas, todas as aves, todos os rios, todos os peixes, emfim tudo que a sua vista abrange ou a imaginação percebe.

Para embatucar o cantador tenaz, tem por habito cantar propondo questionarios.

Das suas producções, é muito conhecido o desafio com Madapolão (negro alagoano) que teve de ceder o campo, quando Bem-ti-vi passou para rima o contraste entre o appellido do negro e a côr da pelle.

Preso, seguido por uma escolta dizem que improvisara esta quadrinha:

Bem-ti-vi quando foi preso,
Naquelle temeroso dia
Todo o povo era do *couce*,
Só Bem-ti-vi era o guia.

GERONYMO (do Junqueiro) tambem tem grande nomeada.

Conforme o lado mythologico que a tradição ignára engendra sobre qualquer trovador popular, Jeronymo cantou com o diabo vencendo-o com um bemdicto.

Dizem os sertanejos e brejeiros que entre os diversos encantamentos da noite de S. João ha o de fazer pacto com o diabo para cantar bem ou tocar bem viola.

No meu « Poema de Maio » já fiz allusão a essa lendaria crença, originaria de Portugal.

Jeronymo fez na seguinte quadra a sua auto-biographia :

« Sou *Gerome* do Junqueiro,
Da fala branda e macia ;
Pizo no chão de vagar
Que a folha secca não chia. »

Este inditoso cultor das musas morreu repentinamente em um samba quando em pleno desafio.

BEIRA D'AGUA, trovador de alta cotação no conceito dos matutos. Mudou-se para o Pará, onde ainda vive ; é sexagenario; começou a poetar aos 14 annos de idade.

E' longa a enumeração da turba de cantadores, e para concluir estas notas sobre o Ceará, accrescentarei José Bernardo, Rio Negro, Leonel, Semeão, Carnahuba, e o preto Caninana, que no *Passeio* da Fortaleza, em dias de festa publica, tem alliado o regosijo simples do povo ás manifestações de civismo culturado das cidades.

Rodrigues de Carvalho.

Ceará, Julho de 1903.

O Ceará, ha quarenta annos

POR UMA TESTEMUNHA CONTEMPORANEA

Quatro aspectos

I

O Ceará Phisico

II

O Ceará Civico

III

O Ceará Abolicionista

IV

O Ceará Industrial

I

O CEARÁ' PHYSICO

NÃO conhece o Ceará quem percorre as suas infindas planicies, sem visitar as suas serras.

Constituem estas a parte a mais interessante da geographia physica d'esta provincia. As serras aqui offerecem-se á vista como eminencias isoladas, as quaes por sua elevação e condições especiaes de clima se prestão á cultura a mais variada. São regiões especiaes, que a natureza collocou no meio dos areaes ardentes do Ceará, e servem como de celleiros

---

RIO DE JANEIRO, 3 DE JUNHO DE 1903.

PRAÇA DA REPUBLICA, 63.

Illm. e Exm. Snr. Barão de Studart.

Que gratas recordações, que suaves impressões veio despertar em mim a sua tão estimada carta de 10 de Abril ultimo!

Aqui lhe mando o meu escripto, o qual, mais do que isso, é um testemunho historico. E que ventura a minha, essa de poder assim trazer, após quarenta annos, o tributo da minha homenagem a essa nobre terra, a esse glorioso Ceará, ao qual tanto devo, e que viverá sempre como uma das mais caras imagens a meu passado!

E o escripto, eu o acho feito. Intitula-se simplesmente:

O CEARÁ HA QUARENTA ANNOS

POR UMA TESTEMUNHA CONTEMPORANEA.

QUATRO ASPECTOS.

Peço-lhe queira acceitar os meus mais vivos agradecimentos por esta reviviscencia de minha mocidade, que veio trazer-me a sua tão apreciada carta.

Sou com o mais distincto apreço

De V. Exc.

Respeitador muito obrigado.

HOMEM DE MELLO.

ás povoações, o mais das vezes situadas nas fraldas das montanhas. Taes são a Pacatuba, Maranguape, Baturité, Sobral, etc.

Penetrando por esse pittoresco planalto, percorrendo um sólo sempre elevado, coberto de vegetação cerrada e vigorosa, cortado por correntes de agua perenne, deparando um clima em toda a parte fresco e amenissimo, o viajante sente-se transportado, ás regiões mais visinhas da zona temperada, e mal poderia convencer-se de que o rodeião os ardores do equador.

Estes maravilhosos contrastes da natureza brasilica, na provincia do Ceará, ainda com mais esplendor se manifestão na região mais proximaa á linha. De sua visita á *Serra de Ibiapába* deixou-nos o padre Antonio Vieira uma descripção elegante, que, pois estavamos quasi em presença dos mesmos lugares, julgamos dever aqui recordar: «Ibiapába, que na lingua dos naturaes quer dizer terra-talhada não é uma só serra, como vulgarmente se chama, senão muitas serras juntas, que se levantão ao sertão das praias de Camuci, e mais parecidas á ondas de mar alterado, que a montes, se vão succedendo e como encapellando umas apoz das outras, em districto de mais de quarenta leguas: são todas formadas de um só rochedo purissimo, e em partes escalvado e molonho, em outras cobertas de verdura e terra lavradia, como se a natureza retratasse nestes negros penhascos a condição de seus habitadores, que sendo sempre duras, e como de pedras, ás vezes dão esperanças e se deixão cultivar. Da altura destas serras não se pode dizer cousa certa, mas que são altissimas, e que se sóbe, as que o permittem, com maior trabalho da respiração, que dos mesmos pés e mãos, de que é forçoso usar em muitas partes. Mas depois que se chega ao alto dellas, pagão muito bem o trabalho da subida, mostrando aos olhos um dos mais formosos paineis, que por ventura pintou a natureza em outra parte do mundo variando de montes, valles,

rochedos e picos, bosques e campinas dilatadissimas, e dos longes do mar no extremo dos horisontes. Sobretudo olhando do alto para o fundo das serras, estão se vendo as nuvens debaixo dos pés, que como é cousa tão parecida ao céo, não só cadsão saudades, mas já parece que estão promettendo o mesmo, que se vem buscar por estes desertos.

Os dias no povoado da serra são breves, porque as primeiras horas do sol cobrem-se com as nevoas, que são continuas, e muito espessas. As ultimas escondem-se antecipadamente nas sombras da serra, que para a parte do occaso são mais vizinhas e levantadas.

As noites, com ser tão dentro da zona torrida, são frigidissimas em todo o anno, e no inverno com tanto rigor, que igualão os grandes frios do Norte, e só se podem passar com a fogueira sempre ao lado. As aguas são excellentes, mas muito raras, e a essa carestia attribuem os naturaes ser toda a serra muito falta de caça de todo o genero. » (1)

A serra de Baturité, desde que se começa a subil-a por qualquer de suas fraldas, apresenta um longo tracto de terra, de formação plutonica, elevando-se consideravelmente acima do nivel da planicie geral. O seu planalto offerece sem interrupção uma area de 105 kilometros de comprimento e 46 de largura, apropriada aos differentes generos de cultura das zonas temperadas.

O mesmo se dá em menor escala com a serra da *Uruburetama*, junto a villa da Imperatriz, e com a fertil serra da Meruóca, perto da cidade de Sobral ».

(Escripto na serra de Baturité em Dezembro de 1865).

Revista do Instituto Historico e G. brazileiro, tomo 35 (1872) Parte 2.ª, pg. 80.

---

(1) « *Missão da serra de Ibiapaba* », nas *Obras varias* do padre Antonio Vieira. Lisboa, 1856, Tomo 2.º, pag. 71.

II

O CEARA' CIVICO

Contribuição da Provincia do Ceará para a sustentação da Campanha do Paraguay

APPROUVE á Divina Providencia fazer, no decurso dos dous ultimos annos e ainda no presente, passar o Brazil pela rude provança de uma guerra difficil e sangrenta com a Republica do Paraguay.

E essa guerra tem porventura um fim providencial, vindo retemperar o caracter nacional e communicar-nos uma energia, até aqui desconhecida á indole pacifica dos brazileiros.

Estaes lembrados desses momentos solemnes, em que se consumavam os acontecimentos do grande drama, a cada um dos quaes o coração da patria se apertava de dôr e de anciedade.

Nessa crise suprema o Imperador apontou com a eloquencia de seu exemplo qual era o dever de cada brazileiro.

Seguindo em pessoa para o theatro da acção, em breve a provincia do Rio Grande, invadida pelo estrangeiro, foi salva das depredações do inimigo, que pisava o seu sólo.

E quando um dia, perscrutando os dominios do passado, a historia pedir á cada provincia do Imperio conta do auxilio prestado para a sustentação da causa sagrada da dignidade nacional, o Ceará póde apparecer com honra e responder tranquillamente com o seu exemplo.

Agora mesmo lá estão os bravos desta provincia derramando o seu sangue pela nossa causa, tendo sellado o seu valor nas eventualidades terriveis de um combate desigual—o ataque de Estero—Bellaco. Dirijamos fervorosos votos ao Altissimo, para que

menos penosos sejam os sacrificios, que pela honra da patria fazem esses nossos irmãos.

Em meados de Julho do anno passado chegou á esta provincia a noticia da invasão do Rio Grande do Sul pelos paraguayos e a partida de Sua Magestade o Imperador para o theatro da guerra.

Em uma situação tão grave para o Imperio, votei-me quasi exclusivamente a esse dever de honra para o paiz, e concentrei todos os meus esforços no sentido de obter a maior somma de meios por parte da provincia para sustentar-se a honra nacional ».

Relatorio do Presidente da Provincia do Ceará em 1 de Julho de 1866.

NOS MOMENTOS SOLEMNES DA PATRIA, CONFUNDEM-SE NO CEARÁ OS VOTOS ARDENTES DO GOVERNO E OS SENTIMENTOS GERAES DA POPULAÇÃO.

PARTE OFFICIAL

(Cearense de 10 de Setembro de 1865).

A camara municipal da Fortaleza enviou no dia 8 do corrente uma commissão ao Exm. Sr. presidente da provincia, afim de exprimir os seus sentimentos sobre a administração de S. Exc.

Foi lida pelo relator a seguinte felicitação:

Illm. e Exm. Sr. — A camara municipal da cidade da Fortaleza, interpretando o patriotico pensamento de seus municipes, julgou dever prestar ao governo de V. Exc. um voto de adhesão, que exprimisse os seus sentimentos de reconhecimento e gratidão.

A illustração, imparcialidade, e justiça com que V. Exc. tem satisfactoriamente desempenhado

a ardua tarefa, de que se incumbiu, tomando as redeas da administração desta provincia; os relevantes serviços prestados ao paiz nas melindrosas circumstancias, em que elle se acha, não podiam ser olhados com frieza por aquelles que ardentemente desejam o bem estar da patria.

Todos reconhecem o nobre ardor, que V. Exc. ha manifestado, no curto periodo da sua governança, procurando, por todos os meios que a prudencia e discrição aconselham, estimular os brios dos cearenses para que esta provincia concorra com o maior numero possivel de voluntarios para a presente guerra, em que S. M. o imperador, com admiravel denodo, está empenhado afim de repellir a perfida aggressão dos barbaros do Paraguay, e de sustentar a honra e dignidade da nação.

Occorrer á palpitante necessidade da guerra com zêlo e dedicação, executar fielmente as leis em taes apuros, attender ao mesmo tempo o direito que assiste a qualquer cidadão, é um d'esses actos que deixam em relevo os bellos apanagios, que ornam o caracter de V. Exc.

Digne-se, portanto, V. Exc. acceitar esta congratulação, como uma manifestação sincera e leal dos habitantes d'este municipio, pelo acrisolado patriotismo, que se observa nos louvaveis exforços de V. Exc. em tão difficil conjunctura.

Deus guarde a V. Exc. —Illm. e Exm. Sr. Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, presidente d'esta provincia.

Paço da camara municipal, em 8 de setembro de 1865.

Antonio Theodorico da Costa, presidente —*Antonio Pereira de Brito Paiva—Manoel Francisco da Silva Albano—Manoel Vieira Bastos—José Flamino Benevides—José Nogueira de Hollanda Lima—Antonino Pereira de Alencar—Francisco Manoel Alves* e *Francisco de Souza Teixeira.*

S. Exc. respondeu pela forma seguinte:

Sr. Presidente e membros da camara municipal da Fortaleza.—Penhora-me em extremo a honra que me conferis.

Esta manifestação, partida do seio do povo que tão dignamente represantaes, tem um alta significação.

Quando, diante da aggressão do estrangeiro, a autoridade publica concentra em um empenho de honra todos os seus esforços ergue-se do meio das turbas uma voz, eloquente e altiva como o verbo do patriotismo, e vem testemunhar, que, *nos momentos solemnes da patria, confundem-se no Ceará os votos ardentes do governo e os sentimentos generosos da população.*

O vosso exemplo, eu o espero, será fecundo em grandes resultados.

Os honrosos sentimentos, de que daes prova mostram que não apagou-se no tumulo de nosso maiores a scentelha de 1822.

Nessa época de tantas recordações, fôram os vossos conterraneos, que d'aqui partiram e levaram, cheios de denodo, a palavra da liberdade e da independencia aos nossos compatriotas do Maranhão.

Hoje correm para a patria dias mais angustiosos.

E o valor dos filhos d'esta terra, já provado em tantas luctas cruentas, tem a cumprir missão mais sagrada.

Essa felicitação, com que á vossa benignidade approuve honrar-me, eu a recebo, como um appello feito ao patriotismo d'esta briosa provincia.

E estou certo que novas phalanges de bravos, unindo-se ás que já partiram, irão, nos campos do sul, vingar a honra da patria ao lado do imperador.

Palacio do governo do Ceará, 8 de setembro de 1865.

Francisco Ignacio M. Homem de Mello.

III

O CEARÁ ABOLICIONISTA

Recenceamento da população da Provincia do Ceará em 1865.

SSES algarismos, que guardam mais ou menos a mesma razão no resto da provincia, como sabeis e como se verifica dos trabalhos já feitos, permittem-nos annunciar um grande resultado.

No Ceará está realisado o grande problema do trabalho livre.

E esse resultado tem sido expontaneamente obtido pelas tendencias e habitos da população, e pelo caracter laborioso e perseverante que a distingue.

E quando mais ou menos todas as provincias teem soffrido embaraços em suas finanças, as rendas do Ceará teem ultimamente augmentado de uma maneira progressiva e altamente lisongeira.

E' a recompensa conferida ao trabalho livre, cuja larga retribuição está na razão inversa do trabalho escravo.

(Relatorio do Presidente do Ceará F. I. M. Homem de Mello em 1.º de Julho de 1866, pag. 31.)

Excursão do Presidente Homem de Mello pela zona agricola de Baturité em 1865.

«Foi hoje um dia todo de alegria e de suavissimas impressões para o meu coração de brazileiro.

No Ceará, está resolvido o problema do trabalho livre.

E todo esse resultado se obteve sem abalo, expontaneamente, por força das cousas e pelos habitos laboriosos da população.

Atravessei diversas fazendas, muitas dellas importantes.

Não havia alli um escravo!

Homens bravos, bem conformados, sadios, mostrando em seus movimentos a dignidade de um ente livre, appareciam-me por toda a parte, executando com desembaraço e alegria os differentes trabalhos da lavoura.

Estas terras, roteadas com tanto cuidado, brotando de seu seio os thesouros da abastança, não recolheram uma lagrima; nem ainda o sangue do escravo as tornou para sempre estereis!»

(Escripto na serra de Baturité em Dezembro de 1865).

Rev. do Inst. Historico—tomo 35 (1872), parte 2.ª pag. 84.

IV

O CEARÁ INDUSTRIAL

CONCURSO DA PROVINCIA DO CEARÁ Á EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE 1867 EM PARIS.

É SEM duvida lisongeiro ver uma nação nova, que sustenta em pé de guerra um exercito respeitavel empregado na defesa de seus mais sagrados direitos, cultivando ao mesmo tempo as artes da paz com esse desassombro, que só dá a consciencia da propria energia e de uma superioridade legitima.

Já em 1861 fez-se na Côrte uma exposição de artigos d'esta provincia, que excitou grande interesse, e attrahio uma attenção benevola por parte de pessoas entendidas. O anno passado, graças aos es-

forços do finado subdito portuguez Domingos da Cunha Taborda, representou esta provincia uma figura condigna na exposição do Porto».

(Relatorio do Presidente do Ceará F. I. M. Homem de Mello em 1.º de Julho de 1866, pag. 52).

EXPOSIÇÃO PROVINCIAL DO CEARÁ

DISCURSO DE ABERTURA, PROFERIDO PELO PRESIDENTE DA PROVINCIA DR. FRANCISCO IGNACIO MARCONDES HOMEM DE MELLO EM 31 DE AGOSTO DE 1866.

« Senhores.—As festas da industria, como as da intelligencia, são sempre um grande e nobre espectaculo no seio das nações cultas.

« Ellas annunciam o reinado fecundo das artes da paz e as conquistas potentes da actividade humana.

« Assistimos hoje a uma dessas festas solemnes.

« Aqui, no meio destas planicies arenosas, em cuja face a natureza parecia haver impresso o sello da esterilidade, a mão audaciosa do homem civilisado assentou os fundamentos de um florescente emporio, rasgou a terra e fecundou-a com o germen do trabalho.

« E hoje, o deserto arido transformou-se em uma habitação risonha; e as ondas desse mar tempestuoso reflectem, no azul limpido de suas aguas, a imagem de uma cidade opulenta e cheia de esperança.

« As tradições gloriosas de vossos esforçados ascendentes não foram perdidas para a causa do progresso e da prosperidade desta terra.

« Os recursos maravilhosos do solo do Ceará são explorados com perseverança. As serras convertem-se em ricos celleiros; os valles povoam-se; as planicies cobrem-se de casas de trabalho, onde circulam a animação e a vida.

« Em meio dessa região amplissima onde a vista se alonga por horisontes sem fim, a ambição insaciavel do homem não provocou debalde as forças da natureza.

« A Exposição, que hoje inauguramos, não representa, não pode representar todas as notaveis conquistas, que tendes obtido sobre o solo, que vos coube por sorte. Mal podemos render esta solemne homenagem ao dogma do trabalho, nós, que neste momento pomos em contribuição toda a energia do caracter nacional para defender a causa sagrada de nossa nacionalidade em um pleito, em que teremos afinal o triumpho como triumpha toda a causa da justiça dos desregramentos da força.

« E' a festa do trabalho, singela e sem galas; e o trabalho é uma lei suprema, que Deos estampou na face do universo: nas ondas que se agitam, na vegetação que cresce todos os dias, no homem que caminha sempre !

« A' distincta Commissão, que tomou a si o desempenho desse encargo, difficil sim, mas a que bastou a sua dedicação, agradeço os seus patrioticos esforços em bem da ideia tão nobremente iniciada pelo Governo Imperial.

« Está aberta a Exposição Provincial.

BARÃO HOMEM DE MELLO ».

Traços ligeiros sobre a evolução da Musica no Brazil, especialmente no Estado do Ceará.

Traços ligeiros sobre a evolução da Musica no Brasil, especialmente no Estado do Ceará.

AO LEITOR

AINDA sob o dominio, que me causou a doce impressão do benevolo acolhimento dos homens de letras de nosso Estado, com relação ao modesto trabalho que, por occasião do quarto centenario da descoberta do Brasil, publiquei na *Republica*, relativamente á Musica e Dansa dos indigenas, tomei a resolução de emprehender um outro, em continuação áquelle, sobre a evolução da musica no Brasil no periodo decorrido nos quatro primeiros seculos.

Já tinha dado começo ao meu trabalho e tratava de colher esclarecimentos, de accordo com o meu programma, quando fui surprehendido por um convite do Exm.º Senr. Barão do Studart para collaborar no Livro, que pretende apresentar por occasião da commemoração do terceiro centenario da colonisação de nossa cara patria—o Ceará.

Conscio de minha incompetencia, receioso de

collocar-me a par de notabilidades que, naturalmente, têm de figurar no dito Livro, assignando trabalhos de subido valor, vacillei, a principio; encarando, porem, a questão por outro lado, entendi que não me ficava bem recusar tão honroso convite. Lembrei-me que, quando se trata de defender a patria, todos, sem excepção, devem por-se ao seu serviço: os fortes com as armas e os fracos prestando outros auxilios, assim tambem, quando é preciso entoar o hymno da victoria, todos, á porfia, devem fazer parte no côro!

Ora, relatar a historia do Ceará, sob qualquer ponto de vista, moral, intellectual ou physico, não é outra cousa mais que proclamar bem alto seus grandes feitos; e elle os tem, senão os maiores, certamente não os menores praticados no Brasil!

Eu sei que os cearenses são acoimados de bairristas; mas, que quer? Os dos outros Estados o serão menos? Poderão elles atirar a pedra na Samaritana?! Afinal, todos têm rasão em *puchar o brazeiro para suas sardinhas.*

Tomei, portanto, a deliberação de acceder ao chamado do illustre historiographo; prevendo, porem, que o Livro em que têm de collaborar varios escriptores, talvez não podesse comportar trabalhos extensos, resolvi dar uma forma resumida ao que havia iniciado, tanto mais quanto, ainda que o quizesse, com as proporções que tencionava dar impossivel seria, pelo menos agora, leval-o a effeito, por falta de dados, que não me foi possivel ainda obter.

Fallando do Brasil, em geral, limitei-me a citar poucos nomes e isto pelas rasões que direi adiante; quanto ao Ceará, para não despertar susceptibilidades, resolvi mencionar somente os nomes dos Musicos que, como chefes de orchestras, e pelas suas composições principalmente no genero sacro, concorreram, de alguma forma, para a propagação da Musica neste Estado notadamente na epocha dos pre-

conceitos com que, ainda não ha muito tempo, tinham de luctar aquelles que, ou por amor á arte ou por uma tendencia invencivel, não trepidavam, muitas vezes, em sacrificar um futuro, quiçá, mais lisongeiro.

Apresentando este pequeno trabalho, não tenho um titulo, que me recommende. Filho de Sobral, cidade central deste Estado, ali aprendi com meu pae o que elle sabia sobre musica; auxiliando-o na regencia de uma pequena orchestra, como soem ser todas as que existiram e existem neste Estado, adqueri alguma pratica, ensinando aos outros o que egualmente havia aprendido. Transportando-me para esta Capital, fui nomeado professor de Musica do Lyceo, por occasião da reforma que creou tal cadeira.

Não podendo anteriormente, por falta de meios, passar algum tempo em algum desses centros adiantados, e não encontrando entre nós quem me podesse dar lições proveitosas sobre os segredos da arte divina, tenho limitado meus estudos ao gabinete consultando os grandes mestres, quando me sobra o tempo.

Fazendo esta singela e expontanea confissão, tenho por fim, para salvaguardar os creditos da arte, aqui tão mal representada, prevenir aos que não me conhecem, que vejam em mim um simples amador e não um artista, que tenha frequentado conservatorios.

Isto posto, fiquem todos certos de que não vou escrever uma historia sobre literatura e nem sobre esthetica musical; não farei tão pouco a biographia dos musicos brasileiros, o que sinto deveras. Limitar-me-ei a uma singela apreciação sobre o progresso, aliás lento, que ella tem tido no Brasil. E nem podia deixar de ser assim, visto como, alem do que ficou declarado, não tenho dados precisos nem onde buscar informações; tal é o indifferentismo dos ho-

mens do Brasil em escreverem sobre a historia de suas artes.

E' exacto que alguns têm emprehendido tratar sobre o assumpto, mas o têm feito tão resumidamente e, com tantas restricções, que chamaria egoistas se não estivesse persuadido de que si calaram muitos nomes, foi por desconhecerem a historia da musica em todos os Estados do Brasil, como succede com quem escreve estas linhas.

Não supponham que, por ser filho do Norte, sinto algum despeito por terem os escriptores, de que fallei, se occupado quasi exclusivamente do Sul da União. Não.

Sou o primeiro a reconhecer a força numerica do Sul sobre o Norte, o que, aliás, não admira porque, desde tempos remotos, aquelle tenta supplantar este como se seos habitantes não tivessem por berço a mesma terra e não respirassem o mesmo ar!

E nem se diga que sou um visionario, porque tenho uma prova do que avanço e que está no dominio publico; eil-a:

Proclamada a Republica, entenderam adoptar um hymno em substituição ao que tinhamos. Obtida a letra respectiva, annunciou-se o concurso para a musica que devia ser adoptada; mas o praso fixado foi tão curto que impossivel seria aos musicos do Pará e Amazonas, por exemplo, tomarem parte no certamen, a não ser que, recebendo a letra pelo 1.º vapor que para ali seguisse, escrevessem sem demora a musica, e a enviassem ao Rio-de-Janeiro no mesmo vapor, quando de torna viagem! Dir-se-á, talvez, que mais longe estava Alberto Nepomuceno em Roma, e no entretanto concorreo ao prélio musical! E' exacto; porem como? E' que Alberto teve um amigo dedicado que, quando se publicou a letra do hymno, enviou pelo telegrapho a primeira estrophe e o Côro respectivo, e, não obstante a sua competencia e facilidade de escrever, quando enviou a

musica, si o vapor demorasse um dia mais, chegaria fóra do praso! O distincto Cearense não teria obtido o segundo premio, não teria continuado seus estudos na Europa, não estaria á testa do primeiro estabelecimento musical de seu paiz, e o Ceará não contaria nos fastos de sua historia uma gloria nacional. Si censuramos tal cortesa de tempo, não tivemos por fim senão accentuar o predominio, que se quer dar ao Sul. E' verdade que as summidades musicaes ali residem, e que jámais as mediocridades do Norte devem ter a presumpção de medir-se com ellas! Mas é o caso de ter aqui inteira applicação o classico "*distinguo*": Si se tratar de certos generos de composições, estamos de accordo perfeito; quanto, porem, á musica de um hymno, o caso muda de figura; pois que, para isso, não é preciso grande cabedal de sciencia e musica: alguns conhecimentos, é verdade, mas muita somma de patriotismo, amor acendrado pela ideia, e, ainda mais o momento psycologico; eis tudo que se faz preciso para se conseguir uma melodia que deleite o ouvido, emocione os corações e falle a alma de um povo!

D. Pedro 1.º, Imperador do Brasil, não era conhecido como notabilidade musical e, entretanto, compoz o hymno da Carta Constitucional, que faz honra a um maestro.

Quem diria que o capitão engenheiro de Strasburgo, desconhecido como poeta e como musico, Rouget de l'Isle, fosse o autor de um celebre canto patriotico, conhecido pelo nome de Canto do Exercito do Rheno e que hoje se chama "Marselhesa"! Felismente nada perdemos; só tivemos a ganhar desde que a um cearense coube senão o 1.º, em todo o caso o segundo premio, que o auxiliou para elevar o nome de nossa cara patria—o Ceará.

Deixando de parte estas ligeiras considerações, vou entrar no assumpto que faz o objecto de meu trabalho, e isso faço com algum receio de nau-

fragar, porque estou de perfeito accordo com Sylvio Romero, quando diz, tratando das artes: "Não é facil empresa escrever o que quer que seja sobre o desenvolvimento das bellas artes no Brasil"!

***

Descoberto o Brasil em 1500, o seu povoamento foi, a principio, muito lento, limitando-se o governo portuguez á explorações da terra descoberta, fortificando alguns portos mais tarde, e colonisando-o, a par de limitadas guarnições das pequenas fortalezas, com os exilados do Reino, á semelhança do que fazia em Africa, tornando-o assim um outro presidio, quiçá, mais horroroso.

Pouco a pouco foi o seu littoral devastado pelos navios hespanhoes, hollandezes, inglezes e francezes, de sorte que as riquezas naturaes da nova terra chegaram ao conhecimento de toda Europa: D'ahi a affluencia do povo de muita parte. Cresce o numero dos degradados portuguezes; da Hespanha vêm os seus aventureiros; da França, os gatunos; da Italia, os *lasaroni;* da Hollanda, os piratas, não esquecendo os ciganos e judeus.

Essa gente, em quasi sua totalidade, sem educação, sem religião, avesada á pratica do crime, finalmente a escoria dessas nações, primava somente pelos maus instinctos; perversos, sensuaes, habituados ao roubo, á embriaguez, e a tudo de quanto é capaz a fragilidade humana, vinham ao Brasil tentar fortuna, sem escolha de meios, comtanto que conseguissem, em pouco tempo, levar a effeito seu desiderato.

Elementos tão heterogeneos, em convivencia com os indigenas, povo selvagem, sem crenças nem lei, de vida nomada, só poderiam produzir a perversão dos costumes, em alto grau, como succedeu. E como si isto não bastasse ainda, veio,

por sua vez, reforçar este exercito *sui generis* a introducção da colonia africana, povo boçal, para completar a obra da destruição dessa nova Babel, fazendo assim paralisar, por muito tempo, o progresso de um paiz de tanto futuro.

E' escusado affirmar que os neo-habitantes do Brasil, sem a minima cultura intellectual, ignoravam o que fossem as sciencias e as artes; e, ainda mesmo que alguns tivessem noções sobre ellas, entregues, como se achavam, á vida aventureira, não faziam outra cousa senão tentar fortuna, lemma que estava escripto em suas bandeiras.

E' verdade que, n'esse tempo, vieram com os donatarios os jezuitas, acompanhados de um bom pessoal; mas estes só tratavam da conversão dos selvagens á fé catholica, e de evitar a prostituição que ia-se desenvolvendo entre os indigenas, africanos e colonos, que, por este facto, tornaram-se seus inimigos, procurando embaraçar-lhes a catechese, em logar de auxilial-os. Os donatarios e seu pessoal, tratando de preparar os meios de defeza, que os garantissem para o futuro, occupavam-se mais na exploração dos terrenos, que lhes foram doados, deixando o mais correr á ventura.

Si, por um lado, o Brasil prosperava materialmente, por outro permaneceu, por muito tempo, como que paralisado no movimento civilisador quanto ás artes e notadamente quanto á musica. Como já ficou dito atraz, o Brasil tornou-se o centro para onde convergia a corrente da immigração dos aventureiros das diversas nacionalidades; estes, sem cultura musical, apenas traziam suas canções populares, que entoavam, aliás deturpando-as muitas vezes; por outro lado, os jesuitas, com o fim de facilitar a catechese, procuravam adaptar as letras dos bemditos e orações ás melodias indigenas, fazendo-lhes modificações, dando em resultado quasi desapparecer o cunho primitivo; finalmente ainda

os negros com suas cantigas grotescas vinham rematar a obra.

Com o andar do tempo, estas arias, toadas, etc. cantadas promiscuamente, sem cuidado, *ad libitum*, deram em resultado uma especie de *melange*, sem ordem e sem graça.

Por falta de dados precisos não posso acompanhar *pari-passu* a evolução da musica no Brasil; limitar-me-ei, pois, a um ligeiro apanhado sobre o pouco que tenho lido a respeito até o presente mui pouco explorado.

E' certo que, durante o primeiro seculo da descoberta do Brasil, nenhum incremento teve esta bella arte, attentas as circumstancias que já ficaram descriptas, a não ser uma escola que os jesuitas, no governo de Thomé de Souza, abriram na Bahia e onde, alem de outras disciplinas, ensinavam aos orphãos e mamelucos a cantar os officios divinos.

No XVII seculo, porem, já assim não succedeu; começou a musica a ter um certo desenvolvimento relativo. E' assim que, em 1610, segundo affirma Pirard, citado por C. Barbosa, na Bahia um francez ensinava musica instrumental a uns 20 ou 30 escravos.

Com a chegada do principe João Mauricio de Nassau, trazendo distinctos artistas em 1637, Pernambuco começou a florescer nas artes, notadamente na musica. As bandas marciaes dos regimentos hollandezes desenvolveram de tal forma o gosto dos habitantes de Olinda que pouco tempo depois tinhão sua orchestra, que funccionava nas festas religiosas, como diz C. Barbosa. Por algum tempo Pernambuco foi o centro mais adiantado do Brasil, pelo menos quanto á Musica.

No Rio de Janeiro, por seu turno, os padres da Companhia, como chamavam aos jesuitas, que tinham não pequeno conhecimento, incutiam em seus escravos os principios da arte, até enviando alguns á Roma para aperfeiçoarem-se. O ensino da musica

foi-se propagando por quasi todo Brasil de sorte que, no XVIII seculo, já contava muitos cultores. Começaram então a apparecer alguns ensaios de composições musicaes, é verdade que, na maior parte, sem ordem nem nexo e inteiramente destituidas de merito; certas musicas sacras, que não passam de uma especie de *Pot-pourri* de nova especie, onde se encontram diversas escolas e varios estylos. Felizmente, para nós e para honra do Brasil, encontravam-se no meio de tudo aquillo alguns diamantes que, si fossem lapidados, se converteriam em brilhantes de primeira agua.

O gosto pela arte foi tomando maior desenvolvimento e o seu progresso foi mais rapido de sorte que o seculo XIX, o seculo das luzes, já deparou com o grande classico brasileiro José Mauricio Nunes Garcia, que, qual outro sol brilhante, veio esclarecer o horisonte do Brasil, offuscando, dest'arte, a estrella de Marcos Antonio Portugal, notavel maestro portuguez, uma gloria musical, aliás, que tinha causado admiração á culta Europa, tal era a grande fama de que gosava.

José Mauricio era padre e por isso mesmo dedicou-se de preferencia ao genero sacro, que, apezar de não ser facil, estava mais de accordo com seus sentimentos religiosos e melhor se adaptava á epocha.

A apparição de José Mauricio abre novos horisontes á arte patria; o gosto accentua-se com maior intensidade e o ensino da musica generalisa-se mais; os que têm paixão por ella procuram cultival-a com maior cuidado, fazem tentativas e conseguem, afinal, produzir alguma cousa, senão com o valor das do grande maestro, ao menos com algum merito relativo.

Vae o seculo em meio caminho quando um outro genio musical, brasileiro tambem, e com grande talento, surge em S. Paulo. E' Antonio Carlos Gomes, que inicia um outro genero de musica: o dra-

matico. Não obstante nos ter legado pequeno numero de composições, estas, entretanto, põem em evidencia a sua pujança intellectual e decidida vocação. Elle estava destinado a representar um grande papel no mundo artistico, collocando-se a par das maiores notabilidades, si os desgostos profundos na vida intima não viessem extorvar sua brilhante carreira, encetada sob os melhores auspicios.

O seculo estava a findar; o Brasil, a semelhança de outras nações, precisava tambem de um grande vulto que fechasse o cyclo e que, com chave de ouro, abrisse a porta do novo seculo aos que quizessem penetrar no Templo da arte divina para tomar parte no certamen.

O Sul já tinha apresentado com ufania os dois vultos eminentes: Padre Mauricio e Carlos Gomes; occupava os postos avançados; estava na vanguarda. O Norte, portanto, precisava tomar posição honrosa, mostrar que o saber não constituia um monopolio do Sul, e que ao norte do cabo de S. Roque, tambem existiam alguns Estados, patria de brasileiros notaveis.

Coube ao Ceará a apresentação dessa notabilidade.

Alberto Nepomuceno, moço de talento e força de vontade, depois de percorrer os centros musicaes mais adiantados, compareceu na arena, sobraçando diversas partituras de genero symphonico; eram outras tantas credenciaes que o Ceará apresentava, por intermedio de um de seus filhos notaveis, que o acreditavam perante a patria querida.

Alberto Nepomuceno acha-se hoje á frente do Instituto nacional de musica, outr'ora Conservatorio. E' de esperar que elevará aquella escola á altura de um estabelecimento de instrucção de primeira ordem, e que não se limitará á educação somente de instrumentistas, alargando-o e dando-lhe maiores proporções para que haja espaço para todos que quizerem

frequental-o, pois só assim poderá preencher o fim a que se propõe.

Sabemos que o illustre maestro cogita de uma reforma e faço votos para que o Governo não lhe recuse os meios de levar a effeito as medidas, que pretende. Um ligeira observação: Salientando os trez distinctos maestros, de que falei, não se conclua d'ahi que nego merito a outros musicos brasileiros; não! Muitos são os que se dedicam á bella arte, e que, dotados de grande talento, tornam-se dignos de um logar no Pantheon da historia da arte musical no Brasil.

A razão da preferencia foi não ter eu conhecimento de todos os musicos, que gosam de conceito no Brasil e, em tal caso, a exclusão limitada seria mui odiosa; em segundo logar, foi porque, querendo mostrar que, no nosso paiz havia compositores que cultivavam os tres generos differentes, sacro, dramatico e symphonico, especialisei os trez que, si não foram os que primeiro tentaram ensaial-os, foram, entretanto, os que mais os accentuaram.

Falta-nos, porem, ainda muito; verdade é que depende do tempo e de não pequeno esforço da parte de nossos compositores. Quero falar de uma musica nacional. Precisamos, como os outros paizes, dar um cunho de brasileirismo ás nossas composições.

E' verdade que alguns escriptores querem encontrar em nossas modinhas e em outras musicas ligeiras de dansa um quer que seja de nacionalismo brasileiro. Talvez fosse melhor não entrar nesta apreciação. O que succederá, porem, se eu oppuser uma contradicta ás opiniões de distinctos escriptores? Terei em resposta, talvez, o epitheto de pretencioso e ignorante? Não, porque desde já confesso, com franqueza, o meu pequeno cultivo musical; não tenho a pretenção de querer impor a minha opinião. Vou abordar a questão apresentando as razões em

que me apoio, com toda a singelesa, e me causará immenso prazer si pessoas de competencia reconhecida, com auctoridade na materia, provarem o contrario do que até agora penso; seria uma lição proveitosa e não trepidaria, com a humildade de um membro vencido em um concilio, pronunciar convicto a palavra sacramental: *Credo.*

Assim como existem differentes raças, com indoles e costumes diversos, assim tambem a sua literatura, sua musica etc. etc., tem uma feição especial, de accordo com os seus caracteres. O nacionalismo de um povo nasce com elle, manifesta-se expontaneamente, tomando uma feição caracteristica, original que o distingue de outro qualquer, embora haja entre elles algum ponto de contacto. Esta affinidade, porem, não poderá ser confundida senão após um longo espaço de tempo de convivencia mutua, um crusamento de raça, donde possa resultar o apparecimento de um povo novo, por assim dizer, que se identifique de tal forma a estabelecer novos habitos, novos costumes, formando, emfim, uma nova personalidade, que, embora participando de raças differentes, apresente uma entidade especial.

A liga de dois metaes dá em resultado um outro, que, embora participando dos dois, toma côr e maleabilidade differentes, soffrendo novas modificações á proporção que se lhes addiciona uma nova liga.

Quando o Brasil foi descoberto, os seus habitantes não pertenciam somente a uma mesma familia; pode-se affirmar que havia raça e sub-raça, predominando, entretanto, a vermelha, mas todas com genios, indoles, habitos e costumes quasi identicos, com pequenas variantes. Introduzio-se no paiz a raça branca e depois a preta, constituindo-se assim trez grupos distinctos.

Do crusamento originou-se a mestiça que, por seu turno, se subdividio em trez especies: o cabra, do africano com o indio; o mulato, do branco com

o negro; o mameluco, do indio com o branco; sendo, porem, de notar que, por sua vez e separadamente, as trez primeiras raças continuavam no *crescite et multiplicamini*. D'ahi a existencia de seis typos differentes. Quanto aos habitos cada qual tomava os dos que com elles estavam em maior convivencia. Mais tarde, da mescla dos mestiços surgio uma outra especie, que tomou o nome de brasileiro que, na interpretação do vulgo, significa homem branco mas de sangue não muito puro.

São passados quatro seculos; a população tem crescido, mas ainda temos, se bem que em menor numero, verdadeiros typos primitivos e isto continuará ainda por muito tempo porque, embora tenha de predominar a raça branca, para isso é preciso um espaço de tempo longo; não quero com isto dizer que só depois de uma completa fusão das raças se possa accentuar a nossa nacionalidade. Nota-se já uma grande tendencia para a unificação, *quantum satis*, dos nossos costumes; todas mais ou menos estão aclimatadas, mas não temos ainda uma nacionalidade typica.

O mesmo se dá com a musica. Vejamos: A primeira colonia, os portuguezes, se estabeleceram na Bahia, Rio de Janeiro etc; a segunda, os hespanhoes, no Sul do Brasil; a terceira, os hollandezes, em Pernambuco; a quarta, os francezes, no Maranhão etc. etc.

Cada qual exercendo influencia sobre seus habitantes, vulgarisando suas canções em estylos differentes. Os jesuitas, como meio de facilidade para a catechese, modificavam as melodias indigenas, perdendo-se assim o cunho primitivo; os africanos, finalmente, vinham fazer côro com suas cantigas rudes. Tudo isto deo em resultado ter-se em cada capitania uma musica de estylo differente, conforme a escola a que estavam filiados os colonos das diversas nacionalidades.

No Sul, predominava o elemento hespanhol e por isso vulgarisaram-se ali as seguidilhas, toadilhas, boleros etc., verdadeiras musicas populares desse povo.

Na Bahia, capital da colonia, dominava o elemento portuguez com o fado, tyrana etc. e assim por diante.

Posto isto, vejamos o que se deve entender por musica popular.

E' aquella que, caracterisando a indole e costumes do povo de um paiz, não se pode confundir com a de outro qualquer. Convem, porem, como diz um escriptor, não confundir a canção popular com a melodia popularisada. A primeira é instinctiva, expontanea, inconsciente; o povo a canta, divulga, e conserva-lhe a forma inicial, porque é simples. A segunda, porem, vulgarisa-se, é verdade; é ouvida com prazer tambem, mas não cria raizes; não bróta naturalmente das impressões, emoções e paixões do povo; não traduz o seu sentimento como a outra. Porem pertence á mesma familia, mas uma participando da consanguinidade e a outra da affinidade.

O Brasil não tem uma musica nacional e quasi se pode affirmar que não tem canções populares porque o que existe com visos de forma primitiva, somente dos indigenas, são umas melodias que foram modificadas e adaptadas aos *Bemditos*, etc. pelos Padres da Companhia, e dos quaes conheço alguns; mas não nas modinhas e outras canções que se cantam em todos os Estados, as quaes não estão revestidas da forma singela e nem da simplicidade de intervallos, abrangendo uma pequena extenção, caracteristicos que concorrem, em grande parte, para darlhes um sabor especial. Admitto a existencia de uma musica popularisada, nacionalisada; quanto á de uma musica popular ou nacional não estou de accordo.

O europeo, por exemplo, vem para o Brasil, acclimata-se nesta zona torrida, identifica-se com os habitos, uzos e costumes; finalmente nacionalisa-se; entretanto, se fixarmos com attenção a sua physionomia e alguns de seus gestos, diremos, depois de uma ligeira analyse, este homem não é brasileiro.

Todos, porem, não poderão fazer esta distincção. Quantas musicas conheço, tidas pelo povo como especimens de harmoniosas, e como taes ouvidas com religiosa attenção, e no emtanto tão crivadas de defeitos e incorrecções harmonicas?!

E' que para julgar de uma obra d'arte é preciso conhecel-a.

Poderei estar em erro, entretanto é isto o que penso.

E' preciso, pois, trabalhar e estudar muito ainda. A evolução da musica no Brasil tem sido lenta, e o numero de artistas muito limitado para um paiz, que já tem quatro seculos de existencia, que coincidio justamente com a revolução feita pelo immortal Palestrina, na arte do contraponto, dando á musica uma feição toda nova, porque a reforma foi radical.

Como, pois, explicar este progresso lento, que tem tido?

1.º Pela falta de escolas onde se possam instruir aquelles que se sentirem com vocação para a arte, facto que importa a perda de tantos talentos aproveitaveis.

2.º Pela prevenção desarrasoada dos filhos da fortuna contra as artes em geral, prohibindo seus filhos de as cultivarem, resultando disto ficar limitadas aos desherdados da sorte.

3.º Pela falta do incentivo e remuneração condigna, trazendo como consequencia logica uma vida cheia de difficuldades e, não raras vezes, a morte n'um hospital.

Os hebreus davam á musica uma importancia capital, considerando-a uma arte quasi divina; con-

fiavam-na a uma classe de sacerdotes. O rei David, não desdenhou em tocar harpa, em publico, na trasladação da Arca d'Aliança.

Os gregos, incontestavelmente o povo mais adiantado da antiguidade, consideravam a musica como um elemento indispensavel á educação. Segundo suas leis, devia-se estudar musica até os 30 annos, com a obrigação de dar uma prova annual de seu adiantamento. Socrates, envergonhado de não saber musica, resolveo aprendel-a aos 60 annos!

Os mesmos indigenas apreciavam tanto a musica que, quando aprisionavam os inimigos, os matavam, menos os que tocavam algum instrumento ou cantavam.

O povo latino, porem, ao contrario dos gregos e dos outros, se bem que gostassem das bellas artes, não as julgavam dignas de serem exercidas pelos patricios, e sim como cousa propria dos escravos a quem mandavam ensinar para deleitarem aos senhores! Dahi o desprestigio das artes; a importancia, as honras e posições que os artistas hebreus, egypcios, gregos etc., haviam adquirido, ficavam limitadas a essas nacionalidades; tiveram de prevalecer, porem, os desregramentos e toda especie de baixesas praticadas pelos artistas latinos, viciosos de origem, por isso que foram os latinos os conquistadores da maior parte do universo! Fatalidade inaudita, cruel, para o progresso das artes; lucta incessante dos artistas de caracter nobre contra os potentados, procurando convencel-os da sua sem razão, mostrando a esses adoradores do bezerro de ouro que, se elles valem o que pezam, os cultivadores das musas valem o que sabem; e portanto a balança não oscilla.

Ora, os brasileiros, descendentes, em parte, da raça latina, se bem que não herdassem, em absoluto, este desprezo pelas artes, notadamente pela musica, comtudo, tinham como que repugnancia em seguir tal profissão. E' assim que a escola de artes e of-

ficios, aberta na Bahia, e de que já falei atrás, era frequentada quasi exclusivamente pelos mestiços; é assim que a escola que, mais tarde, 1610, existia para o ensino da musica instrumental, compunha-se, em sua totalidade, de 20 a 30 escravos, e eram destes que os jesuitas enviaram para Roma, afim de aperfeiçoarem-se na musica, obtendo, desta sorte, pessoal idoneo para a orchestra dos Templos Catholicos.

Dahi o proloquio popular, ainda hoje em voga, e de que fazem uso os detractores dos artistas, como uma clava de Hercules: Para as letras os brancos; para as artes os mestiços! Isto dizem querendo mostrar a vocação e a bossa de cada um. Bonito achado! Se os que frequentavam a Universidade de Coimbra eram todos brancos, e, ao contrario, as artes eram exercidas pela gente mestiça, indios e negros, como tirar-se tal conclusão tão absurda?! Seria o mesmo que dizer: para a caça o sertanejo; para a pesca o praciano!

Pois bem; imbuidos de idéas tão extravagantes, tolas mesmo, certas pessoas, por se julgarem collocadas na alta sociedade, oppoem-se com todas as forças para que seus filhos estudem de preferencia uma arte a outra qualquer profissão, embora reconheçam nelles inteira vocação para ella.

Artista para muita gente tem a significação de um labéo!

Accrescentão ainda: Como consentir que um filho siga uma carreira que não garante riqueza para o futuro? Isto seria condemnal-o *a priori* a um ostracismo perpetuo!

Quanto á escola, ao nosso ver, emquanto o estudo superior de musica estiver limitado a um estabelecimento no Sul e outro no Norte, o Instituto Nacional no Rio de Janeiro e o Conservatorio no Pará, o progresso musical marchará a passo vagaroso, porque elles não são accessiveis a todos que os desejariam frequentar. Cumpre, portanto, que o go-

verno facilite os meios, elevando a arte de nosso paiz, subvencionando os estabelecimentos particulares, que se possam crear, theatros e outros tantos nucleos de instrucção superior da musica. Não se pode ser bom musico sem a frequencia de boas escolas, sem a audição de boas musicas, que é o que desenvolve o gosto e encaminha-o para os grandes commettimentos. O Brasil precisa progredir porque tem sêde de gloria e esta só lhe pode advir pelas letras, pela sciencia e pelas artes!

Platão, o sabio Platão, dizia: "Ouso affirmar que os costumes do estado dependem da musica!"

Pelo que ficou dito, vê-se que o desenvolvimento, que tem tido a musica, não era o que se podia esperar e o numero de notabilidades, que tem apparecido, muito resumido; alem disto (couza notavel!) se por um lado ella progride, por outro como que retrocede, conservando-se, as veses, em um estado de completa paralysia, ou ainda marcando passo como se diz em linguagem militar.

Quero me referir ás bandas marciaes, orchestras e concertistas.

Para se julgar do estado de atraso e a pouca importancia que se liga ás bandas militares, basta ler o Dec. de 27 de Março de 1810, regulando a musica dos Regimentos do Rio de Janeiro, cujo numero devia ser de 12 a 16 musicos no maximo; o de 28 de Março de 1825, que fixou o soldo de 940 réis aos mestres de musicas, 370 aos musicos de 1.ª classe, 220 aos de segunda e 140 aos de terceira; o Dec. de Abril do mesmo anno, que arbitrou a importancia de 4$600 diarios, maximo do que se devia gastar com o soldo de 16 musicos, de que se compunha a banda de cada regimento, inclusive concertos de instrumentos. O Alvará de 7 de Março de 1831, que reduzio a musica do batalhão, chamado do Imperador, de 24 a 16 musicos, com os mesmos vencimentos dos demais.

O Dec. Inst. 263 de 10 de Janeiro de 1843, art. 17, determinou ainda que o soldo dos musicos dos corpos não poderia exceder á quantia de 4$600 por dia, e a consignação annual de 53$000 para a conservação e concertos dos instrumentos, isto de accordo com o Dec. de 4 de Outubro de 1821 e Av. de 20 de Abril de 1825! Nem um real de augmento de soldo no periodo de mais de 20 annos!

Como se conseguir a execução de boas peças de harmonia com tão limitado numero de executantes, e como obter estes, com a devida capacidade, com tão exiguo soldo?!

Assim permaneceram as bandas marciaes por algum tempo até que, com a organisação das musicas dos batalhões da G. Nacional á expensas dos particulares, tiveram algum impulso. O Governo, porem, veio aos embargos com a Lei n.º 602 de 19 de Setembro de 1850, que deo nova organisação á G. Nacional, em seu art. 40, dispondo que os corpos podiam ter bandas de musica por conta dos officiaes etc., sendo, porem, o numero dos musicos approvado pelo governo ou pelos presidentes. E, como que prevendo que algum presidente fixasse um numero superior aos das bandas do exercito, veio logo com o Dec. 722 de 25 de Outubro de 1850 fixar o numero dos musicos, que não poderia exceder a 17 no maximo!

Felismente as musicas dos batalhões dos corpos de policia, que não dependião do governo geral, tiveram algum impulso, obrigando d'est'arte alguns commandantes de corpos, por meio de uma especie de sophisma, a illudir as disposições das leis, incluindo no numero dos musicos praças de fileiras etc., de sorte que, depois da guerra do Paraguay, o Brasil tinha soffriveis harmonias, que, infelismente, conservam-se no *estatuquo* sem retroceder mas sem avançar um passo.

Quanto ás orchestras, pode-se dizer, sem medo de uma contestação seria, que vão decahindo muito e muito. Ha muito annos atrás, não querendo falar no Rio de Janeiro e em outros centros adiantados, não havia capital de pequena provincia, ou mesmo cidade central, que não tivessem uma orchestra regular! Hoje, porem, o que succede? Na propria Capital Federal, pelo que tenho lido, os compositores nacionaes luctam com grandes difficuldades, para exhibirem suas producções, que desgraçadamente são sacrificadas por falta de bons executores.

Finalmente, quanto aos concertistas, são em tão pequeno numero, que será melhor não insistir sobre este ponto; limitar-me-ei a dizer que passam (coitados!) uma verdadeira vida de provações que tem servido de exemplos a outros para não a experimentarem.

O musico no Brasil precisa ser um pouco encyclopedico para poder viver com mediania. Poucos são os amadores que gostam de ouvir um bonito trecho musical exhibido com maestria. Para que um concerto tenha concorrencia, é preciso incluir no programma uma terceira parte destinada á dansa, unica cousa que ainda prende a mocidade actual, que, em sua maioria, tão mal emprega o tempo.

Tratando-se então de musica classica, ainda é peior. Em geral, o povo brasileiro gosta de preferencia das musicas ligeiras, valsas, polkas etc., as quaes têm uma extracção enorme.

Dóe-me n'alma quando vejo umas tantas musicas, compostas por verdadeiras nullidades, algumas até contando dez edições, ao passo que outras, de merito real, e que revelam muito saber da parte de seus compositores, não conseguem esgotar a primeira edição! Vem a proposito parodiar o brocardo *Dura veritas, sed veritas*..

***

O que se deo com o Brasil em geral, succedeo com o Ceará em particular.

Tendo começado a ser explorado em principios do XVII seculo, o seo povoamento foi-se fazendo com lentidão, não só devido ás luctas que se succederam entre os exploradores de diversas nacionalidades e *tapuias*, como tambem porque, ora sob a jurisdicção de Pernambuco, ora sob a de outra Capitania, ligava-se-lhe pouco interesse. E' assim que só um seculo depois, em 25 de Janeiro de 1700, se procedeo á eleição de sua 1.ª camara, como affirma o Sr. Barão de Studart em sua obra Datas e Factos, 1.° vol.

Sobre a instrucção publica a dezidia era grande porque, segundo o coronel João Brigido, as primeiras nomeações datão de 1785. E' possivel que antes existissem escolas particulares, mas estas deverião ser em numero limitadissimo.

O atraso sobre as artes estava de accordo com o das letras. Os jesuitas, encarregados da catechese dos indigenas do Ceará, foram os unicos a deixar vestigios de sua passagem.

Relativamente á musica nada se sabe della até o fim do XVII seculo. Nos archivos não encontra-se esclarecimentos e nem me foi possivel colher cousa alguma pela tradição que podesse fazer luz. A noticia mais remota que existe é do começo do XIX seculo; parece-me que, para atrás, no interior dos templos só resoavam as vozes dos sacerdotes entoando o canto-chão nos officios divinos, e o côro dos mestiços a quem os jesuitas, a semelhança de seus irmãos do Sul, ensinavam as ladainhas etc.

Seria então o caso para o seguinte trocadilho: A musica veio á luz, na terra da luz, no seculo das luzes!

O musico mais antigo de que temos noticia no Ceará, e que se possa mencionar, chamava-se Joaquim Bernardo de Mendonça Ribeiro Pinto, que, se

não foi uma gloria brasileira, foi uma notabilidade musical Cearense.

Joaquim Bernardo não era um douto; entretanto pode-se affirmar que tinha algum cultivo intellectual, e conhecia bem a lingua latina ; se não frequentou escolas europeas, teve por mestre pessoa competente em musica. E' assim que se nota em suas composições sacras um certo cuidado na forma, procurando sempre dar á musica a tradição da palavra, do texto, emfim. Adepto da escola italiana, tinha um estylo ameno, agradavel; suas melodias, se lhes faltava originalidade em todo o caso agradavam muito pela sua singeleza e facilidade de execução, que muito convinha, para a vulgarisação dellas, como succedeo.

Joaquim Bernardo foi nomeado professor de primeiras letras da Fortaleza, então villa, em 13 de Setembro de 1808, cargo que exerceo, ao que parece, até 1811, quando deo-se nomeação de outro.

Não sei se elle teve orchestra ou se limitou-se á composição de musicas sacras somente; guardava em suas musicas uma certa forma que não é difficil conhecel-as na primeira audição, podendo assim dizer-se delle *le style est l'homme.*

. . . . . .

São passadas duas dezenas de annos.

A immigração de Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte escolhia de preferencia o valle do Jaguaribe, não só por ser então a zona mais habitada, como pelas vantagens que offerecia o porto á foz do rio, estabelecendo mais facilidade de communicação com os Estados limitrophes.

Sem poder precisar a data posso, entretanto, affirmar que antes de 1824 existia em Russas ou Aracaty uma pequena orchestra de que era mestre Boaventura José de Aragão, e da qual fazia parte

seu parente Felix José de Valois, que, depois accrescentou Aréré ao nome, conforme a praxe adoptada pelos patriotas. Aréré d'ali viéra para Quixeramobim onde, por sua vez, tambem ensinava musica e donde veio preso para esta Capital, por ter tomado parte, como patriota, na revolução de 1824. Com relação a Boaventura, sabe-se que tocava violoncello; ignora-se, porem, se elle tinha algumas composições.

Quanto a Aréré, era melhor alfaiate que musico; tendo sido perdoado, sentaram-lhe praça de soldado de 1.ª linha, não obstante ser official de milicias dos pardos, como affirma o Coronel João Brigido, para dirigir a musica do batalhão.

Aréré, como musico, não tinha merito e só menciono o seu nome aqui, porque elle, pelo que pude colher, foi o primeiro que organisou em Fortaleza uma pequena orchestra na qual tocava violoncello, e tambem porque elle, apesar de pardo e pobre, poz em relevo que já os artistas, naquelle tempo, tinhão tambem dignidade bastante para não submetter-se a um acto de baixeza e humilhação, embora sacrificando a propria vida.

Eis o caso: Querendo o chefe da commissão militar, Tenente-coronel Conrado Jacob de Niemeyer, satisfazer as exigencias de amigos, que lhe pediam o perdão de Aréré, pelo facto de ser musico e haver precisão de um para mestre, mandou propor-lhe se acceitava a commutação da pena de morte na de açoite e teve a seguinte resposta: Mandae fuzilar-me! resposta digna de um general vencido.

Aréré, sinão legou a seus collegas posteros lições proveitosas sobre a arte, legou-lhes, entretanto, grande exemplo de civismo e coragem.

Felizmente (facto providencial!) logo após veio ordem para suspenderem-se as execuções.

Seguindo a ordem chronologica, cabe falar agora sobre o Icó.

Ali, em epocha anterior ao anno de 1830, diz-se que vivião alguns musicos, mas só houve cousa com apparencia de orchestra no tempo de Francisco Ignacio, que tinha excellente voz de basso. Teve como seu substituto um seu discipulo, o Professor de latim Simplicio Delfino Montesuma, de cuja orchestra o mesmo Francisco Ignacio veio a fazer parte depois.

Se este ultimo compoz alguma cousa, não está averiguado. Simplicio, porem, compoz algumas musicas em varios generos.

Incontestavelmente Montesuma tinha a bossa da musica e tornar-se-ia notavel se tivesse tido escola e não soffresse diversas contrariedades, entre outras, a morte da esposa querida, facto que o tornou neurasthenico, por algum tempo.

Era muito apaixonado pela arte, a ponto de, ouvindo musica, ficar alheio ao que se passava junto de si, ainda mesmo que o facto fosse de maior importancia. Muito sentimentalista, algumas vezes, viram-no chorar executando um *Andante Cantabile*, rindo-se logo após quando se effectuava a transição para um *Allegro vivo*. Seu instrumento predilecto era o violoncello.

Se a missão de um historiador é dispensar elogios, quando merecidos, é tambem dever seu apontar os defeitos que encontrar. Assim, pois, seja me licito emittir minha humilde opinião com toda isempção de espirito.

As musicas de Simplicio tinham mais melodia que harmonia, sendo de notar que não parecia ter grandes conhecimentos sobre a ultima; tinha ideias felizes mas nem sempre sabia aproveital-as; parece que tinha muita soffreguidão nas resoluções; não tinha paciencia para aguardar um outro momento feliz, para concluir o que, aliás, havia bem começado; aproveitava o que lhe occorria na occasião; d'ahi, consequencia logica, algumas incon-

gruencias, alguns defeitos nas modulações, e assim ficava a musica sem elle se dar ao trabalho de retocal-a mais tarde. Tinha alguma cousa boa entre as composições sacras e profanas que deixou, as quaes, se as tivesse revisto com cuidado, lhe dariam maior nomeada.

Alem do mais, Simplicio possuia uma bella qualidade pelo menos ao tempo em que o conheci já velho: era modesto; não fazia questão, como muitos outros presumidos, de tocar sob a *batuta* de um collega, sem examinar se tinha ou não competencia superior ou inferior á delle. E' que comprehendia que quem empunha uma *batuta*, nem sempre prova superioridade sobre os outros e, ao contrario, é muitas vezes ella que vem denunciar a ignorancia do regente. A *batuta*, na musica, é qual outra pedra de toque que serve para aquilatar o merito do musico. E' uma varinha de condão que nem todos sabem manejar.

Se o bom regente acaba de aperfeiçoar o cantor, como diz alguem, é certo tambem que com um mau regente realisa-se o conceito de Camões:

Um rei fraco faz fraca a forte gente.

Sobral, cidade central, veio ter seo desenvolvimento musical um pouco mais tarde.

Anteriormente a 1848 existia alli João do Rego, que cantava e fazia-se acompanhar de um violino por elle mesmo tocado; era um *orelhista* na linguagem vulgar; entretanto dava-se a este *bis in idem* o pomposo nome de musica, que só se recommendou pela celebre alcunha que lhe deram de musica de Sant'Anna, e que hoje se applica para designar uma orchestra ruim.

Mas, me perguntará o leitor: a que proposito veio uma tal denominação? Eu explico. A cidade de Sant'Anna, então povoação, fica á pequena distancia da cidade de Sobral. Não havendo musica na localidade, convidava-se para suas festas o musico da

localidade visinha, João do Rego, o encarregado das festas de toda a ribeira do Acarahú.

Na ordem do costume o convidaram para a festa, e elle apresentou-se em campo munido da inseparavel rabeca, que certamente não era um *Stradivarius*, para acompanhar o que tinha de cantar, e seguio para a povoação.

Por caiporismo, o cavallo em que ia montado cançou, de sorte que, quando apeiou-se á porta da capella, já o sacerdote estava revestido, cavaqueando com a demora da musica, como a chamava o povo.

Dado o aviso da chegada desta, o Padre, que ali chegára a pouco, e não conhecia a tal musica, sahe da sachristia e penetra na capella em direcção ao altar; e como quer que não visse cousa alguma que denunciasse a existencia de uma musica, perguntou aonde ella se achava. O Juiz encarregado da festa mostrou-lhe então João do Rego, que estava meio escondido a um canto. Ao ver isto o Rev.", que estava bastante aborrecido com a demora, suppondo tratar-se de coisa mais seria, não teve duvida em fazer com as mãos um signal mimico, pouco honroso para o nosso *maestro*, dizendo: Tome para a musica de Sant'Anna! E ahi está a origem do epitheto pouco lisonjeiro.

João do Rego residia em Sobral, que, portanto, tinha mais responsabilidade, ou antes a responsabilidade cabia ao Aracaty em maior dose, pois fôra o berço natal de Rego.

Podia chamar-se musica de Sobral, musica do Aracaty, de Sant'Anna, nunca. E' verdade que muitas vêzes paga o justo pelo peccador.

Feita esta pequena digressão, continúo:

Em 1832 ou 1835, por occasião de celebrar-se uma Semana Santa, em Sobral, foi convidada para funccionar nos actos respectivos a orchestra de Aréré, de Fortaleza. Si pertencentes a ella ou vindos

seguida, o que é certo é que, logo depois ali existiam trez musicos do Rio Grande do Norte: um violoncellista, um excellente violinista e um cantor.

Por algum tempo os sobralenses gosaram, senão as harmonias de uma boa orchestra, ao menos as melodias e accordes de uma especie de *quartetto*, mixto, pois o violoncellista tambem cantava, certamente melhor do que a *musica* de Sant'Anna.

Sobral, cidade já adiantada sob certos pontos de vista, não podia continuar em tanto atrazo quanto á musica. E' assim que alguns paes de familia, no intuito de addicionar ás prendas de suas familias um pouco de conhecimento de canto e piano, que aliás já tinha sido iniciado por um musico do Maranhão, contractavam o professor Galdino José Gondim, pae de quem escreve estas linhas, para estabelecer-se naquella cidade. Coincidio que, com a ida do professor G. Gondim, ali aportassem outros musicos, de sorte que, com elles e com o pequeno elemento que ali encontrou, o bom violinista etc. de que já fallei, conseguio meu pae organisar uma orchestra muito regular para a epocha e não inferior ás de outras localidades, a qual foi sempre progredindo como as demais.

O professor G. Gondim tem algumas composições sacras, poucas é verdade, mas não posso emittir juizo sobre ellas porque, como filho, me considero suspeito para aprecial-as; entretanto seja-me licito dizer que, se não fossem os incommodos da vista e a negação que tem para exhibições, teria feito mais. Nos *arranjamentos*, transcripções e sua instrumentação nota-se nelle gosto pela arte. Não gostava de repetir, por muito tempo, as mesmas musicas, pelo que tinha um repertorio talvez o mais variado até então, principalmente de musicas sacras; tocava varios instrumentos, o que tão necessario era a um regente de orchestra no interior do Ceará, inclusive o violoncello, instrumento como que obrigatorio a todo o mestre de capella.

Em edade é hoje o decano dos musicos existentes no Ceará; retirado da vida artistica, limita-se a dar seus conselhos sobre a divina arte ás consultas, que lhe faz seu filho Raymundo Donisetti Gondim, que ali é professor de musica.

Por sua vez, as outras localidades do Estado procuravam libertar-se da dependencia em que estavam com o Aracaty, Icó, Sobral etc, e a seu turno tem conseguido organisar suas musicas, de sorte que na éra de 1860 rara era a Villa que não tinha sua musica, embora pequena.

Pode-se julgar do adiantamento da musica, em geral, no Ceará, citando a opinião competente e insuspeita do Exm.º Sr. D. Luiz Antonio dos Santos, 1.º Bispo desta Diocese.

Disse elle a alguns padres de sua comitiva que, em sua visita pastoral, tinha notado que no Ceará havia muito gosto pela musica ; pois que tinha apreciado algumas musicas bem organisadas e boas, notadamente as orchestras do Icó e Sobral.

Como se vê, e é a pura verdade, Icó e Sobral, até certo tempo, possuiam, relativamente, as melhores orchestras da então Provincia. A Fortaleza, se bem que a Capital, nisto não lhes estava superior; em compensação, porem, possuia, como o Aracaty, as melhores bandas marciaes. A Victor Augusto Nepomoceno, pae do maestro Alberto Nepomoceno, se deve a organisação de uma orchestra regular nesta capital, composta de um pessoal mais ou menos escolhido e habilitado. Mais tarde, porem, querendo exercer sua profissão n'um theatro maior, seguio para Pernambuco, sua terra natal. Foi então que o professor Manoel Magalhães, que havia sido seu discipulo, tratou de fundar uma sociedade musical, denominada Santa Cecilia, reorganisando a orchestra, que se tinha dissolvido com a retirada do professor Victor.

Esta orchestra que, segundo se diz, não era numerosa, mas soffrivel, perdurou algum tempo, mas

foi pouco a pouco diminuindo, de sorte que já a conheci em 1888 um tanto limitada, sendo preciso chamar-se para completar o numero de executores aos musicos dos Batalhões de linha e de policia.

O professor M. Magalhães tem varias composições profanas e algumas sacras; não obstante ter frequentado, durante algum tempo, um collegio na Allemanha, é adepto da escola italiana, como revela-se em suas composições.

Dirigio por algum tempo a musica do Corpo Policial e a Philarmonica dos empregados do commercio; é professor de violino e piano.

Hoje não possue o Ceará uma orchestra estavel, não por falta de elementos que em verdade os ha; mas porque é doloroso confessar, em parte alguma o proloquio popular—Queres ver teu inimigo, procura o official de teu officio—accentua-se mais que no Ceará. Cada qual quer saber mais e não ha possibilidade de conseguir-se que alguns tomem parte n'uma orchestra a não ser como regente! Bem razão tinha o sabio Rei quando, já naquelle tempo, dizia: *Vanitas vanitatis et omnia vanitas.*

Felizmente o commandante do Batalhão de Segurança, de accordo com o Exm.º Presidente do Estado, procura actualmente habilitar parte do pessoal da banda militar, para a organisação de uma orchestra, que, aliás, já se tem exhibido modestamente, mas promettendo um futuro prospero se não lhe faltarem os elementos necessarios: edificação de um theatro, melhora de vencimentos e a direcção de pessoa competente. Com a boa vontade do Governo tudo se fará sem grande difficuldade nem sacrificios.

Vamos falar, por ultimo, de um amador: Sergio Pio de Pontes Pereira. Não teve uma escola regular, mas dotado moço de cultura intellectual, dedicava algumas horas do dia ao estudo da musica. Compoz algumas musicas ligeiras e sacras, quasi

todas, porem, de um estylo sentimental, como que antevendo a morte que, cedo, tinha de vir exigir-lhe a paga do pesado tributo. Foi discipulo de Simplicio Montesuma e tinha excellente voz de barytono.

Em ultima analyse: Felizmente, de certo tempo a esta parte, o gosto pela musica vae tomando real desenvolvimento; o povo cearense vae comprehendendo a necessidade do estudo theorico, que estava quasi em abandono, por que é preciso convir que estudar um instrumento qualquer sem o conhecimento de certos principios fundamentaes da arte é tornar-se sempre dependente de um professor, sem conseguir, jamais, libertar-se de sua tutella.

O Brasil tem uma historia musical; o edificio está começado; possue o material preciso, que anda esparso; cumpre, portanto, que elle se reuna ao pé da obra para conclusão. Ao Instituto Nacional cabe a iniciativa; faça elle, pois, a propaganda nomeando commissões nos Estados da União; e estas, por sua vez, nomeiem outras; a imprensa, por seu turno, despense-lhe o seu valioso auxilio, e, depois da obtenção dos dados precisos, sejão elles confiados a pessoas competentes, afim de concluir-se o edificio, que ameaça desmoronar-se senão cuidarem, em tempo, de sua reconstrucção, aproveitando-se o que já está feito.

Quanto a nós, *diletanti* cearenses, tomemos o exemplo do Barão de Studart, Coronel J. Brigido, J. Perdigão, A. Bezerra e outros, que com paciencia e perseverança têm ajuntado tão importantes documentos para a historia do Ceará.

Unamo-nos pois; cada qual procure colher, já com documentos, já com a tradição, os elementos precisos para a nossa historia musical, auxiliados pela imprensa que, estamos certos, não negará seu valioso concurso para que se leve a effeito uma obra tão momentosa.

Avante, pois, amadores cearenses! Todos, *una voce*, cumpramos o nosso dever, mostrando que em nossos corações existe tambem uma centelha de amor patrio.

Temos uma missão a satisfazer; é preciso trabalhar para obter a luz, que nos esclareça na senda do progresso.

Parodiando um escriptor a proposito de um grande artista, que nascera na rua da Gloria, direi:

—Não se nasce impunemente na terra da luz!

Fortaleza.

Zacarias Thomaz da Costa Gondim.

DIARIO DA EXPEDIÇÃO

DE

MATHIAS BECK

AO

CEARÁ EM 1649.

Traducção do hollandez

POR

ALFREDO DE CARVALHO

Diario da Expedição

DE

MATHIAS BECK

AO

CEARÁ EM 1649

NOTA DO TRADUCTOR

D'ENTRE a prodigiosa quantidade de documentos colligidos pelo benemerito e pranteado Dr. José Hygino Duarte Pereira nos archivos e bibliothecas da Hollanda, quando ali esteve em 1885-86 commissionado pelo *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, não é licito estabelecer distincções de interesse, utilidade ou importancia: o raro e superior criterio do eximio investigador é garantia sufficiente para convencer a quem quer que seja de que nas suas diligentes pesquizas soube logo separar o trigo do joio e só nos trouxe copia do que realmente encerrava merecimento para a nossa historia bellica, civil, administrativa e economica no decurso do attribulado periodo das lutas contra os invasores neerlandezes.

Em meio dos resultados fecundos desta extraordinaria recolta destaca-se, entretanto, a somma consideravel de ineditos desconhecidos que o operoso pesquizador arrancou ao pó do olvido sob o qual jaziam soterrados havia mais de dous seculos; a este numero pertencem os diarios ou roteiros das

varias expedições apparelhadas para o descobrimento de minas no interior da região conquistada, emprezas tentadas em Sergipe, na Parahyba, no Rio Grande do Norte e principalmente no Ceará.

E' da narração dum destes commettimentos, quiçá de todos o mais importante, que consta o M. S. cuja traducção ora offerecemos aos leitores; o *Diario da Expedição de Mathias Beck ao Ceará em 1649* encontrado, pelo Dr. José Hygino, no Archivo da Companhia das Indias Occidentaes, em Haya.

"A Companhia, refere o citado escriptor, sentindo escassearem-se-lhe as rendas, tentou, no ultimo periodo do Brasil hollandez, reparar as suas finanças, adquirir novos elementos de força por meio do ouro ou da prata extrahida das minas que firmemente acreditava existirem nos sertões das capitanias conquistadas.

A mais seria e prolongada tentativa deste genero foi a que se realisou no Ceará: começou em 1649 e só terminou com a ruina da colonia hollandeza. Foi chefe da expedição, organisada para a occupação definitiva do Ceará e exploração das suas minas, um habil aventureiro, Mathias Beck. Desembarcou na bahia do Mocuripe, fundou o forte Schoonenburch, entrou em relações com as tribus indigenas e deu começo aos trabalhos da exploração no monte Itarema, ligado ao de Maranguape, suppondo ter encontrado ahi as minas de prata que, segundo a tradição, já haviam sido descobertas por Martim Soares Moreno. Esperando de dia a dia encontrar o filão do cubiçado metal, perseverou no seo illusorio empenho até que o veio surprehender a noticia da rendição da praça do Recife" (*).

Infelizmente não chegou aos nossos dias a integra deste curioso *Diario*—"um dos melhores documentos para o estudo das relações dos hollandezes

(1) *Revista do Inst. Arch. e Geogr. Pern*, n.º 30, pag. 15.

com os selvagens"—conforme verificou o Dr. José Hygino; do M. S. original apenas restam dous fragmentos, comprehendendo o primeiro a resenha quotidiana dos factos occorridos desde 20 de Março de 1649, data em que a flotilha expedicionaria se fez de vela do Recife, até o dia 3 de Maio, e abrangendo o segundo o periodo de 23 de Julho a 9 de Setembro do mesmo.

Escripto em linguagem de baixo quilate e extremamente incorrecta, muito prolixo e diffuso, cheio de repetições e redundancias, a sua leitura é por vez fatigante; em compensação, porem, fornece um sem numero de informações detalhadas sobre todo o occorrido na epocha inicial da expedição, entre as quaes, ao par de algumas de interesse fortuito e ligadas á sua economia interna, muitas serão definitivamente aproveitadas para a elucidação da primitiva historia do Ceará, porquanto só agora apparecem pela primeira vez á luz da imprensa.

Uzamos dos maiores cuidados na traducção, afim de evitar falsas interpretações, a que facilmente poderia conduzir o desalinhavado do estylo, e procuramos manter sempre a mais rigorosa equivalencia entre os vocabulos desta e os do original; transcrevendo os nomes indigenas conservamos a orthographia do Auctor, mesmo quando nos pareceu pouco acceitavel, de preferencia a corrigil-a, pois, bem sabemos de quanto auxilio é, nas investigações etymologicas, o conhecimento das diversas e successivas formas por que, no decorrer do tempo, tem se escripto estas palavras.

Como complemento do presente *Diario* possue ainda o *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* a correspondencia de Mathias Beck com o Conselho Politico do Recife, a qual esperamos, com mais lazer, igualmente traduzir.

Alfredo de Carvalho.

Recife, 22 de Janeiro de 1903.

Diario da minha viagem ao *Siara* emprehendida, ao serviço da Patria e da Companhia das Indias Occidentaes, de accordo com a commissão e as instrucções dos Nobres e Poderosos Senhores, communicando-lhes todo o occorrido e realisado na mesma viagem.

DEPOIS de haver convenientemente feito, no *Recife*, a 18 de Março de 1649, as minhas despedidas á Assembléa dos Nobres e Poderosos Senhores (*haer Edele Mogende*) e recebido das mãos do Sr. Presidente todos os papeis necessarios a esta minha viagem e expedição ao *Siara*, só a 20 deste mez, sendo um sabbado, sahi, em nome de Deus, pelas oito horas da manhã do porto do *Recife* com os hyates e embarcações em seguida mencionados, porquanto o tempo e o vento não nos serviram mais cedo.

Hyate *Geele Sonne* (Sol Amarello) do capitão Miguel Block, aliás o *Manêta*, tripulado por . . .	25	marinheiros
Hyate *Synegael*, do capitão Francisco Pietersz, tripolado por .	17	"
Hyate *Vlissinge*, do capitão Samuel Samuelsz, tripulado por .	9	"

Barco *Capodello*, do capitão Gerardo Goosz, tripulado por . . .	6	marinheiros
Bote grande ou chalupa do quartel-mestre Gerardo Hendricksz, tripulado por	5	"
	62	

Nestes hyates e barcos embarcaram:

No *Geele Sonne* o commandante (*commandeur*) Coster com 50 soldados, e gente de trem e 10 peças (*negros*), 25, ao todo	75	homens
No *Synegael* o capitão Maes com os 75 soldados de sua companhia .	75	"
No *Vlissinge* os indios do *Siara* em numero de 41 homens e 19 mulheres, cujo capitão é Francisco Cayaba. Vae no mesmo hyate o velho Porampaba; ao todo. . . .	61	pessoas
No *Capodello* o alferes do commandante Coster com 24 soldados .	25	homens
	236	

A somma total, conforme consta da respectiva lista, é, pois, de . 298 pessoas.

E depois que saimos, como fica dito, pairamos em calmaria na barra, proximo ao *Recife*, até ás duas ou trez horas da tarde.

A 1 $^1/_2$ hora veiu á barra ter comnosco uma chalupa a remos afim de trazer-me, de ordem dos Nobres e Poderosos Senhores, algumas cartas para serem entregues no *Rio Grande*. Respondi, em duas ou trez regras, ao Sr. L'Hermite, que tinha recebido as cartas e que, com o favor de Deus, tudo seria devidamente entregue. Tendo refrescado o vento, pelas 3 horas da tarde proseguimos na nossa viagem. Ao anoutecer estavamos na altura de *Maria*

Farinha, e á noute encontramos o hyate *Wackende Boeije*. Ao romper do dia seguinte, 21 de Março, nos achamos diante do *Porto Francez*, e encontramos o hyate *Vos* que vinha da *Parahyba*. Com vento escasso velejamos todo o dia até cerca de 5 ½ da tarde e então lançamos ferro em frente ao rio *Parahyba*. Por volta das 6 horas entrei no rio com o *Vlissinge* e o *Capodello* afim de provel-os d'agua, bem como os nossos outros hyates, tendo para isto tomado alguns barris vasios ao nosso hyate *Geele Sonne*. Queixavam-se de lhes faltar agua potavel, porquanto a de que vinham abastecidos era tão salobra e salgada que mal servia para beber. Entrando no porto da *Parahyba* o *Vlissinge* bateu tres ou quatro vezes sobre um banco de areia; mas, graças a Deus, não soffreu avaria segundo a declaração do capitão.

A 22 a chalupa, a pedido de Francisco Pietersz, capitão do *Synegael*, entrou tambem no *Parahyba* levando alguns barris vasios para, pela mesma razão, enchêl-os d'agua melhor. Com as ditas tres embarcações nos demoramos o tempo preciso para fazer a aguada e para que se apromptasse o ministro Kempins afim de seguir commigo conforme a ordem dos Nobres e Poderosos Senhores.

A 23 saimos do *Parahyba* e dirigimo-nos para os hyates, levando comnosco alguns barris cheios d'agua, o ministro *(predicant)* Kempins com um seu creado, um indio mestre-escola e sua mulher, mais dous indios e um moço indio, uma negra com seu filho, os quaes passaram-se commigo para o hyate *Geele Sonne*. Este e o *Synegael* estavam debaixo de vela, porque durante a noite estivéra o mar muito picado, tendo o *Synegael* perdido um ferro e ao *Geele Sonne* por pouco acontece o mesmo; o que não succedeu porque, dando-se em tempo fé de que a amarra ameaçava romper-se, o nosso hyate fez de vela com o *Synegael* e assim conseguiu salvar a

sua ancora. Logo que chegamos a bordo, proseguimos na nossa viagem. Na chalupa, onde se achava a agua havida na *Parahyba* para o *Synegael*, deixei tambem um carro que ali recebi do commissario Marschalk, o qual foi comprado por 75 florins da Hollanda, como consta do recibo passado ao dito Marschalk e nesta data avisei para o *Recife* ao Sr. Haecks; recebi tambem do mesmo commissario uma canôa para o hyate *Vlissinge*.

Durante a noite tivemos mau tempo, de sorte que a verga da chalupa fez-se em pedaços e o *Vlissinge* abriu agua. Ao amanhecer do dia 24 achamo-nos diante da barra de *Cunhaú*; a chalupa, depois de reparada, veiu ter comnosco e foi rebocada pelo *Geele Sonne*. Por volta de 2 $^1/_2$ da tarde ancoramos atraz da *Ponta Negra*. Vindo junto a nós o *Vlissinge*, achamos conveniente envial-o sem demora para o porto do *Forte Seulen*, no *Rio Grande*, afim de, com toda a urgencia, ser tomada a dita veia d'agua e reparado de modo a, quanto antes, poder fazer-se ao mar comnosco para seguirmos a nossa viagem. Para este fim lhe foi fornecido mais um carpinteiro do *Geele Sonne* e enviei o capitão Miguel Block, aliás o *Manêta*, para tudo fiscalisar e apressar a execução das obras bem como mandar cortar uma grande verga nova para a chalupa.

A pedido do commandante Coster, que desejava visitar o commandante Deuninger no *Forte Ceulen*, tambem o deixei ir. Acompanharam-me na viagem para o mesmo Forte, por terra, o engenheiro e o ministro Kempins, sendo de tres leguas a distancia a percorrer; ao anoutecer chegamos ao Forte e já encontramos surto no porto o *Vlissinge*, que fôra descarregado afim de tomar-se-lhe a veia d'agua.

No dia 25, depois de ajudar o capitão do *Vlissinge* a prover-se do que era necessario para reparo do seu navio; de escrever uma carta aos Nobres e Poderosos Senhores dando noticia de havermos aqui

chegado; de entregar ao commissario van Ham a commissão que lhe fôra passada pelos mesmos Senhores para acompanhar-me ao *Siara* e as cartas que me foram recommendadas por parte delles; de conversar com João de Albuquerque acêrca da situação das minas, que iam ser procuradas no *Siara* e obter delle, a este respeito, algumas informações particulares por escripto, voltei por terra á *Ponta Negra* e passei-me para bordo do *Geele Sonne* deixando ficar no *Forte Ceulen* o commandante Coster e o commissario Henrique van Ham afim de seguirem no *Vlissinge*, logo que este ficasse prompto, pois o commandante Coster, em razão de estar um pouco indisposto, não pôde acompanhar-me por terra. Recommendei-lhe que tratasse de activar os reparos do *Vlissinge*, para que se não perdesse tempo no proseguimento da nossa viagem, o que S. S. prometteu fazer.

A 26 continuamos tranquillamente ancorados atraz da *Ponta Negra* á espera que o *Vlissinge* podêsse sair ao mar para proseguirmos na nossa viagem. Fiz vir a bordo do nosso hyate *Geele Sonne* os capitães e, com a audiencia delles, organisou-se o seguinte codigo de signaes, entregando uma copia a cada capitão para por elle regular-se no curso da nossa viagem. (Segue-se o codigo de signaes).

No mesmo dia recebi cartas, enviadas, pelo commandante Coster e pelo commissario van Ham, por um indio que veio por terra do *Forte Ceulen*. Communicaram-me que o *Vlissinge* se acha em tal estado que a 27 do corrente, que é amanhã, ainda não poderá ficar prompto e si eu tivésse alguma cousa a ordenar que o fizesse pelo portador da carta, cuja data é de 26 deste. Nesta mesma data respondi, em breves termos, que, sendo tal o estado do *Vlissinge*, vigiassem de modo que o mesmo fosse convenientemente reparado e ficasse prompto quanto antes e sem perda inutil de tempo, simultaneamente pedi e

recommendei bem como escrevi ao commandante Deuninger, que do commissario d'ali houvessem alguns barris vasios para serem trazidos, cheios d'agua, pelo *Vlissinge* para o nosso uso, portanto a agua que tomamos na *Parahyba* está quasi esgotada e a do *Recife* se acha tão salobra que se não pode beber, sendo para receiar que por esta cauza venha a gente a adoecer e impossivel fazermos aguada aqui em terra. Estou pois esperando os ditos barris pelo *Vlissinge* e desejando que a agua venha o mais cêdo possivel.

A 27 recebi uma carta que me foi dirigida, nesta data, do *Forte Ceulen*, pelo commandante Deuninger e H. van Ham; foi portador desta carta o escoltêto João Hoeck, a quem fiz transportar de terra para bordo do *Geele Sonne* no nosso bote. A referida carta estava concebida nos seguintes termos:

"Veneravel, sabio e prudentissimo Senhor! Não podemos deixar de communicar a V. S. o triste estado em que se acha o capitão Coster, visto como está louco: á noute tirou a camisa e os calções na rua e deitou-se nú no chão, e assim conservou-se até que, sendo visto pelo guarda, fizemol-o trazer para nossa casa por dous soldados e guardal-o. Não se achando elle frequentemente em estado de auxiliar a expedição, queira V. S. providenciar acêrca do que se fará a seu respeito. Esperamos prompta resposta.—*Forte Ceulen*, 27 de Março de 1649. *J. Deuninger, H. van Ham.*"

Tendo recebido a referida carta e ouvido o que mais larga e circumstanciadamente me disse o escoltêto J. Hoeck, narrando que elle estava como um doudo furioso e devia necessariamente ser guardado por officiaes, para que não fizésse mal a si ou a outrem, e mais outras circumstancias que seria longo mencionar aqui, das quaes inferi achar-se elle incapaz de seguir viagem comnosco para o *Siara*, resolvi reunir, a bordo do *Geele Sonne*, o conselho

de guerra e os principaes officiaes, assim da marinha como da milicia, á margem apontados (Presidente Mathias Beck, capitão J. Maes, tenente van Coster, capitão M. Block, capitão F. Pietersz e preposto H. Herzeel) para consultal-os e com elles deliberar sobre o que, de mais util, necessario e exequivel convinha fazer. Achando-se elles reunidos, participei-lhes a triste nova do miseravel estado do commandante Coster, e á vista proposição e representação que lhes fiz concordou-se e resolveu-se e unanimemente que o melhor e mais prompto remedio era abrir-se a segunda via para o caso de fallecimento com relação á pessoa do commandante Coster, que lhes informei ter entre os meus papeis por me haver sido dada pelos Nobres e Poderosos Senhores; aberta a mesma verificou-se que, por morte do commandante Coster, devia substituil-o o capitão Maes e que por conseguinte era este a pessoa immediata para assumir o mando da milicia, no mesmo caracter de que se achava revestido o dito commandante Coster. E sendo representado a todos os outros officiaes superiores, assim tenentes como alferes (aos quaes tambem convidei para esta reunião) o que fica referido e a obrigação de reconhecerem em nome e por parte dos Nobres e Poderosos Senhores na pessoa do dito capitão Jacob Maes o successor do commandante Coster, e nessa qualidade observarem e executarem em tudo as suas ordens, como cumpria, elles prometteram que o fariam fielmente; e assim o capitão Maes, com cortezia e satisfação, acceitou e recebeo o commando promettendo tambem haver-se de modo a satisfazer e contentar os Nobres e Poderosos Senhores.

Communiquei esta resolução aos Nobres e Poderosos Senhores, conforme consta do meu livro de minutas ou copias de cartas, enviei a carta original para o *Forte Ceulen*, ao commandante Deuninger, pelo escoltêto J. Hoeck, pedindo-lhe que tivés-

se a bondade de remettel-a ao seu destino na primeira opportunidade, bem como que ambos escrevessem aos mesmos Senhores a respeito desta contrariedade e da triste situação do commandante Coster. Igualmente lhes pedi e recommendei que tivéssem o cuidado de remetter o enfermo, no primeiro ensejo, á sua mulher no *Recife*, esperando em que o Senhor Deus faça a graça de restituir-lhe a razão para salvação sua e protecção de sua mulher e filhos. Pelo barco *Capodello* remetti os seus objectos para o *Forte Ceulen* afim de serem entregues ao commandante Deuninger, e no mesmo barco seguiu o capitão do *Geele Sonne*, M. Block, aliás o Manêta, para apressar o concerto do *Vlissinge*, de modo que, si fôr possivel, amanhã prosigamos na nossa viagem. Como o capitão *des armes* do commandante Maes está soffrendo de diarrhéa, tambem o mandei para o *Forte Ceulen* a pedido do mesmo commandante.

Os soldados do navio viéram todos ter commigo, queixando-se de que a agua obtida na *Parahyba* estava quasi esgotada, pelo que tinham de servir-se d'agua salobra que o capitão trouxe do *Recife* a qual diziam não ser potavel, que se lhes permittisse ir á terra para cavar um poço onde esperavam haver melhor agua. Consenti que um sargento, seis ou sete soldados e alguns marinheiros fossem á terra, levando barris vasios, a ver se poderiam obter melhor agua pelo meio que propunham.

Na manhã do dia 28 voltaram para bordo o sargento, os soldados e os marinheiros com dous barris cheios d'agua. Tinham-nos enchido com grande trabalho á noute cavando um poço; a agua era soffrivel. Nova gente foi á terra para o mesmo fim, e obteve mais ou menos agua, não bastante para nossa viagem.

Pelas 4 horas da madrugada do dia 29 recebi uma carta, com data de 28 deste, que me foi remettida do *Forte Ceulen* por M. Block, aliás o *Manêta*

e pelo commissario Henrique van Ham; avisaram-me que, tendo sido concertado e posto n'agua o *Vlissinge*, verificaram ser preciso, durante cada relogio, dar á bomba mais de 12 vezes, porquanto o hyate fazia agora mais agoa e estava peior do que d'antes, e portanto era mister que eu fosse pessoalmente para ali afim de providenciar, conjecturando elles que ainda poderiam decorrer uns quatros dias até ficar o hyate inteiramente reparado.

Recebida esta carta fiz immediatamente vir ter commigo a bordo do *Geele Sonne* o commandante Maes e o capitão do *Synegael* Francisco Pietersz, aos quaes communiquei o conteúdo da dita carta; em seguida pedi-lhes o seu parecer perguntando-lhes si não seria melhor, em vez de esperarmos ainda quatro dias pelo *Vlissinge*, seguir eu para lá afim de providenciar de modo a ser o referido hyate quanto antes concertado, feito o que deveria seguir por dentro dos recifes, emquanto nós, com o *Geele Sonne*, *Synegael*, o *Capodello* e a chalupa, proseguiamos na nossa viagem para não perdermos as bellas e claras noutes de luar, sendo para este fim provida a chalupa duma verga nova em substituição á que perdêra com a borrasca, tirando-se do *Vlissinge*, por meio da dita chalupa, o que fôsse necessario e alguns dos indios principaes, de modo a amanhã, querendo Deus, podermos continuar na nossa rota. Este alvitre foi bem acceito por elles, sustentando ser o mais expedito e o melhor remedio para adiantamento da viagem. Em consequencia, por volta das 5 horas da manhã, parti da *Ponta Negra*, para o Forte *Ceulen* em companhia do ministro Kempins, ali chegados, persuadi, persuadi, por intermedio do mesmo ministro Kempins, a uns 24 dos principaes indios a separarem-se dos demais e passarem-se do *Vlissinge* para o *Geele Sonne*, *Synegael* e *Capodello*, afim de seguirem commosco adiante, providenciei sobre tudo o mais de modo a que, como ficou dito, podessemos

adiantar-nos com as referidas embarcações. O commandante Deuninger e o escoltêto J. Hoeck activariam os reparos do *Vlissinge*, com os indios, em numero de 63, afóra os que foram repartidos pelas outras embarcações e os que no *Rio Grande* se lhes juntassem. Communiquei esta minha resolução aos Nobres e Poderosos Senhores, e entreguei a carta original ao commandante Deuninger para, na primeira opportunidade, remettel-a aos mesmos Senhores. No entretanto chegou ao porto do Forte *Ceulen* a chalupa vinda por minha ordem, e fil-a prover de alguns barris d'agua. Ordenei ao commissario Henrique van Ham que, no dia seguinte cêdo pela manhã, fizésse de vela no barco *Capodello*, levando a sua bagagem; combinamos igualmente que, assim que déssemos fé della, barra afóra, por-nos-iamos tambem ao mar e ali o tomariamos, bem como a agua e o mais.

Estando tudo assim ordenado e resolvido, veiu ter commigo o capitão do *Vlissinge*, Samuel Samuelsz, para pedir-me que esperasse por elle até ao meia-dia, porquanto fôra encontrada a veia d'agua do dito hyate e até o dia seguinte aquella hora elle faria com que o mesmo estivésse prompto para navegar; respondi-lhe que assaz extranhava que apoz tantos dias decorridos em atrazo da nossa viagem, só agora houvésse atinado com a veia d'agua, e que a minha resolução estava tomada; todavia, si o seu hyate ficasse prompto amanhã até ao meio-dia, consentia em esperal-o no mar, o que prometteu fazer. Terminada esta conferencia, regressei a noute, com o luar, para *Ponta Negra*, acompanhado do ministro Kempins e do capitão Miguel Block, e ali chegando, depois de meia-noite, passei-me para bordo do *Geele Sonne* para, pela manhã cedo, fazermo-nos de vela, com o favor de Deus do modo que fica dito.

Por volta das 10 horas da manhã do dia 30, estando o tempo muito nublado, divulgamos no mar o

barco *Capodello* e a chalupa; sem demora içamos as ancoras e aproamos para elles.

Pelas 2 da tarde os alcançamos e tomamos a bordo o commissario van Ham e sua mulher; não vimos, porem, ainda o *Vlissinge* e, como o vento fôsse léste, não ouzamos permanecer em frente á barra com receio de descahirmos tão baixo que depois não podéssemos montar os recifes. Amaramo-nos, pois, deixando na chalupa a agua que nos trazia, porquanto a força do vento não nos permittiu tomal-a, bem como a bagagem do commissario van Ham, que nella vinha. Velejamos toda esta noute com tempo e vento variaveis, sendo a chalupa rebocada pelo *Geele Sonne*.

A 31, cêdo pela manhã, avistamos a barlavento o *Vlissinge*; vinha direito a nós e, chamando-o á falla, pedimos-lhe novas da sua veia d'agua; responderam-nos que tudo ia bem com o que muito folgamos. Ao meio-dia, estando na altura de 4º 50', seguimos o nosso curso, fazendo-nos mais á terra do que durante a noute. Como houvésse chuvido durante toda a noute passada, pedi ao preposto que, a rogo dos soldados e mais gente, lhes fornecêsse um quartilho de aguardente, descontando-se-lhes o mesmo na ração.

A 1.º de Abril, pelo quarto d'alva, achando os pilotos fundo em 10 braças, amarramo-nos, outra vez um pouco; ao amanhecer lobrigamos, a bombordo, terra alta e montanhosa, e por volta de 10 horas, segundo calcúlo, passamos por *Ipanemú*. Ao meio-dia a altura era de 4º 30'; calculou-se que ao anoutecer haviamos passado o rio de *Jagoaribe*. Todas estas 24 horas tivemos bom tempo, graças a Deus. A's 7 horas da noute lançamos ferro diante de *Paripueira*, com receio de que, estando o vento fresco, passassemos alem do *Siara*. Nesta noite, tanto o *Vlissinge* como o *Sinegael*, perderam ancoras, conforme de passagem nos disseram a 2 deste.

A 2, no quarto d'alva, levantamos os ferros, e velejamos todo o dia ao longo da costa até fundearmos em frente á bahia de *Igoá*; mandei que o *Vlissinge*, o barco *Capodello* e a chalupa entrassem na bahia afim de surgirem mais convenientemente.

Ao romper do dia 3 levantamos ancoras e velejamos a meio panno á espera das embarcações pequenas. Por volta do meio-dia chegamos todos á bahia de *Mucuriba* que, segundo fui informado, é o sitio mais proximo e capaz para ancoradouro dos nossos hyates: dista do *Siara* obra de trez leguas. Depois de surtos e em presença e com o consenso de todos os officiaes, assim militares como maritimos, resolvemos mandar á terra, para predispor os naturaes a nosso favor, alguns dos indios que vieram comnosco e são d'aqui *(alhier t'huis hooren)*, a saber o capitão Francisco Cayaba, a quem dei uma carta de perdão, que me foi entregue pelos Nobres e Poderosos Senhores, para apresental-a aos seus amigos, sendo enviado, pelo ministro Kempins, afim de ler e interpretar a carta, o indio mestre-escola João Gonçalves, que sabe ler, e mais estes quatro indios: o sargento Pedro Nhahangá, cabo Miguel Pindoba, Christovão Parunpaba (?) e Gaspar Taschira; para testemunhar as bôas vindas aos seus amigos, deilhes 4 lbs. de biscouto branco e 4 pucaros de vinho; prometteram regressar, querendo Deus, quando muito amanhã com os principaes chefes dos indios destas vizinhanças, dos quaes esperamos colher informações sobre o melhor modo de conduzir a missão que motivou esta viagem; ao transportar á terra os referidos indios, o bote do *Geele Sonne* foi lançado á praia pela forte arrebentação, depois dos indios já terem desembarcado e se internado, pelo que tivemos que deixar ficar a ancora do bote.

Mandei dar ao capitão do *Synegael* a ancora de arremesso *(werf-anker)* do *Geele Sonne* e fiz passar para o *Vlissinge* uma outra ancora de sobresalente

do *Synegael*. Ao amanhecer do dia 4 divulgamos gente na praia e, presumindo que fôssem os indios hontem enviados á terra, mandei a ella os botes do *Synegael* e do *Geele Sonne* e o escrivão dos indios de Pernambuco Daniel Maert, assaz versado na lingua brasilica. Chegando á terra verificaram ser os indios hontem enviados e que os acompanhava um dos principaes dos seus, aqui do *Siara*, chamado Francisco Arágiba, com alguns dos seus sequazes, todos os quaes viéram no bote ter commigo a bordo do *Geele Sonne*, onde, com toda possivel amabilidade, cortezia e amizade, lhes dei as bôas vindas, e conduzindo á camara o referido principal, fil-o interrogar pelo ministro Kempins sobre todas as particularidades e circumstancias, mui longas para aqui referir, e informei-o, pelo mesmo Kempins, a respeito da nossa vinda e causa desta, segundo as instrucções recebidas dos Nobres e Poderosos Senhores; mostrando elle a tudo bôa cara e contentamento, concedi-lhe uma das cartas de perdão á vista da sua favoravel disposição para comnosco; depois de o termos bem instruido sobre o que devia fazer e estando enjôado pelo balanço do navio, fil-o de novo conduzir com o seu sequito no bote, para terra; ao afastar-se de bordo o honramos com tres tiros de canhão. Segundo o seu dizer ainda dous principaes dos indios, Amunyu-pitanga e Caraya, aos quaes enviou mensajeiros, virão hoje ou amanhã dar-nos as boas vindas. Na conferencia com o principal Francisco Aragiba, entre outras couzas, fiz-lhe ver que traziamos comnosco os seus amigos, os indios do *Recife* e do *Rio Grande*, por ordem de seus amos os Nobres e Poderosos Senhores, afim de irem á terra visital-os; pediu-me, em consequencia, que a todos mandasse desembarcar para que fossem visitar os seus amigos e com elles tranquillamente habitar. Com todas as precedentes insinuações que, por intermedio do ministro Kempins, lhes fiz

em abundancia, demonstrei-lhes as nossas boas intenções para com elles, e assegurei-lhes muito especialmente que vinhamos levantar uma consideravel fortificação para defendel-os dos portuguezes, bem como contra todos aquelles que, a elles ou a nós fizéssem algum damno ou gravame, e que tambem procurariamos protejel-os contra os assaltos dos tapuyas que até agora lhes tinham feito guerra. Respondeu-me, entre outras couzas, que todos elles estavam muito satisfeitos com a nossa vinda, porquanto esperavam que de futuro não teriam a soffrer mais guerra ou damno dos tapuyas que, de quando em vez, tinham vindo matar gente do seu povo e devastar as suas roças e plantações privando-os assim de alimento; mas, que agora lhes tinham feito saber da nossa vinda e não mais receiavam ouzassem vir acommetel-os.

Pelas 3 horas da tarde pareceu-me de bom aviso, assim para commodidade nossa como tambem para contentamento dos indios, tanto dos que haviamos trazido do *Recife* como dos do *Rio Grande*, acceder ao desejo que manifestavam de ir ter com os seus amigos e mandar desembarcal-os; em consequencia deliberei licencial-os todos e envial-os á terra na chalupa, e tendo dado a cada um $^1/_2$ lb. de pão de ração e dous pucaros de aguardente para todos, pela ultima vez, mostraram grande contentamento e alegria, e navegaram para terra e foram ter ás aldeias dos seus amigos.

Depois de como fica dito, haver colhido bôas informações sobre toda a situação do paiz, chamei junto a mim, no *Gecle Sonne*, ao commandante Maes e ao capitão Francisco Pietersz, do hyate *Synegael*, e com o seu assentimento e approvação resolvi e ordenei que, tanto aos officiaes como aos soldados, fossem dadas rações para meia semana afim de, em nome de Deus, amanhã cêdo serem todos desembarcados; neste intuito dei ao commandante

Maes todas as ordens necessarias para que todos fossem transportados á terra na devida forma, e mandei recommendar a todos, sob pena corporal, que não fizéssem aos indios, assim homens como mulheres, nem ás suas plantações ou roças, o menor damno ou gravame ou desgosto, e assegurar-lhes que aquelles que violassem semelhante ordem e commettessem qualquer damno ou violencia, seriam exemplarmente castigados.

Ao amanhecer do dia 5 regressou a chalupa que, na vespera, levára á terra os indios; enviei então o capitão do hyate *Vlissinge* para sondar e verificar si, nos arredores do sitio onde tinham sido desembarcados os indios, que era atraz dum recife, não se poderia fazer fundear o *Vlissinge* com o barco *Capodello* e a chalupa de sórte que os soldados fossem transportados juntos nestas embarcações para, quando surtas, dellas serem levados á terra nos botes. Apresentando-me o referido capitão do *Vlissinge* parecer favoravel a respeito e dizendo-me que, quando estivéra em terra os indios communicaram-lhe que os outros chefes principaes dos indios d'ali vinham em caminho desejosos de nos vêr, resolvi metter-me com toda gente nas referidas embarcações, levando os viveres e munições de guerra que, á primeira vista, me pareceram necessarios, e por volta do meio dia nos embarcamos todos. Chegados, pelas 2 horas, atraz do mencionado recife ali lançamos ferro; ordenei então que os botes desembarcassem em primeiro logar a companhia do commandante Maes, que vinha na chalupa com toda a sua gente; ao aterrarem, os dous primeiros botes foram virados pela força da ressaca, cahindo n'agua toda a gente que nelles ia bem como o commandante Maes; as armas e tudo o mais ficou molhado; dous soldados, que permaneceram longo tempo debaixo dum dos botes emborcados, foram levados para terra como mortos; o mais da gente

e armas foi salva com o auxilio dos indios chegando á terra sem damno; mesmo as armas cahidas no mar foram procuradas e pescadas pelos indios, de sorte que nenhuma perda tivemos a lamentar.

O procedimento destes indios, correndo a soccorrer-nos, veiu fazer-me crêr ainda mais que a nossa vinda lhes é agradavel; como quando os dous referidos botes seguiram para terra fosse maré-cheia e estivésse o mar muito cavado e com grandes ondas, ordenei que não aterrasse mais ninguem emquanto não baixasse inteiramente a maré, e enviei á terra um pouco de aguardente para restaurar os dous soldados, que estavam como mortos. Com a maré baixa o mais da gente foi levada á terra, indo eu tambem com o ministro Kempnis; ao chegarmos á praia, os principaes dos indios, acompanhados de muitos dos seus, viéram ao nosso encontro dar-nos as boas vindas, dizendo que agradeciam a Deus fossemos chegados, pois desde muito nos esperavam com grande anciedade, havendo já resolvido, caso nos demorassemos ainda mais tempo, enviar alguns dos seus a *Pernambuco* afim de novamente solicitar dos Nobres e Poderosos Senhores prompto soccorro e assistencia; entre todos mostrava-se mais particularmente satisfeito um dos seus principaes de nome Amanijú-pitanga, o qual tem maior numero de gente sob as suas ordens, pelo facto de havermos trazido o seu irmão Christovão Potty e outros indios do *Recife* e *Rio Grande*, assim assegurando-os da nossa bôa disposição e conquistando a alliança e amizade delles para comnosco. Folgaram igualmente muito por lhes constar que traziamos alguma ferramenta e alguns ferreiros, dos quaes esperavam ser ajudados na conservação e augmento das suas roças e plantações, das quaes me offereceram para refresco algumas melancias (*water-meloen*); queixaram-se de que, por falta de ferramentas, não haviam podido augmentar, como deviam, as suas plantações, com-

tudo tinham-nas em quantidade sufficiente para supprir ás suas necessidadas de farinha; mostraram-se igualmente muito alegres com a vinda do ministro Kempins, porquanto tinham muitas creanças para baptisar e adultos para casar, que até agora viviam e habitavam juntos illegitimamente por falta de ministro para os casar; até o presente tem vindo ter commigo apenas dous dos seus principaes, a saber Amanijú-pitanga e Francisco Aragiba, que hontem esteve a bordo do *Geele Sonne*; resta ainda apresentar-se-nos Francisco Caraya, cuja mulher raptada pelos tapuyas trouxemos do *Recife*; dizem os primeiros que este Caraya ainda não veiu por estar doente, mas, creio haver comprehendido que entre elles e este ultimo existe certa rivalidade ou desgosto, porquanto dizem que Caraya não mantem seriedade nas suas relações para com elles e vive em sitio e habitação separada com pouca gente; queixaram-se tambem de que os tapuyas são hostis ao mesmo Caraya, já lhes tendo de novo dado aviso de que breve viriam sobre elles afim de destruir as suas roças e plantações, matal-os e aprisional-os, de cujo receio e perigo esperavam, com a nossa vinda, ficar livres, pelo que se mostravam muito alegres; todas as anteriores informaçõos e queixas me foram transmittidas pelo ministro Kempins, e entre os indios percebi grandes manifestações de alegria e contentamento.

No dia 6 desembarcaram os soldades restantes e o commandante Maes pôz em bôa ordem as duas companhias; occupados com obter informações dos indios, não podemos ainda hontem, como nos cumpria, escolher um sitio onde mais convenientemente assentassemos os nossos quarteis, passamos a noute acampados na praia e só hoje pela manhã foi achado um logar capaz. Depois do commandante Maes haver renovado, tanto aos officiaes como aos soldados, as minhas recommendações de se absterem

de fazer aos indios qualquer damno ou gravame, marchamos em boa ordem, em duas divisões com as bandeiras despregadas, para o referido sitio que é sobre um outeiro chamado *Marujaitiba*, ao sopé do qual corre um bello rio d'agua doce; é para lamentar não havermos encontrado logar mais proprio para aqui erguer a nossa fortificação, salvo si, depois de attenta inspecção, podermos verificar que nas proximidades do sitio onde existio o velho forte se encontre um ponto melhor e mais capaz para as embarcações do que aqui. Conforme até agora me tenho podido informar é aqui o melhor porto e situação para nos estabelecermos; todavia deliberei ir sem tardança ao velho forte com o commandante Maes e uma escolta de 40 soldados, acompanhando-nos o piloto Reynier Pausselsen, Samuel Samuelsz, capitão do hyate *Vlissinge*, bem como o commissario van Ham, que outr'ora ali foi commandante, para attentamente observarmos a capacidada do porto e a situação do antigo forte, indo comnosco para este fim o engenheiro Ricardo Caar; depois de termos marchado ao longo da praia cerca de duas legoas ali chegamos e verificamos primeiramente ser a entrada do porto muito perigosa para nelle penetrar qualquer embarcação e ainda mais perigosa para delle sahir e achar-se a velha fortificação, situada sobre um outeiro, a tal distancia do rio que a sua guarnição poderia ser facilmente privada d'agua; tendo proseguido com as nossas pesquizas em outras direcções não conseguimos encontrar nenhum sitio mais proprio e melhor do que aquelle em que temos assentado o nosso quartel, assim por ter proximo um rio d'agua fresca e doce, que do monte ou fortificação pode ser defendido, como por estar contiguo á praia defronte do porto onde estão surtos o hyate *Vlissinge* e o barco *Capodello*, de modo a podermos facilmente receber por mar os nossos viveres e munições, as quaes,

entretanto, não podem ser desembarcadas com segurança senão com tempo calmo e na baixa-mar; navios grandes ou hyates de muito calado não podem surgir dentro deste porto, mas devem dar fundo á distancia duma bôa legua d'aqui, á nossa vista, no sitio onde estão ancorados os nossos dous hyates *Geele Sonne* e *Synegael* o qual é uma bahia assaz commoda chamada *Mucuriba*, com capacidade para grandes navios fundearem e offerecendo facilidade para os séus carregamentos serem transportados para aqui em pequenas embarcações ou botes sempre que houver necessidade.

Não tendo deparado com sitio algum mais proprio e melhor, resolvi mandar construir aqui, com toda a brevidade possivel, a nossa fortificação; tendo a chalupa perdido, a noute passada o mastro, partido em tres pedaços pelo balouço, e achando-se os botes em consequencia de terem virado ao desembarcar a gente em muito mau estado, e sendo alem disso velhos e avariados, providenciei para que os carpinteiros, já occupados em reparal-os, não percam tempo em pôl-os em estado de servir afim de irem buscar aos hyates os materiaes necessarios á construcção do forte e os viveres para as rações dos soldados e mais gente.

Nas vizinhanças do velho forte do *Siara* encontramos algumas habitações de indios e uma pequena plantação de mandioca ou raizes de que fazem farinha, batatas, feijões e milho; junto ao forte ainda uma peça de ferro e um pequeno pedreiro, e ali encontramos tambem o outro principal dos indios, anteriormente mencionado, chamado Francisco Caraya, que estava em casa dum dos seus filhos; por intermedio do ministro Kempins, que se achava a meu lado, disse ter vindo da sua hibitação para darme as bôas vindas; como, entre outras couzas, lhe referissimos ter trazido a sua mulher, a quem os Nobres e Poderosos Senhores, por amor delle, haviam

feito muitas honras e favores, respondeu que já disto fora informado e tinha conhecimento, mas que não queria reconhel-a mais por sua mulher, agradecendo, todavia, aos Nobres e Poderosos Senhores as honras que, por amor delle, lhe haviam prestado, comquanto a mesma mulher dellas não fosse digna; pediu-me ainda que, pela primeira embarcação, a fizésse regressar, pois, si nella voltasse a por os olhos séria para matal-a; parece, porem, que os amigos de sua mulher tiveram noticia desta sua intenção, porquanto prometteram guardal-a até terem-no disposto a acolhêl-a de novo; depois de, ainda por algum tempo, termos conversado com o referido Francisco Caraya, expondo-lhe a cauza da nossa vinda e a intenção de construirmos uma fortificação para defeza dos seus, o que tudo ouvio com demonstrações de contentamento e alegria, nos despedimos, promettendo elle vir visitar-me dentro de dous dias.

Por minha ordem o capitão do *Synegael* Francisco Pietersz enviou um grande joanete para fazer-se o mastro da chalupa e determinei ao mestre-carpinteiro que com toda presteza apromptasse o dito mastro, porquanto haviamos urgente necessidade da chalupa para desembarcar as mercadorias dos hyates grandes.

A 7 mandei abrir um caminho e construir uma ponte sobre o rio, afim de què, quando as mercadorias dos hyates forem desembarcadas e postas em terra, sejam transportadas de modo conveniente para cima do monte onde temos os nossos quarteis e armazens e será levantado o forte.

Um dos principaes dos indios, de nome Amanijú-pitanga, veiu ter commigo, acompanhado dos seus conselheiros *(raeden)* queixando-se que os tapuyas, residentes não longe das suas habitações, vinham de imprevisto saquear as suas roças, não obstante fingirem-se de seus amigos; disse chama-

rem-se os mesmos tapuyas Assanassessassú ; pediu-me outrosim que os ajudasse, com alguma gente e armas, bem como munições de guerra, a expulsar tão incommodos vizinhos ou que lhe désse uma ancora de aguardente para levar á sua aldeia aonde, sob apparencias de amizade, convidariam os mesmos tapuyas e, quando estivessem todos embriagados, aproveitariam do ensejo para matal-os todos e assim livrarem-se dos constantes vexames que lhes causavam; fiz-lhe cortezmente responder que eramos christãos, tendo trazido um ministro para, na sua lingua, dar-lhes a conhecer o nosso modo de vida, acções, trato e proceder, instruil-os, a elles e a seus filhos, na santa palavra de Deus e na doutrina christã, a qual ensinar-lhe-ia que, sob a capa de amisade, não se podia offender ou matar ninguem, e que o melhor remedio e conselho que podia offerecer-lhe era que elles primeiro se esforçassem por captar a amizade dos principaes ou chefes dos tapuyas e os trouxessem junto a mim, pois confiava obter delles garantias de amizade e conseguir que uns e outros ficassem morando em paz como bons visinhos e leaes amigos, sem nunca mais se molestarem, e depois de haver empregado sem fructo todos os meios brandos para alcançar a paz e concordia, então, apoz ter lealmente advertido o inimigo como de uzo entre nós, seria tempo de recorrer ás armas para defeza contra qualquer damno ou hostilidade e nos encontrariam promptos e dispostos a ajudal-os e soccorrel-os de modo tal que do nosso proceder teriam grande satisfação; retorquiram acceitando o parecer de trazer-nos os principaes chefes dos tapuyas afim de que nós os movessemos a viver com elles em paz e amizade, bem como comnosco, e, como estou informado de que os tapuyas d'aqui das visinhanças nos são bem dispostos e os seus chefes pretendem vir dar-nos as bôas vindas, espero vir a arranjar tudo bem e a contento das partes.

Ordenei que o hyate *Vlissinge* fôsse descarregando com o bote do *Geele Sonne*, e as mercadorias foram trazidas em bôa ordem pelo novo caminho para cima do outeiro onde temos os nossos quarteis e collocados debaixo duma barraca de lona, que para isto foi levantada, servindo provisoriamente de armazem e alojamento para mim e o commissario até que seja construido um armazem melhor e mais capaz.

No dia 8 bem cêdo pela manhã, mandei o *Vlissinge* com o preposto Hesseel, a receber do *Geele Sonne* e do *Synegael* todos os instrumentos ou ferramentas do trem e tudo o mais de que primeiramente aqui em terra carecêmos, bem como o carregamento das mercadorias emballadas para os indios que, em numero de mais de 600, estão esperando na praia, em companhia dos seus principaes, por uma recompensa ou presente, porquanto, ao chegar, fiz saber aos principaes como os Nobres e Poderosos Senhores me haviam entregue alguns presentes para offerecer-lhes em signal de bôa alliança e amisade e pelos quaes, conforme tenho podido verificar, elles estão esperando; em consequencia ordenei, como fica dito, que as mesmas mercadorias fossem trazidas á terra para despachal-os afim de que possam regressar ás suas aldeias em companhia do ministro Kempins, que irá com elles para instruil-os, baptisar aquelles de seus filhos que ainda estivéram pagãos, casar os que viverem juntos illegitimamente, esforçar-se por imprimir entre elles bôa ordem e disciplina christã, pregar-lhes em sua lingua a santa palavra de Deus e fazer tudo para o que foi enviado pelos Nobres e Poderosos Senhores e em que consiste o seu dever e missão.

Ao amanhecer do dia 9, depois que chegaram á terra as ferramentas, machados e foices, o commandante Maes mandou duas esquadras de soldados *(corporalsehappen)* roçar e limpar o terreno no sitio

em que deve ser levantada a fortificação, afim de que o engenheiro possa devidamente traçar o respectivo risco; ordenei ao mesmo tempo a construcção dum armazem para recolher as mercadorias de que temos mais necessidade aqui em terra, porquanto a barraca para este fim levantada, por ser feita com uma vela velha e remendada, foi achada incapaz de abrigal-as da chuva; as mercadorias emballadas foram esta manhã retiradas de bordo do *Vlissinge* e dos grandes hyates, e quasi metade dellas foi distribuida aos principaes dos indios constando de aguardente e viveres, de accordo com a lista e ordenança a este respeito passada ao preposto Heseel, cuja copia se acha em meu poder; e depois que tudo, conforme o meu juizo, bem e liberalmente distribui a cada um dos principaes dos indios, segundo as instrucções para este fim recebidas dos Nobres e Poderosos Senhores, julguei de bom aviso guardar um pouco de provisão para os principaes dos tapuyas e outros indios visinhos cuja amisade talvez nos venha a ser tão necessaria como a destes; todavia um dos principaes dos indios, de nome João Amanijú-pitanga, que mais gente tem sob as suas ordens e o melhor presente teve, portou-se ingratamente desprezando o presente e dizendo, entre outras couzas, que o Supremo Governo havia promettido para cada principal d'entre elles um fino vestido vermelho ou escarlate bordado a ouro ou prata, e, como para mostrar-nos que tinham melhores vestidos do que os que lhes haviamos trazido, fez vir á minha presença um dos seus filhos trajando um fino gibão de vermelho escarlate acairelado de prata e com botões do mesmo metal; alem disso, tanto por escripto como verbalmente, fez-me saber que sendo os vestidos para elle e os principaes da sua gente o numero delles constante do presente não bastava e, si não lhes quizésse melhor prover estava disposto a seguir pelo *Rio Grande* a ter com os

Nobres e Poderosos Senhores afim de serem satisfeitas as promessas. Emquanto o referido principal Amanijú-pitanga assim procedia, os outros principaes dos indios, que estavam longe de haver recebido tanto quanto elle, mostravam-se agradecidos e contentes; todavia, para contentar ao mesmo Amanijú-pitanga, fiz-lhe verbalmente saber que si elle quizésse ir em pessôa ao *Recife* afim de recorrer aos Nobres e Poderosos Senhores, eu lhe daria carta de recommendação para, segundo o seu merito, ser provido de vestidos e outras couzas, e tambem que, caso não quizesse ir para o *Recife*, eu tinha ordem dos Nobres e Poderosos Senhores para prover, a elle e aos principaes d'aqui, do que lhes fosse agradavel em vestidos e outras couzas; que os mesmos Nobres e Poderosos Senhores m'as enviariam expontaneamente para aquelles que se nos mostrassem affeiçoados e dedicados, auxiliando-nos nos nossos designios; que seria solicito em communicar aos Nobres e Poderosos Senhores os seus bons serviços na certeza de que não os deixariam de recompensar generosamente; assegurei-lhe ainda que, si continuassem a ajudar-nos, logo que a construcção do nosso forte fosse ultimada, não só provel-os-ia de machados e fouces para as suas roças e plantações, como tambem ordenaria que os ferreiros trabalhassem para lh'as fornecer conforme as suas necessidades, e garanti-lhes que faria tudo ao meu alcance e poder para favorecel-os; ao terminar, e para maior segurança da sua bôa vontade e garantia da sua favoravel disposição para com os Nobres e Poderosos Senhores, fiz-lhes entregar, por occasião da distribuição dos presentes, cartas de perdão cuja importancia e alcance mandei que lhes fossem traduzidos.

A 10 viéram os principaes dos indios trazer-me as suas despedidas e, com a gente que os acompanhava e os presentes recebidos, seguiram para as

suas aldeias com promessa de que voltariam, dentro de dous ou tres dias, a buscar o ministro Kempins, dependendo a demora apenas do tempo que levassem a construir uma habitação digna d'elle; a pedido dos mesmos indios dei-lhes ainda um pouco de aguardente e viveres para a viagem.

Veio ter commigo o meu negro chamado Domingos, que nasceu aqui no *Siara*, e avisou-me que passando pelo sitio onde os indios estavam acampados, viu-os reunidos numa grande roda discorrendo sobre a nossa vinda, e que, entre outras couzas, haviam combinado que nos deixariam pôr em terra todos os nossos bens até vêr como os tratariamos e que, si não os tratassemos a contento da sua expectativa, aguardariam occasião para matar-nos todos e apoderarem-se dos nossos bens para entre si dividil-os; sendo este negro um escravo muito fiel e mui versado na lingua indigena, ordenei-lhe que não fallasse aos indios na sua lingua afim de não despertar-lhes suspeitas, porquanto, si todavia de alguns delles era conhecido, poderia de vez em quando, como na occasião referida, obter bôas informações que nos serviriam para pormo-nos de sobreaviso; si bem que seja nosso pensamento ser-lhes fieis e evitar qualquer occasião de lhes causar a menor offensa, cumpre-nos, com o misericordioso auxilio de Deus, acautelar-nos de tal modo contra elles que, quando alguma couza de máo contra nós intentarem, estejamos em condições de frustar-lhes os planos; neste intuito o commandante Maes tem empregado extraordinaria deligencia em levantar o nosso forte e deliberado manter as nossas guardas sempre vigilantes quer de dia quer de noite; nesta data o engenheiro Ricardo Caar traçou o risco da fortificação cuja construcção foi deligentemente começada por duas esquadras, consistindo ao todo em 40 soldados, que serão diariamente revezados por ternos de esquadras até ser terminada a obra.

O velho principal Francisco Caraya só veio ter commigo, acompanhado de um filho, depois que todos os outros indios foram despachados; dei-lhe tambem as bôas vindas e saudei-o com uma carta de perdão dos Nobres e Poderosos Senhores e fiz-lhe traduzir o conteúdo e a intenção da mesma, provendo-o igualmente como aos outros com presentes, o que tudo agradeceu muito e portou-se com muita circumspecção; pediu ainda para esta noute aqui ficar para dormir; este principal mantem-se sempre separado dos outros indios, não os procurando nem com elles convivendo, o que só posso attribuir a rivalidades entre elles, apezar de, na minha presença terem-no tratado com demonstrações de amizade; mas, segundo já tenho podido notar estes selvagens sabem perfeitamente fingir e dissimular á modo dos portuguezes.

Pela manhã mandei o barco *Capodello* aos grandes hyates buscar viveres para as rações dos soldados e outros objectos de que temos necessidade; tendo o referido principal Francisco Caraya dormido esta noite aqui na minha barraca, tive occasião e tempo de com elle conversar largamente e, si bem que eu sabia que entre os indios correm boatos sobre a nossa intenção de lavrar as minas de prata, por terem-no sabido dos indios que do *Recife* viéram comnosco, todavia não quiz ser o primeiro a indagar delles ou interrogal-os a este respeito antes da distribuição dos presentes e de termos verificado quaes as forças de que dispõem os indios para, si ouzarem emprehender qualquer hostilidade contra nós, podermos estar prevenidos; conforme o meu juizo e segundo tenho podido averiguar, manda a prudencia que continuemos a manter bôa guarda de modo que elles jamais possam encontrar-nos fóra das armas e surprehender-nos; não receio, porem, que ouzem atacar qualquer destacamento que enviarmos ao interior em busca das

minas e tenho confiança que nos auxiliarão a descobrir a situação das mesmas, tanto quanto disso tiverem conhecimento, e presumo que cada um delles está mais desejoso do que outros de mostrar-nas na esperança de uma bôa recompensa. O commissario van Ham declarou que o referido principal Francisco Caraya, seu conhecido desde o tempo em que aqui foi commandante, é a seu ver de todos os indios o que melhor conhecimento do assumpto pode ter, em razão dos seus annos e de ser conhecedor de toda esta região; a vista disso discorri largamente com o dito Caraya sobre as minas, obtendo delle a confissão de que sabe perfeitamente o lugar onde se acham e a situação dos montes donde os portuguezes extrahiram o mineral de prata, e a segurança de que estava prompto, em todo o tempo que me aprouvésse, a conduzir-me ao referido logar, desde que primeiramente o presenteasse com um vestido, um chapéo, uma camisa, meias, sapatos e uma espada; attendendo ás recommendações do commissario H. van Ham, mandei sem demora entregar-lhe os objectos pedidos e elle, acceitando-os cheio de gratidão, em altas vozes declarou cumprir as suas promessas e estar prompto para a 13 do corrente, que é a proxima terça-feira, pela manhã ir ás minas com os mineiros e mais pessoas e soldados que eu com elles enviasse; disse que o monte onde existe a verdadeira mina é chamado *Itarema*, junto ao monte de nome *Maraguaba*, sendo esta a mina da qual o velho Gaspar Paraupaba deu noticia aos Nobres e Poderosos Senhores, e affirmou que entre os indios não havia memoria de outra mina senão desta donde dizem que os portuguezes, e especialmente Martim Soares Moreno, retiraram mineral que era muito rico de prata; quanto á mina, que João d'Albuquerque declarou chamar-se *Ussuapaba*, a qual sou de opinião que deve ser bem productiva, disse que era um monte situado ha bôas

80 leguas d'aqui, para os lados de *Comosy* ou *Cameresiby*, não sabendo si ali existe alguma mina, mas apenas que o dito monte dista 20 leguas do mar; o que de verdadeiro ha neste sentido só o poderemos saber com certeza quando conseguirmos entrar em relações com os principaes dos indios que ali habitam e delles houvermos informações sobre a situação precisa do referido monte ou obtivermos que nos tragam algum mineral d'ali, e neste intuito nenhuma occasião ou tempo devemos perder; tendo o referido velho Caraya pedido para ir ao seu alojamento, antes de partir para a mina, afim de ali guardar o presente recebido e deixar a sua casa em ordem, promettendo regressar no dia determinado, consenti na sua partida.

Vieram ter commigo dous negros da aldeia dos indios trazendo um panacú *(pannacoe)* com milho e outros viveres para os indios que suppunham ainda encontrar aqui na praia; um dos negros, de nome João Malemba, é escravo do Sr. Christovão Eyerschetter, e o outro, chamado Luiz da Motta, pertence a um francez do *Rio Grande*; referiram que na aldeia dos indios ha ainda 4 negros escravos do mesmo Sr. Eyerschetter e o primeiro pediu-me instantemente para que o fizésse vir, bem como aos outros, da aldeia dos indios, porquanto não desejavam permanecer por mais tempo em poder delles; referiu-me mais que aqui viéram ter em um barco com o feitor *(factor)* do Sr. Christovão Eyerschetter, que os tomara á força afim de leval-os ao *Maranhão* ou a outros logares, mas, que aqui aportando, para fazer aguada, os indios haviam, durante a noite, cortado os cabos da ancora e feito o barco dar á praia e quando o viram encalhado o assaltaram em grande numero, matando a todos os portuguezes, tanto homens como mulheres, e que a elles, por serem negros, os levaram captivos para servil-os, roubando tambem todo o dinheiro e mercadorias

que havia no mesmo barco; e como lhes perguntasse, entre outras cousas, o que agora diziam os indios da nossa vinda, responderam que se mostravam alegres por causa dos tapuyas que tinham morto a muitos dos seus e os ameaçavam de novo, avisando-me igualmente que não confiasse demasiado na lealdade dos mesmos indios; disse-lhes que se mantivessem tranquillos, voltando á aldeia e bem servindo aos seus principaes, pois promettia-lhes, em occasião propria, fallar aos referidos principaes afim de resgatal-os e envial-os outra vez ao seu antigo senhor; com isto se retiraram muito contentes dizendo, entre outras cousas, que si percebessem da parte dos indios, cuja lingua entendiam bem, qualquer trama em prejuizo nosso nos dariam em tempo avizo; recommendei-lhes que se houvéssem neste negocio com cautela e prudencia para que os indios nada suspeitassem, pois do contrario os matariam; asseguraram-me, porem, que lhes sobejava occasião para, sem sciencia dos indios, trazer ao meu conhecimento tudo o que entre elles passasse.

A 11 chegou o barco *Capodello*, que hontem fôra despachado para ir aos hyates buscar varios generos; não obstante ser Domingo foram escaladas duas esquadras, com pás e enchadas, afim de trabalhar deligentemente na fortificação, que esperamos ter em bom estado de defeza antes de terça-feira, quando pela manhã deve seguir a gente para a mina.

A 12 veiu ter commigo o velho Francisco Caraya, em companhia dos seus filhos, trazendo-me um pequeno cêsto de feijões; depois de jantar commigo regressou, com minha permissão, ao seu alojamento promettendo amanhã cêdo, ao romper do dia, estar de volta afim de seguir para a mina; procurou-me tambem um dos outros principaes, de nome Francisco Aragiba, apresentando-me dous negros para vender por panno, machados e fouces, e di-

zendo que os mesmos preferiam viver em nossa companhia; perguntando-lhe si não tinha outros negros alem dos dous que me offerecia á venda, respondeu-me que na sua aldeia havia ainda mais quatro em poder dos outros principaes, referindo-me igualmente o modo pelo qual os haviam adquirido e assegurando-me que os outros principaes tambem vender-me-iam os seus negros; narrei-lhes então, com todas as circumstancias, como os portuguezes haviam roubado os negros em *Pernambuco* a um dos meus bons amigos e conhecidos, por cuja infame acção bem tinham merecido a morte que lhes deram os indios d'aqui; propuz-lhe finalmente que si elle e os demais principaes quizessem vender os negros que fizéssem a sua offerta por escripto, e não sendo o preço excessivo e eu tivésse commigo a quantia precisa, ficaria logo com elles, do contrario escrevia sobre o assumpto ao amigo a quem tinham pertencido e este enviaria o que rasoavel fosse; permitti-lhes que durante este tempo continuassem a uzar dos negros no serviço das suas roças, como tinham feito até agora; concordou Aragiba com a minha proposta, ficando de trazer-me a resposta dos outros principaes.

Temos de novo duas esquadras trabalhando na fortificação sob as ordens do commandante Maes, que não arréda o pé de junto dellas instruindo-as deligentemente no serviço; aos homens que trabalharam hoje, bem como aos de hontem, mandei dar a cada um meio quartilho de aguardente e um pouco de fumo para melhor animal-os e encorajal-os no trabalho; dei ordem ao preposto para, doravante sempre que o commandante Maes attestar que elles bem cumpriram o seu dever, dar todas as tardes a cada trabalhador meio quartilho de aguardente ou, em vez desta, a cada esquadra meia libra de fumo, emquanto durar a obra da fortificação e a titulo de extraordinario.

A pedido do commandante Maes consenti provisoriamente e sob approvação dos Nobres e Poderosos Senhores que Guilherme de Hof, aspirante a official (*vrij apointier*) na companhia do mesmo commandante Maes, e que já foi anteriormente quartelmestre no Forte *Ceulen* no *Rio Grande*, aqui exerça o mesmo posto com o soldo do costume; determinei igualmente ao commissario van Ham que se aprestasse para amanhã bem cêdo seguir para a mina em companhia do engenheiro João Castiliaen, do velho Gaspar Paraupaba, dum sargento e 40 soldados, do velho principal Francisco Caraya e seus filhos, bem como dos mineiros e dos negros necessarios á conducção das bagagens e mantimentos que forem precisos levar para ali em primeiro lugar, e como, segundo as informações recebidas o monte onde deve existir a mina, chamado *Itarema* e proximo ao monte *Maragoaba*, dista d'aqui sómente 7 leguas, e convindo levar viveres para 8 dias (alem de aguardente e fumo como extraordinario) recommendei ao commissario vam Ham que dispuzésse tudo de accordo; procurou-me um velho indio d'aqui, chamado Taperuçú, que forneceu-me algumas noticias sobre a mina, trouxe-me alguns refrescos e pediu-me um pouco de panno de Offenburgo para cobrir o seu corpo inteiramente nú; mandei pelo preposto dar-lhe 2 $^1/_2$ covados de fazenda; á tarde achava-se toda a gente prompta e preparada para amanhã cêdo, si Deus quizér, partir para a mina com o velho Caraya, que é esperado pela madrugada.

O dia 13 amaneceu chuvoso e o velho Caraya só se me apresentou por volta das 8 horas, com dous de seus filhos e uma mulher; as 9 horas ordenei a partida do commissario H. van Ham, com o engenheiro João Castiliaen, o velho Caraya, mineiros, soldados e negros, levando todos os instrumentos e materiaes necessarios á empreza, em cuja execução deve conformar-se com as instrucções seguintes:

Instrucções e memoria segundo as quaes o commissario H. van Ham se ha de se regular na pesquiza dos mineraes ou metaes dos montes "Itarema" e "Maragoaba" ou outros proximos.

Tendo o principal Francisco Caraya concordado em conduzir-vos ao sitio ou ás proximidades do lugar d'onde os portuguezes têm anteriormente extrahido mineraes ou metaes, cumpre-vos empregar a elle e aos mineiros, que os devem procurar, em descobrir o verdadeiro e melhor lugar, e, tendo-o achado, mandar extrahir o mineral ou metal que, sendo encontrado deveis trazer para aqui afim de ser ensaiado pelo ourives; para este fim vos são dados mantimentos para 8 dias, bem como os extraordinarios constantes da lista do preposto, que podereis distribuir com discrição pelos mineiros, soldados e mais pessôas; cazo julgardes necessario permanecer ausente mais de 8 dias, para tudo com exactidão e minucia bem indagar, deveis em tempo enviar alguem aqui a avisar-nos do que houvérdes necessidade para que sem demora vos seja remettido; confio que com a maior pressa e todo o zelo possivel fareis esforços para bem servir e dar proveito á Companhia e dar contentamento a nossos amos os Nobres e Poderosos Senhores com o relatorio que de todo o occorrido nesta expedição apresentar. *Feito no Forte Schoonenburch no Siara, 13 de Abril de 1649.*

Temos de novo duas esquadras, com pás e enxadas, trabalhando na fortificação e alguns com machados a cortar palissadas; graças aos esforços do commandante, que tem sido incançavel, os fossos e baluartes já estão em condições de nos abrigarem contra qualquer atáque, e esperamos ver em breve a obra acabada.

O ministro Kempins seguio para a aldeia dos indios em companhia da gente que foi para a mina,

porquanto até o presente os indios não vieram buscal-o, segundo prometteram; aproveitou-se assim da occasião afim de para lá transportar-se, havendo o velho Caraya assegurado-lhe que o caminho para a mina passa não longe da aldeia.

A chalupa, depois de provida dum novo mastro em substituição ao que quebrou-se, foi enviada aos hyates a buscar os generos de que temos necessidade e regressou á noute trazendo-os.

A 14 mantivemos de novo duas esquadras trabalhando no adiantamento da fortificação, occupadas em cortar as palissadas necessarias e em levantal-as.

O principal Francisco Aragiba veiu ter commigo, o qual não sómente é o mais velho d'entre os principaes dos indios, como tambem o mais discreto de todos; lembrando a proposta que lhes fiz de um delles encarregar-se de ir buscar á minha presença os principaes chefes ou os indios mais velhos residentes em *Camoci* e *Camaragibe*, o referido Francisco Aragiba offereceu-me os seus serviços para este fim, promettendo, dentro de quatro semanas, trazel-os aqui, bem como os principaes dos tapuyas chamados Tremenbees, que habitam no caminho do *Camaragibe*, sendo a nação de tapuyas de que o commissario van Ham, quando aqui foi commandante, disse que obteve o mineral do qual extrahiu por fusão o metal com que presenteou ao finado Sr. Codde, e que presumia ser prata; e como, segundo todas as informações que até o presente tenho podido obter e verificar, o monte *Upuapaba*, onde João de Albuquerque declarou haver uma mina de prata, está situado a 20 leguas de *Camaragibe* ou da costa do mar para o interior, e é conveniente ouvirmos, por consequencia, as informações dessa nação ali residente, bem como dos referidos tapuyas Tremenbees indagar donde trouxeram o mineral que offereceram ao commissario van Ham, e por este meio

chegarmos a realisação do nosso designio, não recusei o offerecimento do referido principal Francisco Aragiba, agradeci-lhe as suas boas intenções e assegurei-lhe que, quando resolvesse enviar alguem aquelles sitios, mandaria convidal-o para então mais particularmente fallarmos sobre o assumpto; como perguntasse-lhe que casta de gente era a que ali habitava e si era gente bôa, respondeu-me que sim, porem, que entre elles havia alguns indios fugidos d'aqui que talvez de nós se arreceiassem por terem tomado parte na matança da nossa gente no velho forte; entretanto si elle lhes levasse uma carta de perdão e elles soubéssem que nós aqui os tratamos tão bem, de certo ficariam alegres com a nossa vinda; disse-me que a nação de indios que habita em *Camaragibe* é chamada dos Tobajaras os quaes tem por principaes chefes Tagoaibucu, Caragoatay e Tiuma; louvou muito, estimando-a gente bôa, a referida nação dos tapuyas chamados Tremenbees, os quaes têm dous chefes principaes de nome Amanijú e Guiraroguy; durante o presente interrogatorio perguntei ainda ao mencionado Francisco Aragiba quaes as nações de tapuyas eram seus inimigos, bem como quantas nações diversas residiam aqui na costa do *Siara*, alem das mencionadas; informou-me em resposta haver ainda tres outras nações de tapuyas, das quaes apenas uma era de seus amigos, sendo dos Guanasseguaçú, cujos chefes têm por nome Ajuruguaçú e Ibiguamo, seu filho; quanto ás outras, com quem os seus vivem em inimizade e os ameaçam com guerra são a dos Jagoarigoaris, cujos chefes são chamados Xiguiri, Jagoa e Abiaitima, e a dos Guanassémirim, cujo principal chefe ou cabeça tem por nome Penho; depois que assim interroguei ao referido Aragiba e me convenci da sua bôa disposição para comnosco, presenteei-o com uma espada e um punhal e despedi-o até ordem ulterior ou occurrente ensejo.

Na mesma data recebi uma carta do ministro Kempins, dirigida da aldeia do principal Amunijú-pitanga, chamada *Piraipaiba*, na qual, entre outras cousas, me avisa ter ali chegado e que o mesmo Amunijú-pitanga está raivoso e mal satisfeito por ter o velho Caraya saido a indicar a mina, afim de ganhar a honra deste feito; todavia, na entrevista com o referido chefe, logrou persuadil-o a que, si o velho Caraya fallhasse na indicação da mina, elle em pessôa iria mostrar-nos a sua verdadeira situação; quanto ao mais disse-me que tudo ia bem, não tendo nós á receiar hostilidade alguma da parte dos indios.

Respondi á carta recebida do ministro Kempins, e, entre outras cousas, enviei-lhe tambem copia das instrucções escriptas que, para a pesquiza das minas, me foram dadas pelos Nobres e Poderosos Senhores; recommendei-lhe outrosim que, estando agora na aldeia dos indios, ali tudo procurasse indagar dos mesmos para o bom exito da nossa empreza, escrevendo-me detalhadamente o quanto lograsse saber; assegurando-lhes que, uma vez achada a mina, nós tudo faremos para a sua manutenção e bem estar, provendo de vestidos aos que andam núa, e não só de vestidos mas de todas as cousas necessarias em profusão, e que si entre elles houvesse alguns que voluntariamente se quizessem empregar nos trabalhos da mina ou em outros serviços, seriam generosamente recompensados e que mesmo aquelles que a isto não estivessem dispostos e preferissem ganhar a vida com os seus labores habituaes, poderia assegurar a nossa protecção e benevolencia.

Veiu ter comnosco Reynier Pausselsen, que até o presente tem exercido o cargo de piloto, e como agora tenha pouco serviço a bordo do *Geele Sonne* e a sua presença aqui em terra seja necessaria para fiscalisar os carpinteiros e marinheiros empregados nas obras da fortificação, quer cortando palissadas

quer conduzindo os materiaes necessarios ao levantamento da mesma fortificação, do armazem, casa de polvora e da padaria, julguei de bom aviso convidal-o a permanecer aqui em terra encarregado da fiscalisação daquelles serviços, o que acceitou.

Não havendo entre nós nenhum leitor das Santas Escripturas nem consolador dos enfermos (*siekentrooster*), e sendo de urgente necessidade que, pelo menos, á tarde quando a parada vae montar guarda, se faça uma humilde prece a Deus Omnipotente, supremo dispensador de todas as graças, e que aos Domingos, de manhã e á tarde seja lida diante de todos alguma passagem das Santas Escripturas, como p. e. os psalmos de David, afim de assim manifestarmos o nosso reconhecimento por nos ter misericordiosamente deixado chegar aqui em bôa saúde e salvamento, bem como para implorar a sua divina benção para que sejamos bem succedidos nesta empreza; e como para occupar semelhante cargo me fôsse proposta e recommendada uma pessôa, de nome João Pecquet, que esteve empregado como leitor no hyate *Synegael*, como muito capaz, resolvi ordenar que desembarcasse afim de aqui em terra prestar os seus serviços, o que o mesmo João Pecquet acceitou de bôa vontade, uma vez que podésse gozar do ordenado do leitor ordinario; quanto a isto disse-lhe ia escrever aos Nobres e Poderosos Senhores, ficando elle fazendo aqui provisoriamente o serviço até ulterior deliberação dos Nobres e Poderosos Senhores.

A 15 continuaram a trabalhar na fortificação, como dantes, duas esquadras occupadas em cobrir os parapeitos com fachinas; os marinheiros e negros desembarcaram do barco *Capodello* alguns generos, tanto viveres como outras couzas, que foram trazidos para o armazem aqui no nosso quartel.

A' tarde recebi uma carta do ministro Kempins, de *Paraipaba*, na qual, entre outras couzas, me par-

ticipa que o principal ali da aldeia, chamado Amanijú-pitanga, tinha mandado alguma gente buscar o minerio na mina para m'o trazer; mas, que tendo sciencia de que o velho Caraya para ali fôra, resolvera aguardar outra occasião; communicou-me tambem haver recebido aviso do commissario van Ham de que Caraya não podia achar o caminho para a mina, e lhe escrevêra para mandar o velho Paraupaba e mais dous ou tres que ali eram conhecidos e um tapuya que ali fôra anteriormente, para mostrarem o caminho; Amanijú-pitanga, porem, não quiz deixar ninguem ir e respondeu:—Deixae-o ir e a sua promessa cumprir; eu mesmo posso empregar a minha gente; desta sorte apenas o velho Paraupaba, que veiu comnosco do *Recife*, foi ter com o commissario van Ham; julgo dever consignar aqui estes factos, pois quero ver si de accordo com as apparencias, alguma couza consiguiremos obter de Amanijú-pitanga, uma vez que o velho Caraya não logre descobrir a mina.

A 16 nada occorreu de particular, continuando os soldados e marinheiros a trabalhar na fortificação como d'antes; a chalupa foi buscar viveres a bordo dos hyates e regressou ao ancoradouro por volta do meio-dia, sendo os viveres trazidos aqui para o armazem; como o barco *Capodello*, segundo declaração do capitão, acha-se muito aberto acima da linha d'agua, sendo necessarios para seu concerto duas taboas, ordenei a dous carpinteiros que fossem executar os reparos precisos, assim como mandei o carpinteiro do *Synegael* concertar o bote do mesmo hyate, que está assaz estragado e, sendo já muito velho, poucos serviços ainda poderá prestar.

A 17 os soldados proseguiram trabalhando como d'antes na fortificação e os carpinteiros continuam occupados com os reparos do barco *Capodello* e do bote do hyate *Synegael*.

Por volta das 11 horas da noute de 18, chegou do monte *Itarema*, onde dizem existem as minas, o engenheiro Ricardo Caer, com quatro soldados e cinco negros, trazendo uma carta do commissario van Ham, na qual lamentava não ter até agora podido fazer couza alguma, e pedia-me que escrevesse para a aldeia e fizesse com que a gente da mesma fosse indicar-lhe a situação da mina, pois receiava que o velho Caraya nada viria a effectuar, e que do referido engenheiro Caer eu teria verbalmente informações detalhadas sobre a situação em que se achavam; a vista disso resolvi escrever ao ministro Kempins para dispor o principal Amanijú-pitanga a seguir quanto antes pessoalmente com a sua gente a indicar o local da mina, desde que Caraya nada descobrisse; neste intuito escrevi esta noite ao ministro Kempins, como consta do meu copiador de cartas, communicando-lhe que saudasse em meu nome a Amanijú-pitanga e pedisse-lhe para mostrar a mina e que si esta fosse achada bôa poderia contar com uma recompensa que muito contentamento dar-lhe-ia; disse-lhe mais que o commissario van Ham e a gente que o acompanha estão esperando, ao sopé do monte *Itarema*, pela chegada de Amanijú-pitanga ou da sua gente que conhece a mina, e que hoje enviei-lhe de novo provisões para 8 dias; mandei-lhe a referida carta, por um proprio, hoje pela manhã.

Mandei entregar ao engenheiro Ricardo Caer, que aqui veiu com os negros e 4 soldados, pelo preposto H. Herzeel, viveres para 8 dias, e como João Castiliaen é pouco versado no lingua brasilica e o commissario van Ham não esteja satisfeito com as suas traducções, resolvi enviar para ali com o referido engenheiro a Daniel Albert, que é muito versado na lingua dos indios; mandei tambem ao commissario van Ham, por escripto, todas as ordens necessarias afim de que não me possa ser imputada

falta de deligencia em couza alguma; o engenheiro Caer regressou para a mina entre 10 e 11 horas.

A 19 nada occorreu que mereça ser notado, a não ser que os soldados continuaram, como d'antes, trabalhando na fortificação, a qual está quasi em estado de completa defeza, porquanto os soldados da companhia do commandante Maes já têm por prompta a tarefa que lhes cumpria executar.

A' tarde chegou aqui o principal Amunijú-pitanga trazendo uma carta do ministro Kempins, na qual faz votos para que, já antes do recebimento da mesma, me tenha chegado ás mãos uma amostra do mineral trazida pela gente do mesmo Amunijú-pitanga, que saira a buscal-a para m'a trazer, e o proprio Amunijú-pitanga mostrou-se assaz admirado de que a sua gente ainda não houvésse chegado; mas, disse-me que não poderia tardar mais dum ou dois dias e queria esperal-a aqui nas proximidades; para o caso da mina ser julgada boa, trouxe por escripto a lista dos presentes que elle e os outros principaes desejavam ter, sendo a mesma lista escripta em lingua brasilica e traduzida para o hollandez pelo ministro Kempins; constava dos seguintes objectos: para cada principal um bom vestido com todo o ornato necessario da cabeça aos pés, um mosquete, uma espada e um tambor grande, bem como alguns machados e facões e um pouco de munições de guerra, do que o proprio ministro Kempins, na sua carta, me pediu que os provesse para poderem defender-se contra os tapuyas.

Na manhã do dia 20 estive discorrendo com Amunijú-pitanga sobre a materia, e, entre outras couzas, disse elle que estava muito molestado com o velho Caraya por ter illudido a nossa gente malconduzindo-a, e que a sua gente, afim de ganhar tempo, havia tomado para a mina um caminho mais directo e curto que d'ali nos traria primeiramente algum mineral, indo depois elle em pessoa indicar o

monte onde se achava a mina, donde tinham extraido o mineral, dando a entender que o faria em troca dos presentes que desejava e constavam da lista traduzida pelo ministro Kempins; abri então o meu bahú e mostrei-lhe um gibão de *drap d'or*, um vestido de panno fino forrado de veludo e com os botões de prata, um chapeu de castor preto com duas pennas brancas, bem como um estandarte de tafetá verde acairelado de prata, o que tudo lhe prometti dar si nos indicasse a verdadeira situação da mina e esta fosse julgada bôa, e que teria igualmente cuidado em que os Nobres e Poderosos Senhores mandassem do *Recife*, a cada um dos outros principaes, um bom vestido; que quanto aos machados e fouces, logo que ficasse terminada a obra da nossa fortificação dividiria com elles os que tinhamos, o que tudo, porem, dependia de ser achada a mina e que cumprida a sua promessa tudo faria para seu contentamento e satisfação; em resposta deu-me a mão e prometteu não descançar com a sua gente emquanto não fôsse achada a mina, e, a meu pedido, enviou á mina quatro indios em busca da sua gente que ali fora procurar o mineral, e ao mesmo tempo avisar ao commissario van Ham e aos mineiros afim de que, sendo encontrada a mina, mandasse extrahir pelos mesmos uma boa porção do mineral e fazel-o trazer para aqui pelos negros que lá estão; pelos mesmos indios enviei tambem nesta data uma cartinha ao commissario van Ham.

Ordenei ao preposto dar ao referido Amunijúpitanga um outro vestido encarnado com uma espada e punhal, porquanto elle sabia que o velho Caraya tinha recebido igual presente e desejava captivar-lhe a affeição; mandei ainda dar-lhe algumas bagatellas para os principaes dos seus officiaes, que com elle vieram.

A gente do commandante Coster continua trabalhando com uma esquadra de 20 homens, para

acabar a construcção do forte, e a gente do commandante Maes occupa-se deligente e esforçadamente em levantar o armazem para guardar os viveres e as munições de guerra; fallei aos capitães dos hyates e mais embarcações para mandar os marinheiros com o carro, ao longo da praia, a trazer do velho forte as telhas, que ali jazem afim de serem empregadas na coberta do armazem, e como o principal Francisco Aragiba me deu noticia de duas peças de bronze que estão enterradas perto d'ali, ordenei que, depois de trazidas as telhas, se occupassem em transportal-as para aqui, bem como a pecinha de ferro e o pedreiro que ali jazem e as duas ancoras dos barcos sossobrados no rio proximo.

A 21 pela manhã viéram á terra os marinheiros dos hyates e mais embarcações, e ordenei-lhes que, com 8 soldados, um sargento e 4 negros, fossem com o carro ao velho forte buscar as telhas de que já fallei; como a areia frouxa ao longo da praia torna muito penoso este serviço, afim de animal-os e encorajal-os, concedi que em cada viagem, tanto na ida como na volta, lhes seja dado, por cabeça, meio quartilho de aguardente; sendo informado de que os indios, que habitam nas vizinhanças do velho forte, têm retirado quantidade das referidas telhas para cobrir as suas cabanas, fallei aos principaes e aos proprios donos das cabanas, pedindo o seu consentimento para trazer as mesmas telhas, sem lhes dar motivo para desgosto; consentiram de bom grado e as suas cabanas serão cobertas de palha.

Tres carpinteiros de bordo trabalham na construcção do armazem do forte com alguns soldados da companhia do commandante Maes, e uma esquadra de 20 homens do commandante Coster occupa-se em ultimar a obra da fortificação. Recebi uma carta, desta data, do commissario van Ham, avisando-me haver recebido a missiva que, a 20 deste, enviei-lhe por 4 indios, e communicando-me

que a gente de Amanijú-pitanga que fora á procura do mineral, sendo 7 indios e um capitão de nome Antonio Schera, estivéra ali junto a elle no dia 20, e que sahiram de manhã, com o mineiro Hans Simpel, aliás Mil-Diabos (*Duysent-duyvel*), a procurar o local da mina; mas, que regressaram sem nada haver descoberto, e pediram-lhe para escrever para a aldeia ao ministro Kempins afim de mandar um outro indio velho o qual suppunham saberia bem encontrar o lugar procurado, e neste sentido o commissario van Ham escreveu ao ministro Kempins, estando resolvido a mandar hoje novamente procurar a mina; sendo pouco satisfactorias estas noticias e dignas de pouco credito as promessas e compromissos dos indios, fiz vir á minha presença o principal Amunijú-pitanga, que ainda se achava aqui, e, mostrando-lhe a referida carta, demonstrei-lhe como a sua gente, a similhança do velho Caraya, ainda nada havia descoberto, e perguntei-lhe si a respeito nenhuma providencia saberia dar para, segundo as suas promessas, ser encontrada a mina; disse-lhe mais que o occorrido era tanto para elle, como para o velho Caraya, uma pessima recommendação e que os meus amos os Nobres e Poderosos Senhores, tendo conhecimento de sua firme garantia de saber o local da mina e das suas repetidas promessas de a ella nos conduzir, e vendo depois o mau resultado e o mallogro das pesquizas, ficariam formando delle pessimo juizo; manifestei-lhe ainda que, para salvar a sua honra e reputação, urgia agora que, com toda a sua gente, desenvolvesse todo o esforço e deligencia, sem nunca descançar ou descontinuar, para plenamente cumprir a sua promessa mostrando-nos o verdadeiro local da mina; respondeu-me brevemente que si, mau grado a sua firme esperança e completa confiança, a sua gente ainda não encontrára a mina, só podia attribuil-o ás copiosas e grandes chuvas que ali

tem cahido, as quaes, produzindo desmoronamentos no monte, haviam soterrado o signal da mina difficultando assim a sua pesquiza; mas, que voltaria de novo para a aldeia afim de, com toda a sua gente, seguir em busca da mina até encontral-a, pois, certamente sabe onde é o local da mesma e quer provar-nos que tem fallado a verdade; prometteu empregar taes esforços que eu só terei contentamento em escrever aos Nobres e Poderosos Senhores.

Ordenei ao preposto H. Herzeel que fizesse uma lista dos viveres fornecidos até agora e um calculo do estado do nosso paiol, afim de poder providenciar em tempo sobre o que for necessario.

A' tarde o carro, que fora enviado a buscar as telhas, voltou com a gente trazendo 350 das mesmas.

A's 9 horas da manhã do dia 22 veiu ter commigo a esquadra do commandante Coster, dizendo que a sua tarefa na fortificação estava terminada, porquanto esta, com excepção do portão e das duas baterias, estava em completo estado de defeza; na continuação das obras entrarão agora a trabalhar os tres carpinteiros de bordo, presentemente occupados em levantar o armazem, auxiliados pelos soldados precisos para o transporte dos materiaes necessarios; o carro foi novamente ao velho forte buscar telhas.

Escrevi ao ministro Kempins, respondendo á sua carta de 19 deste, e communiquei-lhe a missiva recebida a 21 do commissario van Ham; participei-lhe tambem a conferencia tida com Amanijú-pitanga e como este me fizéra firme promessa e tomara particular compromisso de indicar a mina; pedi-lhe outrosim, que instasse com o mesmo para o prompto desempenho da tarefa, o que, estava certo, elle faria melhor do que eu lhe poderia recommendar, e que me avisasse, para meu governo, de tudo o que viésse a occorrer.

Receiando, não obstante a firme promessa dos indios, que a descoberta da mina nos montes *Itarema*, *Maragoaba* ou outros proximos venha a frustar-se ou a occupar demasiado tempo, em cujo decurso conviria indagar da situação da mina de Ubuapaba, da qual João de Albuquerque deu noticia aos Nobres e Poderosos Senhores, segundo os papeis e as informações a respeito existentes em meu poder, dizendo que o referido monte jaz d'aqui a 20 leguas do mar, quando das noticias por mim colhidas resulta achar-se o dito monte perto de Camerisiby, distante d'aqui 80 leguas para o lado do Maranon e ainda 20 para o interior; como os tapuyas Tremenbees, que, segundo a declaração do commissario van Ham, trouxeram-lhe amostras do mineral no tempo em que aqui esteve como commandante, habitam nas immediações daquelle monte; havendo o principal Francisco Aragiba offerecido os seus serviços para, no praso de quatro semanas, trazer aqui junto a mim, não só os mais velhos daquelles indios como tambem dos da nação dos Tabajáras, residentes perto de Camerisiby, e como considero este o melhor e mais prompto meio para quanto antes alcançar mais amplas informações a respeito, resolvi mandar chamar o referido principal Francisco Aragiba e propuz-lhe, caso ainda estivésse disposto, ir buscar os principaes dos referidos indios; respondeu-me que estava prompto a ir buscal-os no praso designado; depois de havel-o convenientemente e verbalmente instruido sobre o objecto de sua missão, despachei-o para a referida viagem dando-lhe, para elle e mais 10 indios que devem acompanhal-o algumas provisões, dei-lhe ainda algumas bagatellas para os principaes d'ali, bem como uma carta de perdão para os indios fugidos d'aqui que, segundo o seu parecer, talvez, receiassem da nossa vinda.

Recebi uma carta do ministro Kempins, datada da aldeia a 21 deste, communicando-me haver recebido uma missiva do commissario van Ham dizendo-lhe que a gente de Amunijú-pitanga ainda nada havia revelado acerca da mina; pedindo-lhe para enviar um indio de nome Goarurú, o qual de facto seguiu, com o interprete Daniel Albaert, para junto do commissario van Ham; disse mais que julgava urgente a ida de Amunijú-pitanga para a aldeia afim de activar as pesquizas, e como dei conhecimento disto ao referido Amunijú-pitanga, este deve partir amanhã para a aldeia e de lá seguir em busca da mina com toda a sua gente, convindo esperar com paciencia o resultado dos seus esforços.

Escrevi ao ministro Kempins respondendo á sua carta de 21 e communiquei-lhe haver despachado para Camerisiby o principal Francisco Aragiba afim de realisar a missão de que já anteriormente tratamos, e estar aguardando com paciencia o resultado da mesma, esperando que o dito Francisco Aragiba, segundo a sua promessa, regresse aqui, dentro de quatro semanas trazendo os principaes dos indios d'ali.

Na manhã de 23 veiu ter commigo Amunijú-pitanga, acompanhado dos seus officiaes, trazer-me as suas despedidas afim de seguir para a aldeia, promettendo fielmente cumprir a sua missão; perguntei-lhe, entre outras couzas, si entre a sua gente não havia alguem capaz de levar cartas minhas por terra, por via do Rio Grande do Norte, aos Nobres e Poderosos Senhores, ao que respondeu-me ser difficil por cauza dos tapuyas, mas que na aldeia fallaria á sua gente a respeito; dei-lhe uma cartinha para o ministro Kempins pedindo-lhe resposta neste sentido e que procurasse estimulal-os na pesquiza da mina, sob o pretexto de que eu desejava enviar bôas noticias aos Nobres e Poderosos Senhores, aos quaes pretendo escrever, não só por terra, mas

tambem na primeira occasião por mar pelo barco *Capodello*.

Continuaram os tres carpinteiros, auxiliados por soldados, a trabalhar no levantamento do armazem; seguiram para o velho forte a buscar telhas um sargento e alguns soldados e marinheiros; apenas podem fazer uma viagem por dia trazendo cerca de 400 telhas.

Chegou aqui o escrivão Daniel Albaert, com um indio, trazendo uma carta do commissario van Ham, datada de 22 deste, na qual, entre outras couzas refere que até o presente os indios não haviam descoberto a mina, mas que o mineiro Hans Simpel, aliás *Mil Diabos*, havia encontrado algum mineral no rio, e que em consequencia resolvêra seguir para ali, no outro dia, com os mineiros para ver si poderiam achar algum signal da mina, do que dar-me-ia aviso; accrescentou que os indios persistem em affirmar ser ali o verdadeiro local da mina, mas que por cauza de muita agua que tem descido do monte não podem achar o signal.

Notei em um jornal a parte tudo o que me tem sido referido sobre a expedição por terra ao monte *Itarema*, á procura da mina de prata, desde 13 deste até a presente data.

No dia 24, por volta das 4 horas da tarde, aqui chegou o engenheiro, com João Castiliaen, dous soldados e seis negros, trazendo algum mineral e uma carta do commissario van Ham, referindo nutrir esperanças quanto á mina, mas que a agua que descia do monte com muita força impedia os mineiros de trabalhar.

Os trabalhadores estiveram occupados em cortar madeira para a construcção dos alojamentos do forte, e tambem trouxeram, do velho forte do *Siara*, um carro com telhas; entreguei immediatamente ao ourives, mestre Jonas, o mineral trazido pelo en-

genheiro, para ver si delle consegue extrahir alguma amostra.

No dia 25, bem cedo pela manhã, o ourives mestre Jonas procurou-me no meu alojamento, trazendo um pequeno fragmento de prata, do tamanho approximado d'um grão de saraiva, que disse ter extrahido duma libra do mineral trazido pelo engenheiro.

Por volta das 8 horas, quando iamos fazer a prece habitual, avistamos perto do rio *Siara* uma embarcação manobrando para entrar no mesmo rio, e estando em duvida si seria algum barco do *Recife* com ordens dos Nobres e Poderosos Senhores ou alguma embarcação portugueza, resolvi enviar immediatamente ao seu encontro o hyate *Vlissinge*, dando-lhe mais alguns marinheiros e um sargento com 12 soldados, para caso fosse portuguez, poder apresal-o; ao mesmo tempo mandei por terra, ao *Siara*, o meu escrivão Daniel Albaert, com 2 soldados por terra ao *Siara*, com ordem de, cazo fosse algum dos nossos barcos do *Recife*, assim que o capitão desembarcasse, trazel-o junto a mim; o referido escrivão ali chegando não pôde mais ver a embarcação, porem, depois de meia hora de espera, foi ter com elle um indio que estivera no mar pescando na sua jangada (*singael*), o qual referiu-lhe que a mencionada embarcação estava sobre ancora ao norte do rio *Siara* em uma grande bahia; a vista disto o referido Daniel immediatamente seguiu na direcção indicada, com mais 3 hollandezes e 2 indios, atravessou o rio na jangada e, marchando ao longo da praia, ao dobrar uma porta viu de facto o barco ancorado e largando um bote; afastou-se o escrivão da praia com a gente que o acompanhava e foi occultar-se por traz das dunas proximas, emquanto o bote aproava para terra; um dos indios ergueu então num bastão as suas calças de panno branco e agitou-as para o bote cujos tripolantes começaram a

remar para o sitio onde se achava; ao chegarem á distancia dum tiro de mosquete da praia, o hyate *Vlissinge* montou a ponta meridional do *Siara*, o que percebendo os do bote regressaram a toda força de remos para o barco, que não tardou em zarpar, fazendo-o com tanta pressa que, suppomos, cortou o cabo da ancora; depois de capear por algum tempo seguio rumo do norte e o *Vlissinge* deu-lhe caça mantendo-se sempre a barlavento; ao por do sol ainda avistavamos perfeitamente o *Vlissinge* no mar, mas não o barco.

Ao amanhecer do dia 26 não divulgamos mais nem o *Vlissinge* nem o barco, donde inferimos que continuou dando-lhe caça durante toda a noute passada; Daniel Albaert referiu-me tambem que interrogando os indios estes lhe disseram que o barco lhes parecia portuguez e não duvidavam fôsse dum tal Balthazar, ex-commandante do *Siara* com o seu navio a tirar ambar, promettendo regressar no anno seguinte, mas que primeiro iria a *Portugal* a buscar toda a sorte de mercadorias para elles, e não tendo vindo na epoca marcada, presumiam que o fizesse agora; disseram-lhe tambem que julgavam que o mesmo Balthazar estivéra em *Camocy* junto aos Tobajaras, com os quaes fizera amisade, e que agora levava talvez no seu barco alguns dos ditos Tobajaras para persuadir aos

De manhã o mestre Jonas, ourives, trouxe-me mais alguns pedaços de prata extraida do mineral que hontem dei-lhe para fundir, referindo-me, entre outras couzas, que esta pequena amostra era sufficiente para indicar a existencia dum rico veio de prata nas proximidades do sitio onde fora achado o mineral, mas que o mineral trazido era tão pobre em metal que não pagava as despezas da sua extracção.

A's 10 horas da manhã enviei João Castiliaen, com o mineiro, um soldado e 6 negros, para o monte

Itarema junto ao commissario van Ham, levando viveres para 8 dias, não só para elles como para a demais gente que está no monte, e uma carta ao commissario van Ham, recommendando-lhe fizesse todas as deligencias para que na primeira opportunidade podésse ser enviada uma bôa amostra de prata aos Nobres e Poderosos Senhores, e que avisasse das pesquizas dos mineiros e das esperanças que nutriam quanto ao resultado das mesmas.

Recebi na mesma data uma carta do ministro Kempins, avisando-me que o principal da aldeia, Amunijú-pitanga, seguira de manhã cêdo em pessôa com a sua gente para o monte *Itarema*, pelo que espera em breve tempo poder dar-me boas noticias; quanto aos indios que escrevi-lhe procurasse persuadir a serem portadores de cartas aos Nobres e Poderosos Senhores, por terra, via do *Rio Grande*, disse-me que presentemente era difficil conseguil-o porquanto mostravam grande receio dos tapuyas.

Os trabalhadores continuaram occupados nas obras da fortificação e começaram a fazer o soalho do armazem.

Ao anoutecer avistamos uma vela vinda do norte que presumimos fosse o hyate *Vlissinge*, saido á caça da embarcação suspeita.

No dia 27, por volta das 10 horas da manhã, o *Vlissinge* surgiu de novo aqui no porto e o seu capitão referiu-me que, durante a noite perdera de vista o barco ou caravela portugueza, não conseguindo mais lobrigal-a; os trabalhadores continuaram occupados nas obras da fortificação e do armazem e os carpinteiros começaram a cortar madeira para a construcção dum alojamento para mim acima do portão do forte.

A 28 a chalupa foi a bordo do hyate *Geele Sonne* buscar viveres e os trabalhadores continuaram occupados como anteriormente.

Por volta das 3 horas da tarde chegou um soldado e um indio, vindo a mandado do commissario van Ham, buscar papel, pennas e tinta, e um pouco de aguardente para a gente dos indios; referiu o mesmo soldado que em caminho tivéra que atravessar um rio, de nome *Itapeba*, tornado tão fundo pelas grandes chuvas que mal podéra vencer a força da correnteza e quasi morrêra afogado, tendo perdído o seu mosquete e tudo o mais que trazia.

Ao anoutecer veiu ainda da mina um sargento com 3 negros trazendo, a mandado do commissario van Ham, algum mineral que entreguei ao ourives para examinar.

Ao amanhecer do dia 29 procurou-me mestre Jonas, ourives, e referiu-me que do mineral que lhe entregára hontem não tinha podido extrahir prata, e como o dito mineral foi achado pelo sargento, sem conhecimento dos mineiros, escrevi ao commissario van Ham recommendando-lhe que não enviasse para cá mineral algum que não fosse previamente examinado e julgado bom pelos mineiros, afim de poupar ao ourives analyses inuteis.

Enviei o engenheiro Ricardo Caer, com o dito sargento, o soldado e 3 negros, para a mina, levando uma carta para o commissario van Ham, recommendando-lhe que fizésse os mineiros empregarem todos os esforços afim de obtermos uma boa amostra de prata para ser mandada aos Nobres e Poderosos Senhores pelo barco *Capodello*, que estou resolvido a mandar ao *Recife* no proximo mez, com avisos.

Na mesma data escrevi ao ministro Kempins na aldeia avisando-o desta minha deliberação e que caso quizésse escrever ou dispor de alguma couza, fizésse-o com presteza porquanto o referido barco deveria zarpar na proxima segunda-feira.

Os trabalhadores e carpinteiros continuaram occupados nas obras e o carro tem trazido telhas do velho forte.

Ordenei ao piloto Reynier Pausselsen e ao capitão do barco *Capodello* que se apresentassem para, na proxima segunda-feira, seguir para o *Recife*.

A 30 os trabalhadores e carpinteiros proseguiram na faina habitual e o carro foi buscar telhas no velho forte.

Por volta das 4 horas da tarde chegou da mina um negro trazendo uma carta do commissario van Ham e um saquinho com mineral, que os mineiros extrahiram em uma parte do monte *Itarema* superior á donde da vez passada tiraram-no; na mesma carta avisa-me que quanto mais fundo cavam mineral de melhor qualidade encontram, e que si o ourives achasse boa a amostra não duvidaria da opulencia da mina, e que no dia seguinte viria em pessoa trazer-me melhores amostras.

Logo depois chegaram dous indios e uma india vindos de *Camorisiby*, os quaes referiram haver encontrado em caminho o principal Francisco Aragiba, que proseguiu na sua viagem; disseram mais que em *Camorisiby* tudo ia bem, tendo este anno sido feitas boas roças e plantações; que os tapuyas Tremenbees ali viviam em boa amizade com os Tobajaras; que em *Camorisiby* nenhum portuguez fôra visto e que os portuguezes não iriam ali facilmente, porquanto, ha alguns mezes, quando ali foram os tapuyas Tremenbees, mettidos nas suas grandes canôas, surprehenderam a embarcação, assenhorearam-se dellas e mataram todos os tripolantes; em consequencia deste facto a longo tempo ali não apparece embarcação alguma, mas, que agora, vindo marchando ao longo da praia, avistaram no mar uma caravela, que foi o barco ao qual o hyate *Vlissinge*, Domingo passado, deu caça; perguntando-lhe, entre outras couzas, si os Tobajaras de *Camorisiby* sabiam da nossa vinda, responderam que não, mas, que não ignoravam que a gente do *Siara* nos esperava diariamente, e que quando o principal Fran-

cisco Aragiba lhes levasse a noticia da nossa chegada aqui, de certo ficariam muito alegres e sem duvida um dos seus principaes viria visitar-nos em companhia do dito Aragiba, e que estes indios aqui habitualmente residem, tendo ido ali somente para visitar os seus amigos.

Na manhã de 1 de Maio procurou-me o mestre Jonas, ourives, referindo que das 7 libras de mineral, que eu hontem lhe entreguei, apenas pódera extrahir $^1/_2$ libra de prata; repetiu que, caso fôsse encontrado o verdadeiro veio, a mina seria das mais rendosas, mas que até o presente o mineral era muito pobre e não compensava as despezas da extracção, porquanto para expurgar e separar do mineral a referida $^1/_2$ libra de prata, que me entregou, gastara em reagentes cerca de dous reales.

Os trabalhadores e carpinteiros continuam occupados nas obras mencionadas, e os marinheiros, com soldados e negros, foram ao velho forte buscar telhas no carro.

O soldado, que hontem veiu da mina, regressou para lá levando uma cartinha para o commissario van Ham, na qual expuz-lhe o parecer do ourives e recommendei-lhe que fizesse aprofundar as excavações afim de tirar-se mineral mais rico e de ser encontrado emfim o tão desejado veio, querendo Deus.

Cerca de 4 horas da tarde chegou o commissario van Ham, com os mineiros, trazendo algum mineral para mostrar-me que o mesmo indicava a existencia, nas proximidades, de ricos veios de prata, cuja descoberta dependia apenas de aprofundarem-se as excavações; os mineiros acrescentaram que até agora apenas haviam encontrado indicios ou signaes, mas que estavam certos de achar o verdadeiro veio; perguntando-lhes, pois era meu pensamento informar os Nobres e Poderosos Senhores de todo o occorrido, si, fundado sobre as suas declara-

ções, poderia escrever aos Nobres e Poderosos Senhores que seria encontrada uma boa e rica mina de prata, responderam que sim e que dar-me-iam uma declaração por elles proprios escripta e assignada para lhes ser enviada, bem como uma relação de todo o necessario que da *Hollanda* convem mandar buscar para adiantamento de tão importante obra; disseram ainda que o referido monte *Itarema* e os outros proximos apresentam tão favoravel aspecto que emquanto a Companhia existir sempre delles poderá ser tirada prata em abundancia; mas, que, uma vez encontrados os verdadeiros veios, outros processos mais desenvolvidos seria necessario empregar para extracção, conforme o uzo em todos os logares em que existem taes minas, convindo desde agora providenciar a respeito.

Pela manhã do dia 2 entreguei ao mestre Jonas, ourives, amostras do mineral hontem trazido pelos mineiros, afim de ver si delle poderia extrahir alguma prata; dei-lhe de duas qualidades, sendo 8 libras duma e 4 d'outra, para verificar si haveria alguma differença.

Ao anoutecer o mestre Jonas, ourives, procurou-me e trouxe-me as amostras de prata extrahidas dos referidos mineraes, communicando-me que das 8 libras tirára ao todo 7 grãos e das 4 meio dinheiro *(penning)*.

Por volta das 8 horas da manhã do dia 3 despachei o commissario van Ham e os mineiros para a mina, abastecidos de todo o necessario, e recommendei-lhes que continuassem a cavar até encontrar o verdadeiro veio. Antes da partida os mineiros fizeram-me entrega duma declaração por elles escripta e assignada perante duas testemunhas dignas de fé, garantindo a existencia duma boa mina, afim de ser enviada aos Nobres e Poderosos Senhores.

Aqui termina o manuscripto em cuja capa lê-se o titulo: DIARIO E MAIS INFORMAÇÕES DE MATHIAS BECK DO SIARA (Journael en andere bescheyden van Mathias Beck uyt Siara); comprehende o periodo de 18 de Março a 3 de Maio de 1649; a continuação, a partir de 23 de Julho, encontra-se no seguinte manuscripto.

A. DE C.

Diario do que aconteceu depois da partida do *capitaine des armes* Roborto Bruyn (Continuação do diario escripto no Siara pelo Sr. Beck).

23 de Julho de 1649.

Chegou aqui um dos serventes dos mineiros, com quatro negros, em busca de viveres, trazendo duas ancoras ou barris com mineral, os quaes foram d'aqui levados, a 22 deste, pelo mineiro Hans Simpel afim de enchel-os do melhor material ou mineral, para na primeira occasião serem enviados aos Nobres e Poderosos Senhores no *Recife* com o pedido de, se lhes aprouver, mandar os ditos dous barris com o referido mineral para a patria, no intuito de que ali seja analysado por bons provadores e se verifique si a declaração escripta feita pelos mineiros a respeito da mina, conforme aqui se pode ver atraz na data de 15 deste (*), é verdadeira.

Chegaram tambem tres soldados da aldeia, referindo que o ministro Kempins os encarregara de dizer-me que os indios destinados a ir ao *Recife* só amanhã poderão vir, porquanto estão occupados em fazer farinha para levar na viagem. Chegou ainda o soldado Nicolau Provoo, vindo da roça de *Itapeba*, onde se acha na qualidade de feitor, afim de levar viveres; referiu que o trabalho da roça

(*) A parte do *Diario* de 4 de Maio a 22 de Julho não foi encontrada pelo Dr. José Hygino.

A. de C.

avança satisfactoriamente estando já plantadas mais de 6000 covas de mandioca, e mais estaria plantado si os indios não fossem tão morosos em trazer a maniva; entretanto não se perde tempo em desbravar e preparar o terreno para que dentro em breve, havendo maniva, tudo fique plantado.

24 de Julho.

Pela manhã partiram levando viveres as gentes da mina, da aldeia e da roça.

Depois do meio-dia recebi uma carta do ministro Kempins, da aldeia, avisando-me, entre outras couzas, longamente que devido ao principal Francisco Aragiba tem surgido algumas difficuldades quanto a induzir e convencer os indios a ir ao *Recife,* que nenhum dos indios mostra boa vontade em emprehender semelhante viagem; que todos veem com maus olhos que sejam enviadas informações ao *Recife* receiando que para elles resulte prejuizo do que se escrever aos Nobres e Poderosos Senhores; outrosim constava que o mencionado Francisco Aragiba lhes havia revelado o estado miseravel da nação hollandeza, dizendo-lhes que já não tinha coragem como dantes nem mais tropas, pois as mesmas tinham ficado todas em *Guararapes* com toda a artilharia e munições, e que nós tinhamos vindo do *Recife* para aqui porque não nos podiamos mais manter ali, e tudo isto com muitas particularidades que seria longo referir aqui, mas que tudo foi plenamente contestado pelo ministro Kempins; que igualmente o citado Francisco Aragiba, sendo posto em confissão e interrogado sobre si disséra tudo que atraz fica referido, negou-o a pé firme e declarou estar resolvido a viver e a morrer com os hollandezes e disposto a apromptar quatro indios para, em companhia dum hollandez, seguirem para o *Recife,* os quaes na proxima segunda-feira, 26 do corrente, aqui deverão estar para seguir viagem, estando presentemente occupados em fazer farinha para o caminho.

Pelas 3 horas da tarde deliberei enviar o meu escrivão Daniel Albaert á aldeia a fallar com o ministro Kempins e o principal Francisco Aragiba afim de que os indios se apresentassem com a maxima brevidade para seguir para o *Recife*.

Em seguida mostrei a carta do ministro Kempins ao commandante Maes e resolvemos mandar quatro bons soldados, destros em nadar e marchar, com o *capitaine des armes* Roberto Bruyn, levar ao *Recife* as cartas aos Nobres e Poderosos Senhores, em companhia dos quatro indios, sendo este o melhor e mais seguro meio de fazêl-o.

25 de Julho.

Pela manhã chegou um indio do monte *Maragoaba* trazendo um pedaço de mineral de côr brilhante como ouro, e como mestre Jonas, o ourives, não tivésse esmeril não pôde examinal-o quanto á qualidade da prata; mas, tomando uma amostra e submettendo-a á prova encontrou vestigios de prata, o que é indicio sufficiente de que no monte *Maragoaba*, proximo ao monte *Itarema* existem tambem mineraes de prata; o pedaço trazido foi apanhado á flor da terra, pois, conforme declarou, o indio não possuia ferramenta alguma para extrahil-o das rochas ou veios, do contrario teria trazido maior e melhor amostra, o que prometteu fazer na primeira occasião.

26 de Julho.

Esta manhã foi enterrado um soldado, da companhia do commandante Maes, fallecido durante a noute. Chegou um soldado da aldeia dizendo que os indios destinados a ir ao *Recife* devem hoje aqui chegar; participou-me mais que um soldado, de nome Anthony Giron, da companhia do capitão Coster, havia oito dias saira para o mato proximo ao monte *Itarema* á procura de pequenos côcos e até a presente data não appareceêra mais.

A' tarde regressou o meu escrivão Daniel Albaert, que a 24 deste fôra enviado á aldeia, vin-

do em sua companhia cinco indios para, junto com o *capitaine des armes* e quatro soldados, seguirem para o *Recife*, os quaes eu o incumbira de trazer; referiu-me, entre outras couzas, que conversando ali hontem á noute com os indios, um delles disséra que no tempo em que Martim Soares Moreno esteve aqui no *Siara*, ouvira-o dizer que esta mina de *Itarema* só seria explorada quando ficasse exgotada a do *Peru*, porquanto não convinha ao rei que duas minas de prata fôssem exploradas ao mesmo tempo, pois assim ficaria a prata depreciada e considerada de pouco valor,

O mesmo meu escrivão entregou-me uma cartinha do ministro Kempins communicando-me que os indios occupam-se presentemente na construcção da nova aldeia e que não havendo mais gente para casar nem crianças para baptisar e tambem pouca ou nenhuma gente vindo aos Domingos á igreja, ao passo que no *Siara* havia muita gente para casar e crianças para baptisar, as quaes não queriam ir á aldeia velha, sendo outrosim a aldeia nova pouco distante do *Siara* e havendo no *Siara* uma bôa casa do principal Francisco Aragiba, onde poderia alojar-se commodamente, ficando assim mais á mão, resolvêra, cazo eu approvasse e julgasse conveniente, ir morar ali afim de effectuar os referidos casamentos e baptisados, mas que primeiro aguardava o meu juizo e parecer a réspeito.

Entreguei a Roberto Bruyn, *capitaine des armes*, as minhas cartas aos Nobres e Poderosos Senhores, todas bem lacrados e selladas, bem como tres saquinhos, de n.ˢ 1, 2 e 3, contendo mineral; recommendei-lhe todo o cuidado para que não deixasse molhar as cartas e papeis e que procurasse realisar a sua viagem com a maxima presteza, para cujo fim entreguei-lhe cartas de recommendação ás auctoridades do *Rio Grande*, *Parahyba* e *Itamaracá* afim de lhe prestarem, caso fôsse preciso, toda a assisten-

cia e auxilio a elle e aos quatro soldados e cinco indios que o acompanhavam.

27 de Julho.

A noute passada o *capitaine des armes* seguiu viagem conforme lhe fôra ordenado hontem á tarde; Deus Nosso Senhor conceda-lhe uma rapida e feliz viagem.

Não havendo mais sal de provisão para salgar peixe, mandei alguns marinheiros ver si poderiam extrahil-o d'agua do mar; não havendo apparelhos proprios até agora pouco ou nada se tem feito.

28 de Julho.

Respondendo a carta do ministro Kempins, de 26 do corrente, permitti-lhe que fosse residir temporariamente no *Siara* até que na nova aldeia fôsse construida a igreja e levantado um cruzeiro em frente á mesma, quando cumpria fosse ali habitar.

29 de Julho.

Nada occorreu digno de nota; apenas á tarde chegou aqui um soldado, que tendo saido a pescar, avistara do alto da ponta de *Mucuriba* um barco ancorado, pelo que apressou-se em regressar afim de trazer-me a noticia; em consequencia ordenei ao mestre da chalupa que amanhã cedo, com a brisa de terra, seguisse para junto do mesmo barco no intuito de saber si era vindo do *Recife* e neste caso guial-o aqui para dentro do porto.

30 de Julho.

Ao amanhecer do dia a chalupa fez-se ao mar e logo depois avistamos o referido barco navegando na altura da bahia de *Mucuriba*; pelas 8 horas lançou ferro aqui dentro do porto de Schoonenburch, sendo o barco *Cammamou* do capitão Eduardo Gosens; á bordo do mesmo veiu a esposa do commandante Maes e a chegada do barco causou aqui, graças a Deus, grande alegria.

Depois do meio-dia chegou da mina o commissario van Ham com um servente de mineiro e dous

negros á busca de barris; chegaram tambem tres soldados da aldeia.

A' tarde com o baixa-mar começamos a descarregar os viveres do barco *Cammamou*; a cada um dos soldados, que trabalharam no transporte dos viveres para o armazem, o preposto Herzeel deu meio quartilho de aguardente como extraordinario.

31 de Julho.

Esta manhã partiram o mineiro e os soldados da aldeia levando as suas provisões. Com o baixa-mar foi retirado do barco *Cammamou* o resto dos viveres. Chegou aqui o principal Amunijú-pitanga com os capitães Francisco Cayaba e Antonio Siaraigoara afim de saber as noticias trazidas do *Recife* pelo barco *Cammamou*; respondi-lhes que, graças a Deus, no *Recife* tudo ia bem e que aquelle barco nos fôra enviado pelos Nobres e Poderosos Senhores com o unico objecto de trazer-nos bôas noticias; disse-lhes mais constar que devido ao facto de andarem navios e hyates hollandezes cruzando nas costas de *Portugal* o respectivo rei estava tão desanimado e aterrorisado que bem desejaria nunca ter começado esta guerra comnosco aqui no *Brasil*; que os Nobres e Poderosos Senhores haviam avisado-me de que ainda um outro hyate, carregado com viveres e munições de guerra, estava prompto para na primeira occasião seguir para aqui; que outrosim os mesmos Senhores muito se alegraram sabendo por mim com que franqueza e amisade os indios nos tinham aqui acolhido e que confiavam que em todas as occasiões continuariam a ajudar-nos a achar o verdadeiro local da mina onde os portuguezes tinham trabalhado, e finalmente que recommendavam-me que entre a gente d'aqui procurasse uma lista dos principaes mais antigos da terra bem como do numero da sua gente para na occasião propria podel-os recompensar pelos seus serviços e dedicação, dando pelo menos a cada principal um bom vestido,

e cazo houvesse ensejo de receiarmos alguma aggressão dos inimigos seriam em tempo soccorridos com as tropas necessarias á nossa defeza; mostraram-se os indios muito contentes com estas noticias e prometteram empregar todos os esforços em examinar o monte, agora que vem o tempo secco, afim de encontrar o verdadeiro logar donde Martim Soares extraiu o mineral que enviou para *Portugal*, o qual esperavam agora achar sem demora, e que mandariam fazer as listas da sua gente que aqui estava, tanto homens como mulheres e crianças, afim de m'as entregar para serem mandadas aos Nobres e Poderosos Senhores, e que esperavam que quando houvessem encontrado o verdadeiro local da mina os mesmos Senhores dar-lhes-iam algum panno para vestirem as suas mulheres e filhos, e regressaram finalmente para a sua aldeia.

1 de Agosto. Domingo.

Nada occorreu de notavel, excepto .que pelo meio-dia chegaram da mina dous soldados trazendo o mosquete do soldado Anthony Giron, da companhia do capitão Coster, que até esta data não appareceu.

2 de Agosto.

Esta manhã accordei com dous sargentos envial-os á pesca, cada um com dez homens e uma rêde, devendo semanalmente recolher ao armazem 300 peixes salgados de bom tamanho e aproveitaveis.

Da aldeia chegou aqui o ministro Kempins afim de saber as noticias trazidas do *Recife* pelo barco *Cammamou*; igualmente veio da mina o mestre mineiro Hans Simpel com um servente e um negro.

3 de Agosto.

Esta manhã mandei de novo para a mina ao mestre mineiro vindo hontem com um servente e um negro; mas, tendo um certo indio de nome Vicente Dias trazido-me um pouco de mineral do monte *Maragoaba*, determinei que o mesmo mineiro fosse pri-

meiro para ali, com um servente, dous negros e a ferramenta precisa, em companhia do dito indio afim de examinar attentamente o local, informando-me a respeito.

Recebi do principal Francisco Caraya, á semelhança dos demais principaes, o juramento de fidelidade em presença do commandante Maes.

Contractei com dous soldados ampliarem todo o fosso em volta do forte até a largura de 12 pés e fazerem ainda outros pequenos reparos; devem, emquanto durar o trabalho, gozar de rações dobradas.

4 de Agosto.

Esta manhã segui para a mina em companhia do ministro Kempins, dos capitães Francisco Pietersen e Eduardo, do barco *Cammamou*, e ainda outros mais, levando uma escolta de seis soldados; chegamos lá por volta duma hora da tarde, e no mesmo dia, tendo examinado todos os trabalhos e operações dos mineiros, resolvi no seguinte partir para a aldeia, com o ministro Kempins, a encontrar-me com o commissario van Ham e o mestre mineiro Hans Simpel que, com um servente e dous negros, foram ao monte *Maragoaba* em busca duma amostra de mineral.

5 de Agosto.

Bem cedo pela manhã parti com o ministro Kempins e mais companheiros, levando a escolta, para a aldeia dos indios, e em caminho passei a nova roça que mandei fazer, a serviço da Companhia, pelos indios; nella encontrei ainda 13 indios trabalhando diligentemente e vi diversas covas de mandioca ali plantadas já abrolhando e outras vazias por falta de maniva; si, como esperamos, tivérmos algumas chuvas, tudo desenvolver-se-a satisfactoriamente e na proxima estação teremos maniva sufficiente para fazer uma ou mais roças importantes.

Por volta do meio-dia chegamos á aldeia dos indios, onde veio ao meu encontro o commissario van Ham, com o mestre mineiro Hans Simpel, e seus companheiros, vindos do monte *Maragoaba* com uma amostra de mineral, referindo que o mesmo monte apresenta aspecto identico ao de *Itarema* e que si ali cavassem tão fundo como já fizéram no monte *Itarema* estavam certos de encontrar o mesmo mineral que em *Itarema*, pois a amostra que traziam era igual ás encontradas quando começaram a trabalhar em *Itarema*.

6 de Agosto.

De manhã cêdo parti para a aldeia com os companheiros e por volta do meio-dia regressei ao forte *Schoonenburch*; ao chegar em casa fui informado de que o mastro novo da chalupa quebrara-se outra vez em trez pedaços quando esta navegava para a bahia de *Mucuriba* levando alguns barris d'agua para o hyate *Synegael* pelo que ordenei ao capitão Francisco Pietersen que cuidasse em provêl a quanto antes d'outro mastro, afim de que ao chegar Dirck Pietersen, com o hyate *Wittepaert*, não tivéssemos difficuldades em descarregar delle as mercadorias.

Conforme o costume viéram os soldados da roça da aldeia, com negros e um servente de mineiro, buscar viveres.

7 de Agosto.

De manhã cedo a gente acima mencionada partiu novamente em companhia do ourives mestre Jacob e do meu negro Domingos, para ajudal-o ali na mina quando for preciso, e levando uma carta para o commissario van Ham recommendando-lhe com insistencia que estimule os mineiros ao cumprimento dos seus deveres e que caso houvesse necessidade de auxilio ou de mais gente, m'o avizasse para mandar-lh'a, e que desejava enviar, pelo barco *Cammamou*, uma amostra melhor aos Nobres e Po-

derosos Senhores, afim de assim poder confirmar a declaração dos mineiros, já communicada aos mesmos Senhores.

Depois do meio-dia chegou aqui o hyate *Wittepaert* carregado de viveres e outros generos necessarios á guarnição, de accordo com o aviso recebido dos Nobres e Poderosos Senhores do *Recife*; nelle veiu o major Garstman, commissionado pelos Nobres e Poderosos Senhores como commandante da milicia aqui; Vicente Drillenborch como preposto em logar do actual H. van Herzeel; Henrique Balthus van der Meulen, um servente de padeiro, dous serradores, um carpinteiro, seis negros pertencentes ao citado van Meulen e quatro da Companhia ás ordens do mesmo.

8 de Agosto.

Havendo o hyate *Wittepaert* trazido um mastro novo para a chalupa mandei buscal-o pelo bote do *Synegael* para que seja sem demora collocado na dita chalupa para que amanhã, querendo Deus, vá, com o barco *Cammamou*, descarregar as mercadorias e viveres do hyate *Wittepaert*.

9 de Agosto.

Ao romper do dia a chalupa e o barco *Cammamou* seguiram para o hyate *Wittepaert* afim de descarregar as mercadorias pelo mesmo trazidos; mandei, pela manhã, um negro á mina levar ferramenta. Ao meio-dia regressaram a chalupa e o barco *Cammamou* carregados com as mercadorias do hyate *Wittepaert*, que foram transportadas para terra pelo bote do hyate *Synegael*.

10 de Agosto.

Esta manhã a chalupa seguiu novamente para o hyate *Wittepaert* afim de continuar a descarga das mercadorias. Reuni no meu alojamento todos os officiaes da milicia e, de accordo com a commissão dos Nobres e Poderosos Senhores, apresentei-lhes o

major Garstman como commandante da milicia d'aqui pelo que todos unanimemente lhe deram os parabens.

Pelo major Garstman o capitão Eduardo Stevens foi empossado do commando da companhia do capitão Coster, em logar deste.

Em companhia do major Garstman, de Henrique Balthus van der Meulen, do engenheiro Ricardo Caer e de seis soldados, fui ao velho forte do *Siara* chamado *S. Sebastião* afim de ver si ali não encontrar-se-ia barro proprio para H. B. van der Meulen fabricar tijolos e telhas, e examinar attentamente o terreno no intuito de verificar si o nosso forte não ficaria ali mais bem situado; depois de demorada inspecção o major Garstman approvou a construcção do forte aqui por achar-se em melhor situação do que o antigo.

Pelas duas horas da tarde a chalupa regressou aqui ao porto carregada com mercadorias do hyate *Wittepaert*.

11 de Agosto.

Nesta data chegou aqui o principal Francisco Aragiba, com os capitães Francisco Caraya e Antonio Siaraigoara, afim de saber as noticias trazidas pelo *Wittepaert*, as quaes communiquei-lhes da melhor maneira e procurei dispol-os a seguir na presente occasião, no mesmo hyate, com o engenheiro Ricardo Caer e os soldados que eu julgar necessarios, para *Camerisiby* afim de auxilial-o no desempenho da missão para a qual tenho resolvido enviar o mesmo engenheiro, e terminada esta regressarem por terra.

12 de Agosto.

Esta manhã cedo seguio o barco *Cammamou* afim de continuar a descarga dos viveres do hyate *Wittepaert*.

Entreguei a H. B. van der Meulen e a mestre Jonas duas libras de mineral para ser por ambos examinado, e, dizendo-me H. B. van der Meulen

não ser perito em tratar mineraes a fogo, resolvi que apenas assistisse á operação, conforme as regras.

A' tarde regressou o barco *Cammamou* carregado com viveres do hyate *Wittepaert*, os quaes foram transportados para terra pelo bote do hyate *Synegael*.

Ao anoutecer H. B. van der Meulen e o mestre Jonas trouxeram-me uma pequena amostra de prata extraida das duas libras de mineral que lhes dei; pezava a referida amostra cerca de 8 grãos, tendo sido extraida por mestre Jonas e provada em presença do mesmo van der Meulen.

13 de Agosto.

Segundo o costume vieram nesta data soldados e gente da aldeia, da roça e da mina, buscar os viveres habituaes com os quaes regressaram aos seus alojamentos.

14 de Agosto.

Esta manhã cedo entreguei a H. B. van der Meulen oito libras de mineral afim de ser tratado pelo mesmo van der Meulen; dei-lhe do melhor e mais fino mineral que já veiu da mina para a prova.

Chegou aqui o commissario van Ham com dous mineiros, quatro serventes e cinco negros, trazendo algum mineral, tanto de *Itarema* como de *Maragoaba*, bem como alguma ferramenta quebrada, como pás, martellos, malhos e picaretas e referindo que todos os malhos e martellos estão estragados, pelo que ordenei ao ferreiro que os concertasse sem demora.

15 de Agosto.

Chegou da roça o meu negro Domingos trazendo sete machados, trez fouces e nove pás, que foram recolhidas ao armazem por não serem mais necessarias na roça.

16 de Agosto.

Esta manhã chegou aqui o ministro Kempins, com alguns indios, para saber as noticias trazidas pelo *Wittepaert*.

O mestre-mineiro regressou para mina, com quatro serventes e quatro negros, levando toda a ferramenta necessaria.

Esta tarde referiu-me H. B. van der Meulen que das oito libras de mineral que, a 14 deste, lhe entreguei para provar no moinho de azougue não deram bom resultado por se achar o apparelho desarranjado pelo que nada tinha obtido; dei novamente a H. B. van der Meulen e a mestre Jonas tres libras de mineral para juntos examinal-o conforme melhor souberem e poderem, e providenciei para que o moinho de azougue fosse concertado afim de que d'outra vez se possa fazer uma experiencia.

17 de Agosto.

De accordo com o major Garstman, contractei com dous soldados o corte de pallissadas de 15 a 20 pés, ao preço de quatro florins o cento pagos pelo armazem. Ainda com annuencia do mesmo major resolvi ampliar a nossa fortificação e para este fim ordenei que duas esquadras fossem roçar o terreno afim de facilitar ao engenheiro Ricardo Caer a demarcação das novas obras que, conforme a opinião do major Garstman, devem ser feitas para a nossa defeza.

18 de Agosto.

Deliberei, antes de proseguir no trabalho de augmentar a nossa fortificação, ouvir o parecer dos demais officiaes da milicia e das outras pessoas que fazem parte do conselho de guerra, sobre si convinha fazer o augmento de conformidade com a primitiva planta ou si seria preferivel alguma outra e melhor; para este fim convoquei extraordinariamente o conselho de guerra, ao qual compareceram eu, Mathias Beck, major Garstman, capitães João Maes, Eduardo Stevens e Francisco Pietersen; tenentes Himnervat, da companhia do capitão Maes; João de Rijcke, da companhia do capitão Eduardo Stevens; prepos-

to Vicente Drillenborch; alferes Henrique Zeendert e Huberto Thomassen, e o engenheiro Ricardo Caer.

Depois de haver exposto ao conselho de guerra as razões e os motivos que haviam determinado resolvermos, eu e o major Garstman, augmentar um tanto a nossa fortificação, para o que já haviamos feito o engenheiro delinear a planta, no intuito de melhorar as condições de defeza sem grandes despezas, perguntei a cada um dos presentes si julgavam o augmento necessario ou não e, si sendo necessario, convinha fosse feito de accordo com a primitiva planta ou si tinha a propor algum projecto melhor e mais util á Companhia pelo qual nos podessemos regular; apoz madura deliberação accordaram todos em reconhecer unanimemente que a planta escolhida por mim e pelo major Garstman offerecia as maiores vantagens e que convinha executal-a sem perda de tempo, considerando ser muito necessario o augmento, porquanto o forte é actualmente pequeno demais e incapaz de conter a tropa, e tambem que não havendo nelle latrinas forçozo era deixar durante a noute aberto o portão afim de que os soldados podessem entrar e sair, o que tudo ficaria sanado com o augmento, ganhando-se assim igualmente espaço bastante para a construcção duma padaria e de alojamentos para os prateiros dentro do forte, e finalmente que desta forma ficaria o forte em muito melhores condições de defeza do que se acha actualmente, o que na realidade consistia por si só um motivo sufficiente para que o augmento proposto fosse approvado.

Na mesma data H. B. van der Meulen entregou-me um pedacinho de prata, do tamanho approximado dum grão de milho, extrahido de 3 lb. de minerio que eu lhe déra a 16 do corrente; sobre esta amostra procurei ouvir a opinião de mestre Jonas e dos outros prateiros, os quaes tendo examinado o referido fragmento mostraram-se assaz admirados, porquan-

to mestre Jonas de 2 lb. de minerio por quatro vezes tinha extrahido amostras muito maiores e de melhor qualidade, a vista do que declararam unanimemente ser culpa de H. B. van der Meulen não haver o minerio produzido mais prata; que haviam em tudo fielmente observado as prescripções e que o cadinho de prova *(proef-kroes)* estava quebrado; declararam ainda ser possivel ter-se perdido alguma prata devido a H. B. vander Meulen ter-se apressado em lavar a amostra por saber que eu pretendia ir ao seu alojamento; destes factos e declarações só posso concluir que a H. B. van der Meulen, si bem que se esforce por produzir boas amostras, fallecem a experiencia e os conhecimentos proprios, e presumo que mestre Jonas o sobrepuja em habilidade.

19 de Agosto.

Nesta data foram escalados dous sargentos e 16 soldados, armados de pás e de enxadões, para trabalhar nas novas obras da fortificação, devendo, emquanto occupados neste serviço, receber rações dobradas.

20 de Agosto.

Chegaram aqui o capitão Francisco Cayaba e Antonio Siará , afim de, querendo Deus, seguirem com os Tobajaras que aqui ficaram, em companhia do engenheiro Ricardo Caer, á bordo do hyate *Wittepaert*, para Camaracibe.

21 de Agosto.

Hoje pelas oito horas da manhã o capitão Dirk, do hyate *Wittepaert*, veio trazer-me as suas despedidas afim de partir para Camaracibe em companhia do engenheiro Ricardo Caer e dos capitães dos brasilienses aqui chegados hontem, bem como o filho do velho Caraya; dei ao engenheiro Ricardo Caer instrucções escriptas pelas quaes deve regular a sua conducta; seguiu tambem o meu negro Domingos que, como muito pratico na lingua brasiliense, servirá de interprete, Jacob van der Maes, prateiro, e cinco

bons soldados sob as ordens e o commando do referido engenheiro, devendo, si fôr possivel, regressar por terra; ao meio dia fizeram-se de vela e Deus Nosso Senhor lhes conceda rapida e feliz viagem.

22 de Agosto.

Nada occorreu digno de menção, excepto que de bordo do hyate *Synegael* dispararam dois tiros de canhão e que o mesmo garrou, tendo, segundo parece, perdido uma ancora.

23 de Agosto.

Nada aconteceu; continuam os dous sargentos com 16 soldados a trabalhar nas novas obras destinadas ao augmento da nossa fortificação.

24 de Agosto.

Referiu Frans Pietersen, capitão do hyate *Synegael*, que o mesmo garrou, a 22 do corrente, partindo uma amarra, que se perdeu bem como a respectiva ancora, e que hoje fez de vela afim de fundear mais para dentro da bahia, tendo perdido ainda outra ancora; accrescentou que o novo ancoradouro é preferivel ao antigo e que espera rehaver as ancoras perdidas.

25 de Agosto.

Cêdo pela manhã segui, em companhia do major Garstman e de H. B. van der Meulen, para a mina afim de pessoalmente inspeccionar o trabalho dos mineiros e tambem para trazer d'ali uma bôa porção do minerio no intuito de sujeital-o á prova em certos cadinhos de barro fabricados para este fim por H. B. van der Meulen; chegando á mina pelas duas horas da tarde observei que os mineiros trabalhavam no mesmo sitio em que, por occasião da minha ultima visita, tinha resolvido que continuassem a trabalhar até ver qual a sorte que a Deus Nosso Senhor prouveria de ali nos conceder; sendo porem até agora quasi nullos os resultados dos trabalhos deliberei mandar reabrir a antiga excavação, que fôra entulhada, fornecendo aos mineiros a ferra-

menta precisa afim de aprofundarem-na, pois assim espero será encontrado minerio de melhor qualidade, do qual pretendo enviar, pelo barco Cammamou, uma bôa porção aos Nobres e Poderosos Senhores assim como a prata que delle for extrahida, devendo cada prateiro tratar isoladamente certa quantidade de minerio; deliberei igualmente que o producto destas experiencias seja levado aos Nobres Senhores pelo proprio H. B. vam der Meulen; em consequencia ordenei aos mineiros que parassem com o trabalho no logar que actualmente exploram a mina e que reabrissem a antiga excavação.

26 de Agosto.

Pela manhã, depois dos mineiros haverem, em minha presença e do major Garstman e de H. B. van der Meulen, reaberto a antiga excavação, da qual foi extrahido em abundancia minerio de excellente qualidade, no qual era apparente a existencia de prata, deliberei ordenar a construcção duma caza na qual fosse recolhido o mesmo minerio, ao abrigo do sol e da chuva, para sempre que houvér mister ser convenientemente aproveitado; todavia, depois de ter consultado os amigos atraz mencionados e o commissario van Ham, projectei proseguir simultaneamente com a exploração em ambas as excavações, porquanto é evidente que a descoberta do minerio mais rico depende apenas de aprofundal-as mais.

Segui, com o major Garstman e H. B. van der Meulen, para a roça situada bôas duas milhas da mina e junto ao rio Itapeba, afim de verificar si nas visinhanças ha terrenos proprios para maiores plantações, que sejam capazes de abastecer os trabalhadores da mina e bem assim no intuito de proporcionar occasião ao citado H. B. van der Meulen de escolher um sitio proprio á cultura em que deseja empregar os negros que comsigo trouxe; chegados á mencionada roça que mandei fazer pelos brasilienses em proveito da Companhia, observamos que, attendendo ao curto espaço de tempo desde que foi

ram plantadas, a mandioca tem prosperado admiravelmente e assim Deus Nosso Senhor nos conceda ainda algumas chuvas teremos farinha em abundancia e poderemos plantar roças em proporções com as nossas necessidades; os terrenos adjacentes são tão proprios ao seu plantio que o major Garstman e H. B. van der Meulen declaram não haver melhores em Pernambuco, e que nelles podem ser plantados todos os cereaes cultivados em Pernambuco; á vista disto propuz ao citado H. B. van der Meulen que viésse estabelecer-se ali de preferencia á costa, perto do forte, deixando ao seu alvitre distinguir entre as vantagens e proveitos que para elle e para a companhia possam resultar da cultura destas terras ou das visinhas do forte.

27 de Agosto.

Cêdo pela manhã regressamos da roça para a mina e ali chegados achamos que os mineiros estavam extrahindo minerio ainda melhor do que o anterior, no qual percebia-se ainda mais visivelmente notaveis vestigios de prata; comquanto o minerio extrahido ainda seja em pequena quantidade e de qualidade inferior, a sua extracção cauzou-nos grande contentamento e fortaleceu-nos na esperança de que quanto mais aprofundarmos a excavação de melhor qualidade será o minerio encontrado, pelo que julguei de bom alvitre e resolvi, com o assentimento do major Garstman, do commissario van Ham e de H. B. van der Meulen, que, emquanto me fosse possivel fornecer ferramentas e materiaes necessarios, os mineiros continuassem a trabalhar no referido logar e que o minerio extrahido fôsse recolhido sob coberta enxuta numa caza de pedra afim de ficar ao abrigo do tempo; projectei igualmente recomeçar o trabalho no logar que a pouco deixamos e, tendo conversado a respeito com os mineiros, deliberei que um delles, com dous serventes e dous negros,

continuassem a explorar a nova excavação e que o outro, tambem com dous serventes e dous negros, recomeçasse o trabalho na antiga, logo que as ferramentas precisas ficassem promptas; afim de evitar interrupções no serviço da mineração dei-lhes para cosinheiro um soldado que para este mister se apresentou voluntariamente, o qual deverá ficar dispensado de marchar e de montar guarda; outrosim, escasseando a agua e ameaçando a vir a faltar completamente no logar em que a tiravam junto ao monte, sendo forçoso ir buscal-a á distancia de milha e meia numas lagôas ali existentes, resolvi deixar-lhes dous negros os quaes deverão ser exclusivamente occupados no transporte d'agua, e tambem no intuito de prevenir a paralysação do trabalho por falta de ferramentas, destinei dous outros negros especialmente para o fim de leval-as ao ferreiro afim de serem concertadas; o commissario van Ham velará sobre tudo que diz respeito á mina, esforçando-se por dar bom andamento ao serviço; os mestres mineiros confirmaram, em presença do major Garstman, do commissario van Ham e de H. B. van der Meulen, as suas declarações feitas em 15 de Julho conforme consta deste diario, e persistem em mantel-as.

Depois de assim haver tudo regularisado, deliberei mandar juntar todo o minerio de qualidade mais fina para com elle encher dois barris afim de serem enviados aos Nobres Senhores, bem como levar commigo certa porção do mesmo minerio para que o mestre prateiro e H. B. van der Meulen, cada um extraia delle uma amostra, as quaes serão mandadas aos Nobres Senhores juntamente com os barris de minerio.

28 de Agosto.

A's nove horas da manhã parti da mina, em companhia do major Garstman e de H. B. van der Meulen, chegando ás tres horas da tarde aqui no

forte Schoonenburch, trazendo commosco um pouco de minerio e havendo deixado determinado que com o mesmo fossem enchidos dous barris, e recommendado a mestre Jonas e ao commissario van Ham que para este fim escolhessem-no da melhor qualidade; mestre Jonas deve regressar amanhã com os negros trazendo os barris.

29 de Agosto.

Mandei á mina um negro levando dous machados e uma serra ao commissario van Ham, afim de fazerem cabos para os martellos e as picaretas empregadas pelos mineiros; regressou da mina mestre Jonas referindo que os proprios mineiros queriam encarregar-se de encher os barris.

30 de Agosto.

Cêdo pela manhã entreguei a mestre Jonas 2 lb. de minerio, do que trouxemos agora da mina, para que o examinasse no novo cadinho de barro construido por H. B. van der Meulen, devendo em seguida permittir que o mesmo H. B. van der Meulen e os demais prateiros tirassem cada um uma amostra afim de pôr termo a todas as discussões.

Em consequencia de H. B. van der Meulen não ter ainda fixado residencia aqui junto ao forte e não achar occupação para os seus negros, ordenei-lhes a construcção duma repreza afim de conservar as aguas do riacho; ponderei-lhe igualmente, em presença do major Garstman, que havendo nós grande necessidade de telhas e de tijolos e que existindo, nas immediações da grande lagoa, barro proprio ao seu fabrico e excellentes terrenos de cultura, distando d'aqui apenas meia milha, convinha que elle ali fôsse residir, tanto mais que a referida lagôa é muito piscosa, conforme elle proprio já teve occasião de observar quando ali foi buscar barro para fabricar os cadinhos destinados aos prateiros; concordando elle com as minhas razões, ficou combinado que iria

morar ali afim de fabricar as telhas e os tijolos necessarios á nossa fortificação, convindo eu, no cazo de ser a lagoa tão piscosa que valesse a pena pescar nella á rede, em mandar-lhe uma afim de pescar para a nossa guarnição d'aqui; não sendo preciso todos os seus negros para o fabrico das telhas e dos tijolos, os restantes deverão occupar-se em cortar madeira nas visinhanças do forte para as palissadas de que o mesmo necessita; estando tudo assentado partiu elle esta manhã com o fim de escolher o melhor logar para a construcção da olaria e do respectivo forno; mandei ao commissario van Ham vinte picaretas concertadas para os mineiros e um eixo de ferro para o carrinho de mão. Communicou-me mestre Jonas, o prateiro, que os cadinhos de barro fabricados por H. B. van der Meulen não resistem ao calor do fogo e são improprios para o serviço, porquanto desfazem-se e fundem-se no forno; affirma não saber como obter amostras do metal, visto como não havia mais cadinhos de barro em deposito salvo si H. B. van der Meulen conseguisse fabricar novos cadinhos melhores e mais capazes de resistir á acção do fogo; deliberei, todavia, que mestre Jonas, com um cadinho grande de ferro e um pequeno de barro ainda existente, procurasse extrahir uma amostra do minerio que lhe mandei. Mandei ao commissario van Ham, para os mineiros, seis martellos com cabos e vinte picarêtas pelos negros que hontem aqui trouxeram os dois barris cheios de minerio.

31 de Agosto.

Achando-se a chalupa, segundo referiram o capitão Frans Pietersen e o quartel-mestre da mesma, completamente avariada e precisa de urgentes reparos ou antes de inteira reconstrucção, resolvi, já que temos aqui dous serradores que estiveram occupados em serrar pranchões para as baterias do forte, incumbir os mesmos de, sem demora, preparar

a madeira que julgar mais propria para a confecção de tantas pranchas quantas forem precisas para o concerto da mencionada chalupa.

Entregou-me mestre Jonas, o prateiro, cerca de meio dinheiro de prata extrahida de 2 lb. de minerio, que lhe dei a 29 do corrente, referindo que tres dos cadinhos de barro, fabricados por H. B. van der Meulen, nos quaes collocara o minerio para fundir, não resistiam á acção do fogo, tendo sido forçado a retiral-os estragados do forno e a tratar o minerio por outro processo, isto é, triturando-o e lavando-o, de sorte que não pode garantir si no decurso da lavagem, bem como devido ao estrago dos cadinhos, não foi perdida alguma prata; declarou entretanto que um dos cadinhos menores, feito por H. B. van der Meulen, resistira bem ao fogo, pelo que presume poder o citado van der Meulen fabricar do mesmo barro cadinhos maiores com os quaes se possa tentar obter melhores e mais importantes amostras.

1 de Setembro.

Mandei Frans Pietersen, capitão do hyate *Synegael*, com alguns marinheiros do mesmo hyate, da barca *Cammamou* e da chalupa, afim de, com o carro, trazerem do Siará as peças de ferro que jazem no velho forte para serem collocadas nas novas baterias; são ao todo 5 peças. Nomeei provisoriamente nesta data um dos marinheiros de Frans Pietersen, de nome Vaies, ajudante dos carpinteiros, afim de empregar-se na derrubada das arvores no matto, emquanto os serradores estiverem occupados em preparar pranchas para a chalupa.

2 de Setembro.

Chegou aqui o commissario van Ham com os mineiros trazendo uma boa porção de ferramentas estragadas afim de serem concertadas.

3 de Setembro.

Os marinheiros trouxeram, com o carro, uma das peças de ferro do *Siará*.

4 de Setembro.

Os mestres mineiros, vindos em companhia do commissario van Ham, manifestaram duvidas sobre a possibilidade de proseguir-se com o trabalho da mineração simultaneamente nos dous logares, devido á falta de ferramenta, pelo que resolvi em determinar a continuação do serviço no sitio no qual fosse encontrado o minerio de melhor qualidade, emquanto não me for possivel provêl-os de toda a ferramenta necessaria. Os mesmos mestres mineiros, bem como os seus serventes, entregaram-me duas petições dirigidas aos Nobres Senhores no Recife, em uma das quaes os primeiros solicitam licença afim de poderem ir ao Recife regularisar os seus negocios e obterem dos Nobres Senhores algumas modificações nos seus contractos; na outra os serventes pedem melhoria nos seus salarios porquanto não lhes convem continuar a trabalhar nas condições actuaes. Ao soldado da companhia do capitão Maes, de nome Claes Halman, nomeei provisoriamente carpinteiro afim de ajudar no trabalho mais pesado da fortificação, determinando que, emquanto empregado neste serviço, recebesse ração dobrada. Igualmente, havendo o capitão da barca *Cammamou* representado que, no Recife, o commissario Swaerts, por ordem dos Nobres Senhores, fornecêra á sua tripulação apenas viveres para sete semanas, praso este que terminou a 1 do corrente, e devendo o mesmo fazer-se agora de novo ao mar levando muito mais gente d'aqui, ordenei ao commissario Drillenbarch que mediante o competente recibo, o provêsse dos viveres de que aqui dispomos em rações sufficientes não só á companhia do barco como tambem ás seguintes pessoas que d'aqui deve transportar: o commissario H. van Hersel, por ordem dos Nobres Senhores; o alferes Leonardo Heunich, com seu filho, devido ás instantes sollicitações de toda a officialidade, afim de que possa casar-se com certa mulher com quem

está compromettido no Recife e, com o assentimento dos Nobres Senhores regressar para aqui; André Thyszen, carpinteiro do *Geele Sonne* e tres marinheiros; Reijner, o piloto que veiu comnosco; um soldado doente que aqui não pode curar-se e nenhum serviço presta, e o alferes Gaspar Beem, em virtude da sentença inclusa; ao todo nove pessoas.

5 de Setembro.

Sendo Domingo, nada aconteceu.

6 de Setembro.

Os marinheiros trouxeram, com o carro, do velho forte uma peça de ferro.

7 de Setembro.

Representou-me Frans Pietersen, capitão do hyate *Synegael*, que a mesma embarcação não estava mais em condições de navegar, achando-se o seu casco completamente carcomido pelos caruncbos, de modo que fazendo-se ao mar poria em grave risco não só o mesmo hyate como tambem as vidas dos tripolantes, e que, á vista do exposto, requeria a nomeação de duas pessoas competentes afim de examinar bem o citado hyate e julgar si pode sair barra afóra ou si precisa ser reparado; achando razoavel o pedido, deliberei communicar aos Nobres Senhores o estado do mesmo hyate e nomeei para examinal-o a Gerardo Josensoou, capitão do barco *Cammamou*, H. Thyszem, carpinteiro do *Geele Sonne* e Gerrit Hendricksen, quartel-mestre da chalupa.

Entreguei a H. B. van der Meulen e a mestre Jonas, o prateiro, 5 lb. de minerio afim de ser provado nos novos cadinhos de barro fabricados pelo mesmo van der Meulen; mas, tambem estes cadinhos derreteram-se com o calor do fogo, de sorte que não foi possivel obter amostra alguma e, como o barco *Cammamou*, desde a chegada de H. B. van der Meulen, tendo sido aqui retirado no proposito exclu-

sivo de poder levar ao *Recife* uma boa amostra de prata e havendo o mesmo van der Meulen fracassado na primeira experiencia e por duas vezes no fabrico dos cadinhos, outrosim não existindo aqui mais cadinhos e não convindo demorar por mais tempo a partida do barco, e finalmente sendo provavel que no *Recife* se encontrem bons cadinhos e melhores provetes, resolvi enviar aos Nobres Senhores trez barris cheios de minerio para que seja examinado, não só no *Recife* como na *Patria*, e deliberei reportar-me sómente ao minerio e não ás provas. Os marinheiros trouxeram do velho forte do *Siará*, com o carro, uma peça de ferro.

8 de Setembro.

Trouxeram os marinheiros outra peça de ferro do logar acima referido.

9 de Setembro.

Os marinheiros trouxeram novamente uma peça de ferro do velho forte do *Siará*.

AS MANCHAS DO SOL E AS SECCAS

A causa destas e os meios de attenuar seus effeitos

As manchas do sol e as seccas

A causa destas e os meios de attenuar seus effeitos

A IDÉA da influencia das manchas do sol sobre a quantidade de chuva cahida no Ceará foi aventada pela primeira vez em 1877, no Instituto Polytechnico do Rio de Janeiro, quando se tratava das seccas do Ceará, de suas causas, dos meios de removel-as ou attenual-as.

Essa assembléa, que reunia o que o Brazil tinha de mais selecto em sciencias e letras, mas que tambem congregava scientistas que desconheciam por completo a zona flagellada, discutiu o assumpto e pelas medidas que apresentou, no sentido de minorar os effeitos das seccas, mostrou que era de todo alheia á calamidade de que se occupava.

Em 1877 existiam ainda muitos contemporaneos da secca de 1845, o ultimo flagello no Ceará, mas sobre o qual nada ficou escripto.

O tempo no longo decurso de trinta e um annos havia, se não apagado as dolorosas lembranças d'aquella angustiosa epoca, ao menos esmaecido as tintas do tenebroso quadro.

Assim essa longa tregua, esse periodo de tranquillidade e de abastança, de que gosou o Ceará, fez com que ninguem mais se lembrasse de secca e muito menos se preparasse para resistir aos seus terribilissimos effeitos.

Assim estavamos de todo despercebidos, assim fruiamos os gozos de trinta e um annos de invernos regulares, sem accumularmos reservas nos celeiros pois contavamos com a estação das chuvas amanhã, quando se declarou a secca de 1877 sem prodromos e sem avisos.

O panico foi geral. Os homens e os animaes allucinados de fome abandonavam os domicilios, em busca de soccorros.

As estradas em breve regorgitavam de retirantes. E as mais horriveis, as mais dolorosas scenas tiveram logar nos ermos e calcinados caminhos do sertão.

Não raros foram os casos de delirio famelico em o mais agudo gráo. Paes mataram os filhos para comer.

Filhos houve que nos paroxismos do desespero abandonaram nas estradas os paes enfermos e velhos, deixando-os entregues á fome e á sêde.

A noticia da secca com todo o seu cortejo de desgraças espalhou-se pelo paiz inteiro. Em todas as provincias do Brazil havia chegado a nossa triste e dolorosa historia.

O soccorro fraternal não se fez esperar. Todos os dias nos chegaram auxilios e palavras de conforto, que nos enviavam nossos irmãos do norte e sul.

O obulo da caridade particular, entretanto, era insufficiente para manter a vida de cerca de quinhentos mil infelizes, que a secca havia redusido á tristissima condição de mendigos.

Não sendo bastante aquelle soccorro, os poderes publicos vieram em nosso auxilio.

O Imperador foi então o maior e o mais dedicado protector do Ceará.

Influenciado por elle tudo se moveu em favor das victimas da secca.

Organisada a assistencia publica, não se poupa-

ram sacrificios e nem os dinheiros da Nação emquanto houve um faminto a alimentar.

D. Pedro II, interessado seriamente pelos destinos do Ceará, não se limitou á solicitude e dedicação ao presente, soccorrendo as victimas do flagello; muito bem orientado cuidou de aparelhar a terra das seccas, para resistir á futuras calamidades.

Influenciado por elle foi que se reuniu o Instituto Polytechnico para estudar e depois dizer o que era necessario fazer para premunir o Ceará contra estas periodicas devastações.

Aquella corporação decidiu que as seccas não se podiam evitar, mas que era possivel minorar os seus effeitos e predizer a sua vinda.

As medidas que apresentara para neutralisar os effeitos do flagello foram: « *abertura de cisternas, o plantio do abacateiro em toda a zona flagellada, o assentamento de alambiques para a distillação d'agua do mar, os depositos de cereaes e de forragem como reserva para os annos máos* ».

Sendo o mal inevitavel já seria grande cousa saber de sua vinda com alguns mezes de antecedencia. Foi isso precisamente o que os sabios brazileiros daquella epocha pensaram encontrar no numero das manchas do sol.

A pretendida coincidencia entre o minimo de manchas solares e as seccas, entre o maximo de manchas solares e os grandes invernos, foi, parece, um erro de observação.

As manchas solares, sabe-se, são notadas desde a antiguidade.

Ovidio e Virgilio falam d'ellas e os astronomos chinezes já em 301 as observaram.

Esses buracos disseminados na superficie desegual do sol, que apparecem como sombras no chronosphera, porem com uma claridade muitas vezes superior a da lua cheia, influirão na meteorologia da terra?

E' o que é preciso averiguar.

Já em 1614, nos diz Arago, em sua «Astronomia Popular» Baliani escrevia a Galileo dizendo que as manchas solares tinham influencia real sobre a temperatura da terra tanto que quando ellas attingiam ao maximo o calor terrestre baixava sensivelmente.

A opinião de Baliani foi no começo do seculo passado contestada por William Herschell, que embora sustentasse a influencia das manchas solares sobre o clima do globo, negava o abaixamento de temperatura quando as manchas tocavam ao maximo. Pelo contrario Herschell affirmava que quanto maior o numero de manchas solares—mais elevada seria a temperatura da terra.

Baliani e Herschell admittiam uma causa com effeitos diversos.

Annos depois Gauthier, Barral e outros combateram as opiniões em voga servindo-se das observações de Schwabe sobre manchas do sol, em um periodo de 25 annos, de 1826 a 1851, e as observações meteorologicas feitas em França naquelle periodo. Do estudo comparativo deduziram aquelles investigadores que, "*quanto maior for o numero de manchas solares mais elevada será a temperatura da terra, e maiores serão as colheitas*".

Rodolpho Wolf, estudando esta mesma questão e consultando uma chronica de Zurich que vae do XI ao seculo XVIII, conclue que os annos mais ferteis correspondem aos minimos de manchas e aos maximos os annos humidos e tempestuosos.

Assim ha desaccordo manifesto entre as opiniões de Baliani, Herschell, Gauthier, Barral e Rodolpho Wolf.

Annos depois Melbrum, em S. Luiz da ilha Mauricia, suggestionado por aquellas idéas, affirma "*coincidirem ali alguns periodos de chuva com maximas de manchas solares*".

A exemplo de Melbrum e tratando das seccas

do Ceará, o Sr. Barão de Capanema affirma, nas alludidas sessões do Instituto Polytechnico, que—"*o minimo de manchas solares corresponde aos annos de secca*".

Para que assim seja é necessario que todas as vezes que manchas do sol cheguem ao minimo haja secca nas regiões sugeitas a esses flagellos.

Isso no entanto não acontece.

Se consultarmos os trabalhos organisados por Wolf, director do observatorio de Zurich, das datas de maximas e minimas de manchas solares de 1712 a 1878, e se compararmos essas datas com as das seccas no Ceará veremos que no longo periodo de 166 annos apenas duas vezes coincidiram as seccas com as minimas das manchas solares:

MINIMAS Annos	MAXIMAS Annos	MINIMAS Annos	MAXIMAS Annos
1712	1717	1798	1804
1723	1727	1810	1816
1733	1738	1823	1829
1745	1750	1844	1837
1755	1761	1856	1848
1766	1770	1867	1860
1775	1779	1878	1870
1784	1788		

SECCAS DO CEARÁ

Annos	Annos	Annos	Annos
1711	1745 (parcial)	1817 (parcial)	1878
1723	1777	1825	1879
1724	1790	1827 (parcial)	1888 (parcial)
1725	1791	1830 («)	1889 («)
1726	1792	1833 («)	1898 («)
1727	1793	1845	1900
1736	1809 (parcial)	1877	

As manchas do sol, como é sabido, apresentam-se com uma periodicidade quasi regular. Todos os onze annos o numero de manchas attinge ao maximo, diminue depois durante sete annos e meio, desce ao minimo, e leva tres annos e seis decimos para voltar ao maximo. O periodo é, pois, de onze annos e um decimo. Algumas vezes, porém, reduz-se a nove annos, outras eleva-se a dez e mais annos.

A pretendida coincidencia entre o minimo de manchas solares e as seccas do Ceará não existe.

Se ella fosse uma verdade, todas as vezes que as manchas do sol descessem ao minimo—haveria secca, não somente em um ponto limitado como é a zona flagellada pelas seccas no norte do Brazil, porém em todo o globo, pois ha manchas solares que excedem muitas vezes ás dimensões da terra.

O nosso planeta está distante do sol muitos milhões de kilometros, mas essa enorme longitude não impede de sentirem-se na terra os effeitos das revoluções, que se passam no sol.

As perturbações que se observam tendo por causa aquellas revoluções, não se limitam, entretanto, a alguns pontos do globo e sim a todo elle. Como exemplo disso basta citar as curiosas perturbações magneticas observadas em 1871, 1883 e 1894, que se fizeram sentir em um ponto ou outro do globo, como *as manchas do sol*, numa mesma latitude, mas em toda a terra. Essas agitações foram as vezes tão violentas que a bussola desorientou completamente, os fios telegraphicos submarinos interromperam, isso na Europa, na America e na Azia.

Finalmente sentiram-se no globo inteiro as revoluções, que se passavam no astro creador.

Do mesmo modo que o minimo de manchas diminue a quantidade de chuva, o maximo de manchas a augmenta, isso acreditou e sustentou a illustre corporação de sabios brazileiros quando se occupou das seccas do Ceará.

Comparando as datas dos grandes invernos do Ceará com as do maximo de manchas nem uma só coincidencia ha. E isso no longo periodo de 166 annos!

No citado periodo tivemos invernos copiosos como os de 1776, 1782, 1793, 1805, que deixaram tradição tão geral e penosa como a secca de 1792, mas nenhum delles coincidiu com o maximo de manchas solares.

Para melhor corroborar essa asserção pode-se consultar o quadro, em seguida, em que vão registradas em um periodo de 46 annos as observações pluviometricas feitas em Fortaleza ao lado da tabella das manchas solares.

ANNOS	MANCHAS DO SOL	CHUVAS EM MIL.	ANNOS	MANCHAS DO SOL	CHUVAS EM MIL.
1849		1,907	1872		2,290
1850		1,022	1873		2,042
1851		1,414	1874		855
1852		1,514	1875		1,614
1853		1,003	1876		1,637
1854		1,568	1877		473
1855		1,076	1878	minima	580
1856	minima	1,760	1879		596
1857		1,746	1880		1,539
1858		1,305	1881		1,227
1859		1,337	1882		1,246
1860	maxima	1,753	1883	maxima	1,440
1861		1,426	1884		1,175
1862		1,466	1885		1,219
1863		1,430	1886		1,410
1864		1,097	1887		1,336
1865		1,233	1888		700
1866		2,453	1889	minima	735
1867	minima	853	1890		1,401
1868		1,390	1891		869
1869		1,534	1892		1,268
1870	maxima	1,614	1893	maxima	1,312
1871		1,440	1894		2,417

Do quadro acima vê-se que de 1849 a 1894 foi o anno de 1866 o de maior inverno e isso quasi em pleno periodo de minimas manchas solares.

Se fosse exacto que a quantidade de chuva que cahe no Ceará augmenta na razão directa do numero de manchas do sol o inverno de 1866 devia ter sido escasso, pois em 1867 as manchas tocaram ao minimo.

No citado periodo não foi somente essa vez que se observaram grandes invernos com minimas de manchas.

Não se póde dizer, portanto, que a quantidade de chuva augmenta na razão directa do numero de manchas e nem tambem que diminue.

O numero de manchas ás vezes augmenta e a chuva diminue; o numero de manchas diminue e a chuva augmenta.

Se compararmos o movimento das manchas solares e a altura do pluviometro em Fortaleza, veremos que em 1880 registrou o pluviometro 1,539 mill. e apresentou o sol 416 manchas. Era o periodo crescente, tanto assim que em 1881 o chromosphero deixava ver 730 manchas, um grande augmento portanto, e a chuva em vez de augmentar diminuia, apenas recolhia o pluviometro 1,327 mill.

Em 1882 crescia o numero de manchas, chegando a 1002 e a chuva cahida em Fortaleza apenas deu para registrar 1,246 mill.; diminuía, portanto, emquanto o numero de manchas crescia. O anno de 1883, assignalado pelas grandes revoluções que se passavam no sol, revoluções que se faziam sentir no globo inteiro, interrompendo a telegraphia, desorientando a bussola, não influiu absolutamente na quantidade de chuva que cahiu no Ceará. O chromosphero apresentava 1155 manchas, em plena maxima e marcava o pluviometro 1,440 mill. quando em 1880, quasi em minima, com 416 manchas o instrumento registrava 1,539 mill.

Em 1891 o numero de manchas augmentou e a quantidade d'agua diminuiu consideravelmente, sendo quasi metade da do anno anterior.

Se os annos de secca coincidissem com as minimas de manchas solares, nada melhor, pois sabiamos que teriamos uma secca precisamente de onze em onze annos.

Mas tal não é. E um facto muito recente é um argumento contra a pretendida influencia das manchas do sol sobre a meteorologia do Ceará.

O anno de 1898 foi secco, o de 1899 de inverno tão copioso como não ha noticia, o de 1900 absolutamente secco, o de 1901 de bom inverno.

Ora, se o numero de manchas solares influisse na quantidade de chuva que annualmente cahe no Ceará, augmentando-a ou diminuindo-a na razão directa de seu numero e se esse numero cresce e decresce gradualmente, como explicar dois annos de secca tendo de permeio um anno de inverno rigoroso?

Ou as manchas solares nada influem nas estações, ou o seu movimento não segue uma marcha regular.

As seccas no Ceará, penso, firmado em observações de cerca de trinta annos são devidas ás correntes atmospphericas.

Cada secca que passa, cada inverno que vem mais corroboram essa minha idéa.

Tenho assistido a todas as seccas, que assolaram o Ceará desde 1877.

Nunca vi esse phenomeno climaterico sem ser acompanhado de ventos fortes de leste e de sudeste. Quantas vezes, nesses calamitosos tempos, o vento amainava um pouco e os vapores se accumulavam em escuros nimbus prestes a se resolverem e eu assistia a toda essa manobra, esperando a queda da chuva, que, a meu ver, era imminente, mas qual não era a minha decepção quando inesperadamente uma lufada violenta dos alizeos passava uivando de

espaço a fora e varria para longe, para a região dos Andes talvez, toda aquella massa de vapores prestes a se condensar!

O céo reapparecia azul como uma saphira, sem mais um retalho de nuvem a turvar a sua transparencia.

Para que os vapores que sobem da terra se condensem e a chuva venha regar e fertilizar o solo é necessario que a atmosphera esteja calma ou que soprem ventos do quadrante do norte.

Nunca vi no Ceará um inverno sem calmaria ou sem correntes aereas daquelle rumo.

Não sendo dado ao homem evitar as seccas, este mal congenito do Ceará, não deve, entretanto, por isso deixar de trabalhar para attenuar os effeitos.

Se a natureza nos legou o flagello das seccas deu-nos elementos de combatel-o já na energia e resistencia dos nossos homens, já na topographia especial do nosso solo.

Acceitemos de vez a secca como um mal inacabavel e deixemos para depois de precaver-nos contra os seus effeitos—a tarefa de estudar as causas, se isso é possivel.

A natureza deixou escripto na configuração particular do nosso sólo o que era preciso fazer para attenuar os effeitos dessas calamidades.

A solução do problema está em captivar a maior somma d'agua pluvial possivel.

Esperando pela previdencia do homem estão disseminados de norte a sul, de leste a oeste do Estado, um sem numero de reservatorios naturaes, alguns de proporções fabulosas como o Boqueirão de Lavras, o Itacolomy, e outros, que por falta de pequenas barragens deixam se escoarem para o oceano, em pura perda, grandes massas d'agua na estação invernosa.

E' a açudagem, portanto, a nossa medida de salvamento.

Nenhum Estado do Brazil possúe um solo mais fertil, um clima mais saudavel, uma população mais resistente.

Temos as melhores terras e os homens mais fortes. Procuremos auxiliar a natureza—guardando agua dos invernos para depois gastal-a methodicamente, irrigando os campos, fertilizando-os, que conseguiremos fazer do Ceará, esse mendigo eterno, um dos mais ricos Estados do Brazil.

Fortaleza—1903.

Rodolpho Theophilo.

INDICE

Tricentenario do Ceará. A evolução Cearense. Pelo Dr. Pedro de Queiroz. . pag. 3

Pero Coelho de Souza no Ceará. Por Antonio Bezerra de Menezes . . . . . « 15

Ha 300 annos. Pedro Coelho de Souza. Por João Brigido . . . . . « 35

Francisco Pinto e Luiz Figueira. O mais antigo documento existente sobre a historia do Ceará. Pelo Barão de Studart « 47

Relação do Maranhão, 1603 pelo jesuita Padre Luiz Figueira enviada a Claudio Aquaviva . . . . . « 93

Martim Soares Moreno. Sua autobiographia. Descripção do Ceará feita por elle em 1618. Pelo Barão de Studart . . « 139

Relação do Ceará por Martim Soares Moreno . . . . . « 191

A Costa Nordeste do Brasil na Cartographia antiga. Por Orville A. Derby . « 201

Primazias do Ceará. Por T. de Alencar Araripe . . . . . « 227

Os dois primeiros Bispos do Ceará. Por Mon.or Bruno R. da Silva Figueiredo « 237

1603—1903. Pelo Dr. Americo Barreira . . . . . « 257

Folk-lore Cearense. Por J. Rodrigues de Carvalho . . . . . pag. 269

O Ceará, ha quarenta annos por uma testemunha contemporanea.—Quatro aspectos.—I. O Ceará Phisico. II. O Ceará Civico. III. O Ceará Abolicionista. IV. O Ceará Industrial. Pelo Barão Homem de Mello. « 290

Traços ligeiros sobre a evolução da Musica no Brazil, especialmente no Estado do Ceará. Por Zacharias Gondim . . . « 301

Diario da expedição de Mathias Beck ao Ceará em 1649. Traducção do hollandez por Alfredo de Carvalho. . . . . « 339

As manchas do sol e as seccas. A causa destas e os meios de attenuar seus effeitos. Por Rodolpho Theophilo . . . « 421